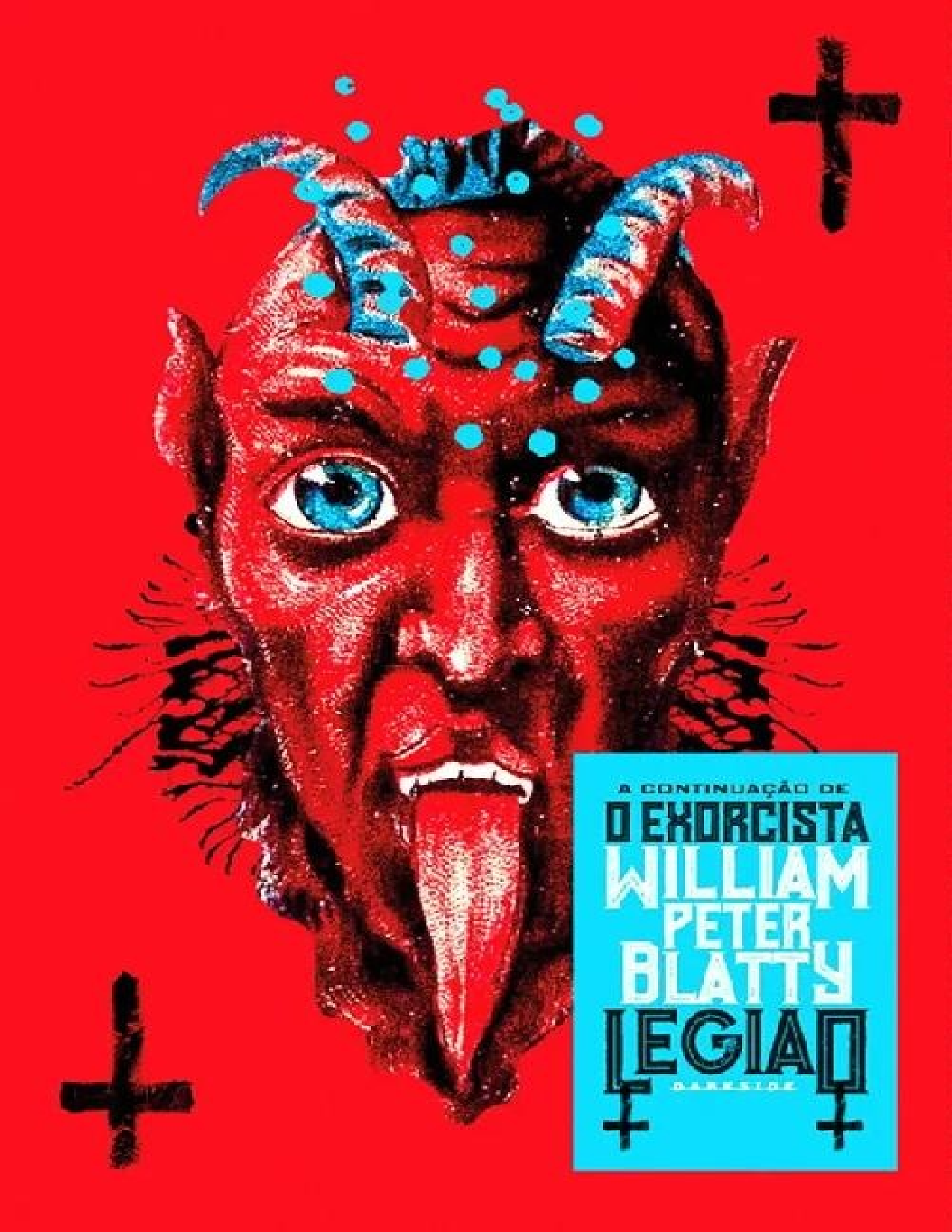

A CONTINUAÇÃO DE
O EXORCISTA
WILLIAM
PETER
BLATTY
LEGIÃO
DARKSIDE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

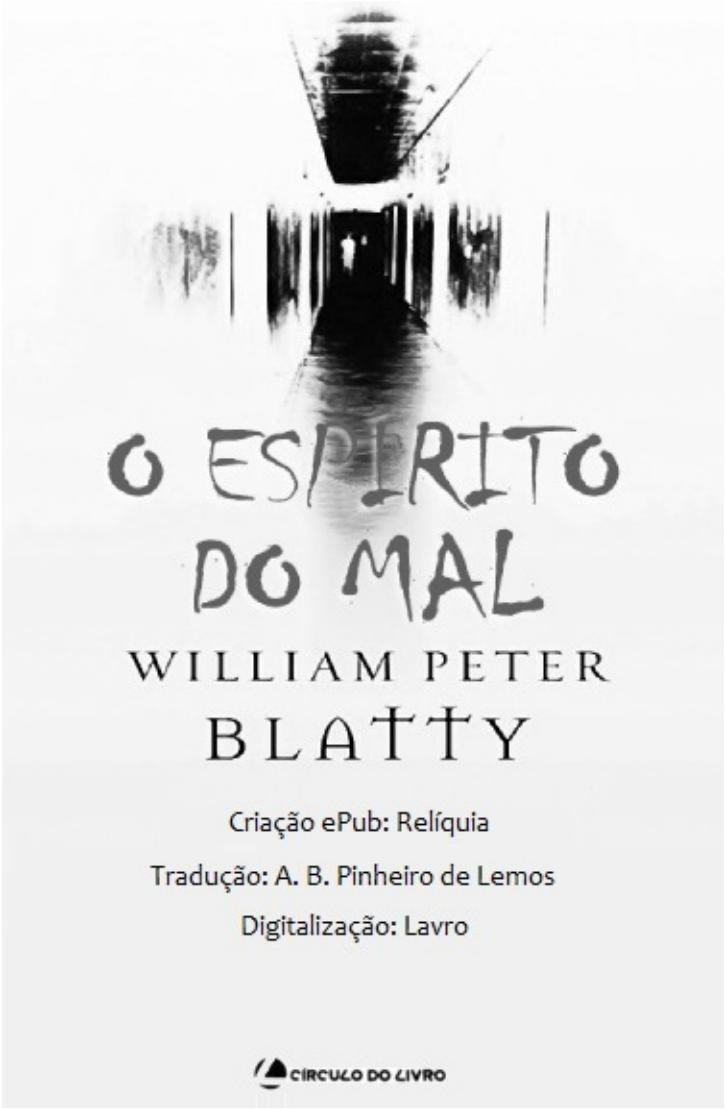
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





O ESPÍRITO DO MAL

WILLIAM PETER BLATTY

Criação ePub: Relíquia

Tradução: A. B. Pinheiro de Lemos

Digitalização: Lavro

CÍRCULO DO LIVRO

Título do original: “Legion”
Edição integral
Copyright © 1983 William Peter Blatty

Criação ePub: Relíquia
Capa: Relíquia
Tradução: A. B. Pinheiro de Lemos
Digitalização: LAVRo

CIRCULO DO LIVRO S.A.
Caixa postal 7413 01051 São Paulo, Brasil

Licença editorial para o Círculo do Livro
Cortesia da Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.,
mediante acordo com William Morris Agency, Nova York, EUA

Composto pela Linoart Leda.
Impresso e encadernado pelo Círculo do Livro S.A.
2468 10 97531
89 91 92 90 88

SUMÁRIO

PARTE UM
- CAPÍTULO 1
- CAPÍTULO 2
- CAPÍTULO 3
- CAPÍTULO 4
- CAPÍTULO 5
- CAPÍTULO 6
- CAPÍTULO 7
- CAPÍTULO 8

PARTE DOIS
- CAPÍTULO 9
- CAPÍTULO 10
- CAPÍTULO 11
- CAPÍTULO 12
- CAPÍTULO 13
- CAPÍTULO 14
- CAPÍTULO 15
- CAPÍTULO 16
- EPÍLOGO
- O AUTOR E SUA OBRA

Para Billy e Jennifer

Meus agradecimentos a meu bom amigo Jack Vizzard por primeiro sugerir a teoria do Anjo; e à adorável Julie Jourdan, sem cujo estímulo e apoio este romance não poderia ler sido escrito..

"Jesus perguntou ao homem o seu nome e ele respondeu: 'Legião, porque somos muitos’."

Marcos 5: 9

PARTE UM

CAPÍTULO 1

DOMINGO, 13 DE MARÇO

Ele pensou na morte em seus infinitos gemidos, em astecas arrancando corações pulsantes, em câncer e crianças de três anos enterradas vivas. Especulou se Deus não seria alheio e cruel, mas depois lembrou-se de Beethoven, as coisas salpicadas pelos raios do sol, a cotovia, a bondade. Olhou para o sol que subia por trás do Capitólio, espalhando-se pelo Potomac com uma claridade alaranjada. E depois baixou os olhos para o horror a seus pés, Alguma coisa saíra errada entre o homem e seu criador, a prova estava ali, naquela casa de barcos.

— Acho que o encontraram, tenente.

— Como?

— O martelo. Eles o encontraram.

— Martelo? Ah, sim...

Os pensamentos de Kinderman voltaram à realidade Ele levantou os olhos e viu a turma do laboratório no atracadouro. Estavam procurando pistas com conta-gotas, tubos de ensaio e pinças, registrando tudo com câmeras fotográficas, blocos de desenho e riscos de giz. Suas vozes eram abafadas, meros fragmentos sussurrados, e eles se moviam sem fazer barulho, como vultos num sonho. Ali perto, os motores da draga cinzenta da polícia resfolegavam, no final do terror da manhã

— Acho que estamos quase acabando aqui, tenente.

— É mesmo?

Kinderman estreitou os olhos, por causa do frio. O helicóptero de busca sobrevoava ruidosamente as águas escuras, lamacentas, com suas luzes piscando suavemente, vermelho, verde. O detetive ficou observando, enquanto o aparelho ia se tornando cada vez menor. Diminuía ao amanhecer como uma esperança a se desvanecer. Ele escutou, inclinando um pouco a cabeça, depois estremeceu, e suas mãos se enfiaram mais fundo no bolso do capote. Os gritos da mulher haviam se tornado ainda mais penetrantes. Rasgavam o seu coração e se espalhavam pelas árvores retorcidas, silenciosas, nas margens do rio gelado.

— Deus!

Ouviu um barulho adejante, como pano sacudido. Olhou e viu Stedman, o patologista da policia, abaixado sobre um joelho, ao lado da lona grossa com que

acabara de cobrir alguma coisa no atracadouro. Stedman olhava fixamente para a lona, com o rosto franzido num ar de concentração. Seu corpo estava imóvel. Somente a respiração tinha vida. Saía gelada e depois se dissipava no ar inerte. Abruptamente, ele se levantou e virou-se para Kinderman:

— Lembra-se daqueles talhos na mão esquerda da vítima?

— O que há com eles?

— Acho que formam um desenho.

— É mesmo?

— É, sim. Um signo do Zodíaco. Creio que Gêmeos.

O coração de Kinderman parou por um instante Ele respirou fundo. E depois olhou para o rio. Uma turma de remadores da Universidade de Georgetown deslizou silenciosamente para além da popa volumosa da draga. Reapareceu um instante depois e logo voltou a sumir sob a Key Bridge. Uma luz estroboscópica faiscava. Kinderman baixou os olhos para a lona. “Não, não pode ser”, pensou ele. “Não é possível.”

O patologista acompanhou o olhar de Kinderman. Sua mão, com manchas vermelhas do ar gelado, puxou ainda mais as dobras do capote. Lamentava não estar usando o cachecol naquele dia. Esquecera-o, pois se vestira com muita pressa.

— Um dia estranho para se morrer — murmurou o patologista. — Antinatural.

A respiração de Kinderman revelava os sinais de enfisema, o vapor branco sibilava em seus lábios.

— Nenhuma morte é natural.

Alguém criara o mundo. Era razoável. Pois um olho haveria de querer se formar para quê? Para ver? E por que deveria ver? A fim de sobreviver? E por que deveria sobreviver? E por quê? E por quê? A indagação inútil assombrava as nebulosas, um pensamento em busca de seu criador, acuando a razão num labirinto sem saída e deixando Kinderman convencido de que o universo materialista era a maior superstição de seu tempo. Ele acreditava em milagres, mas não no impossível: não numa regressão infinita em acasos, ou que o amor e os atos da vontade pudessem ser reduzidos a neurônios disparando no cérebro.

— Há quanto tempo Gêmeos está morto? — perguntou Stedman.

— Há uns dez ou doze anos.

— E temos certeza de que ele está morto?

— Está sim

“Num certo sentido”, pensou Kinderman. “Em parte.” O homem não era apenas uma cadeia de nervos. O homem tinha uma alma. Pois como podia a matéria refletir sobre si mesma? E como Carl Jung vira um fantasma em sua

cama? E como a confissão de um pecado podia curar uma doença física? E como, embora os átomos de seu corpo estivessem continuamente mudando, todas as manhãs ainda era o mesmo ao despertar? Sem uma vida posterior, qual era o valor do trabalho? Qual era o sentido da evolução?

— Ele está morto num aspecto — murmurou Kinderman.

— O que foi que disse, tenente?

— Nada.

Elétrons viajavam de um ponto para outro sem jamais atravessar o espaço intermediário, Deus tinha os seus mistérios. Javé: "Eu estarei lá, como aquele que sou também estará". Certo. Amém. Mas era tudo muito confuso, tamanha mixórdia do Criador, que o homem se sentia obrigado a tentar distinguir o certo do errado, a se sentir indignado com tudo o que era monstruoso e diabólico; contudo, o próprio esquema da criação era afrontoso, pois a lei da vida era a lei de se alimentar num universo apinhado de um extremo a outro, com estrelas explodindo e mandíbulas ensanguentadas. Evitava-se virar comida e sempre havia uma possibilidade de se morrer num desmoronamento, num terremoto ou na cama, de se tomar um xarope de veneno de rato dado pela mãe ou ser frito em óleo por Gêngis Khan, de ser esfolado vivo, decapitado ou estrangulado, apenas pela emoção, apenas pela diversão. Após quarenta e três anos na polícia, já vira acontecer. Não vira tudo? "E agora isto." Por um momento, tentou as evasivas familiares: imaginar que o universo e tudo o que nele havia não passavam de pensamentos na mente do Criador; ou que o mundo da realidade exterior não existia em parte alguma, a não ser em sua própria cabeça, e assim nada fora dele sofria de verdade. Algumas vezes isso funcionava. Mas desta vez foi impossível.

Kinderman estudou o volume que estava sob a lona. Não, não era aquilo, pensou ele; não era o mal que escolhemos ou infligimos. O horror era o mal na estrutura da criação. As canções das baleias eram obsessivas e maravilhosas, mas o leão rasgava a barriga do antílope e o minúsculo ichneumonídeo se alimentava dos corpos vivos das lagartas, sob os lindos lilases, nos gramados; o passarinho de papo preto que levava mel chilreava alegremente, mas punha seus ovos em ninhos alheios, e o filhote, quando rompia a casca, imediatamente matava os irmãos adotivos, com uma bicada certeira. ‘‘Que mão ou olho imortal?" Kinderman franziu o rosto à recordação da enfermaria de psicóticos infantis de um hospital. Eram cinquenta leitos com grades, cada um contendo uma criança a berrar estridentemente. Entre elas, um menino de oito anos cujos ossos não haviam crescido desde que era bebê. A glória e a beleza da criação podiam justificar a angústia de uma criança assim? Ivan Karamázov merecia uma resposta.

— Os elefantes estão morrendo das coronárias, Stedman.

— Como?

— Na selva, Eles estão morrendo de stress por causa da comida e do suprimento de água. Tentam se ajudar mutuamente. Se um deles morre muito longe, os outros levam seus ossos para o cemitério dos elefantes.

O patologista piscou os olhos, aturdido, e se aconchegou ainda mais no capote. Já ouvira falar daqueles devaneios, os comentários irrelevantes, que ultimamente vinham ocorrendo com uma frequência cada vez maior. Mas aquele era o primeiro exemplo que ele testemunhava pessoalmente. Pela delegacia circulavam intensos rumores de que Kinderman, excêntrico ou não, estava ficando senil. Stedman observou-o com um interesse profissional, mas nada percebeu de anormal na maneira de vestir do detetive: o capote de tweed, muito grande, meio puído; a calça amarrotada, bem larga, de bainha; o chapéu mole de feltro, com uma pena arrancada de algum pássaro pintado e reles. "O homem é uma loja ambulante de roupas de segunda mão", pensou Stedman. Seus olhos perceberam uma mancha de ovo aqui e ali. Mas sabia que esse sempre fora o estilo de Kinderman. Não havia nada de excepcional por aí. Nem em seu corpo: os dedos curtos e grossos estavam impecavelmente cuidados, as bochechas caídas brilhavam de tão ensaboadas, os olhos castanhos e úmidos, descaídos nos cantos, ainda pareciam contemplar tempos passados, Como sempre, sua atitude e os movimentos delicados sugeriam um vienense dos velhos tempos, perpetuamente empenhado em cuidar de flores.

— E na Universidade de Princeton estão fazendo experiências com chimpanzés — continuou Kinderman, — O chimpanzé puxa uma alavanca, e sai da máquina uma linda banana. Até aí, tudo bem, não é mesmo? Mas agora os nossos bons doutores fazem uma jaula e colocam outro chimpanzé lá dentro. O primeiro se aproxima, procurando o seu banquete. Puxa a alavanca e a banana aparece, mas o chimpanzé vê seu companheiro na jaula gritando, de um choque elétrico. Depois disso, por mais faminto que esteja, o primeiro chimpanzé não torna a puxar a alavanca, sempre que vê outro chimpanzé na jaula. Experimentaram com cinquenta ou cem chimpanzés, e o resultado sempre foi o mesmo. Está certo, pode ter havido algum marginal, algum sádico, um aprendiz de Dillinger, que puxou a alavanca. Mas isso não aconteceu em noventa por cento dos casos.

— Eu não sabia disso.

Kinderman continuou a olhar para a lona. Dois esqueletos de Neanderthal, descobertos na França, foram meticulosamente examinados, e constatou-se que haviam vivido por dois anos com lesões graves que os incapacitavam. Era evidente, pensou ele, que a tribo os mantivera vivos. "E pense nas crianças", refletiu. Sabia que não havia nada mais intenso que o senso de justiça de uma

criança, do que era certo, de como as coisas deveriam ser, de onde isso vinha? "E quando a minha Julie tinha três anos sempre dava para outra criança qualquer bala ou brinquedo que ganhava.” Mais tarde, ela aprendera a guardar tudo para si mesma. Não era o poder que corrompia, pensou Kinderman; era a pressão e injustiça do mundo da experiência e um saco de balas abaixo do peso indicado. As crianças entravam no mundo sem bagagem, exceto a própria inocência. A bondade delas era inata. Não era adquirida e não era um interesse consciente. “Qual foi o chimpanzé que já enganou uma compradora para levar toda a sua linha de primavera de negligés? Isso é absurdo. Totalmente. Quem já ouviu falar de um caso assim?” E ai estava o paradoxo. O mal físico e o bem moral se entrelaçavam como os fios da voluta encravados no código de ADN do cosmo. “Mas como isso é possível?”, indagou o detetive. Haveria um corruptor à solta no universo? Um Satã? "Não. É estupidez. Deus lhe daria uma porrada tão violenta na cabeça que ele passaria a eternidade explicando ao sol como conhecera Arnold Schwarzenegger e lhe apertara a mão.” Satã deixava o paradoxo intacto, um ferimento sangrando na mente que nunca sarava.

Kinderman deslocou um pouco o peso do corpo. O amor de Deus ardia com um calor escuro e intenso, mas não irradiava qualquer luz. Haveria sombras na natureza de Deus? Será que Ele era brilhante e sensível, mas retorcido? Depois que tudo fosse dito e feito, a resposta para o mistério seria que Deus era realmente Leopold e Loeb? Ou seria possível que Ele estivesse mais próximo de ser um *putz* (expressão norte-americana que significa, aproximadamente, "bosta", "porra", N.E.) do que qualquer pessoa já imaginara até aquele momento, um set de poder espantoso, mas limitado? O detetive imaginou um deus assim no tribunal, declarando: “Culpado com uma explicação, Meritíssimo”. A teoria tinha seus atrativos. Era racional e óbvia, certamente a mais simples que abrangia todos os fatos. Mas Kinderman rejeitava-a sumariamente, preferindo subordinar a lógica à sua intuição, como fizera em tantos casos de homicídio.

“Não vim a este mundo para vender de porta em porta a máxima de Guilherme de Occam”, dissera muitas vezes a seus aturdidos companheiros, e em certa ocasião até mesmo a um computador.

Tinha um lema: “Meu pressentimento, minha opinião”. E era assim que se sentia agora em relação ao problema do mal. Alguma coisa sussurrava em sua alma que a verdade era espantosa e estava de alguma forma ligada ao pecado original, mas apenas por analogia e vagamente.

Algo estava diferente. O detetive levantou os olhos, Os motores da draga haviam parado. E também os gritos estridentes da mulher. No silêncio, ele podia ouvir o rio se esbatendo no atracadouro. Virou-se e enfrentou o olhar paciente de Stedman.

— Ponto um, não podemos continuar a nos encontrar assim. Ponto dois, já tentou encostar o dedo numa frigideira em brasa e mantê-lo assim?

— Não, nunca experimentei.

— Pois eu já tentei. É impossível. Dói demais. Lê-se nos jornais que alguém morreu num incêndio de hotel. “Trinta e dois mortos no incêndio do Mayflower.” Mas nunca se sabe realmente o que isso significa. Não se pode avaliar, não se pode imaginar. Mas ponha o dedo numa frigideira em brasa e saberá.

Stedman acenou com a cabeça, sem dizer nada. As pálpebras de Kinderman descaíram, e ele ficou olhando o patologista sombriamente. “Olhe só para ele”, pensou Kinderman. "Pensa que estou louco. É impossível conversar sobre coisas assim.”

— Mais alguma coisa, tenente?

“Sim Sadaque, Mesaque e Abedenego ‘Então o rei, estando furioso, ordenou que frigideiras e caldeirões fossem esquentados; e ordenou que se cortasse a língua do primeiro que falara e que se cortassem também suas mãos e seus pés, enquanto se mantinha a pele da cabeça repuxada. E depois ordenou que o homem, ainda vivo, fosse levado para o fogo e fritado na frigideira.”

— Não, mais nada.

— Já podemos levar o corpo?

— Ainda não.

A dor tinha os seus proveitos, ruminou Kinderman, mas o cérebro podia suspendê-la a qualquer momento. Como? "O Grande Fantasma no Céu ainda não nos revelou”, “O código secreto de Annie, a Órfã, continuava secreto”. "As cabeças vão rolar”, pensou Kinderman, sombriamente.

— Stedman, vá embora. Suma daqui. Tome um café.

Kinderman observou-o a se encaminhar para a casa de barcos, onde se encontrou com a turma do laboratório de policia, o desenhista, o homem das provas, o medidor e o anotador-chefe. O comportamento deles era descontraído. Um dos homens soltou uma risada. Kinderman se perguntou o que teriam dito, pensou em Macbeth e no gradativo embotamento do senso moral.

O anotador-chefe entregou uma prancheta a Stedman. O patologista acenou com a cabeça e a turma se afastou. Seus passos soaram alto no cascalho do caminho e os levaram rapidamente além da ambulância e dos serventes à espera. Dali a pouco estariam gracejando e se queixando das esposas nas ruas vazias, calçadas com pedras, de Georgetown. Estavam com pressa, provavelmente a caminho do desjejum, talvez no aconchego do White Tower, na M Street. Kinderman consultou seu relógio e acenou também com a cabeça. Isso mesmo, o White Tower. Ficava aberto a noite inteira. “Três ovos mexidos, por favor,

Louise. Com bastante bacon, está bem? E esquente o pão.” O calor tinha suas vantagens. Eles viraram uma esquina e desapareceram. Uma gargalhada ressoou.

O olhar de Kinderman tornou a se deslocar para o patologista. Alguém mais estava falando com ele agora. O sargento Atkins, assistente de Kinderman. Jovem e frágil, ele usava um casaco azul de lã por cima do paletó do terno marrom de flanela. Um gorro preto de lã estava enterrado em sua cabeça até as orelhas, encobrindo os cabelos muito curtos. Stedman entregou-lhe a prancheta, Atkins assentiu, afastou-se alguns passos e sentou-se no banco diante da casa de barcos, Estudou as folhas que estavam na prancheta. Sentada perto dele estava a mãe soluçante, acompanhada por uma enfermeira, que passava um braço por seus ombros, tentando confortá-la.

Stedman agora estava sozinho e ficou parado, olhando para a mãe.

Kinderman observou a expressão dele com interesse. “Então você sente alguma coisa, Alan”, pensou ele; “todos esses anos de mutilações e mortes violentas, e ainda há alguma coisa que sente dentro de você. Isso é ótimo. O mesmo acontece comigo. Somos parte do mistério. Se a morte fosse como a chuva, absolutamente natural, por que nos sentiríamos assim, Alan? Você e eu em particular. Por quê?” Kinderman ansiava por estar em casa, em sua cama. O cansaço se espalhava pelos ossos de suas pernas e se prolongava pela terra abaixo.

— Tenente...

Kinderman virou-se.

— O que é?

Era Atkins.

— Sou eu, senhor.

— Sei que é você. Posso ver.

Kinderman fingiu contemplá-lo com aversão, lançando olhares desolados para o casaco e o gorro, antes de fitá-lo nos olhos, Os olhos de Atkins eram pequenos, da cor do jade, eram um pouco virados para dentro e proporcionavam a Atkins uma perpétua expressão meditativa. Faziam Kinderman se lembrar de um monge, do tipo que se vê nos filmes, de rosto impassível e estúpido. Mas estúpido era uma coisa que Atkins não era, e o tenente sabia disso muito bem. Com trinta e dois anos, veterano naval do Vietnam, egresso da Universidade Católica, ele escondia algo por trás daquela máscara impassível. Inteligência e determinação fervilhavam em Atkins, algo maravilhoso e exuberante, que ele escondia não por dissimulação, na opinião de Kinderman, mas por uma nobreza da alma. Embora franzino de corpo, ele já arrancara de cima de Kinderman um gigante drogado que empunhava uma faca. E, quando a filha de Kinderman sofrera aquele acidente de automóvel quase fatal, Atkins passara doze dias e

noites na sala de visitas da enfermaria do hospital. Tirara férias para fazê-lo. Kinderman o adorava. Ele era leal como um cachorro.

— Também estou aqui, Martin Luther, e estou escutando. Kinderman, o sábio judeu, é todo ouvidos. — O que havia para fazer agora, afora isso? Chorar? — Estou atento, Atkins, seu anacronismo ambulante. Vamos, comece a falar. Dê as boas notícias de Ghent. Impressões digitais?

— Muitas. Por toda parte dos remos. Mas estão manchadas demais, tenente.

— Uma pena.

— Algumas pontas de cigarro — acrescentou Atkins, esperançoso. Eram úteis. Os exames talvez revelassem o tipo sanguíneo. — Alguns cabelos no corpo.

— Isso é muito bom.

Podia ajudar a identificar o assassino.

— E há mais isto.

Atkins estendeu um envelope de celofane. Kinderman pegou-o delicadamente pela parte de cima, franzindo o rosto enquanto o levantava na altura dos olhos. Lá dentro havia alguma coisa rosada, de plástico.

— O que é isto?

— Um prendedor de cabelos de mulher.

Kinderman estreitou os olhos, aproximando o envelope.

— Há alguma coisa gravada.

— Isso mesmo. "Great Falls, Virgínia.”

Kinderman baixou o envelope e olhou para Atkins.

— Vendem essas coisas nas barracas de *souvenirs* de Great Falls. Minha filha tinha um prendedor assim. Isso foi há muitos anos, Atkins. Comprei-o para ela. Lembro nitidamente. Comprei dois. Ela tinha dois. — Devolveu o envelope a Atkins, suspirando. — É de uma criança.

Atkins deu de ombros. Olhou para a casa de barcos, guardando o envelope no bolso do casaco.

— Temos aquela mulher ali, tenente.

— poderia fazer o favor de tirar esse gorro ridículo? Não estamos representando Dick Power em *Ai vem a marinha*, Atkins. Pare de bombardear Halphong. Isso já acabou.

Obediente, Atkins deu de ombros e guardou-o no outro bolso do casaco. Estremeceu.

— Ponha-o de novo — disse Kinderman, suavemente,

— Estou bem.

— Pois eu não estou. Esse cabelo rente é ainda pior. Ponha-o de novo.

Atkins ainda hesitou, mas Kinderman acrescentou:

— Vamos, ponha-o logo. Está frio.

Atkins tornou a ajeitar o gorro na cabeça.

— Temos aquela mulher ali — repetiu ele.

— Temos quem?

— A velha.

O corpo fora descoberto no atracadouro da casa de barcos naquela manhã, domingo, 13 de março, por Joseph Mannix, o gerente, ao chegar para abrir o estabelecimento, que alugava material de pesca, caiaques, canoas e botes. O depoimento de Mannix fora breve:

“DEPOIMENTO DE JOSEPH MANNIX”

Meu nome é Joe Mannix e. . . como?

(Interrupção do agente encarregado da investigação.) Claro, claro, já entendi. Meu nome é Joseph Francis Mannix e moro na Prospect Street, 3618, em Georgetown, Washington, D.C. Sou proprietário e gerente da Casa de Barcos Potomac. Chego aqui todos os dias por volta das cinco e mera da manhã. É quando geralmente abro a casa, preparo as iscas e faço o café. Já há fregueses por volta das seis horas. Às vezes eles já estão esperando quando chego aqui. Mas hoje não havia ninguém à espera. Peguei o jornal na frente da porta e... oh, não, meu Deus!

(Interrupção: testemunha se controla.) Cheguei, abri a porta, entrei, comecei a fazer o café. Depois saí para contar os barcos Às vezes desaparecem. Eles cortam a corrente com um alicate. Por isso é que os conto. Hoje não faltava nenhum. Depois me virei para tornar a entrar, vi o carrinho do garoto e a pilha de jornais... e vi... vi...

(A testemunha gesticula na direção do corpo da vítima, não pode continuar; o agente encarregado da investigação adia o interrogatório.)’’

A vítima era Thomas Joshua Kintry, um garoto negro de doze anos, filho de Lois Annabel Kintry, viúva, trinta e oito anos, professora de línguas da Universidade de Georgetown. Thomas Kintry era entregador do *Washington Post*. Deveria entregar o jornal da casa de barcos por volta das cinco horas daquela manha. O telefonema de Mannix para a delegacia ocorrera às cinco e trinta e oito. A identificação da vítima fora imediata, pois tinha o nome bordado no blusão verde quadriculado, junto com o endereço e o telefone. Thomas Kintry era mudo. Entregava o jornal naquela área havia apenas treze dias. Se estivesse há mais tempo, Mannix o teria reconhecido. O que não aconteceu. Mas Kinderman o reconhecera prontamente. Já se encontrara com o menino, em seu trabalho no clube da polícia.

— A velha... — repetiu Kinderman, apaticamente.

Depois, suas sobrancelhas se uniram numa expressão de perplexidade, e ele desviou os olhos para o rio.

— Ela está na casa de barcos, tenente.

Kinderman virou a cabeça e fixou Atkins com um olhar penetrante.

— Ela está bem aquecida? — perguntou ele. — Providencie para que ela fique bem agasalhada.

— Temos um cobertor em torno dela e a lareira está acesa.

— Ela deve comer. Dê-lhe sopa… uma sopa quente.

— Ela tomou um caldo de carne.

— Caldo de carne é muito bom... contanto que esteja bem quente.

Ela fora encontrada a cerca de cinquenta metros da casa, de pé na margem sul, gramada, de um canal agora seco, um caminho fora de uso pelo qual as barcaças de madeira, puxadas por cavalos, outrora transportavam passageiros de um lado para outro, por uma extensão de oitenta quilômetros. Era muito usado agora pelas pessoas que gostavam de correr. Talvez na casa dos setenta anos, a mulher estava tremendo, enlaçando o corpo com os braços, olhando ao redor, com lágrimas nos olhos, como se estivesse perdida, desorientada e assustada. Mas não podia ou não queria responder às perguntas, dando a impressão de que estava senil, atordoada ou catatônica. Ninguém sabia o que ela estava fazendo ali. Não havia casas nas proximidades. Ela usava um pijama estampado, de algodão, por baixo de um chambre azul de lã, chinelas rosa, forradas de lã. A temperatura era congelante, Stedman voltou.

— Já acabou com o corpo, tenente?

Kínderrnan baixou os olhos para a lona ensanguentada,

— Será que Thomas Kintry já acabou?

Os soluços tornaram a envolvê-lo. Ele sacudiu a cabeça.

— Atkins, leve a sra. Kintry para casa. E leve a enfermeira também. Mande-a ficar com a sra. Kintry hoje, durante o dia inteiro. Pagarei pessoalmente o tempo extra. Leve-a logo para casa.

Atkins fez menção de falar, mas Kinderman não o deixou;

— Já sei, já sei. A velha. Não esqueci. Falarei com ela.

Atkins se afastou para cumprir a ordem de Kinderman. E então Kinderman se agachou, apoiando-se num joelho, resfolegando e gemendo um pouco, com o esforço.

— Thomas Kintry, perdoe-me — murmurou ele, suavemente.

E depois levantou a lona e deixou que seu olhar percorresse os braços, o peito, as pernas. "São muito finas, como as de um pardal”, pensou Kinderman. O menino era órfão e já tivera pelagra. Lois Kintry adotara-o quando ele tinha três

anos. Uma vida nova. E agora encerrada. O menino fora crucificado, pregado pelos pulsos e pés às extremidades planas de remos de caiaque, dispostos na forma de uma cruz. E cavilhas de carpinteiro idênticas tinham sido marteladas no alto do crânio, num círculo, penetrando a dura-máter e finalmente o cérebro. O sangue escorrera em filetes sinuosos sobre os olhos ainda arregalados de pavor, entrando pela boca escancarada, no que deveria ter sido o grito silencioso de dor e terror insuportáveis do menino mudo.

Kinderman examinou os talhos da palma da mão esquerda de Thomas Kintry. Era verdade, formavam um desenho... o signo de Gêmeos. Ele olhou para a outra mão e constatou que faltava o indicador. Fora cortado. O detetive sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo.

Repôs a lona no lugar e levantou-se, com a respiração ofegante, Ficou olhando para baixo. E pensou: "Descobrirei seu assassino, Thomas Kintry".

Mesmo que fosse Deus.

— Muito bem, Stedman, pode ir passear. Leve o corpo e suma da minha vista. Você cheira a formol e morte.

Stedman começou a se afastar, a fim de chamar a turma da ambulância.

— Espere um pouco! — chamou-o Kinderman.

Stedman virou-se. Kinderman adiantou-se e murmurou suavemente:

— Espere até a mãe ter ido embora.

Stedman assentiu. A draga estava atracada. Um sargento da polícia, usando um blusão preto de couro, forrado de pele, pulou para o cais e aproximou-se. Trazia alguma coisa embrulhada em pano e já estava prestes a falar quando Kinderman o conteve:

— Espere mais um pouco. Agora não. Aguarde um minuto.

O sargento acompanhou o olhar de Kinderman. Atkins estava falando com a enfermeira e a sra. Kintry. Uma pausa, a sra. Kintry acenou com a cabeça, e as duas mulheres se levantaram Kinderman teve de desviar os olhos por um momento. A sra. Kintry olhou para a lona. Para o seu filho, Kinderman esperou um pouco e depois indagou:

— Elas já foram?

— Já, sim — respondeu Stedman. — Estão entrando no carro.

— Muito bem, sargento, vamos ver o que há aí — disse Kinderman.

Sem dizer nada, o sargento abriu o pano e mostrou o que parecia ser um socador de carne que se usava em qualquer cozinha. Tomou cuidado para não tocá-lo com as mãos. Kinderman observou atentamente por um momento e depois disse:

— Minha mulher tem uma coisa assim. Para o *schnitzel*. Só que menor.

— É um tipo usado em restaurantes — comentou Stedman. — Ou em

cozinhas grandes de instituições. Vi muitos assim no exército.

Kinderman olhou para ele.

— Acha que isto pode ter sido usado?

Stedman assentiu.

— Entregue a Delyra — disse Kinderman ao sargento. — Vou entrar para falar com a velha.

O interior da casa de barcos estava quente. A lenha ardia e crepitava numa imensa lareira, de pedras grandes, cinzentas, arredondadas. Havia imensas conchas nas paredes.

— Pode nos dizer seu nome, por favor?

Ela estava sentada num sofá amarelo, meio rasgado, diante da lareira, com uma policial ao seu lado. Kinderman postou-se diante dela resfolegando, com o chapéu à sua frente, seguro pela aba. A velha não parecia vê-lo nem ouvi-lo, com o olhar vazio fixado em alguma coisa interior. Os olhos do detetive se contraíram de perplexidade. Ele sentou-se numa cadeira diante da velha e gentilmente pôs o chapéu em cima de uma pilha de revistas velhas, rasgadas e sem capa, abandonadas numa mesinha de madeira entre os dois; o chapéu cobriu um anúncio de uísque.

— Poderia nos dizer seu nome, minha cara?

Não houve resposta. Os olhos de Kinderman lançaram uma indagação silenciosa para a policial, que imediatamente assentiu e disse baixinho:

— Ela tem se mantido assim o tempo todo, a não ser quando lhe demos algo para comer. E quando escovei seus cabelos.

Kinderman tornou a olhar para a mulher. Ela estava fazendo movimentos estranhos, ritmados, com as mãos e os braços. E depois sua atenção foi atraída por uma coisa que não percebera antes, algo pequeno e rosa, perto do seu chapéu, em cima da mesa. Ele pegou e leu o que estava gravado, em letras pequenas: “Great Falls, Virgínia”. Estava faltando o n de Virgínia.

— Não consegui encontrar o outro — explicou a policial. — E por isso não usei esse quando lhe escovei os cabelos.

— Ela estava usando isto?

— Estava.

O detetive experimentou uma emoção de descoberta e espanto. A velha era possivelmente uma testemunha do crime. Mas o que estaria fazendo ali àquela hora? E com aquele frio? E, por falar nisso, o que estava fazendo mais acima, à beira do canal seco, onde fora encontrada? Ocorreu-lhe imediatamente que talvez a velha estivesse meio senil e houvesse saído de casa para passear com um cachorro. “Um cachorro? Isso mesmo. Talvez o cachorro tenha fugido e ela não conseguiu encontrá-lo. Isso explicaria por que estava chorando.” Uma suspeita

mais terrível ocorreu-lhe em seguida: a mulher poderia ter testemunhado o assassinato e talvez isso a tivesse desequilibrado e traumatizado, pelo menos temporariamente. Kinderman experimentou uma mistura de compaixão, excitamento e contrariedade. Precisavam dar um jeito de fazê-la falar.

— Poderia nos dizer seu nome, por favor, senhora?

Não houve resposta. No silêncio, ela continuou os seus misteriosos movimentos. Lá fora, uma nuvem afastou-se da frente do sol e os raios débeis de inverno entraram como uma graça inesperada por uma janela próxima. Iluminaram suavemente o rosto e os olhos da velha, emprestando-lhes uma expressão de terna devoção. Kinderman inclinou-se um pouco para a frente. Tinha a impressão de discernir um desenho nos movimentos: com as pernas comprimidas, a velha levantava as mãos alternadamente até a coxa, fazia um movimento pequeno e esquisito, e depois erguia a mão acima da cabeça, onde encerrava a sequência com diversos puxões, pequenos e bruscos. Ele continuou a observar por mais algum tempo e depois levantou-se.

— Leve-a para a enfermaria policial, Jourdan, até descobrirmos quem é ela. — A policial assentiu, e Kinderman acrescentou: — Você escovou os cabelos dela, e isso foi um ato de caridade. Fique com ela.

— Está bem.

Kinderman virou-se e deixou a casa de barcos. Deu várias instruções, desligou a mente e foi para a pequena e aconchegante casa em estilo Tudor, perto da Foxhall Road, onde morava há apenas seis anos. Rompera o hábito de morar em apartamento para agradar à esposa, e ainda chamava a área um pouco rústica de “campo”. Entrou na casa e gritou:

— Benzinho, estou em casa. Sou eu, seu herói, inspetor Clouseau.

Tirou o chapéu e o casaco, e pendurou-os num cabide no pequeno vestíbulo. Trancou o coldre e o revólver na gaveta de uma arca pequena e escura.

— Mary?

Não houve resposta. Sentiu o cheiro de café fresco e foi até a cozinha. Julie, sua filha de vinte e dois anos, certamente estava dormindo. Mas onde estava Mary? E Shirley, sua sogra?

A cozinha era em estilo colonial. Kinderman lançou um olhar sombrio para as panelas e diversos utensílios que estavam pendurados em ganchos na coifa do fogão, tentando imaginá-los na cozinha de alguém no gueto de Varsóvia, e depois adiantou-se pesadamente até a mesa.

— Bordo — murmurou ele, em voz alta, pois tinha o hábito de conversar consigo mesmo quando estava sozinho. — Que judeu saberia distinguir bordo de queijo? Não saberiam. É impossível, é estranho.

Viu um bilhete em cima da mesa. Pegou-o e leu:

“Billy querido

Não fique zangado, mas quando o telefone nos acordou mamãe insistiu em que deveríamos fazer uma visita a Richmond. Achei que seria melhor se partíssemos bem cedo. Ela disse que os judeus devem se manter unidos no sul. Mas quem está em Richmond?

Divertiu-se no Encontro de Grupo Policial? Mal posso esperar o momento de chegar em casa e ouvir as novidades. Preparei o de sempre para você e guardei na geladeira. Está planejando ficar em casa esta noite ou vai sair para patinar no gelo do Potomac com Omar Sharif e Catherine Deneuve?

Beijos,

Eu"

Um sorriso afetuoso iluminou os olhos dele. Largou o bilhete em cima da mesa, encontrou o creme de queijo, tomates, salmão defumado e picles, num prato na geladeira. Cortou e esquentou dois pães, serviu-se de café e sentou se à mesa com tudo. Viu o Washington Post de domingo na cadeira à esquerda. Olhou para o prato de comida à sua frente Seu estômago estava vazio, mas ele não podia comer. Perdera o apetite.

Ficou sentado tomando o café. Levantou os olhos. Lá fora, um passarinho estava cantando. “Com este tempo? Ele deve ser mandado para um hospício. Está doente, precisa de ajuda.”

— Eu também — murmurou o detetive, em voz alta.

Mas logo o passarinho se calou e o único som era do relógio de pêndulo na parede. Verificou a hora: oito e quarenta e dois. Todos os *goyim* estariam indo para a igreja. Não podia fazer mal. “Digam uma prece por Thomas Kintry, por favor.”

— E por William F. Kinderman — acrescentou ele, em voz alta.

“Isso mesmo. E mais outra prece.” Tomou um gole do café. Era uma coincidência macabra, pensou, que uma morte como a de Kintry devesse ocorrer justamente naquele dia, o décimo segundo aniversário de uma morte igualmente chocante, violenta e misteriosa.

Kinderman levantou os olhos para o relógio da parede. Teria parado? Não. Estava funcionando, Remexeu-se na cadeira. Sentia alguma estranheza na cozinha. O que seria? “Nada. Você está cansado.’’ Pegou o açúcar-cande, desembrulhou e comeu. ‘‘Não é tão bom sem o gosto de picles antes.”

Sacudiu a cabeça e levantou-se com um suspiro. Guardou o prato dc comida na geladeira, lavou a xícara de café na pia, saiu da cozinha e subiu para o segundo andar. Pensava em dormir um pouco, deixar o inconsciente trabalhar,

definir as pistas que nem sabia ter visto. Mas parou no alto da escada e murmurou:

— Gêmeos.

“Gêmeos? Impossível. Esse monstro está morto, não poderia ser.” Então por que seus cabelos estavam arrepiados? Levantou as mãos, com as palmas viradas para baixo. “Isso mesmo, meus cabelos estão arrepiados. Por que isso?” Ouviu Julie acordar e ir para o seu banheiro. Ficou parado por algum tempo, aturdido e indeciso. Deveria estar fazendo alguma coisa. Mas o quê? Os caminhos habituais de investigação e dedução estavam eliminados, pois procuravam um maníaco. O laboratório nada informaria até a noite. Sentia que já espremera de Mannix o pouco que ele sabia e era melhor deixar em paz a mãe de Kintry naquele momento. De qualquer forma, o garoto não tinha conhecidos ou hábitos condenáveis, Kinderman sabia disso pessoalmente, por seu contato regular com Thomas Kintry. O detetive tornou a sacudir a cabeça. Tinha de sair, agir, perseguir. Ouviu a água correndo no chuveiro de Julie. Virou-se e tornou a descer para o vestíbulo. Pegou o revólver, pôs o chapéu e o casaco, saiu.

Lá fora, parou com a mão na maçaneta, perturbado, pensativo, indeciso. O vento soprou um copo de plástico pelo caminho e ele ficou escutando os pequenos impactos. E, depois, o copo ficou imóvel. Abruptamente, Kinderman encaminhou-se para o seu carro, entrou e partiu.

Sem saber como chegara lá, descobriu-se estacionado ilegalmente na 33rd Street, perto do rio, Saltou do carro. Aqui e ali havia um *Washington Post* numa porta. A cena deixou-o angustiado, e desviou os olhos. Trancou o carro. Atravessou um pequeno parque até uma ponte que cruzava o canal. Seguiu por uma trilha até a casa de barcos. Os curiosos já haviam aparecido e circulavam, conversando, embora ninguém parecesse saber o que acontecera exatamente. Kinderman foi até a porta da casa. Estava trancada e um cartaz anunciava FECHADO. Ele olhou para o banco ao lado da porta e depois sentou-se, com a respiração sibilante. Recostou-se na parede da casa de barcos.

Observou as pessoas no atracadouro. Sabia que os assassinos psicóticos frequentemente saboreavam a atenção que seus atos violentos despertavam. Ele poderia estar naquele grupo no atracadouro, talvez perguntando “O que aconteceu? Alguém foi assassinado?" Kinderman procurou alguém sorrindo fixamente demais, com um tique nervoso ou uma expressão de drogado, mais especialmente alguém que já sabia o que acontecera, mas continuava por ali, formulando a mesma pergunta para algum recém-chegado. Meteu a mão no bolso interno do casaco, onde sempre havia um livro. Tirou *Cláudio, o deus* e olhou consternado para o casaco. Queria fingir ser um velho que estava passando o domingo à beira do rio, mas o romance de Robert Graves oferecia o perigo de

absorvê-lo involuntariamente na leitura, talvez permitindo que o assassino escapasse à sua observação. Já o lera duas vezes e conhecia perfeitamente o perigo de tornar a se absorver em suas páginas. Voltou a guardar o livro e prontamente tirou outro. Olhou para o título. Era *Esperando Godot*. Soltou um suspiro de alívio e abriu-o no ato dois.

Ficou ali até o meio-dia, sem observar nenhum suspeito. Por volta das onze horas já não havia ninguém no atracadouro e o fluxo cessara, mas permanecera por mais uma hora, na esperança de que alguém aparecesse. Olhou finalmente para o seu relógio e contemplou os barcos que estavam presos por correntes ao atracadouro. Alguma coisa o incomodava. O quê? Pensou por um momento, mas não conseguiu definir. Guardou o Godot e foi embora.

Descobriu uma multa por estacionamento em local proibido no para brisa de seu carro. Tirou-a de baixo do limpador e fitou-a com uma expressão de incredulidade. O carro era um Chevrolet Camaro sem identificação, mas tinha as placas do Distrito Policial. Ele amassou a multa e meteu-a no bolso, abriu o carro, entrou e partiu. Não tinha qualquer ideia definida do lugar para onde ir e terminou na delegacia de Georgetown. Encaminhou-se para o sargento de plantão.

— Quem estava distribuindo as multas por estacionamento proibido na 33^{rtl} esta manhã, sargento?

O sargento levantou os olhos para ele.

— Robin Tennes.

— Sinto-me emocionado por estar vivo numa época e num lugar em que até uma garota cega pode trabalhar na polícia.

Kinderman entregou-lhe a multa e se afastou.

— Alguma novidade sobre o garoto, tenente? — perguntou o sargento, sem ter verificado a multa.

— Nenhuma novidade — respondeu Kinderman. — Absolutamente nada.

Ele subiu e atravessou a sala dos detetives, esquivando-se às perguntas dos curiosos. Entrou finalmente em sua própria sala. Uma parede estava ocupada por um mapa bastante detalhado da zona noroeste da cidade, enquanto outra estava coberta por um quadro-negro. Na parede do fundo, entre as duas janelas, estava pendurado um pôster de Snoopy, presente de Thomas Kintry.

Kinderman sentou-se à mesa, ainda de casaco e chapéu, com o casaco abotoado. Havia na mesa uma agenda, um exemplar de bolso do Novo Testamento e uma caixa de plástico com lenços de papel. Ele tirou um lenço, assoou o nariz, olhou para as fotos colocadas nos lados da caixa: sua mulher e sua filha. Ainda se assoando, virou um pouco a caixa e deparou com a fotografia de um padre de cabelos escuros. Kinderman ficou imóvel, lendo a dedicatória:

“Continue a vigiar esses dominicanos, tenente.’’ A assinatura era “Damien”. O olhar do detetive subiu para o sorriso no rosto rude e depois para a cicatriz acima do olho direito. Abruptamente, amassou o lenço de papel e jogou-o na cesta de lixo. Estendera a mão para pegar o telefone quando Atkins entrou. Kinderman fitou-o enquanto ele fechava a porta.

— Ah, é você... — Largou o telefone e cruzou as mãos à sua frente, como um buda vestido. — Tão cedo?

Atkins foi se sentar na cadeira diante da mesa. Tirou o gorro, fixando os olhos no chapéu de Kinderman.

— Não se preocupe com a insolência — disse-lhe Kinderman. — Mandei você ficar com a sra. Kintry.

— O irmão e a irmã dela apareceram, assim como gente da escola, da universidade. Achei que deveria voltar.

— O que foi uma boa ideia, Atkins. Tenho muita coisa para você fazer. — Kinderman esperou, enquanto Atkins tirava do bolso um caderninho de anotações de capa vermelha e uma caneta esferográfica. Só depois é que continuou: — Primeiro, entre em contato com Francis Berry. Ele era o investigador-chefe do Esquadrão Gêmeos, há alguns anos. Ainda está na Delegacia de Homicídios de San Francisco. Quero tudo o que ele tenha sobre o assassino Gêmeos. Todo o arquivo.

— Mas Gêmeos está morto há doze anos!

— Será mesmo, Atkins? Eu não sabia. Por acaso está querendo dizer que todas aquelas manchetes nos jornais eram verdadeiras? E também os noticiários de rádio e televisão? É espantoso. Atkins. Confesso que estou impressionado.

Atkins estava escrevendo, com um pequeno sorriso a lhe entortar os cantos da boca. A porta se entreabriu e a cabeça do chefe do laboratório apareceu.

— Pare de bisbilhotar pelas portas, Ryan. Entre logo de uma vez.

Ryan atendeu ao chamado de Kinderman, entrando na sala e fechando a porta.

— Preste atenção, Ryan — disse Kinderman. — Observe o jovem Atkins. Saiba que está na presença da majestade, um autêntico gigante. Um homem merece o seu justo reconhecimento. Gostaria de saber qual foi o ponto alto da carreira de Atkins conosco? Pois vou lhe dizer. Não devemos encobrir os nossos astros. Na semana passada, pela décima nona vez...

— Vigésima — corrigiu-o Atkins, levantando a caneta para aumentar a ênfase.

— Pela vigésima vez, ele nos trouxe Mishkin, o notório malfeitor: O crime dele? Seu invariável *modus operandi*? Ele arromba os apartamentos e muda de lugar todos os móveis. Redecora tudo. — Kinderman virou-se para Atkins,

acrescentando: — Juro que desta vez nós o mandamos para o hospício.

— E como a Homicídios entra nisso? — indagou Ryan.

Atkins virou-se para ele, impassível.

— Mishkin deixa recados com ameaça de morte, se algum dia voltar e descobrir que os moradores mudaram qualquer coisa.

Ryan piscou os olhos, aturdido.

— Um trabalho heroico, Atkins — comentou Kinderman — Homérico. Tem alguma coisa para me dizer, Ryan?

— Ainda não.

— Então por que está desperdiçando o meu tempo?

— Só queria saber se há alguma novidade.

— Tudo continua frio. Mas também o sol só apareceu esta manhã. Tem mais alguma pergunta a fazer ao oráculo, Ryan? Vários reis do Oriente estão esperando a sua vez.

Ryan assumiu uma expressão irritada e saiu da sala, Kinderman acompanhou-o com os olhos. Depois que a porta foi fechada, ele virou-se para Atkins.

— Ele engoliu, a história de Mishkin.

Atkins assentiu. O tenente sacudiu a cabeça.

— O homem não ouve música.

— Ele tenta, senhor.

— Obrigado, madre Teresa.

Kinderman espirrou e pegou um lenço de papel.

— Saúde, senhor.

— Obrigado, Atkins. — Kinderman limpou o nariz e livrou-se do lenço de papel. — Então vai me arrumar tudo o que tem nos arquivos sobre Gêmeos.

— Certo, senhor.

— E depois verifique se apareceu alguém à procura da velha.

— Ainda não, senhor. Verifique antes de vir para cá.

— Ligue para o departamento de distribuição do *Washingion Post*. Pegue o nome do supervisor de Kintry e passe-o pelo computador do FBI. Descubra se o homem já teve algum problema com a polícia. Às cinco horas da manhã, naquele frio de rachar, é bem possível que o assassino não estivesse simplesmente dando um passeio e deparado com Kintry por acaso. Alguém sabia que ele estaria ali.

O matraquear de um teletipo começou a subir do andar inferior. Kinderman olhou na direção do barulho.

— Quem consegue pensar num lugar assim?

Atkins assentiu. O teletipo parou abruptamente, Kinderman suspirou e fitou seu assistente.

— Há outra possibilidade. Alguém na área de entrega de jornais de Kintry pode tê-lo matado. Alguém que já recebera o seu jornal, antes de ele chegar à casa de barcos. Poderia ter matado o garoto e depois levado o corpo para o atracadouro. É perfeitamente possível. Portanto, os nomes de todos os assinantes da área devem entrar também no computador.

— Está certo, senhor.

— Mais uma coisa, Atkins. Quase a metade dos jornais de Kintry não foi entregue. Descubra no Post quem telefonou para se queixar de que não recebeu o jornal. Faça um cruzamento da lista e mande também para o computador os nomes que ficaram de fora... os dos que não reclamaram.

Atkins parou de escrever e levantou os olhos para o tenente com uma expressão desconfiada. Kinderman balançou a cabeça.

— Isso mesmo. As pessoas fazem questão de seu jornal aos domingos, Atkins. Portanto, se alguém não telefonou para reclamar o seu jornal só pode ter sido por dois motivos, ou o assinante está morto ou é o assassino. É um tiro no escuro. E não pode fazer mal. Deve verificar também esses nomes no computador do FBI. Por falar nisso, acha que chegará o dia era que os computadores serão capazes de pensar?

— Duvido muito,

— Eu também. Li cena vez a resposta de um teólogo a quem foi feita essa pergunta. Ele respondeu que o problema só lhe causaria insônia quando os computadores começassem a se preocupar com a possibilidade de seus componentes estarem ficando desgastados. Meus sentimentos. Computadores, boa sorte. Deus os abençoe, eles estão muito bem. Não estou certo? É uma besteira dizer que a mente é de fato o cérebro. Minha mão está no bolso. Mas isso significa que meu bolso é minha mão? Cada bêbado da M Stteet sabe que um pensamento é um pensamento e não algumas células ou *chazerei* em ação no cérebro. Sabem que o ciúme não é uma variedade de jogo de Atari. Mas, enquanto isso, quem está brincando com quem? Se todos aqueles maravilhosos cientistas do Japão pudessem fabricar um cérebro artificial, você teria de guardá-lo num galpão imenso, a fim de poder escondê-lo de sua vizinha, a sra. Briskin, a quem teria de assegurar que não há nada de esquisito acontecendo por ali. Além do mais, sonho com o futuro, Atkins. Qual o computador que você conhece que pode fazer isso?

— Já eliminou Mannix?

— Não estou querendo dizer que sonho com o futuro em geral, previsível. Sonho com coisas que você nunca poderia imaginar. E não apenas eu. Lera *Experiência com o tempo,* de J. W. Dunne. E também Jung, o psiquiatra. E Wolfgang Pauli, o grande físico, o cara da teoria dos *quanta*, a quem chamam de

pai do neutrino. Pode se comprar um carro usado dessa gente, Atkins. Quanto a Mannix, ele é pai de sete filhos, um verdadeiro santo, eu o conheço há dezoito anos. Esqueça essa possibilidade. O que me parece mais estranho... na minha mente... é que Stedman não constatou qualquer sinal de que talvez Kintry tenha sido atingido primeiro na cabeça. Como isso seria possível, com o que fizeram? Ele estava consciente. Por Deus, estava consciente! — Kinderman baixou os olhos, sacudiu a cabeça. — Devemos procurar por mais de um monstro, Atkins. Alguém tinha de segurar o garoto. Não podia ser de outra forma.

O telefone tocou. Kinderman olhou para os botões. A linha particular. Ele atendeu.

— Kinderman falando.

— Bill?

Era sua esposa.

— Olá, querida. Como está Richmond? Ainda está aí?

— Claro. Acabamos de ver o prédio do Capitólio. É todo branco.

— Que emocionante...

— Como está seu dia, querido?

— Maravilhoso, meu bem. Três assassinatos, quatro estupros e um suicídio. Afora isso, a alegria de sempre com os rapazes da 6ª Delegacia. Quando a carpa vai sair da banheira, meu bem?

— Não posso falar agora.

— Já entendi. A Mãe dos Gracos está ao lado. A Mãe Mistério. Ela se meteu na cabine telefônica com você, certo?

— Não posso falar. Você vai ou não jantar em casa esta noite?

— Acho que não, meu anjo precioso.

— E não vai almoçar? Você não come direito quando não estou em casa. Podemos voltar agora... e chegaríamos em casa por vulta das duas horas.

— Obrigado, querida, mas hoje tenho de animar o padre Dyer.

— Qual é o problema?

— Todos os anos, neste dia, ele fica na pior.

— Então é hoje?

— Exatamente.

— Eu tinha esquecido.

Dois guardas arrastavam um suspeito pela sala. Ele resistia vigorosamente e gritava imprecações.

— Eu não fiz nada! Larguem-me, seus veados!

— O que está havendo por aí? — perguntou a mulher de Kinderman.

— Coisas dos *goyim*, querida. Não tem importância. — A porta de uma sala de detenção bateu atrás do suspeito. — Levarei Dyer ao cinema e discutiremos

bastante. Ele vai gostar.

— Está certo. De qualquer forma, prepararei um prato e o deixarei no forno.

— Você é um amor. Outra coisa: tranque as janelas esta noite

— Para quê?

— Eu me sentiria melhor Abraços e beijos, fofinha querida.

— Para você também.

— E poderia deixar um bilhete sobre a carpa, querida? Não quero chegar em casa e esbarrar nela inesperadamente.

— Oh, Bill!

— Até mais, querida.

— Até mais.

Ele desligou e levantou-se. Atkins observava-o.

— A carpa não é da sua conta — disse Kinderman, — A única coisa que deve lhe interessar é que há algo de podre no reino da Dinamarca.

O tenente encaminhou-se para a porta.

— Você tem muito que fazer. Portanto, é melhor começar. Quanto a mim, estarei no Biograph Cinema das duas às quatro e mera. E depois pode me encontrar no Clyde's ou de novo aqui. Avise-me quando o laboratório tiver alguma coisa. Qualquer coisa. Chame-me pelo bip. Adeus, Lorde Jim. Espero que aproveite bem o seu cruzeiro de luxo no *Patna*. Verifique os vazamentos.

Kinderman passou pela porta e saiu para o mundo de homens que morrem. Atkins ficou observando-o atravessar a sala dos detetives, desvencilhando-se das perguntas como se fossem mendigos numa rua de Bombaim. E um instante depois descia a escada, sumia de vista. Atkins já sentia a falta dele.

Levantou-se e foi até a janela. Olhou para os monumentos de mármore branco da cidade, banhados pelo sol, quentes e reais. Escutou o barulho do tráfego. Sentia-se inquieto, Havia trevas se atiçando, algo que não podia compreender, embora sentisse o movimento. O que seria? Kinderman o sentira. Isso era mais do que evidente.

Atkins sacudiu a cabeça, procurando livrar-se do pressentimento. Acreditava no mundo e nos homens, sentia pena de ambos. Esperando o melhor, virou-se para começar a trabalhar.

CAPÍTULO 2

Joseph Dyer, um padre jesuíta, irlandês, de quarenta e cinco anos de idade, professor de religião da Universidade de Georgetown, começara o seu domingo com a Missa de Cristo, revigorando sua fé e renovando seu mistério, celebrando a esperança na vida posterior e rezando por misericórdia para toda a humanidade. Depois da missa, descera até o cemitério jesuíta, na depressão do terreno do campus, onde colocara algumas flores diante de uma lápide em que estava escrito DAMIEN KARRAS, S, J. E depois fora para o refeitório, consumindo porções gigantescas de tudo: panquecas, costeletas de porco, pão de milho, presunto, ovos com bacon. Sentara-se ao lado do reitor da universidade, padre Healy, um amigo de muitos anos.

— Onde consegue meter tudo isso, Joe? — perguntou Healy, observando, maravilhado, o ruivo sardento e pequeno construir um sanduíche de carne de porco e panquecas.

Dyer virou seus brilhantes olhos azuis para o reitor e disse, sem qualquer expressão:

— Uma vida pura, *mon père*.

Estendeu a mão para a garrafa de leite e serviu-se de outro copo. O padre Healy sacudiu a cabeça e tomou um gole de café, esquecendo a sua posição na discussão entre os dois a respeito de Donne, como um poeta e um padre.

— Algum plano para hoje, Joe? Vai ficar por aqui?

— Quer me mostrar a sua coleção de gravatas ou o quê?

— Tenho o discurso que farei na próxima semana na Associação dos Advogados da América. Gostaria de dar uns retoques.

Healy ficou observando, fascinado, enquanto Dyer despejava um lago de melado de bordo em seu prato.

— Ficarei aqui até as quinze para as duas. E depois irei ao cinema com um amigo. O tenente Kinderman. Já o conhece.

— O que tem cara de *beagle*? O policial?

Dyer assentiu, enchendo a boca.

— É um homem interessante — comentou o reitor.

— Todos os anos, neste dia, ele fica tão deprimido que tenho de animá-lo. E ele adora cinema.

— É hoje?

Dyer voltou a assentir, tornando a encher a boca. O reitor tomou outro gole

de café.

— Eu tinha esquecido.

Dyer e Kinderman encontraram-se no Biograph Cinema, na M Street, assistiram quase a metade de *Relíquia macabra*, um prazer interrompido quando um homem se sentou ao lado de Kinderman, fez alguns comentários pertinentes sobre o filme, devidamente apreciados, e depois, olhando fixamente para a tela, pôs a mão na coxa do policial. Kinderman virou-se para ele, incrédulo, murmurando:

— Juro por Deus que não posso acreditar!

Enquanto falava, fechou uma algema no pulso do homem. Seguiu-se um pequeno tumulto, enquanto Kinderman o conduzia para o saguão e chamava um carro da polícia para levá-lo.

— Basta darem um susto nele e depois podem soltá-lo — disse Kinderman ao guarda que estava ao volante.

O homem esticou a cabeça pela janela do banco traseiro.

— Sou amigo íntimo do senador Klureman.

— Tenho certeza de que ele vai lamentar profundamente quando souber, pelo noticiário das seis horas. — Kinderman acrescentou para o motorista: — *Avanti*!

O carro da polícia afastou-se. Uma pequena multidão se concentrara. Kinderman olhou ao redor, à procura de Dyer. Avistou-o finalmente, esperando num portal. Olhava pela rua acima, juntando as golas do casaco, a fim de que não se visse o colarinho clerical. Kinderman aproximou-se.

— O que está fazendo? Fundando uma nova ordem, a dos Padres à Espreita?

— Estava tentando me fazer invisível.

— Mas fracassou — disse Kinderman jovialmente, estendendo a mão e tocando em Dyer. — Olhe só. Aqui está o seu braço.

— Puxa, é muito divertido sair com você, tenente.

— Está sendo ridículo.

— Sem brincadeira.

— Aquele patético *putz*... — murmurou o tenente, tristemente. — Estragou o filme para mim.

— Você já tinha visto esse filme pelo menos dez vezes.

— E outras dez... talvez vinte... não fariam mal algum.

Kinderman pegou o braço do padre, e os dois saíram andando.

— Vamos comer alguma coisa no Tombs. Talvez no Clyde’s ou no F. Scott’s. Podemos pedir um pouco de *nosh* e discutir e criticar.

— Metade do filme?

— Lembro o resto.

Dyer parou um momento depois.

— Você parece cansado, Bill. Um caso difícil?

— Nada demais.

— Parece abatido — insistiu Dyer.

— Estou bem. E você?

— Também estou.

— Está mentindo.

— Você também.

— É verdade.

O olhar de Dyer passou pelo rosto do detetive, com visível preocupação. Seu amigo parecia exausto e profundamente perturbado. Havia alguma coisa muito errada.

— Você parece terrivelmente cansado, Bill. Por que não vai para casa e dorme um pouco?

"Agora ele está preocupado comigo", pensou Kinderman.

— Não posso ir para casa.

— E por que não?

— Por causa da carpa.

— Quer saber de uma coisa estranha? Pensei ter ouvido você falar "carpa".

— E foi "carpa" mesmo que eu disse.

— Repita, por favor.

Kinderman chegou mais perto de Dyer, com o rosto a dois ou três centímetros do rosto do padre, fitando-o com um olhar firme e sombrio.

— A mãe da minha Mary está nos visitando, *nu* (Expressão iidiche de sentido impreciso, usada em situações variadas, com significados como "viu?", "né?", "alô?", etc N.E.)? Ela, que se queixa que eu ando em más companhias e estou de alguma forma ligado a Al Capone; ela, que dá à minha esposa no Chanukah presentes de Chutzpah e Kibbutz Número Cinco, perfumes fabricados em Israel... os melhores. Shirley. Já tem agora uma imagem dela? Ótimo. Não demora muito para que ela esteja cozinhando uma carpa. Um peixe saboroso. Não tenho nada contra a carpa. Mas, como supostamente está cheia de impurezas, Shirley comprou a sua carpa viva. E há três dias ela está nadando na banheira. Subindo e descendo. Descendo e subindo. Livrando-se das impurezas. E eu não aguento mais. Mais uma coisa. Está bem perto de mim, não é mesmo, padre Joe? Isso mesmo. Certamente percebeu que eu não tomo banho há dias. Três, para ser mais exato. Por causa da carpa. Por isso só vou para casa depois que a carpa esteja dormindo. Tenho medo de matá-la se a encontrar acordada, nadando na banheira.

Dyer afastou-se dele, rindo.

“Melhor, muito melhor’’, pensou Kinderman.

— E agora vamos decidir: Clyde’s, Tombs, ou F. Scott’s?

— Billy Martin’s.

— Não banque o difícil. Já fiz uma reserva no Clyde’s.

— Então o Clyde’s.

— Achei que você ia dizer isso.

— E não deu outra coisa.

E saíram andando, para esquecer a noite.

Atkins sentou-se à sua mesa, piscando os olhos. Achou que tinha entendido mal ou talvez não tivesse se explicado direito. E recomeçou, desta vez mantendo o telefone bem perto da boca. Tornou a ouvir as mesmas respostas de antes.

— Entendo... Está certo, obrigado... Muito obrigado.

Atkins desligou. No pequeno cubículo sem janelas, podia ouvir a própria respiração. Virou a luz da mesa, afastando-a de seus olhos. Estendeu a mão para a luz. As pontas dos dedos estavam lívidas, muito brancas, por baixo das unhas. Atkins estava assustado.

— Pode me trazer mais um pouco de tomate para o hambúrguer?

Kinderman estava abrindo um lugar na mesa para o prato de batatas fritas que a jovem garçonete de cabelos escuros trouxera.

— Obrigado — disse, pondo o prato entre ele e Dyer. — Três fatias serão suficientes?

— Duas bastam.

— Mais café?

— Não, obrigado, moça. — O detetive olhou para Dyer. — E você, Bruce Dern, vai querer uma sétima xícara?

— Não, obrigado,

Dyer largou o garfo ao lado do prato, em que estava uma omelete grande de coco e curry, da qual comera muito pouco. Estendeu a mão para o maço de cigarros que estava na toalha quadriculada, azul e branca.

— Já vou trazer o tomate — disse a garçonete, sorrindo e se encaminhando para a cozinha.

Kinderman olhou para o prato de Dyer.

— Não está comendo. Por acaso está doente?

— Está temperado demais — respondeu o padre.

— Temperado demais? Já o vi mergulhar batata frita em mostarda. Deixe o c*onnaisseur* lhe dizer o que está muito condimentado. O Chef Milani parte em seu socorro.

Kinderman pegou seu garfo, cortou e pôs na boca um pedaço da omelete de

Dyer. Largou o garfo e ficou olhando sem qualquer expressão para o prato dele.

— Você pediu uma descoberta arqueológica.

— Vamos voltar ao filme.

Dyer soprou a fumaça de sua primeira tragada,

— Está na minha lista dos dez melhores filmes de todos os tempos — declarou Kinderman. — Quais são os seus prediletos, padre? Poderia indicar pelo menos os cinco melhores.

— Meus lábios estão selados.

— Mas não com frequência suficiente — comentou Kinderman, despejando sal sobre as batatas fritas.

Dyer deu de ombros, hesitante.

— Quem pode escolher os cinco melhores de qualquer coisa?

— Atkins — respondeu o detetive prontamente. — Ele pode enunciar a nata de qualquer categoria, filmes, danças... qualquer coisa. Mencione hereges, e ele dará uma lista de dez, na ordem de preferência, sem a menor hesitação. Atkins é um homem de decisões imediatas. Mas não importa, pois tem bom gosto e geralmente está certo.

— É mesmo? E quais os cinco filmes prediletos dele?

— Os cinco primeiros?

— Isso mesmo.

— Casablanca.

— E quais são os outros quatro?

— O mesmo. Ele é louco por esse filme.

O jesuíta assentiu.

— Ele assente — murmurou Kinderman, desolado. — “Deus é um tênis”, diz o herege. Torquemada acena com a cabeça e diz: “Guarda, deixe-o ir embora. Muito se pode dizer pelos dois lados”. Ora, padre, é preciso parar com esses julgamentos precipitados. É o que resulta de tanta cantoria e guitarras nos seus ouvidos.

— Quer saber qual é o meu filme predileto?

— Apresse-se, por favor — disse Kinderman, jovialmente. — Rex Reed está numa cabine telefônica, aguardando minha ligação.

— *A felicidade não se compra*. Está satisfeito?

— Estou, sim. É uma excelente escolha

Kinderman estava radiante.

— Acho que já o vi umas vinte vezes — comentou o padre, sorrindo.

— Não pode fazer mal

— Adoro o filme.

— É inocente e bom. Enche o coração da gente.

— Você disse a mesma coisa a respeito de *Eraserhead*.

— Não mencione essa indecência — resmungou Kinderman. — Atkins chama esse filme de “A jornada de um longo dia para o bode”.

A garçonete aproximou-se, pôs na mesa o prato com fatias de tomate.

— Aqui está, senhor.

— Obrigado — disse Kinderman.

Ela olhou para a omelete na frente de Dyer.

— Alguma coisa errada com a omelete?

— Não — respondeu Dyer — Está apenas dormindo.

A moça riu.

— Posso lhe trazer outra coisa?

— Não precisa. A omelete está ótima. O único problema é que eu não tinha fome.

Ela apontou para o prato.

— Posso levar?

Ele assentiu, e a garçonete removeu o prato.

— Coma alguma coisa, Gandhi — disse Kinderman, empurrando o prato de batatas fritas na direção de Dyer.

O padre ignorou as batatas e perguntou:

— Como está Atkins? Não o vejo desde a missa da véspera de Natal.

— Ele está bem, e em junho estará casado.

Dyer se animou.

— Mas isso é ótimo!

— Ele vai casar com a namorada de infância. O que é lindo, de profunda ternura. Dois bebês perdidos na floresta.

— Onde será o casamento?

— Num caminhão. Eles estão economizando todo o dinheiro que podem para os móveis. A noiva trabalha num supermercado, que Deus a abençoe, enquanto Atkins, como sempre, me ajuda durante o dia, e de noite rouba lojas desguarnecidas. Por falar nisso, padre, é ético que funcionários do governo tenham dois trabalhos, ou estou sendo muito exigente? Agradeceria o seu conselho espiritual.

— Nunca pensei que guardassem muito dinheiro nessas lojas.

— Por falar nisso, como está sua mãe?

Dyer estava apagando o cigarro naquele instante. Ficou imóvel, olhando para Kinderman com uma expressão estranha.

— Bill, ela está morta.

O detetive parecia consternado.

— Morreu há um ano e meio. Pensei que lhe tivesse dito.

Kinderman sacudiu a cabeça.

— Eu não sabia.

— Eu lhe contei, Bill.

— Lamento muito.

— Pois eu não Ela estava com noventa e três anos, sofrendo muito, foi uma bênção.

Dyer desviou os olhos. A vitrola automática entrara em funcionamento no bar e ele olhou na direção do som. Viu estudantes tomando cerveja em canecas grossas.

— Acho que tive cinco ou seis alarmes falsos — acrescentou ele, tornando a olhar para Kinderman, — Ao longo dos anos algum irmão telefonando para dizer: “Joe, mamãe está morrendo. É melhor você vir até aqui”. E dessa vez aconteceu.

— Lamenta muito. Deve ter sido terrível.

— Não, não foi. Quando cheguei, eles me disseram que mamãe já estava morta... meu irmão, minha irmã, o médico. Entrei no quarto e dei-lhe a extrema-unção. Quando terminei, ela abriu os olhos e me fitou. Levei o maior susto. Ela disse: “Foi uma oração maravilhosa, Joe. E agora podia me arrumar um drinque?” Fiquei tão atordoado, Bill, que fui até a cozinha sem dizer nada. Servi um scotch com gelo e voltei ao quarto. Ela tomou tudo. Tirei o copo vazio de suas mãos. Ela me fitou nos olhos e disse: “Joe, acho que nunca lhe disse isso, mas você é um homem maravilhoso, filho”. E depois morreu. Mas o que realmente me emocionou... — E parou de falar, vendo que os olhos de Kinderman se enchiam de lágrimas. — Se começar a se debulhar em lágrimas, Bill, eu vou embora.

Kinderman esfregou os olhos.

— Desculpe. Mas é triste pensar que as mães são tão falíveis. Continue, por favor.

Dyer inclinou a cabeça por cima da mesa.

— A coisa que não posso esquecer... a coisa que me emocionou mais do que qualquer outra... foi que ali estava aquela anciã de noventa e três anos, murcha, com as células do cérebro afetadas, a visão e a audição quase sumidas, o corpo uma mera sombra do que já fora, mas, quando falou comigo, Bill... quando falou comigo toda ela estava ali.

Kinderman assentiu, baixando os olhos para as mãos, cruzadas sobre a mesa. Lúgubre e sinistra, uma imagem de Kintry pregado nos remos atingiu sua mente como uma bala. Dyer pôs a mão no pulso de Kinderman.

— Pronto, pronto. . . está tudo bem. Ela está bem.

— É que me parece que o próprio mundo é uma vítima de homicídio —

balbuciou Kinderman. Levantou os olhos desconsolados para o padre. — Deus inventaria alguma coisa como a morte? Em termos bem simples, é uma ideia nojenta. Não é popular, padre, não é um sucesso.

— Não diga bobagens, Bill. Você não gostaria de viver para sempre. Acabaria ficando entediado.

— Tenho meus hobbies.

O jesuíta riu. Estimulado, o detetive inclinou-se para a frente e continuou:

— Penso muito no problema do mal.

— Ora, isso...

— Não devo me esquecer do que acaba de falar. É uma boa coisa para se dizer. "Terremoto na Índia, milhares de mortos", diz a manchete. *Ora*, *isso*...

— Continue.

— Outra expressão popular. Não é tão boa quanto "Ora, isso", mas ainda assim é um sucesso. São Francisco de Clyde's está falando aos passarinhos, e enquanto isso temos câncer e bebês mongoloides, para não mencionar o sistema gastrintestinal e determinada estética relacionada com os nossos corpos que Audrey Hepburn não gostaria que mencionássemos em relação a seu rosto. Podemos ter um bom Deus com tais absurdos acontecendo? Um Deus que vagueia alegremente pelo cosmo como algum Billie Burke onipotente, enquanto crianças sofrem e as pessoas que amamos definham e morrem? Seu Deus sempre recorre à Quinta Emenda nesta questão.

— Então por que a Máfia deveria ficar com todas as oportunidades?

— Palavras esclarecedoras, padre. Quando será o seu próximo sermão? Eu adoraria ouvir mais algumas de suas profundas opiniões.

— Bill, o importante é que bem no meio desse horror há uma criatura chamada homem que pode compreender que é horrível. De onde tiramos as noções de "mal", "cruel" e "injusto"? Não se pode dizer que uma linha está um pouco torta a menos que se tenha uma noção do que é uma linha reta.

O detetive estava tentando impedi-lo de falar, mas o padre insistiu:

— Somos uma parte do mundo. Se o mundo é ruim, não deveríamos estar pensando que é ruim. Estaríamos pensando que as coisas que chamamos de ruins são apenas naturais. O peixe não se sente molhado na água, Bill. Ele pertence ao ambiente. O que não acontece com os homens.

— Também li isso em G. K. Chesterton, padre. Para dizer a verdade, é assim que sei que o seu Chefão não é alguma espécie de Jekyll e Hyde. Mas isso só contribui para aprofundar o grande mistério, padre, a grande história de detetive no céu que vem deixando as pessoas malucas, tentando elucidar o enigma, desde os salmistas até Kafka. Mas não se preocupem. O tenente Kinderman está cuidando do caso. Conhece os gnósticos?

— Sou torcedor dos Bullets.

— Você é um caso perdido. Os gnósticos achavam que um “delegado” criou o mundo.

— Isso é insuportável, Bill.

— Estou apenas repetindo.

— Daqui a pouco vai me dizer que São Pedro era católico.

— Estou apenas repetindo. Então Deus disse ao tal anjo que mencionei, esse Delegado: “Tome aqui... são dois dólares. Vá criar o mundo por mim. É a minha ideia mais nova”. O anjo saiu e criou o mundo, conforme lhe fora ordenado. Só que ele não era perfeito e por isso temos agora os *chazerei* a que me refiro.

— É essa a sua teoria? — perguntou Dyer.

— Não. Isso serviria para livrar a cara de Deus.

— Sem brincadeira. Qual é a sua teoria?

A atitude de Kinderman tornou-se furtiva.

— Não importa. É uma coisa nova. Uma coisa espantosa. Uma coisa grande.

A garçonete tornou a se aproximar e pôs a conta na mesa.

— Deixe-me ver... — murmurou Dyer, pegando-a.

Kinderman mexeu distraidamente o café frio, correndo os olhos pela sala, como se estivesse à procura de algum agente secreto à escuta. Depois, inclinou a cabeça para frente, como se fosse um conspirador.

— Minha maneira de encarar o mundo é como se fosse o cenário de um crime — murmurou ele, cautelosamente. — Está me entendendo? Estou reunindo as provas. Enquanto isso, tenho diversos cartazes de “Procura-se”. Poderia fazer a gentileza de colocá-los no campus? São de graça. Não me esqueço do seu voto de pobreza. É uma coisa a que sou muito sensível. Não cobro nada.

— Não está me dizendo a sua teoria.

— Vou lhe dar uma pista, padre. Coagulação.

As sobrancelhas de Dyer se juntaram.

— Coagulação?

— Quando você se corta, o sangue não pode coagular sem que haja catorze pequenas operações separadas ocorrendo dentro de seu corpo, numa ordem determinada: pequenas plaquetas e aqueles corpúsculos, como quer que se chamem, indo para aqui e ali fazendo isso e aquilo. Tudo tem de se processar da maneira exata, ou você fica com cara de tolo, vendo o seu sangue escorrer até o fim.

— Essa é a pista?

— Pois aqui vai outra: o sistema nervoso autônomo. E também as trepadeiras que podem encontrar água a quilômetros de distância.

— Estou perdido.

— Aguente firme que já captamos o seu sinal. — Kinderman aproximou seu rosto de Dyer. — Coisas que supostamente não têm consciência estão se comportando como se tivessem.

— Obrigado, professor Irwin Corey.

Kinderman recostou se abruptamente, carrancudo.

— Você é a prova viva da minha tese. Assistiu àquele filme de horror chamado *Alien*?

— Assisti.

— A história de sua vida. Enquanto isso, não importa como, aprendi minha lição. Nunca mande guias xerpas carregarem uma pedra. Vai acabar caindo em cima deles e os deixará com a maior dor de cabeça.

— Mas isso é tudo o que vai me dizer a respeito de sua teoria? — protestou Dyer, pegando sua xícara de café.

— Isso é tudo. Minha última palavra.

Subitamente, a xícara escapuliu dos dedos de Dyer Seus olhos estavam desfocados. Kinderman pegou a xícara e endireitou-a, depois limpou o café entornado com um guardanapo, antes que escorresse para o colo de Dyer.

— O que houve, padre Joe?

Kinderman estava alarmado. Começou a se levantar, mas Dyer fez sinal para que ficasse sentado. Seu comportamento parecia normal outra vez.

— Está tudo bem — murmurou o padre.

— Você está doente? Qual é o problema?

Dyer tirou um cigarro do maço. Sacudiu a cabeça.

— Não é nada. — Acendeu o cigarro, apagou o fósforo e jogou-o no cinzeiro. — Tenho sentido essas tonteiras ultimamente

— Já foi ao médico?

— Já, mas ele não descobriu nada. Pode ser qualquer coisa. Uma alergia. Um vírus. — Dyer deu de ombros — Meu irmão Eddie teve a mesma coisa há anos. Era emocional. De qualquer forma, vou me internar amanhã para fazer alguns exames.

— Internar?

— No Hospital Geral de Georgetown. O padre-reitor insiste. Está desconfiado de que sou alérgico às provas dos estudantes e quer uma confirmação científica.

O despertador do relógio de pulso de Kinderman começou a tocar. Ele o desligou e verificou a hora.

— Cinco e mera murmurou, com o rosto impassível virado para Dyer. — A carpa está dormindo.

Dyer baixou o rosto para as mãos e riu. O bip de Kinderman soou. Ele tirou do cinto e desligou-o.

— Pode me dar licença por um momento, padre Joe?

Kinderman levantou se, resfolegando.

— Não me deixe sozinho com a conta — disse Dyer.

O detetive não respondeu. Foi ao telefone, ligou para a delegacia e falou com Atkins.

— Alguma coisa esquisita está acontecendo, tenente.

— É mesmo?

Atkins relatou duas constatações. A primeira referia-se aos assinantes da área de entrega dos jornais de Kintry. Nenhum se queixara de não ter recebido o jornal. Todos haviam recebido, até mesmo aqueles para quem Kintry só entregaria depois de sua passagem pela Casa de Barcos Potomac. Todos haviam recebido o seu jornal depois de o menino ter morrido.

O segundo fato se relacionava com a velha. Kinderman mandara fazer uma comparação de rotina entre os cabelos dela e os fios encontrados na mão de Kintry.

Eram os mesmos.

CAPÍTULO 3

Quando ela o viu, através da janela, ele estava afastado há apenas alguns minutos. Mas, apesar disso, ela soltou uma exclamação de prazer e começou a correr. Passou pela porta, com os braços estendidos, o jovem rosto risonho, radiante, transbordando de afeto. "Amor da minha vida!", gritou ela, alegremente. E no momento seguinte o sol estava nos braços dele.

— Bom dia, Doc. A mesma coisa de sempre?

Amfortas não escutou. Sua mente estava em seu coração.

— A mesma coisa de sempre, Doc?

Ele voltou. Estava parado na pequena e estreita mercearia e lanchonete, perto da Universidade de Georgetown. Olhou ao redor. Os outros fregueses haviam saído. Charlie Price, o velho merceeiro, estava atrás do balcão, observando seu rosto com uma expressão gentil.

— Isso mesmo, Charlie, o de sempre — murmurou Amfortas, distraidamente.

Sua voz era triste e suave. Viu Lucy, a filha do merceeiro, sentada numa cadeira, junto à vitrine da frente. Perguntou-se como sua vez chegara tão depressa.

— Um *chop suey* para o doutor — murmurou Price.

O merceeiro inclinou-se para o compartimento aberto onde estavam guardados os produtos preparados naquela manhã, pegou um pão doce grande, coberto com canela em pó, passas e nozes. Empertigou-se, envolveu o pão com um papel fino, colocou-o dentro de um saquinho e largou-o no balcão. Virando-se para a cafeteira e as xícaras de plástico, acrescentou:

— E um café puro.

Eles haviam percorrido metade de Bora Bora de bicicleta, e de repente ele disparou numa curva fechada, onde sabia que ela não poderia vê-lo. Freou logo depois, saltou da bicicleta e correu para colher uma braçada de papoulas vermelhas que cresciam na beira da estrada, em enxames ardentes, como o amor de anjos congregados perante Deus. E quando ela fez a curva ele estava esperando, parado no meio da estrada, com as flores flamejantes estendidas. Ela freou, com a surpresa, e olhou para as flores, aturdida. Lágrimas afloraram a seus olhos, escorrendo pelas faces.

— Eu o amo, Vincent.

— Tornou a passar a noite inteira trabalhando no laboratório, Doc?

Um saco de papel estava sendo dobrado e fechado. Amfortas levantou os olhos. Seu pedido estava pronto, esperando no balcão.

— Não a noite inteira. Algumas horas.

O merceeiro contemplou o seu rosto abatido, os olhos castanhos, sombrios como florestas. O que estavam lhe dizendo? Alguma coisa. Pareciam tremeluzir com um grito silencioso, misterioso. Mais do que angústia. Algo mais.

— Não deve exagerar — comentou o merceeiro. — Parece cansado.

Amfortas assentiu. Estava remexendo num bolso do casaco azul-marinho que usava por cima do traje branco do hospital. Tirou um dólar e entregou-o ao merceeiro.

— Obrigado, Charlie.

— Lembre-se do que eu disse.

— Não esquecerei.

Amfortas pegou o saco. Um momento depois, a sineta da porta da frente retiniu e ele estava na calçada. Alto e magro, com os ombros encurvados, ficou parado por um instante, pensativo, com a cabeça inclinada pata baixo. Uma das mãos segurava o saco de encontro ao peito. O merceeiro foi postar-se ao lado da filha e os dois ficaram observando-o.

— Todos esses anos e nunca o vi sorrir — murmurou Lucy.

O merceeiro apoiou um braço numa prateleira.

— E por que deveria sorrir?

Ele eslava sorrindo, mas disse:

— Eu não poderia casar com você, Ann.

— Por que não? Por acaso não me ama?

— Mas você tem apenas vinte e dois anos!

— E isso é tão horrível assim?

— Tenho o dobro da sua idade. Algum dia você estará me empurrando numa cadeira de rodas.

Ela se levantou com um riso feliz e foi sentar no colo dele, abraçando-o.

— Eu o manterei sempre jovem, Vincent.

Amfortas ouviu gritos e o barulho de pés correndo. Olhou na direção da Prospect Street, à direita, fixando o alto do lanço comprido de degraus de pedra que mergulhava na M Street, muito abaixo. Mais além estava o rio e a casa de barcos. Há anos que aquela escadaria era conhecida como “Degraus de Hitchicock”. A equipe de remo de Georgetown subia correndo a escadaria. Era parte de seu exercício. Amfortas ficou observando enquanto eles apareciam no alto da escadaria e depois disparavam na direção do campus logo desaparecendo. Continuou parado até que os gritos nítidos se desvaneceram, deixando-o sozinho no corredor silencioso em que os atos dos homens estavam embaçados e a vida

não tinha qualquer outro propósito que não o de esperar.

Sentiu o calor do café em sua mão, através do saco, Deixou a Prospect Street e foi andando lentamente pela 36th Street, até chegar a sua casa apertada, de dois andares. Ficava a pouca distância da mercearia e era uma casa modesta e muito antiga. Do outro lado da rua havia uma pensão feminina e uma escola de serviço de estrangeiros; um quarteirão à direita ficava a Igreja da Santíssima Trindade. Amfortas sentou-se na varanda branca, abriu o saco e tirou o pão. Ela costumava buscar para ele nos domingos.

— Voltamos a Deus depois da morte. — Ela estava falando do pai que perdera no ano anterior e ele queria confortá-la. — Seremos então parte d'Ele

— Como de nós mesmos?

— Talvez não. Podemos perder nossa identidade.

Ele viu o rostinho dela começar a se encher de lágrimas, contraindo-se no esforço de não chorar.

— Qual é o problema?

— Perder você para sempre.

Até aquele dia, ele nunca temera a morte.

Os sinos da igreja repicaram e estorninhos alçaram voo da Santíssima Trindade, circulando numa dança frenética. Pessoas começavam a deixar a igreja. Amfortas olhou para o relógio. Eram sete e quinze, Perdera a sua missa das seis e mera, a que há três anos assistia diariamente. Como pudera perdê-la? Olhou por um momento para o pão que segurava, depois tornou a largá-lo no saco. Levantou as mãos e pôs o polegar esquerdo no pulso direito, dois dedos da mão esquerda na palma direita. Pressionou com os três dedos. Começou a girar os dedos na palma. A mão direita, num ato reflexo, acompanhava os movimentos dos dedos.

Amfortas parou a manipulação. Olhou para as mãos.

Quando voltou a pensar no mundo, conferiu a hora, sete e vinte e cinco. Pegou o saco e o volumoso *Washington Post* de domingo, na frente da porta. O jornal estava sujo de tinta. Nunca o encapavam. Ele entrou na melancolia da casa vazia, pôs o saco e o jornal na mesinha do pequeno vestíbulo, depois tornou a sair e trancou a porta. Virou-se e olhou para o céu. Estava ficando encoberto, cinzento. Nuvens pretas deslizavam rapidamente para oeste, além do rio, um vento forte soprava, balançando os galhos dos sabugueiros nas ruas. As árvores estavam desfolhadas. Amfortas abotoou lentamente o suéter. Depois, sem qualquer outra bagagem que não sua angústia e solidão, começou a caminhar para um horizonte distante. Estava a cento e cinquenta milhões de quilômetros do sol.

O Hospital Geral de Georgetown era imenso e relativamente novo. O

exterior moderno esparramava-se entre a O Street e a Estrada do Reservatório, estendia-se até o lado oeste da 37th Street. Amfortas podia ir a pé de sua casa até o hospital em dois minutos. Naquela manhã, chegou à ala de neurologia, no quarto andar, exatamente às sete e mera. O residente estava à sua espera. Juntos, iniciaram a ronda, passando de um quarto para outro, o residente apresentando cada caso novo, Amfortas fazendo perguntas ao paciente. Discutiam os diagnósticos enquanto avançavam pelo corredor.

O 402 era um vendedor de trinta e seis anos, e apresentava sintomas de lesão cerebral; “negligência unilateral’’, especificamente. Vestia cuidadosamente um lado do corpo, o oposto à lesão, ignorando completamente o outro. Só barbeava um lado do rosto.

O 404 era um economista, de cinquenta e quatro anos. Seus problemas haviam começado seis meses antes, quando se submetera a uma operação cerebral por causa de epilepsia. O cirurgião, sem qualquer alternativa, fora obrigado a remover determinadas porções dos lóbulos temporais.

Um mês antes de ser internado no Hospital Geral de Georgetown o paciente comparecera a uma reunião de um comitê do Senado e por nove horas seguidas e extenuantes apresentara um novo plano para a revisão do código fiscal, baseado nos problemas que os senadores o haviam encarregado de estudar naquela manhã. Seu julgamento e seu domínio dos fatos eram espantosos, assim como os conhecimentos do código atual. Foram necessárias seis horas só para organizar os detalhes do plano e fixá-los de maneira ordenada. Ao final da reunião, o economista fizera um sumário de seu plano em mera hora, sem qualquer consulta às anotações que acabara de fazer. Depois, voltara à sua sala e sentara-se à sua mesa. Respondera a três cartas, virara-se para a secretária e dissera:

— Tenho a impressão de que eu deveria ter comparecido hoje a uma reunião do Senado.

De um instante para outro, ele não era capaz de reter as lembranças mais recentes.

A paciente 411 era uma moça de vinte anos, um caso provável de meningite. O residente era novo e não percebeu o sobressalto de Amfortas ao ouvir o nome da doença.

No 420 estava um carpinteiro de cinquenta e um anos que se queixava de um “membro fantasma”. Perdera um braço no ano anterior e continuava a sofrer dores terríveis na mão que não mais possuía.

O distúrbio evoluira de maneira normal, e o carpinteiro teve a princípio “sensação de coceira” e uma impressão nítida do formato da mão. Ela parecia deslocar-se pelo espaço como um membro comum, quando ele andava, sentava ou deitava. Sem pensar, chegava mesmo a tentar pegar objetos com a mão

inexistente. E depois viera a dor insuportável, pois a mão se contraía e recusava-se a relaxar.

Ele se submetera a uma operação de reconstrução, em que foram removidos pequenos neuromas, nódulos de tecidos regenerados do nervo. Houvera alívio inicialmente. A sensação de ainda possuir a mão permanecera, mas agora ele sentia que podia flexioná-la, mexer os dedos.

Depois a dor voltou, e a mão fantasma adquiriu uma postura constante, com os dedos comprimindo o polegar e o pulso flexionado ao máximo. Não havia força de vontade que pudesse mover qualquer parte da mão. Havia ocasiões em que a sensação tensa na mão era insuportável; em outras, o carpinteiro explicara, era como se um bisturi estivesse sendo repetidamente cravado no local do ferimento original. Ele se queixava de ter a sensação de que os ossos do dedo indicador estavam sendo perfurados. A sensação parecia começar na ponta desse dedo, mas depois subia para o ombro, e o coto começava a ter contrações clônicas.

O carpinteiro informava que frequentemente se sentia nauseado, quando a dor estava em seu ponto extremo. Quando a dor finalmente se desvanecia, a tensão parecia atenuar um pouco, mas nunca o suficiente para permitir um movimento. Amfortas fez uma pergunta ao carpinteiro:

— Sua maior preocupação parece ser a tensão na mão. Poderia me dizer por quê?

O carpinteiro pediu-lhe que comprimisse os dedos sobre o polegar, flexionasse o pulso e depois levantasse o braço numa posição de chave de braço, mantendo-o assim. O neurologista o atendeu. A dor se tomou intensa demais depois de uns poucos minutos, e Amfortas encerrou a experiência. O carpinteiro acenou com a cabeça, dizendo:

— Acontece que você pode baixar a mão. Eu não posso.

Eles deixaram o quarto em silêncio. Avançando pelo corredor, o residente deu de ombros.

— Não sei o que fazer. Podemos ajudá-lo?

Amfortas recomendou uma injeção de novocaína no gânglio simpático torácico superior.

— Isso deve aliviá-lo por algum tempo. Uns poucos meses.

Mas não mais do que isso. Amfortas sabia que não havia cura para o membro fantasma.

Ou para o coração despedaçado.

A 424 era uma dona de casa. Desde os dezesseis anos de idade ela se queixara de dores abdominais tão persistentemente, ao longo dos anos, que se tornara um caso excepcional, com catorze cirurgias abdominais. Depois, sofrera

um pequeno ferimento na cabeça e passara a se queixar de uma terrível dor ali, tão intensa que fora realizada uma descompressão subtemporal. Agora, sua queixa era de dores angustiantes nos braços e pernas, sem falar nas costas. A princípio, ela se recusara a relatar sua história. Passava o tempo todo deitada sobre o lado esquerdo e gritou quando o residente fez um esforço para virá-la de costas, Amfortas se inclinou e gentilmente massageou a região sacra. A mulher gritou e tremeu violentamente.

Depois que a deixaram, Amfortas concordou com o residente em que ela devia ser encaminhada à Psiquiatria, com uma indicação de possível dependência de cirurgia.

E de dor

A 425, outra dona de casa, de trinta anos, queixava-se de dor de cabeça, latejante, crônica, com anorexia e vômito consequentes. A pior possibilidade era uma lesão. Mas a dor estava confinada a um lado da cabeça, o que também acontecia com a teicopsia, uma cegueira temporária, causada pelo aparecimento no campo visual de uma área luminosa, delimitada por linhas sinuosas. Normalmente, a teicopsia era um sintoma de enxaqueca. Além disso, a paciente era de uma família que dava a maior importância ao sucesso e mantinha rígidos padrões de comportamento, sufocando ou punindo qualquer manifestação de sentimentos agressivos. Essa era geralmente a história de uma paciente clássica de enxaqueca. A hostilidade reprimida gradativamente acumulava a raiva inconsciente, que atacava a paciente sob a forma do distúrbio.

Outra paciente a ser encaminhada à Psiquiatria.

O 427 era o último, um homem de trinta e oito anos, com uma possível lesão do lóbulo temporal. Era um dos serventes do hospital, e apenas no dia anterior fora descoberto num depósito no porão, onde pusera cerca de uma dúzia de lâmpadas num balde com água e insistentemente as fazia afundar. Posteriormente, não fora capaz de se lembrar do que fizera. Era um automatismo, o que se costumava chamar de “ação automática”, característica de um ataque psicomotor. Tais ataques podiam se tornar seriamente destrutivos, dependendo das emoções inconscientes do paciente. Normalmente, as vitimas são inofensivas, apenas inadequadas. Sempre bizarras, tais fugas eram geralmente de curta duração, embora em casos raros se prolongassem por muitas horas e fossem consideradas totalmente inexplicáveis. Era o caso de um homem que pilotara um pequeno avião de um aeroporto da Virgínia até Chicago, embora nunca tivesse aprendido a pilotar e não tivesse posteriormente qualquer recordação do evento. Havia às vezes ações violentas. Um homem que tinha uma lesão no lóbulo temporal, um hemangioma, conforme se constatara posteriormente, matara a esposa quando se encontrava num estado de furor

epiléptico.

O caso do servente era mais próximo da norma. Sua história estava repleta de ataques uncinados, auras de gostos e cheiros desagradáveis. Falava de uma barra de chocolate que tinha um gosto “metálico” e se referia ao cheiro de “carne podre”, sem qualquer fonte aparente. Havia também fugas de *déjà vu*, assim como do oposto, *jamais vu* — uma sensação de estranheza num ambiente familiar. Esses episódios eram frequentemente precedidos por um peculiar estalar dos lábios. O consumo de álcool muitas vezes os desencadeava.

Havia ainda alucinações visuais, entre as quais a micropsia, em que os objetos parecem menores do que são; e a levitação, sensação de se levantar pelo ar, sem qualquer apoio. O servente também tivera um breve episódio de um fenômeno conhecido como “o sósia”. Vira alguém à sua imagem e semelhança, imitando-lhe cada palavra e ação.

O eletroencefalograma fora particularmente agourento. Tumores daquela natureza, se fosse o caso, operavam lentamente, insidiosamente, por muitos meses, aplicando uma pressão para cima na base do cérebro; mas finalmente adquiriam um impulso súbito e, em questão de uma semana, se não fossem cuidados, comprimiam e esmagavam a medula.

O resultado era a morte.

— Dê-me sua mão, Willie — disse Amfortas, gentilmente.

— Qual delas? — perguntou o servente.

— Qualquer uma serve. A esquerda.

O servente atendeu-o. O residente olhava para Amfortas com uma expressão ressentida.

— Já fiz isso — disse ele.

— Quero fazer de novo — murmurou Amfortas.

Ele pôs dois dedos da mão esquerda na palma do servente e o polegar direito no pulso, comprimiu e começou a mexer os dedos. A mão do servente se contraiu e começou a acompanhar o movimento dos dedos. Amfortas parou e soltou a mão.

— Obrigado, Willie.

— De nada, senhor.

— Não precisa se preocupar.

— Não vou me preocupar, senhor.

Por volta das nove e mera, Amfortas e o residente estavam parados ao lado da máquina automática de café, perto da entrada da ala psiquiátrica. Discutiram os diagnósticos, definindo os novos. Ao chegarem ao servente, a definição foi rápida:

— Já determinei uma tomografia cerebral — disse o residente.

Amfortas acenou com a cabeça em concordância. Somente assim poderiam ter certeza de que a lesão existia e estava próxima dos estágios finais.

— Talvez seja melhor reservar uma sala de operações, à espera do resultado.

Mesmo agora, uma cirurgia a tempo ainda salvaria a vida de Willie. Quando o residente chegou à moça com suspeita de meningite, Amfortas mostrou-se tenso e retraído, quase brusco. O residente reparou na transição repentina, mas sabia que os neurologistas pesquisadores possuíam a reputação de ser introvertidos, reticentes e estranhos. Atribuiu a isso o comportamento inesperado ou talvez à juventude da moça e à possibilidade de nada se poder fazer para salvá-la da invalidez grave ou mesmo de uma morte horrivelmente dolorosa.

— Como está indo a sua pesquisa, Vincent?

O residente acabara de tomar o café e estava amassando o copinho, antes de jogá-lo no lixo. Longe dos pacientes, as formalidades eram abandonadas. Amfortas deu de ombros. Uma enfermeira passou, empurrando um carrinho com medicamentos. Ele observou-a. Sua indiferença estava começando a irritar o jovem residente.

— Há quanto tempo está empenhado nela? — insistiu ele, determinado agora a romper a estranha barreira entre os dois.

— Três anos — respondeu Amfortas.

— E já encontrou alguma brecha?

— Não.

Amfortas pediu informações atualizadas sobre os pacientes mais antigos da ala. O residente forneceu-as.

As dez horas, Amfortas compareceu a uma conferência de toda a equipe, marcada para se prolongar até o meio-dia. O chefe da Neurologia fez uma preleção sobre esclerose múltipla. Tal como os internos e residentes agrupados no corredor, Amfortas não pôde ouvir, embora estivesse sentado à mesa. Não estava prestando atenção.

Depois da preleção, começou uma discussão, que em breve se transformou num debate acalorado, sobre a política interdepartamental. Foi então que Amfortas disse:

— Peço licença por um momento.

Retirou-se e ninguém sequer percebeu que estivera na sala. Ao final da discussão, o chefe da Neurologia estava gritando:

— Já estou cansado dos bêbados neste serviço! Fiquem sóbrios ou não apareçam na minha ala!

Foi uma coisa que todos os internos e residentes ouviram. Enquanto isso, Amfortas voltara ao quarto 411. A moça que parecia ter meningite estava sentada

na cama, olhando hipnoticamente para o aparelho de televisão, montado na parede do outro lado. Quando Amfortas entrou, os olhos dela se desviaram para ele. Ela não mexeu a cabeça, A doença já lhe provocara a rigidez do pescoço. Mexer-se era muito doloroso.

— Olá, doutor.

Apertou um dos botões do controle remoto da televisão. A imagem se apagou. Amfortas apressou-se em dizer:

— Não precisa... pode deixar a televisão ligada.

Ela olhava para a tela vazia.

— Não há nada agora. Nenhum programa bom.

Ele parou ao pé da cama e observou-a. A moça era sardenta, usava um rabo-de-cavalo.

— Está confortável? — perguntou Amfortas.

Ela deu de ombros,

— Qual é o problema?

— É uma chatice. — Os olhos dela voltaram a se fixar em Amfortas. As olheiras eram imensas, mas ela sorriu. — Não há nenhum programa bom na televisão durante o dia.

— Está dormindo bem?

— Não.

Amfortas pegou a ficha da moça. Haviam receitado hidrato de cloral.

— Deram me pílulas, mas não funcionam.

Amfortas pôs a ficha no lugar. Quando tornou a olhar

para a moça, ela virara o corpo na direção da janela, dolorosamente. Olhava para fora.

— Não posso ficar com a televisão ligada à noite? Sem o som?

— Posso lhe arrumar fones de ouvido — sugeriu Amfortas. — Assim não incomodará ninguém.

— Todas as estações saem do ar às duas hoeas da madrugada — murmurou a moça, apaticamente

Amfortas perguntou o que ela fazia

— Jogo tênis.

— Profissionalmente?

— Exato

— Dá aulas?

Ela não o fazia. Jogava num circuito de torneios.

— Está no ranking?

— Estou. Número nove.

— No país?

— No mundo.

— Desculpe a minha ignorância.

Amfortas sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo Não podia saber se a moça tinha conhecimento do que talvez a aguardasse. Ela continuou a olhar pela janela E murmurou:

— Acho que tudo isso não passa de recordação, agora.

Amfortas sentiu uma pressão no estômago. Ela sabia. Ele puxou uma cadeira para o lado da cama e indagou que torneios ela vencera. A moça se animou.

— Venci o francês e o italiano. Fui absoluta no ano em que ganhei o francês.

— E como foi o italiano? A quem você venceu na final?

Conversaram sobre tênis por mais de mera hora, Amfortas finalmente consultou o relógio e levantou-se para sair. No mesmo instante, a moça voltou a se retrair, olhando pela janela.

— Está tudo bem — murmurou ela.

Amfortas podia sentir os escudos se ajustando ruidosamente em seus lugares.

— Tem família na cidade? — perguntou ele.

— Não.

— E onde está sua família?

Ela virou o corpo com dificuldade e ligou a televisão, dizendo distraidamente

— Estão todos mortos.

As palavras foram quase abafadas pelo barulho da televisão. Quando Amfortas saiu, os olhos dela ainda estavam fixados no aparelho.

No corredor, ele ouviu-a chorar.

Amfortas ignorou o almoço e ficou trabalhando em sua sala, terminando relatórios sobre alguns casos. Dois eram de epilepsia, em que os ataques eram desencadeados da maneira mais estranha possível. No primeiro caso, uma mulher de trinta e pouco anos, o ataque era induzido pelo som de música. No segundo caso, a menina de onze anos precisava apenas olhar para a mão.

Todos os outros casos apresentavam formas de afasia - um paciente que repetia tudo o que lhe era dito, um paciente que podia escrever, mas era totalmente incapaz de ler o que escrevera, e uma paciente incapaz de reconhecer uma pessoa somente pelas feições faciais, pois o reconhecimento exigia a audição da voz ou a percepção de uma característica destacada, como uma verruga ou uma cor rara nos cabelos.

As afasias estavam relacionadas com lesões do cérebro.

Amfortas tomou um café, tentando se concentrar. Não conseguiu. Largou a caneta e contemplou a fotografia que estava em cima de sua mesa. Uma moça deslumbrante.

A porta da sala abriu-se abruptamente e o chefe da Psiquiatria, Freeman Temple, entrou, com seus passos ágeis, levantando-se um pouco na ponta dos pés, enquanto andava. Arriou numa cadeira perto da mesa.

— Tenho uma garota para você! — disse ele, alegremente.

Temple esticou as pernas e depois cruzou-as confortavelmente, enquanto acendia uma cigarrilha. Largou o fósforo apagado no chão.

— Juro por Deus que você vai adorá-la — continuou Temple. — Tem pernas que sobem até o rabo. E os peitos! Um deles é do tamanho de uma melancia e o outro não fica atrás. E ainda por cima adora Mozart. Vince, você tem de sair com essa garota!

Amfortas observava-o sem qualquer expressão definida. Temple era baixo, estava na casa dos cinquenta anos, mas tinha uma exuberância maliciosa e juvenil, uma alegria constante. Seus olhos, no entanto, eram como trigais ondulando à brisa, adquirindo às vezes uma expressão calculista e letal. Amfortas não confiava nele nem o apreciava. Quando não estava se gabando de suas conquistas amorosas, Temple falava de suas lutas de boxe na universidade. Tentava fazer com que todos o chamasse de "Duke”.

— Era assim que me chamavam em Stanford — Insistia ele. — Todos me tratavam de "Duke”.

Proclamava às enfermeiras mais bonitas que sempre evitava as brigas porque, “nos termos da lei, minhas mãos são consideradas armas letais”. Tornava-se insuportável quando bebia, pois seu charme infantil se convertia em mesquinhez. E estava bêbado naquele momento, desconfiou Amfortas, ou alto, devido às anfetaminas. Se não as duas coisas.

— Estou saindo com a amiga dela — acrescentou Temple. — Ela é casada. E daí? Qual é o problema? Não faz a menor diferença. Mas a sua é solteira. Quer o telefone dela?

Amfortas pegou a caneta e baixou os olhos para os papéis de sua mesa. Fez uma anotação, enquanto dizia, calmamente:

— Não, obrigado. Há anos que não saio com uma mulher.

Abruptamente, o psiquiatra pareceu ficar sóbrio. Olhou fixamente para Amfortas, com uma expressão dura e fria.

— Sei disso.

Amfortas continuou a trabalhar.

— Qual é o problema? — indagou Temple. — Você é impotente? Acontece com frequência em sua situação. Posso curá-lo com hipnose. Posso curar

qualquer coisa com hipnose. Sou bom. E bom de verdade. Sou o melhor que existe.

Amfortas continuou a ignorá-lo. Fez uma correção num papel

— O maldito eletro está quebrado. Pode imaginar uma coisa dessas?

Amfortas persistiu em seu silêncio, continuando a escrever.

— Muito bem, que diabo significa isso?

Amfortas levantou os olhos e viu Temple metendo a mão no bolso. Ele tirou uma folha de memorando dobrada e jogou-a em cima da mesa. Amfortas pegou-a e desdobrou-a. Havia uma frase enigmática, numa letra que parecia ser a sua: "A vida é menos capaz".

— Que diabo significa isso? — repetiu Temple, com uma atitude agora abertamente hostil.

— Não sei — respondeu Amfortas.

— Não sabe?

— Não fui eu que escrevi.

Temple levantou-se de um pulo, avançou para a mesa.

— Mas você me deu isso ontem, na presença da enfermeira-chefe! Eu estava muito ocupado na ocasião e guardei-o no bolso sem ler. O que significa?

Amfortas empurrou o memorando para o lado e continuou com seu trabalho, repetindo:

— Não fui eu que escrevi.

— Você está louco? — Temple pegou o bilhete e sacudiu-o diante do rosto de Amfortas. — A letra é sua! Não está vendo os círculos por cima do i? Diga-se de passagem que esses círculos são sinais de um distúrbio.

Amfortas riscou uma palavra e escreveu por cima. O rosto do psiquiatra de cabelos brancos ficou vermelho Ele foi até a porta e abriu-a bruscamente.

— É melhor você marcar uma consulta comigo — resmungou Temple. — Você é um homem hostil e irado, e está ficando cada vez mais doido!

Temple saiu e bateu a porta. Amfortas ficou olhando para o bilhete por algum tempo. E depois voltou ao trabalho. Precisava terminá-lo naquela semana.

De tarde, Amfortas deu uma aula na Faculdade de Medicina da Universidade de Georgetown. Fez uma análise do caso de uma mulher que desde a infância fora incapaz de sentir dor. Em criança, arrancara a ponta da língua com uma mordida, enquanto mastigava, e sofrerá queimaduras de terceiro grau depois de passar alguns minutos ajoelhada num radiador, a fim de olhar pela janela o pôr do sol. Mais tarde, quando examinada por um psiquiatra, informara não ter sentido dor quando seu corpo fora submetido a um forte choque elétrico, a água extremamente quente e a um banho gelado muito prolongado. Igualmente anormal era o fato de que não apresentava alterações na pressão sanguínea,

batimento cardíaco ou respiração, sob a aplicação de estímulos. Não podia se lembrar de ter um dia espirrado ou tossido, o reflexo da mordaça só podia ser obtido com muita dificuldade e os reflexos das córneas, que protegiam os olhos, estavam totalmente ausentes. Uma variedade de estímulos, como a inserção de um bastão pela narinas, beliscões nos tendões ou injeções de histamina subcutâneas, normalmente considerados formas de tortura, também não foram capazes de produzir qualquer dor.

A mulher acabou desenvolvendo graves problemas médicos, como mudanças patológicas nos joelhos, quadris e espinha. Submetera-se a diversas operações ortopédicas. O cirurgião atribuía seus problemas à falta de proteção das articulações, que era geralmente proporcionada pela sensação de dor. Ela deixava de transferir o peso do corpo quando estava de pé, não se virava no sono e não evitava determinadas posturas que produziam inflamações nas articulações.

Morrera aos vinte e nove anos de infecções maciças que não podiam ser controladas.

Não houve perguntas.

Amfortas estava de volta à sua sala às três horas e trinta e cinco minutos. Trancou a porta, sentou-se e esperou. Sabia que não poderia trabalhar então. Não naquele momento.

Alguém batia na porta ocasionalmente, e ele ficava esperando que os passos se afastassem. Houve um momento em que alguém sacudiu a maçaneta, depois de bater insistentemente. Ele sabia que era Temple, mesmo antes de ouvir a voz irritada do outro lado da porta:

— Sei que está ai dentro, seu maluco. Deixe-me entrar para ajudá-lo.

Amfortas manteve o silêncio, e por algum tempo não ouviu barulho do outro lado da porta. E, depois, ouviu palavras sussurradas:

— Peitos grandes.

E outro momento de silêncio. Imaginou que Temple estivesse com o ouvido grudado na porta. E finalmente ouviu os seus passos lépidos se afastando. Amfortas verificou o relógio.

Faltavam vinte minutos pata as cinco quando telefonou para um amigo em outro hospital, também neurologista.

— Aqui é Vincent, Eddie. Minha tomografia já ficou pronta?

— Já, sim. Eu ia ligar para você.

Houve uma pausa longa. Amfortas finalmente perguntou:

— É positivo?

Outro silêncio.

— É, sim.

Sua voz estava quase inaudível.

— Pode deixar que cuidarei de tudo. Adeus, Ed.

— Vince…

Mas Amfortas já estava desligando.

Pegou um papel timbrado do departamento numa gaveta da direita e depois, cuidadosamente, escreveu uma carta, endereçada ao chefe da Neurologia.

"Prezado Jim:

É muito difícil dizer e lamento muito, mas preciso ser

dispensado de minhas funções regulares a partir desta noite de quinta-feira, 15 de março. Preciso de todo o tempo que puder obter para a minha pesquisa. Tom Soames é muito competente e meus pacientes estão seguros aos cuidados dele, até que você possa encontrar um substituto para mim. Até terça-feira estarão concluídos meus relatórios sobre os pacientes antigos. Tom e eu concordamos sobre os novos pacientes, que examinamos hoje. Depois de terça-feira tentarei estar disponível para consultas, mas não posso garantir. De qualquer forma, poderá me encontrar no laboratório ou em casa.

Sei que a minha decisão é súbita e vai lhe causar alguns problemas. Lamento muito. Mas sei que você respeitará meu desejo de não comentar a decisão que estou tomando. Tirarei todas as coisas que estão em minha mesa até o final da semana. O departamento tem sido maravilhoso. E você também. Obrigado por tudo.

Pesarosamente,

Vincent Amfortas."

Amfortas deixou a sala, pôs a carta na caixa do chefe da Neurologia e saiu do hospital. Eram quase cinco e mera, e acelerou os passos na direção da Igreja da Santíssima Trindade. Podia pegar a missa vespertina.

A igreja estava repleta, e ele ficou de pé no fundo, acompanhando a missa com uma esperança angustiante. Os corpos alquebrados que tratara ao longo dos anos haviam lhe incutido a noção da fragilidade e da solidão do homem. Os homens eram como pequenas chamas de velas, separadas, tremeluzindo num terrível vazio, escuro e interminável. Essa percepção punha a humanidade ao seu alcance. Mas Deus se lhe esquivava. Encontrara os vestígios enigmáticos d'Ele no cérebro, mas o Deus do cérebro apenas o chamara. Porém, quando se adiantara, Deus o mantivera a distância. Ao final, nada havia em que se segurar, além de sua fé. Reunia as chamas das velas, numa união que se elevava e iluminava a noite.

— Ó Senhor, tenho amado a beleza de vossa casa...

Isso era tudo o que podia importar, pois nada mais contava.

Amfortas lançou um olhar para as filas do confessionário. Estavam compridas. Resolveu voltar no dia seguinte. Faria uma confissão geral dos pecados de toda a sua vida. Haveria tempo suficiente na missa da manhã, pensou ele. Raramente havia fila naquela hora.

— *E que possa se tornar para nós uma cura eterna...*

— Amém — disse Amfortas, firmemente.

Tomara sua decisão.

Abriu a porta da frente e entrou em casa. Pegou o saco e o *Post* no vestíbulo, foi para a pequena sala de estar, acendeu todas as luzes. A casa era alugada, mobiliada, com móveis ordinários, de um falso estilo colonial. A sala dava para a cozinha e para um pequeno recanto onde se faziam as refeições. Havia um quarto e um estúdio lá em cima. Era tudo de que Amfortas precisava ou que desejava.

Acomodou-se numa poltrona. Olhou ao redor. Como sempre, a sala estava desarrumada. A desordem nunca o incomodara antes. Mas agora experimentava um estranho impulso de endireitar tudo, arrumar e limpar a casa inteira. Era algo como a sensação anterior a uma longa viagem, ou como esvaziar sua mesa no hospital.

Adiou aquilo para o dia seguinte. Sentia-se cansado.

Olhou para um toca-fitas numa prateleira. Estava ligado a um amplificador. Havia fones de ouvido Estava cansado demais para aquilo também, notou. Não dispunha de energia no momento. Baixou os olhos para o *Washington Post*, em seu colo... e no instante seguinte a dor de cabeça estava lhe dilacerando o cérebro. Ofegou, levou as mãos às têmporas. Levantou-se, e o jornal se espalhou pelo chão.

Subiu a escada cambaleando, entrou no quarto. Tateou à procura do interruptor, acendeu a luz. Mantinha uma maleta médica ao lado da cama. Abriu-a então, tirando dela uma mecha de algodão, uma seringa descartável e uma ampola cor de âmbar. Sentou-se na cama, desabotoou e baixou a calça, expondo as coxas. Um momento depois injetava seis miligramas de Decadron, um esteroide, no músculo da coxa; O Dilaudid já não era suficiente.

Amfortas estendeu-se na cama e esperou. A ampola cor de âmbar estava em sua mão. O coração e a cabeça pulsavam em ritmos diferentes. Mas, depois de algum tempo, fundiram-se num só. Amfortas perdeu a noção do tempo.

Sentou-se na cama. A calça ainda estava nos joelhos. Ao levantá-la, seus olhos fixaram-se na cerâmica verde e branca da mesinha de cabeceira, uma pata com roupas de menina. Uma inscrição dizia: BUZINE SE ACHA QUE SOU LINDA. Ele ficou imóvel por um instante, olhando fixamente. Depois afivelou o cinto e

desceu.

Foi para a sala e recolheu o *Washington Post* de domingo que estava caído no chão. Pensou em lê-lo enquanto esquentava um jantar congelado. Teve um sobressalto quando acendeu a luz da cozinha. Na mesa do recanto para as refeições estavam os restos de um desjejum e um exemplar do *Washington Post* de domingo. O jornal estava desarrumado, as seções separadas.

Alguém o lera.

CAPÍTULO 4

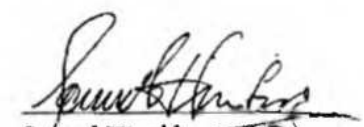
DIVISÃO DE SERVIÇOS DE LABORATÓRIO

Seção de Ciência Legal

Relatório de laboratório,13 de março de 1983.
Para: Alan Stedman
CC: Dr. Francis Caponegro
Seu caso: 50
REG LAB: 77-N-025
Vítima(s): Kintry, Thomas
Legista: Samuel Joshua Hirschbetg, Ph D.
Laboratório: Bethesda
Idade: 12
Raça: Negra
Sexo: M
Data do recebimento: 3 de março de 1983
Suspeito(s): Nenhum
Provas apresentadas por: Dr. Alan Stedman
Um vidro de sangue e um vidro de urina para verificação de álcool e tóxicos.

Resultados dos exames:

Sangue: 0,06% etanol peso/volume
Urina: 0,08% etanol peso/volume
Sangue e urina: Negativo para quantidades significativas de cianureto e fluoreto; negativo para barbitúricos, carbamatos, glutarimídeos e outras drogas sedativo-hipnóticas; negativo para anfetaminas, anti-histaminas, fenciclidina, benzodiazepina; negativo para narcóticos e analgésicos, naturais e sintéticos; negativo para antidepressivos tricíclicos e monóxido de carbono; negativo para metais pesados. Positivo: cloreto de sucinilcolina, 18 miligramas.



Samuel Hirschberg, Ph.D.
Toxicologista

CAPÍTULO 5

“Há uma doutrina escrita em segredo segundo a qual o homem é um prisioneiro que não tem o direito de abrir a porta e fugir; esse é um mistério que não posso compreender. Contudo, acredito também que os deuses são nossos guardiões e que nós, homens, somos posses deles."

Kinderman pensou nessa passagem de Platão. Como poderia evitar? Marcava o seu caso.

— Qual o sentido? — perguntou Kinderman aos outros. — Como pode ser?

Estavam sentados em torno de uma mesa, no meio da sala dos detetives, Kinderman, Atkins, Stedman e Ryan. Kinderman precisava de atividade ao seu redor, o movimento seguro de um mundo em que havia ordem e cujo chão não desaparecia sob seus pés. Ele precisava da lua.

— Claro que não é uma identificação positiva — disse Ryan. Coçou um músculo no antebraço. Como Stedman e Atkins, estava sem paletó, devido ao superaquecimento da sala. Deu de ombros e acrescentou: — Todos sabemos que os cabelos nunca podem oferecer uma identificação absolutamente positiva. Mesmo assim…

— Mesmo assim... — repetiu Kinderman. — Mesmo assim...

As medulas dos cabelos eram idênticas, na espessura, formato, tamanho e número por unidade de extensão das escamas sobrepostas das cutículas, nas duas amostras. Os cabelos encontrados na mão de Kintry tinham raízes recentes e arredondadas, o que indicava luta. Kinderman sacudiu a cabeça.

— Não pode ser — murmurou ele. — É *farblundjet*.

Baixou os olhos para a fotografia da mulher e depois para o copinho de chá em sua mão. Espetou o limão com um dedo, mexendo-o um pouco. Ainda estava de casaco.

— O que o matou?

— Choque — respondeu Stedman. — E asfixia lenta. — Todos sentiram um sobressalto, enquanto ele continuava: — Foi injetada uma droga chamada sucinilcolina. Dez miligramas para cada vinte quilos de peso do corpo causam a paralisia instantânea. Kintry tomou quase vinte miligramas. Não poderia se mexer ou gritar. E depois de dez minutos não poderia respirar. A droga ataca o sistema respiratório.

Um cone de silêncio envolveu-os, isolando-os do resto da sala, dos homens e máquinas movimentados e ruidosos. Kinderman podia ouvir, mas os sons eram

abafados e muito distantes, como preces esquecidas.

— Para que se usa essa... como é mesmo o nome? — perguntou Kinderman.

— Sucinilcolina.

— Adora dizer isso, não é mesmo, Stedman?

— É basicamente um relaxante muscular — explicou Stedman — É usado como anestesia. Principalmente em terapia de eletrochoque.

Kinderman assentiu e o patologista acrescentou:

— Devo ressaltar que a droga quase não deixa margem para erro. A fim de obter o efeito que desejava, o assassino tinha de saber o que estava fazendo.

— Então era um médico — disse Kinderman. — Talvez um anestesista. Quem pode saber? Pelo menos alguém com conhecimentos médicos, não é mesmo? E com acesso a essa droga, qualquer que seja o nome dela. Por falar nisso, encontramos uma seringa no local do crime?

— Não encontramos nenhuma seringa — disse Ryan, estoicamente.

— Já era de se esperar.

Kinderman suspirou. A busca no local do crime não proporcionara muita coisa. Era verdade que o malho tinha as marcas dos impactos nos pregos, mas as impressões digitais estavam borradas. Os exames antígenos de sangue, feitos com a saliva que havia nas pontas de cigarro, indicavam que o fumante tinha sangue tipo O, o mais comum de todos. Kinderman viu Stedman olhando para o relógio e disse:

— Vá para casa, Stedman. Você também, Ryan. Podem ir embora. Voltem pata suas famílias e falem dos judeus.

Foram trocadas amenidades de despedida e Ryan e Stedman escaparam para as ruas, só pensando agora no jantar e no tráfego. Enquanto Kinderman os observava se afastarem, a sala dos detetives voltou a ter vida para ele. Era como se fosse contagiado pelos pensamentos triviais deles; podia ouvir telefones tocando, homens gritando. Depois, eles passaram pela porta e os sons se desvaneceram.

Atkins ficou observando Kinderman tomar o chá, imerso em seus pensamentos; viu-o enfiar os dedos dentro do copinho, tirar a fatia de limão, espremê-la, deixá-la cair de novo no chá.

— Esta coisa sobre os jornais, Atkins…

Ele levantou os olhos e enfrentou o olhar firme de Atkins.

— Tem de ser um erro, tenente. Só pede ser. Há alguma explicação. Voltarei a verificar no *Post* amanhã.

Kinderman tornou a baixar os olhos para o chá e sacudiu a cabeça.

— Não adianta. Não vai descobrir nada. Sinto um calafrio na mente.

Alguma coisa terrível está rindo de nós, Atkins. Você não vai descobrir nada. — Tomou um gole do chá e depois murmurou: — Cloreto de sucinilcolina. Apenas o suficiente.

— E o que me diz da velha, tenente?

Ninguém a procurara ainda. Não haviam sido encontrados vestígios de sangue em suas roupas. Kinderman olhou para ele, subitamente animado.

— Conhece a vespa-caçadora, Atkins? Não, não conhece. Quase ninguém conhece. Não é uma vespa comum. Mas essa vespa é incrível. Um mistério. Para começar, seu período de vida é de apenas dois meses. Bem pouco tempo. Mas não importa, contanto que seja uma vida saudável. A vespa sai de seu ovo. É um bebê, uma coisa linda, uma pequena vespa. Mas em um mês está plenamente desenvolvida e tem os seus próprios ovos. Então, de repente, os ovos precisam de alimento. Mas é um tipo especial e apenas um tipo: um inseto vivo, Atkins... uma cigarra, por exemplo. Isso mesmo, as cigarras são ótimas. Vamos ficar nas cigarras. Mas a vespa-caçadora pensa em tudo. Ninguém sabe como. É um mistério. Ora, esqueça. Não tem importância. O fato é que o alimento deve estar vivo. A putrefação seria fatal para o ovo e a larva, enquanto uma cigarra viva e normal esmagaria o ovo ou então o comeria. Assim, a vespa não pode jogar uma rede sobre um bando de cigarras, depois dá-las aos ovos e dizer: “Aqui está o jantar”. Você pensou que a vida era fácil para as vespas, hein, Atkins? Apenas voar e picar durante o dia inteiro, na maior alegria? Não, não é tão fácil assim. De jeito nenhum. Há muitos problemas. Mas se a vespa consegue simplesmente *paralisar* a cigarra, o problema estará resolvido e haverá comida na mesa. Para fazer isso, no entanto, a vespa precisa saber exatamente onde *picar* a cigarra, o que exigiria um conhecimento total da anatomia da cigarra, Atkins — e as cigarras estão cobertas por aquelas armaduras —, e tem de calcular exatamente quanto veneno injetar. A menos ou a mais, a cigarra voa ou morre. É necessário todo esse conhecimento médico-cirúrgico. Não precisa ficar assim, Atkins. Está tudo bem. Todas as vespas-caçadoras, por toda parte, enquanto ficamos sentados aqui, estão cantando *Não chores por mim, Argentina*, enquanto paralisam insetos por todo o país. Não é espantoso? Como isso é possível?

— É o instinto — disse Atkins, sabendo o que Kinderman queria ouvir.

Kinderman ficou furioso.

— Nunca diga “instinto”, Atkins, e eu lhe dou minha palavra de que também nunca falarei em "parâmetros”. Será que não podemos encontrar um meio de convivência?

— Que tal "instintivo”?

— Também *verbolen* (Proibido). Instinto... O que é instinto? Um nome explica tudo? Alguém diz que o sol não se levantou hoje em Cuba e você

responde: “Não tem importância. Hoje é o Dia em que o Sol não se Levantou em Cuba". Isso explica? Dê um rótulo e levante a cortina para o milagre, certo? Pois vou lhe dizer uma coisa. Também não fico impressionado por palavras como “gravidade”. Muito bem, isso é outro *tsimmis.* Mas voltemos à vespa-caçadora, Atkins. É espantoso. Faz parte da minha teoria.

— Sua teoria sobre o caso?

— Não sei. Pode ser. Talvez não. Estou apenas falando. Mas não, Atkins, é outro caso. Muito maior. — Fez um gesto abrangente. — Está tudo relacionado. Quanta à velha, enquanto isso…

A voz de Kinderman definhou e uma trovoada distante ressoou debilmente. Ele olhava agora para uma janela, onde uma chuva leve começava a bater, hesitante. Atkins remexeu-se em sua cadeira.

— A velha... — murmurou Kinderman, com os olhos vagos. — Ela está nos levando ao mistério, Atkins. Mas hesite em segui-la. Isso mesmo.

Kinderman continuou a olhar para dentro por algum tempo. Depois, abruptamente, amassou o copinho vazio e jogou-o fora. Caiu na cesta de papéis, perto da porta. Ele levantou-se.

— Vá visitar sua namoradinha, Atkins. Mastigue chicletes e tome uma limonada. E se divirta. Quanto a mim, vou embora. *Adieu*.

Mas, por um momento, continuou parado ali, olhando ao redor. Atkins disse:

— Tenente, está com ele.

Kinderman levou a mão à aba do chapéu.

— Estou mesmo. Tem razão. Boa observação, Atkins. Um ponto a seu favor.

Kinderman continuou parado ao lado da mesa, pensativo.

— Jamais confie nos fatos — balbuciou ele. — Os fatos nos odeiam. Cheiram mal. Odeiam os homens e odeiam a verdade.

Abruptamente, ele virou-se e afastou-se. Mas voltou um instante depois, vasculhando os bolsos à procura de livros.

— Só mais uma coisa, Atkins. — O sargento levantou-se. — Espere um instante.

Kinderman folheou os livros e finalmente murmurou um “Ah!", ao extrair das páginas de uma obra de Teilhard de Chardin um bilhete que escrevera no verso de um papel de bala. Levou-o ao peito.

— Não olhe, Atkins.

— Não estou olhando.

— Assim é melhor. — Cautelosamente, Kinderman estendeu o papel e começou a ler: — “Outra fonte de convicção na existência de Deus, relacionada

com a razão e não com os sentimentos, é a extrema dificuldade ou mesmo a impossibilidade de conceber este imenso e maravilhoso universo como o resultado do acaso cego ou da necessidade".

Kinderman guardou o pedaço de papel e levantou os olhos.

— Quem escreveu isso, Atkins?

— Você.

— O teste para tenente só acontecerá no próximo ano. Dê outro palpite.

— Não sei.

— Charles Darwin. Em *A origem das espécies*.

E, com isso, Kinderman partiu. Mas tornou a voltar.

— Mais uma coisa, Atkins. — Ele estava com o nariz a does ou três centímetros do rosto do sargento, e com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. — O que significa Lúcifer?

— Portador de Luz.

— E qual é a essência do universo?

— Energia.

— E qual é a forma mais comum de energia?

— Luz.

— Sei disso.

E, com isso, o tenente tornou a se afastar, atravessando lentamente a sala dos detetives e descendo a escada.

E dessa vez não voltou.

A policial Jourdan estava sentada na sombra, num canto da sala de detenção. A velha estava banhada pelos raios estranhos de uma lâmpada cor de âmbar, acima de sua cama. Estava imóvel e silenciosa, com os braços dos lados do corpo, e os olhos vazios contemplando os seus sonhos. Jourdan podia ouvir-lhe a respiração regular e mais tamborilar da chuva contra uma janela. Mudou de posição na cadeira, procurando ficar o mais confortável possível. Fechou os olhos, sonolenta. E depois, subitamente, tornou a abri-los. Havia um som estranho na sala. Alguma coisa estalando. Bem de leve. Apreensiva, Jourdan esquadrinhou a sala. Não sabia que estava assustada até que suspirou instintivamente de alívio ao descobrir que o som fora causado por cubos de gelo mudando de posição num copo ao lado da cama. Viu a porta se abrindo. Era Kinderman, que entrou sem fazer barulho.

— Pode dar uma volta — disse ele a Jourdan.

Ela saiu, com um sentimento de gratidão. Kinderman passou algum tempo a olhar fixamente pata a mulher. Depois tirou o chapéu e perguntou, gentilmente:

— Está se sentindo bem, minha cara?

A velha não disse nada. Depois, abruptamente, seus braços se levantaram e

as mãos efetuaram os movimentos padronizados e misteriosos que Kinderman vira na Casa de Barcos Potomac. Kinderman pegou cuidadosamente uma cadeira e colocou-a suavemente ao lado da cama. Sentou-se e ficou observando-a atentamente. Os movimentos tinham um significado. Mas qual seria? As mãos projetavam sombras na parede oposta, hieróglifos pretos, emaranhados, como um código. Kinderman estudou o rosto da mulher. Tinha uma expressão de santidade, e havia nos olhos algo estranhamente parecido com anseio.

Kinderman ficou sentado àquela luz estranha por quase uma hora, com o barulho da chuva, de sua respiração e de seus pensamentos. Meditou sobre os *quarks* e os comentários de físicos de que a matéria não era constituída de coisas, mas apenas processos num mundo de sombras e ilusões em constante transformação, um mundo em que os neutrinos eram considerados fantasmas e os elétrons podiam voltar para trás no tempo. “Olhe diretamente para as estrelas mais fracas e elas desaparecem”, pensou ele; “sua luz atinge apenas cones no olho, mas olhe para o lado e vai vê-las, pois a luz se espalha.” Kinderman sentiu que, naquele universo novo e estranho, devia olhar para o lado, a fim de resolver o seu caso. Rejeitava o envolvimento da velha no assassinato; contudo, de alguma forma que não podia explicar, ela o encarnava. O instinto era desconcertante, mas forte, sempre que afastava os pensamentos dos fatos.

Quando os movimentos da velha finalmente cessaram, o detetive levantou-se e olhou para a cama. Segurando o chapéu pela aba com as duas mãos, disse:

— Boa noite, dona. Desculpe tê-la incomodado.

E saiu. Jourdan estava fumando no corredor. O detetive aproximou-se e estudou-a atentamente. Ela parecia apreensiva.

— A velha falou alguma coisa?

Jourdan soprou a fumaça e sacudiu a cabeça.

— Não, não disse nada.

— E comeu?

— Um pouco de mingau de aveia. E sopa.

Ela bateu a cinza que não existia. Kinderman comentou:

— Você parece perturbada.

— Não sei o que há comigo. Mas a gente fica arrepiada lá dentro. Claro que não há motivo. É apenas um pressentimento. — Jourdan deu de ombros. — Não sei.

— Você está muito cansada. Vá para casa, por favor. Há enfermeiras.

— Todas são iguais. Detesto ter que deixá-la. Ela é patética demais. — Jourdan bateu a cinza de novo, com os olhos um pouco irrequietos. — Acho que estou exausta. Pensa mesmo que devo ir embora?

— Você foi maravilhosa. E agora é melhor ir para casa.

Jourdan parecia aliviada

— Obrigada, tenente. Boa noite.

Ela virou-se e afastou-se rapidamente. Kinderman ficou observando-a. "Ela também sentia a mesma coisa", pensou ele. "Mas o quê? Qual é o problema? Não fora a velha."

Kinderman observou uma faxineira velha trabalhando, passando um esfregão pelo chão, com um lenço vermelho na cabeça. "É uma faxineira trabalhando e nada mais'', pensou ele.

Outra vez em contato com a normalidade, voltou para casa. Ansiava por sua cama.

Mary estava à sua espera na cozinha, sentada à mesa pequena, usando um chambre azul-claro de lã. Tinha um rosto vigoroso e olhos brejeiros.

— Olá, Bill. Você parece cansado.

— Meus olhos pesam uma tonelada.

Beijou-a na testa e sentou-se.

— Está com fome, Bill?

— Não muita.

— Há um pouco de peito de galinha

— E a carpa?

Mary riu.

— Como foi o seu dia, Bill?

— Muito divertido, como sempre.

Mary já sabia de Kintry. Ouvira as notícias. Mas haviam combinado muitos anos antes que o trabalho de Kinderman jamais se intrometeria na paz de sua casa, pelo menos não como um assunto de conversa. As chamadas noturnas não podiam ser evitadas.

— Quais são as novidades? — perguntou ele. — Como está Richmond?

Ela fez uma careta.

— Comemos um desjejum muito tarde por lá, ovos com bacon e germe de trigo. Mamãe não pôde deixar de comentar em voz alia: "Esses judeus estão doidos"

— E onde está a nossa venerável *mavin* ("Expert", "especulúlti". Em iidiche no original N.E.) do fundo do rio?

— Dormindo.

— Graças a Deus.

— Seja mais delicado, Bill. Ela pode ouvi-lo.

— No sono? Mas claro, claro, amor. O Fantasma da Banheira está sempre vigilante. Ela sabe que posso fazer alguma coisa maluca com aquele peixe. Quando vamos comer a carpa, Mary? Estou talando sério.

— Amanhã.

— Então esta noite também não há banho, *nu*?

— Você pode tomar banho de chuveiro.

— Quero um banho com muita espuma. Será que a carpa se importaria com a espuma? Estou disposto a negociar uma reaproximação. Por falar nisso, onde está Julie?

— Na aula de dança.

— Aula de dança à noite?

— São apenas oito horas, Bill.

— Ela só deveria dançar durante o dia. É melhor.

— Melhor como?

— É mais claro lá fora. E melhor. Ela pode ver os sapatos de ponta. Somente as *goyim* (Plural de "goy", "não judeu". Em iidiche no original N.E.) dançam no escuro. As judias tropeçam. E não gostam.

— Bill, tenho uma notícia de que você não vai gostar.

— A carpa teve quíntuplos.

— Chegou perto. Julie quer mudar seu sobrenome para Febré.

O detetive estava apático.

— Não pode estar falando sério.

— Estou, sim.

— Não está, não. Está brincando.

— Ela diz que pode ser melhor para sua imagem como bailarina.

Kinderman murmurou, sem qualquer inflexão:

— Julie Febré.

— Por que não?

— Os judeus são *farmischt* e não Febré. É isso o que acontece com toda a mistura em nossa cultura? Daqui a pouco vai aparecer o dr. Bernie Feinerman para ajeitar o nariz dela, a fim de combinar com o nome. E depois vem a Bíblia e o Livro de Febré, E a Arca não terá nada que se pareça com um gnu, mas apenas bichos de aparência impecável, com nomes como Melody ou Tab, todos esnobes de Dubuque. E algum dia vão encontrar os remanescentes da Arca em Hamptons. E devemos agradecer a Deus pelo fato de o faraó não estar por aqui, aquele *goniff* (Pessoa oportunista e inescrupulosa. Em iidiche no original N.E.)... ele estaria rindo de nossa cara neste momento.

— As coisas poderiam ser piores, Bill.

— É possível.

— A Arca faz uma parada em Richmond?

Ele estava com o olhar perdido no espaço.

— Os Salmos de Lance — murmurou. — Estou me afogando.

— Boa noite, Bill. Eu o amo.

Kinderman suspirou e baixou a cabeça até o peito.

— Por favor, querido, vá se deitar — disse Mary. — Você está exausto.

Ele assentiu.

— Tem razão, estou mesmo cansado. — Kinderman levantou-se e foi beijá-la no rosto. — Boa noite, benzinho.

— Eu também a amo.

Kinderman subiu e poucos minutos depois já estava dormindo.

Sonhou. A princípio, estava voando sobre campos de cores intensas. Não demorou muito para que surgissem aldeias e depois cidades, que eram ao mesmo tempo comuns e estranhas. Tinham a aparência que deveriam ter, mas eram de alguma forma esquisitas, e ele sabia que nunca poderia descrevê-las. Como em qualquer outro sonho, não tinha sensação do corpo. Apesar disso, sentia-se vigoroso e forte. E o sonho era lúcido: sabia que estava dormindo em sua cama e sonhando, tinha uma recordação total dos acontecimentos do dia.

Subitamente, estava de pé no interior de um prédio titânico, feito de pedra. As paredes eram lisas e de uma cor rosa suave, inclinando-se para um teto de altura espantosa. Tinha a impressão de estar numa vasta catedral. Uma imensa extensão estava ocupada por camas do tipo que se encontra em hospitais, estreitas e brancas. Havia centenas de pessoas, talvez mais, empenhadas em diversas atividades, todas tranquilas. Algumas estavam sentadas ou deitadas em suas camas, enquanto outras andavam de um lado para outro, metidas em pijamas ou usando chambres. A maioria estava lendo ou conversando. Um grupo de cinco, perto de Kinderman, reunia se em tomo de uma mesa, na qual havia alguma espécie de transmissor de rádio. Seus rostos estavam concentrados, e Kinderman ouviu um deles dizer:

— Pode me ouvir?

Seres estranhos circulavam, homens alados, como anjos, usando uniforme de médico. Deslocavam-se entre as camas e as colunas de sol que entravam pelas janelas redondas, de vidro fosco. Pareciam estar ministrando medicamentos ou se empenhando numa conversa em voz baixa. O clima geral era de paz.

Kinderman foi andando entre as fileiras de camas, que se estendiam até onde sua vista podia alcançar. Ninguém o notou, com exceção talvez de um anjo, que virou a cabeça e fitou-o cordialmente enquanto passava, voltando depois a seu trabalho.

Kinderman avistou seu irmão Max. Ele fora um estudante rabínico por anos, até sua morte, em 1950. Como em sonhos comuns, nos quais os mortos nunca são percebidos como tal, Kinderman encaminhou-se para Max, sem qualquer pressa, e sentou-se com ele na cama.

— Estou contente em vê-lo, Max. — Uma pausa, e acrescentou: — Agora estamos *ambos* sonhando.

O irmão sacudiu a cabeça gravemente e respondeu:

— Não, Bill, *eu* não estou sonhando.

E Kinderman lembrou-se de que ele estava morto. Junto com essa compreensão súbita veio uma certeza absoluta de que Max não era uma ilusão. Kinderman cumulou-o de perguntas sobre a vida posterior.

— Todas essas pessoas estão mortas?

Max assentiu.

— É um mistério.

— Onde estamos? — indagou Kinderman.

Max deu de ombros.

— Não sei. Não temos certeza. Mas chegamos aqui primeiro.

— Parece um hospital — comentou Kinderman.

— E todos nós somos tratados aqui.

— Sabe para onde se vai depois?

— Não.

Continuaram a conversar, e Kinderman por fim perguntou, bruscamente:

— Deus existe, Max?

— Não no mundo dos sonhos, Bill.

— E o que é o mundo dos sonhos, Max? Este aqui?

— É o mundo em que meditamos sobre nós mesmos.

Quando Kinderman o pressionou para explicar a resposta, as declarações de Max tornaram-se vagas, indefinidas. E ele disse, em determinado momento:

— Temos duas almas.

Kinderman ficou outra vez indeciso e inseguro, o sonho começou a se desvanecer, pelas beiras, tornando-se cada vez mais insubstancial, até que finalmente Max era um fantasma balbuciando coisas incompreensíveis.

Kinderman acordou e levantou a cabeça. Através de uma fresta nas cortinas de uma janela, avistou a claridade do amanhecer. Deixou a cabeça recair no travesseiro e pensou no sonho. O que significava?

— Anjos médicos — murmurou ele, em voz alta.

Mary remexeu-se ao lado dele, no sono. Kinderman deixou a cama sem fazer barulho e foi para o banheiro. Tateou à procura do interruptor. Depois de encontrá-lo, fechou a porta e acendeu a luz. Levantou a tampa do vaso e urinou. Enquanto o fazia, olhou para a banheira. Viu a carpa deslizando indolentemente. Desviou os olhos, sacudindo a cabeça.

— *Momzer* — murmurou.

Kinderman puxou a descarga, pegou seu chambre num dos ganchos atrás da

porta, apagou a luz e desceu. Preparou um chá e se sentou à mesa, imerso em seus pensamentos. Seria o sonho do futuro? Um prenúncio de sua morte? Sacudiu a cabeça. Não, seus sonhos do futuro tinham uma estrutura definida. E aquele não tinha. Aquele era diferente de qualquer outro sonho que já tivera. Afetara-o profundamente.

— Não no mundo dos sonhos — murmurou. — Duas almas. É o mundo em que meditamos sobre nós mesmos.

Seria o sonho uma iniciativa do seu inconsciente, oferecendo-lhe pistas para o problema do sofrimento? *Talvez*. Lembrou-se de “Visões", um ensaio de Jung, que descreve o encontro do psiquiatra com a morte. Ele estava hospitalizado, em coma, quando subitamente sentira que deixava o corpo e se elevava pelo espaço, acima do planeta. Quando estava prestes a entrar num templo que flutuava no espaço, a silhueta de seu médico aparecera, assumindo a forma arquetípica, a de um caduceu de *Cós*. O psiquiatra censurara-o, exigindo que o devolvesse a seu corpo, a fim de poder concluir o seu trabalho na Terra. E, um instante depois, Jung estava acordado em seu leito no hospital. Sua primeira emoção fora de preocupação por seu médico, porque lhe aparecera na sua forma arquetípica; e o médico caíra doente poucas semanas depois e não demorara a morrer. Mas as emoções predominantes que Jung experimentara — e continuara a sentir pelos seis meses subsequentes — foram depressão e raiva por estar de volta a um corpo, um mundo e um universo que agora percebia como “caixas”. Seria essa a resposta?, perguntou-se Kinderman. Seria o universo tridimensional uma construção artificial, na qual se deveria entrar para a solução de problemas específicos, que não poderiam ser resolvidos de outra maneira? O problema do mal existiria no mundo por desígnio? A alma assumiria um corpo, assim como os homens vestiam trajes de mergulho para entrar no oceano e trabalhar nas profundezas de um mundo estranho? Será que escolhíamos a dor que inocentemente sofríamos.

Kinderman se perguntou se seria possível para um homem ser um homem sem sofrimento ou pelo menos a possibilidade de sofrimento. O homem não seria a mesma coisa que um panda que joga xadrez? poderia haver honra, coragem ou bondade? Um deus que fosse bom não poderia deixar de intervir quando ouvisse o choro de uma criança que sofria. Contudo, Ele não o fazia. Ele continuava a olhar, apenas. Mas isso não aconteceria porque o homem lhe pedira para assumir tal atitude? Porque o homem deliberadamente escolhera a provação, a fim de poder ser homem, antes de os tempos começarem e os firmamentos surgirem?

Um hospital. Anjos médicos. “Todos nós somos tratados aqui. Claro’’, pensou Kinderman. "Tudo se ajusta. Depois da vida, vem uma semana na Porta

Áurea. Talvez também alguma Flórida. Não faria mal algum.’’

Kinderman afagou seus pensamentos por algum tempo e concluiu que a teoria do sonho desmoronava quando confrontada com o sofrimento dos animais superiores. O gnu certamente não escolhera a dor e o cão mais leal não tinha uma vida posterior. “Mas há alguma coisa aí”, pensou ele; “está perto.” Precisava de um salto final e surpreendente para conseguir que tudo tivesse sentido e ficasse preservada a bondade de Deus. E tinha certeza de que estava prestes a alcançar esse ponto.

Soaram passos na escada, rápidos e leves. Kinderman olhou para o lado e fez uma careta. Os passos se aproximaram da mesa. Ele levantou os olhos. A mãe de Mary estava parada ali. Tinha oitenta anos, era baixa; seus cabelos prateados estavam presos num coque. Kinderman examinou-a. Nunca antes vira um roupão preto.

— Eu não sabia que você estava acordado — disse ela, inescrutavelmente, com o rosto contraído.

— Pois estou acordado — disse Kinderman. — É um fato.

Ela pareceu pensar naquilo por algum tempo, depois foi até o fogão e disse:

— Vou fazer um chá.

— Já tomei.

— Tome mais.

Abruptamente, ela tornou a aproximar-se da mesa, encostou a mão na xícara de Kinderman e depois lançou-lhe um olhar como o que Deus devia ter exibido para Caim ao saber da notícia.

— Está frio — disse ela. — Vou fazer um chá quente. Kinderman olhou para o seu relógio. Quase sete horas.

O que teria acontecido com o tempo?

— Como estava Richmond? — perguntou ele.

— *Schvartzers*' ("Negros”, "pessoas de cor”. Em iidiche no original N.E.). Nunca mais me obrigue a ir lá.

Ela pôs uma chaleira no fogo, ruidosamente, e começou a murmurar em iídiche. O telefone tocou.

— Pode deixar que eu atendo — disse a mãe de Mary. Adiantou-se rapidamente e tirou o fone do gancho. — *Nu*?

Kinderman observou-a enquanto ela ouvia e depois estendia o fone, de cara amarrada.

— É para você. Outro dos seus amigos gângsteres.

Kinderman suspirou. Levantou-se e foi atender.

— Kinderman falando — disse ele, com voz cansada.

Ele escutou. Sua expressão tornou-se atordoada.

— Estarei aí num instante.

Desligou. Durante a missa das seis e mera, na Igreja da Santíssima Trindade, um padre católico fora assassinado. Estava no confessionário, escutando a confissão de alguém, quando fora decapitado.

Ninguém na igreja tinha qualquer ideia de quem fizera isso.

CAPÍTULO 6

SEGUNDA-FEIRA, 14 DE MARÇO

A existência de vida na Terra dependia de uma determinada pressão da atmosfera. Essa pressão, por sua vez, dependia da constante operação de forças físicas, que por sua vez dependiam da posição da Terra no espaço, que por sua vez dependia de uma determinada constituição do universo. E o que causava tudo isso?, perguntou-se Kinderman.

— Tenente?

— Estou com você, Horacio Hornblower. Qual é a nossa atual situação?

— Ninguém viu absolutamente nada fora do normal — disse Atkins. — Podemos dispensar os paroquianos?

Kinderman estava sentado num banco perto do local do crime, um dos confessionários dos fundos da igreja. Haviam fechado a porta do confessionário, mas o sangue ainda escorria pela nave, dividindo-se em poças separadas, indiferentemente, enquanto a turma do laboratório circulava. Todas es portas da Igreja da Santíssima Trindade estavam fechadas, e havia um guarda uniformizado vigiando cada uma. O pároco recebera permissão para entrar, e Kinderman viu-o conversando com Stedman. Estavam parados perto do altar lateral à esquerda, na frente de uma imagem da Virgem Maria. O velho padre acenava com a cabeça de vez em quando, mordendo o lábio inferior. Seu rosto tinha uma expressão de dor reprimida.

— Está certo, pode deixá-los sair — disse o tenente a Atkins. — Mantenha apenas as quatro pessoas que foram testemunhas. Tenho uma ideia.

Atkins assentiu e depois procurou um local mais elevado, de onde pudesse anunciar aos devotos dispersos, ainda na igreja, que estavam dispensados. Acabou se decidindo pela galeria do coro e encaminhou-se para lá.

Kinderman refugiou-se em seus pensamentos. O universo seria eterno? “Pode ser. Quem sabe?” Um dentista imortal podia fazer obturações para sempre. Mas o que sustentava o universo agora? O universo seria a causa de sua própria constituição? Faria alguma diferença se os elos de corrente de causa e efeito se estendessem indefinidamente? “Não ajudaria”, concluiu o detetive. Ele imaginou um trem de carga transportando balas da pequena fábrica de munições perto de Cleveland, onde sempre julgara que eram fabricadas. Cada vagão era movido pelo que estava na frente. Nenhum vagão se movia por si mesmo.

Prolongando-se até o infinito, os vagões não dariam a qualquer outro vagão o que careciam, que era movimento. Zero vezes infinito é igual a zero. O trem não podia se mexer a menos que fosse puxado por uma locomotiva, alguma coisa que fosse totalmente diferente de um vagão.

O Motor Primal sem Motor. A Causa Primeira sem Causa. Seria uma contradição?, perguntou-se Kinderman. Se tudo devia ter uma causa, por que não Deus? O detetive estava efetuando um mero exercício e imediatamente respondeu a si mesmo que o princípio da causalidade derivava da observação do universo material, uma coisa específica. Seria o único traje no cabide das possibilidades? Por que não outra espécie de coisa, inteiramente diferente, fora do tempo, espaço e matéria? A chaleira pensa que é a única coisa que existe?

— Eu estava pensando, tenente...

Kinderman virou-se e olhou para Ryan.

— Quer que eu chame a United Press ou devemos manter esse milagre aqui na igreja?

— Devemos procurar as impressões digitais que ficaram naqueles painéis corrediços dentro do confessionário.

— Por que acha que convocamos este encontro? Procure as impressões do lado de fora dos painéis e também por dentro, dando uma atenção especial aos pequenos puxadores de metal.

— Do lado de dentro só se encontrariam as impressões do padre — comentou Ryan. — De que adiantaria?

— Estou prolongando o trabalho. O departamento passou a me pagar por hora. Se ficasse de olho no seu encanador, agora não estaria me fazendo perguntas ridículas.

Ryan insistiu:

— Não vejo qualquer interesse nas impressões do padre.

— Pois então aceite como um ato de fé. Este é o lugar apropriado.

— Está bem.

Ryan afastou-se, deixando novamente Kinderman com a sensação de doença, o sentimento de desespero que o dominava. Ele retornou à luta para reorganizar suas convicções. “Isso mesmo, este é o lugar apropriado’’, pensou. “É o momento.” Podia ouvir os passos dos paroquianos deixando a igreja, saindo para as ruas à luz do dia. “Um astronauta americano pousa em Marte e encontra uma câmera na superfície”, pensou. Como explicaria a presença da câmera ali? Podia pensar que seu pouso não tivesse sido o primeiro. "Mas não foram os russos. É uma Nikkon. Cara demais.” Mas talvez tivesse ocorrido um pouso de alguma outra nação. Ou poderiam ser seres extraterrenos que haviam primeiro visitado o planeta Terra e pegado a câmera para estudo. Ele podia pensar que seu

governo lhe mentira e enviara outros americanos antes. Podia até concluir que estava sofrendo de alucinações, sonhando todo o episódio. Mas a única coisa que ele não faria, Kinderman sabia, era pensar que, como Marte fora bombardeado por meteoritos e agitado por erupções vulcânicas, era razoável se admitir que, ao longo de muitos bilhões de anos, praticamente qualquer arranjo de seus materiais poderia ter acontecido, e que a câmera era simplesmente uma dessas combinações fortuitas. “Eles lhe diriam que ficou totalmente *meshugge*[1] ("Doido", "biruta". Em iidiche no original N.E.) com a exposição a alguma espécie de raio cósmico e depois o meteriam numa instituição especial, com uma porção de *matzohs* (Pães ázimos, comidos pelos judeus durante a Páscoa N.E.) e um emblema de cadete do espaço.” Obturador, lente, regulador de velocidade, diafragma, foco automático. Um artefato poderia ter-se formado pelo acaso?

No olho humano há dezenas de milhões de conexões elétricas que podem manipular dois milhões de mensagens simultâneas; ainda que só se veja a luz de um fóton.

Um olho humano é encontrado em Marte.

O cérebro humano, pouco mais de um quilo de tecido, contém mais de uma centena de bilhões de células cerebrais e quinhentos trilhões de conexões sinápticas. Sonhava e compunha música e as equações de Einstein, criava a linguagem, a geometria e as máquinas que exploravam as estrelas, acalentava uma mãe adormecida durante uma tempestade e a despertava ao mais leve grito de seu filho. Um computador capaz de manipular todas as suas funções cobriria a superfície inteira da Terra.

Um cérebro humano é encontrado em Marte.

O cérebro pode detectar uma unidade de mercaptan entre cinquenta bilhões de unidades de ar; se o ouvido humano fosse mais sensível, ouviria as moléculas de ar colidindo. As células do sangue se enfileiram quando encontram a constrição de uma pequena vera, as células do coração batem em ritmos diferentes, até entrar em contato com outra célula. Quando se tocam, passam a bater como uma só.

Um corpo humano é encontrado em Marte.

As centenas de milhões de anos de evolução desde o paramécio até o homem não resolviam o mistério, pensou Kinderman. O mistério era a própria evolução. A tendência fundamental da matéria era para uma desorganização total, para um estado final de pleno acaso, do qual o universo nunca poderia se recuperar. A cada momento suas conexões estavam sendo desfeitas e ele se lançava no vazio de sua própria dispersão inconsequente, como se estivesse ansioso por seu destino e impaciente pela morte de seus sóis que esfriavam. E, no entanto, ali estava a evolução pensou Kinderman, um furacão empilhando

palhas em medas, de uma complexidade sempre crescente, que negava a sua própria natureza. A evolução era um teorema escrito numa folha que flutuava contra a correnteza do rio. Um planejador estava em ação. "E o que mais? É tão evidente quanto pode ser. Quando um homem ouve o barulho de patas no Central Park não deve olhar ao redor à procura de zebras."

— Já esvaziamos a igreja, tenente.

O olhar de Kinderman fixou-se em Atkins e depois desviou-se para o confessionário, com o corpo do padre ainda lá dentro.

— Será mesmo, Atkins? Será mesmo?

Ryan estava passando um pó pelo lado externo dos painéis e Kinderman observou-o por um momento, com suas pálpebras gradativamente descaindo.

— Não se esqueça do lado de dentro — lembrou ele.

— Não esquecerei — murmurou Ryan.

— Ótimo.

Kinderman levantou-se com um suspiro e acompanhou Atkins até outro confessionário, no fundo e à direita das portas. As pessoas que Atkins retivera na igreja estavam sentadas nos dois últimos bancos. Kinderman parou para examiná-las. Richard Coleman, um advogado na casa dos quarenta anos, trabalhava no gabinete do procurador geral. Susan Volpe, uma atraente moça de vinte anos, era estudante da Universidade de Georgetown. George Paterno era o treinador de futebol americano da Bullis Prep, em Maryland. Era baixo e forte, e Kinderman calculou que devia ter trinta e poucos anos. Ao seu lado sentava se um homem bem-vestido, na casa dos cinquenta. Era Richard McCooey, um graduado de Georgetown e proprietário do 1789, um restaurante a um quarteirão da igreja. Kinderman o conhecia, pois ele também era proprietário de um popular restaurante num porão, The Tombs, onde o detetive se encontrara muitas vezes com um amigo falecido vários anos antes.

— Só mais umas poucas perguntas, por favor — disse Kinderman. — Levarei apenas um momento. Vou me apresentar. Primeiro, sr. Paterno. Poderia fazer a gentileza de entrar no confessionário?

O confessionário era dividido em três partes distintas. No compartimento do meio, equipado com uma porta, ficava sentado o confessor, no escuro, com o mínimo de claridade que entrava por uma grade no alto da porta. Os outros dois compartimentos, dos lados do confessor, tinham genuflexórios e portas. Havia um painel corrediço em cada parte. Quando um penitente fazia a confissão, o padre mantinha o painel do seu lado aberto. Terminada a confissão, ele fechava aquele painel e abria o do outro lado, onde um segundo penitente aguardava.

Por volta das seis e trinta e cinco daquela manhã, um homem com cerca de vinte anos, ainda não identificado, mas descrito como tendo olhos verdes, bem

claros, cabeça raspada e suéter de gola rulê, saiu do compartimento esquerdo do confessionário, depois de fazer uma confissão bastante longa. O lugar foi então ocupado por George Paterno. Nessa ocasião, o falecido, padre Kenneth Bermingham, antigo reitor da Universidade de Georgetown, virara-se para ouvir a confissão de um homem à direita, também ainda não identificado, mas descrito como usando calça branca e um blusão preto de lã, com capuz. Depois de seis ou sete minutos, esse homem saiu e o lugar foi ocupado por um homem idoso, com um saco de compras. Depois de um período descrito como “longo”, o velho saiu, aparentemente sem ter feito sua confissão, ainda mais porque Paterno estava na sua frente. Contudo, Paterno não saíra do confessionário. O lugar do velho fora ocupado por McCooey. Tanto ele como Paterno havia ficado esperando na escuridão. McCooey alegando que presumira estar o padre ocupado com Paterno, enquanto a história de Paterno era de que pensara que o homem de blusão ainda não terminara. Qualquer que fosse a verdade de suas declarações, o fato é que a vez de Volpe ou Coleman nunca chegara. Fora Coleman quem notara o sangue escorrendo por baixo da porta.

— Sr. Paterno?

Paterno estava ajoelhado no compartimento do penitente, do lado esquerdo. À cor estava gradativamente voltando ao que parecia ser uma pele azeitonada, bastante escura. Ele olhou para Kinderman, piscando os olhos.

— Enquanto estava no confessionário — continuou Kinderman —, o homem de blusão eslava do outro lado, depois entrou o velho e finalmente o sr. McCooey. Disse que ouviu o painel se fechando do lado oposto em determinado momento. Lembra-se disso?

— Lembro-me.

— E disse que presumiu que o homem de blusão terminara.

— Isso mesmo.

— Ouviu o painel deslizar de novo? Como se o padre se lembrasse de repente de que ainda havia uma coisa que queria dizer?

— Não, não ouvi.

Kinderman assentiu, depois fechou a porta de Paterno, entrou no compartimento do confessor e se sentou.

— Fecharei o painel do seu lado — disse a Paterno. — Escute com toda a atenção, por favor.

Fechou o painel do lado de Paterno. Depois, abriu o painel do outro lado, lentamente. Tornou a abrir o painel de Paterno.

— Ouviu alguma coisa?

— Não.

Kinderman pensou na resposta por algum tempo. Quando Paterno começou

a se levantar, disse:

— Fique onde está, por favor, sr. Paterno.

Kinderman saiu do compartimento do confessor e ajoelhou-se do lado do penitente da direita. Abriu o painel e olhou para Paterno.

— Feche o seu painel e preste atenção.

Paterno obedeceu. Kinderman enfiou a mão no compartimento do confessor, encontrou o puxador no fundo do painel e fechou-o o máximo que pôde, antes de esbarrar em seu pulso. Nesse ponto, largou o puxador de metal e, depois, usando a pressão das pontas dos dedos no seu lado do painel, empurrou-o pelo resto da distância, fechando-o com uma pancada abafada.

Kinderman levantou se e foi até o compartimento do penitente, do lado esquerdo. Abriu a porta e olhou para Paterno.

— Ouviu alguma coisa?

— Ouvi o painel fechar.

— Parecia o mesmo som que ouviu quando esperava que o padre se virasse para o seu lado?

— Exatamente o mesmo.

— *Exatamente* o mesmo?

— Exatamente

— Descreva-o, por favor.

— Descrevê-lo?

— Isso mesmo, descreva-o. Como foi o som?

Paterno parecia hesitante. Mas acabou dizendo, depois de uma pausa:

— Como se o painel deslizasse até certo ponto, parasse em seguida e tornasse a deslizar, até fechar.

— Então houve uma pequena hesitação ao deslizar?

— Exatamente como você acabou de fazer.

— E como pode ter certeza de que foi fechado?

— Houve um baque ao final. Um pouco alto.

— Mais alto do que o normal?

— Um pouco alto.

— Mais do que o habitual?

— Foi, sim. Bastante alto.

— E não fitou espantado por sua vez não chegar logo depois disso?

— Se eu fiquei espantado?

— Porque sua vez não chegou.

— Acho que fiquei.

— E quanto tempo se passou desde que ouviu o barulho até o momento em que o corpo foi descoberto?

— Não me lembro.
— Cinco minutos?
— Não sei.
— Dez minutos?
— Não sei.
— Foi mais de dez minutos?
— Não tenho certeza.
Kinderman digeriu as respostas por um momento e depois perguntou:
— Houve outros sons enquanto estava no confessionário?
— Vozes?
— Qualquer coisa.
— Não ouvi ninguém falando.
— Costuma ouvir vozes quando está no confessionário?
— Às vezes. Mas só quando as pessoas falam alto, como costuma acontecer no final, com o Ato de Contrição.
— Mas não ouviu nada dessa vez?
— Não.
— Não ouviu nenhuma palavra?
— Nenhuma.
— Nenhum murmúrio?
— Nenhum.
— Obrigado. Pode voltar ao seu lugar.
Desviando os olhos de Kinderman, Paterno levantou-se depressa e foi sentar-se junto com os outros. Kinderman observou-os. O advogado estava olhando para o relógio. O detetive disse-lhe:
— O velho com a sacola de compras, sr. Coleman.
O advogado fitou-o.
— Pois não?
— Quanto tempo acha que ele ficou no confessionário?
— Talvez sete ou oito minutos. Talvez um pouco mais.
— Ele continuou na igreja depois que terminou a confissão?
— Não sei.
— Notou alguma coisa, srta. Volpe?
A moça ainda estava abalada e fitou-o, aturdida.
— Srta. Volpe?
Ela teve um sobressalto.
— Pois não?
— O velho com a sacola de compras, srta. Volpe.
Depois da confissão, ele ficou na igreja ou foi embora?

Ela contemplou-o com os olhos vidrados por um momento e depois respondeu:

— Talvez eu o tenha visto ir embora, mas não tenho certeza.

— Não tem certeza?

— Não, não tenho.

— Havia alguma coisa esquisita no comportamento dele?

— Esquisita?

— Havia alguma coisa estranha no homem, sr. Coleman?

— Ele apenas parecia um pouco senil — respondeu Coleman. — Pensei que por isso ele demorara tanto.

— Disse que ele já devia passar dos setenta anos?

— E muito. Andava com dificuldade.

— Ele andou? Para onde?

— Para o seu banco.

— E depois ficou na igreja — disse Kinderman.

— Eu não disse isso. Foi para o seu banco e talvez tenha dito a penitência. É possível que tenha se retirado em seguida.

— Aceito a correção, sr. Coleman. Obrigado.

— Não foi nada.

Havia um brilho de satisfação nos olhos do advogado.

— E o homem de cabeça raspada e o homem de blusão? — acrescentou Kinderman. — Alguém pode me dizer se ficaram na igreja ou foram embora?

Não houve resposta. Kinderman olhou para a moça.

— Srta. Volpe, reparou alguma coisa estranha no homem de blusão?

— Não. . . Isto é, quase não olhei para ele.

— Mas pode dizer se ele estava irritado?

— Estava calmo. Apenas normal.

— Apenas normal?

— Isso mesmo. Estava estalando um pouco os lábios e mais nada

— Estalando os lábios?

— Isso mesmo.

Kinderman pensou naquilo por algum tempo. E finalmente declarou:

— Isso é tudo. Obrigado pelo tempo de vocês. Sargento Atkins, acompanhe-os até a porta. E depois volte aqui. É importante.

Atkins acompanhou as testemunhas até o guarda, na porta. Cobriu o percurso em oito passos, mas Kinderman observou-o com uma preocupação ansiosa, como se Atkins estivesse viajando para Moçambique e pudesse não voltar. Mas Atkins voltou e postou-se diante dele:

— Pois não, senhor?

— Mas uma coisa a respeito da evolução. Eles insistem em dizer que tudo é acaso, tão simples assim. Bilhões de peixes aparecem na praia, até o dia em que um peixe mais esperto olha ao redor e diz: "Maravilhoso. Miami Beach. Fontainebleau. Acho que vou ficar por aqui e respirar". Assim, que Deus me ajude, nasceu a lenda da Carpa de Piltdown. Mas é tudo um *schmeckle*. Se o peixe respira o ar, cai morto no mesmo instante, não há sobreviventes, a vida de *playboy* está acabada. Muito bem, essa é a fábula, na mente popular. Quer melhor? Tudo científico? Pois estou aqui para atendê-lo. A verdadeira história é que esse badejo que saiu do frio não fica na praia. Apenas respira um pouco, uma simples fungadela, uma pequena tentativa, depois volta ao CTI do oceano, passa a tocar banjo e a cantar as histórias de seus tempos felizes em terra. Passa o tempo fazendo isso e talvez consiga respirar mais um pouco. Não resta a menor dúvida de que é possível. Ou talvez não. Depois de toda essa prática, ele põe alguns ovos. E, quando morre, deixa um testamento dizendo que seus filhos devem tentar respirar na terra. Um testamento assinado: "Façam isso por seu pai. Com todo o amor, Bernie". E os filhos atendem. Assim continua, talvez por centenas de milhões de anos, os descendentes sempre tentando, a cada geração, cada vez melhor, porque toda essa prática está passando para os genes. E finalmente um deles, muito magro, de óculos, sempre lendo, jamais se divertindo no ginásio com os colegas, respira o ar e continua respirando, não demora muito está jogando boliche com os *schvartzers*. É desnecessário dizer, é claro, que todos os seus filhos não têm qualquer dificuldade em respirar ar durante todo o tempo. O único problema deles é andar e talvez vomitar. E essa é a história que sai das bocas dos cientistas para a sua credulidade. Está certo, estou simplificando. Mas não é o que eles também fazem? Hoje em dia, considera-se automaticamente gênio qualquer *schlump* que diz "vertebrado". Ou "filo". Isso lhe garantirá o ingresso de graça no Clube Cosmos. A ciência nos apresenta muitos fatos, mas bem pouco conhecimento. Em relação a essa teoria sobre o peixe há um pequeno problema... E Deus sabe que isso não os detém, embora esse problema torne toda a coisa impossível... pois acontece que toda essa prática de respirar não chega a parte alguma mesmo numa velocidade máxima. Cada peixe tem de recomeçar do início, e nada muda nos genes em apenas uma vida. O grande *slogan* para o peixe é "Um dia de cada vez".

"Não estou dizendo que sou contra a evolução. Está certa. Mas aqui está a história dos répteis. Pense nisso, Eles sobem para a terra seca e põem seus ovos, Até ai, tudo fácil, não é mesmo? Sem qualquer dificuldade. Mas o bebê réptil, no ovo, precisa de água, ou vai secar lá dentro e nunca nascerá. Além disso, precisa de comida... e muita comida... porque vai se tornar uma pessoa adulta, crescida. Mas não há por que se preocupar. Você precisa de alimento? Pois vai ter. Dentro

do ovo aparece um bocado de gema e diz ‘Aqui estou’. É a comida. E a clara do ovo toma a lugar da água. Só que a clara precisa de um invólucro em torno ou se evapora. E diz para você: ‘Estou indo embora’. E assim se forma uma casca resistente. O réptil está sorrindo. Mas ainda é cedo. A coisa não é tão fácil assim. Por causa dessa casca, o embrião não pode se livrar de seus refugos. Portanto, precisamos de uma bexiga. Isso o deixa um pouco nauseado? Pois vou me apressar. Há também necessidade de alguma espécie de *draydle*, alguma ferramenta que o pequeno embrião possa usar para escapar da casca dura. Há mais ainda, mas já é o bastante por enquanto. Vou parar por aqui, é o suficiente. E isso, Atkins, porque todas essas transformações, no ovo do réptil, têm de acontecer ao mesmo tempo! Está me entendendo? *Todas ao mesmo tempo*! Se falta uma delas sequer, está tudo acabado, e adeus, embriões. A gema do ovo não pode aparecer e depois ficar esperando um milhão de anos, até que a casca surja lépida e faceira e diga: ‘Desculpe o atraso, mas o rabino falou demais’. Ficaria tudo perdido. Cada mudança estaria *derhangenel* imediatamente, antes que a outra se processasse. Enquanto isso, estamos como répteis até os nossos *tokis*. Fale com as pessoas em Okeefenokee e elas lhe dirão. Mas como isso pode ter acontecido? Todas as mudanças que se deram no embrião aconteceram ao mesmo tempo, por uma incrível coincidência? Posso lhe garantir que essa é uma ideia que somente os idiotas adotam. Enquanto isso, em relação a este crime, o assassino também é o assassino de Kintry. Sem o uso de um agente paralisador instantâneo, não haveria nenhum assassinato aqui hoje. Teria ocorrido a maior gritaria. Não poderia acontecer. O segundo ponto é que temos agora cinco pessoas como suspeitas: McCooey, Paterno, o homem com a sacola de compras, o homem de cabeça raspada e o homem de calça branca e blusão preto de lã. São crimes brutais, bárbaros, estamos procurando um psicótico com conhecimentos médicos. Conheço McCooey e sei que ele é relativamente são, dentro de certos limites, inclusive o fato de que em seu quarto, faz questão de manter à sua vista cada peça de roupa que possui. Não tem qualquer conhecimento médico, ao que eu saiba. O mesmo acontece com Paterno. Mas, para manter as coisas certas, totalmente vinculadas à *emiss* ("Verdade". Em iídiche no original N.B.), obtenha de Bullis a história médica dele. Mas a verdade é que o assassino não precisa ficar esperando no confessionário. Portanto, McCooey e Paterno estão de fora. É um dos outros. O terceiro ponto é que o velho seria perfeitamente capaz de cometer o crime. A decapitação com um arame ou uma tesoura de poda não exige muita força. Uma faca afiada também poderia fazer a mesma coisa. Ou um bisturi. O velho ficou muito tempo no confessionário, e a suposta senilidade poderia ser uma encenação. Ele foi também o último a ver o padre. Esse é o roteiro principal. Mas o homem de blusão também pode ser o assassino. Ele

poderia fechar o painel, a fim de que o homem com a sacola de compras não percebesse que o padre estava morto. O velho está esperando, mas vai embora sem falar com o padre. É possível que ele estivesse com vontade de peidar. Ou que tenha ficado cansado. E se é senil, como Coleman pensa, talvez tenha pensado que fez a confissão, quando na verdade apenas cochilou no escuro. Esse é o segundo roteiro. No terceiro, o assassino é o homem de cabeça raspada. Ele mata o padre, fecha o painel e deixa o confessionário. Mas o homem de blusão viu o padre em seguida, o que significa que ele estava vivo. Pode ter acontecido assim. O homem de blusão está esperando enquanto o de cabeça raspada comete o assassinato. É possível que o homem de blusão esteja nervoso, com tanta espera, e resolva ir embora sem fazer a confissão. Pode ter pensado que estava perdendo a maior parte da missa. Qualquer razão é possível.” Kinderman fez uma pausa, antes de arrematar: "O resto é silêncio”.

O relato sobre o assassinato saíra numa cadência rápida e incisiva. Atkins desconfiava de que as divagações de Kinderman encobriam o funcionamento de sua mente em algum outro nível. Talvez até fossem necessárias para que esse nível funcionasse. O sargento assentiu. Estava curioso sobre as perguntas que Kinderman fizera antes a Paterno, a respeito dos sons dos painéis. Mas sabia que era melhor não perguntar.

— Tem impressões digitais para mim, Ryan? — perguntou Kinderman.

Atkins virou a cabeça. Ryan estava se aproximando, por trás dele.

— Temos uma porção — respondeu Ryan.

Kinderman fitou-o impassivelmente.

— Um único jogo de impressões bem claras será suficiente.

— Pois temos.

— Do lado de dentro e também de fora, é claro.

— Do lado de dentro, não.

— Pois vou começar a ler seus direitos — disse Kinderman. — Preste atenção.

— Como podemos trabalhar com aquele cadáver lá no confessionário?

Ali estava. As palavras haviam sido pronunciadas, Stedman acabara com o corpo há muito tempo. Todas as fotos já haviam sido tiradas. Restava apenas o exame de Kinderman. Ele o protelara. Conhecera o padre assassinado. Outro caso, havia muito tempo, pusera-os em contato. E de vez em quando, ao longo dos anos, tornara a encontrá-lo, junto com Dyer, que fora seu assistente. E uma vez tomaram uma cerveja no Tombs. Kinderman sempre gostara dele.

— Tem razão — disse o detetive a Ryan. — Obrigado pelo lembrete oportuno. Para ser franco, não sei o que eu faria sem você.

Ryan afastou-se e foi sentar-se na ponta de um banco. Cruzou os braços, de

cara amarrada. Kinderman encaminhou se para o outro confessionário, no fundo da igreja. Olhou para o chão. O sangue fora removido e os ladrilhos cinzentos e lisos brilhavam. Ainda estavam úmidos. O detetive ficou parado ali por algum tempo, respirando fundo. Depois, abruptamente, levantou os olhos e abriu a porta do confessionário. O padre Bermingham estava sentado na cadeira do compartimento. Havia sangue por toda parte, os olhos do padre morto estavam arregalados, exibindo uma expressão de terror. Kinderman teve de baixar os olhos para vê-los. Em posição vertical, virada para fora, a cabeça estava no colo de Bermingham. As mãos estavam dispostas como se a segurassem para mostrá-la.

Kinderman respirou fundo mais algumas vezes antes de se mexer. Levantou cuidadosamente a mão esquerda do padre. Examinou a palma e viu a marca de Gêmeos. Baixou a mão e largou-a. Examinou a outra. Estava faltando o dedo indicador direito.

Kinderman largou a mão e olhou para o pequeno crucifixo preto pendurado na parede, atrás da cadeira. Permaneceu imóvel, nessa posição, por algum tempo. Virou-se bruscamente e saiu do compartimento. Atkins estava ali. Kinderman enfiou as mãos nos bolsos do casaco e olhou pata o chão.

— Podem levá-lo — murmurou. — Avise Stedman. Podem tirá-lo e verificar suas impressões digitais.

Afastou-se lentamente para frente da igreja. Atkins observou-o, pensando: “Um homem tão grande e parece completamente desamparado". Viu Kinderman parar quase na frente da igreja e sentar num banco. Atkins virou-se e foi falar com Stedman.

Kinderman cruzou as mãos no colo e contemplou-as, pensativo. Sentia-se abandonado. “Desígnio e causalidade", pensou. “Deus existe. Sei disso. Muito bem." Mas em que Ele poderia estar pensando? Por que Ele não intervinha? “Livre-arbítrio. Muito bem Devemos mantê-lo.” Mas não haveria qualquer limite para a tolerância de Deus? Kinderman lembrou-se de uma frase de G. K. Chesterton: “Quando o dramaturgo entra em cena, a peça está acabada." “Pois então vamos acabar. Quem está precisando?’’ Seus pensamentos resvalaram para a possibilidade de Deus ser um ser de poder limitado. “Por que não?” A resposta era simples e direta. Mas Kinderman não podia deixar de resistir vigorosamente. “Deus, um rústico? Um pobre coitado? Não pode ser." O pulo de sua mente de Deus para a perfeição não teve transição. Era uma identidade sem movimento.

O detetive sacudiu a cabeça. Descobrira que a noção de um Deus que não fosse todo-poderoso era tão assustadora quanto a inexistência de um Deus. Talvez ainda mais. Sem Deus, a morte pelo menos era um final. Mas quem sabia o que um Deus com defeitos poderia fazer? Se fosse menos que todo-poderoso,

por que Ele não poderia também ser menos que todo-bom, como o Deus vaidoso, caprichoso e cruel de Jó? Com toda a eternidade à sua disposição, que novas torturas perversas Ele não poderia arquitetar?

Um Deus limitado? Kinderman tratou de repelir o pensamento. Deus, o Pai das órbitas e das nebulosas girando, o Pastor das luas de Saturno, o Autor da gravidade e do cérebro, a Presença nos genes e nas partículas subatômicas... Ele não podia dominar o câncer e a tiririca que invadia os gramados?

Kinderman olhou para o crucifixo acima do altar e, lentamente, sua expressão foi se tornando dura e exigente. "Qual é a sua participação nesta história do macaco? Vai ou não responder? Prefere chamar um advogado? Devo ler seus direitos? Fique calmo. Sou seu amigo. Posso lhe dar proteção. Basta que me responda a umas poucas perguntas, está certo?"

O rosto do detetive começou a se desanuviar e ele olhou para o crucifixo com humildade e admiração nos olhos. "Quem é você? O filho de Deus? Não, sabe que não acredito nisso. Perguntei apenas para ser polido. Não se importa que eu seja um pouco franco não é mesmo? Não pode fazer mal. E se a situação se tornar muito complicada, você sempre pode dar uma sacudidela nas janelas. Vou me calar. Apenas nas janelas, está bem? Não preciso de nenhum prédio caindo em cima da minha cabeça. Já tenho Ryan. Você reparou? Jó não teve de passar por essa aflição. Quem se intrometeu nesse departamento? Mas não importa. Não quero começar nenhuma encrenca. Não sei quem você é, mas sei que é Alguém. Quem pode deixar de constatar isso? Você é Alguém. Isso é tão claro quanto um riacho. Não preciso ter a prova de que você realizou todos aqueles milagres. Quem se importa com isso? Não tem nenhuma importância. Eu sei. E você sabe como eu sei? Pelo que você disse. Quando leio 'Amai a vosso inimigo', fico logo aflito, como se estivesse enlouquecendo, posso sentir alguma coisa flutuar dentro do meu peito, alguma coisa que dá a impressão de que lá esteve durante todo o tempo. É como se todo o meu ser, nesses poucos momentos, consistisse no total reconhecimento de uma verdade. E então sei que você é Alguém. Ninguém aqui da terra jamais poderia dizer o que você disse. Ninguém poderia sequer inventar. Quem poderia imaginar? As palavras o denunciam.

"Mais uma coisa, algo pequeno, que pensei que poderia partilhar com você. Por acaso se importaria? Mas por que deveria? Estou apenas falando. Lembra-se de quando os discípulos estavam no barco e o viram parado na praia e compreenderam que era você, que havia se levantado dos mortos? Pedro estava de pé no convés, inteiramente nu. E por que não? Ele é um pescador, é jovem, deve aproveitar. Mas naquele instante ele não pode esperar que o barco chegue à praia. Está muito emocionado, fora de si de alegria por constatar que é você.

Assim, pega o trapo mais próximo — lembra-se disso? —, mas não quer se retardar a vesti-lo. Amarra-o na cintura e salta do barco, sai nadando para a praia como um doido. Não é uma coisa e tanto? Fico exultante sempre que penso nisso. Não é uma imagem *goyscher* sagrada, cheia de reverência e formalismo, provavelmente de mentiras; não é alguma imagem apregoada, um mito projetado. Mal posso acreditar que tenha acontecido. É humano, surpreendente e real, tudo ao mesmo tempo. Pedro devia amá-lo muito.

"E eu também. Isso o espanta? Pois é verdade. Que você tenha existido é um pensamento que me proporciona refúgio, que os homens possam tê-lo inventado é um pensamento que me proporciona esperança; e mesmo agora o pensamento de que você possa existir me proporcionaria segurança e uma alegria que eu não poderia conter. Gostaria de afagar seu rosto e fazê-lo sorrir. Não poderia fazer mal.

"Mas já chega de amenidades. Quem é você? O que está querendo de nós? Que soframos como você sofreu na cruz? Pois é o que estamos fazendo. Por favor, não perca o sono a se preocupar com esse problema. Estamos todos muito bem sob esse aspecto. Estamos aguentando. Era basicamente isso o que eu queria lhe dizer. E também que o padre Bermingham, seu amigo, manda lembranças."

CAPÍTULO 7

TERÇA-FEIRA, 15 DE MARÇO

Kinderman entrou em sua sala às nove horas. Atkins o esperava. O relatório estava pronto.

Kinderman sentou-se à mesa e empurrou para o lado

alguns livros, a fim de arrumar espaço para o relatório datilografado. E pôs-se a estudá-lo. O uso de sucinilcolina no assassinato do padre estava confirmado. Haviam encontrado impressões digitais no puxador de metal e na madeira ao redor do painel, do lado direito do confessionário. Combinavam com as do outro lado do painel, o que dava para o penitente. E não eram do padre.

A informação do *Washington Post* não mudara. Atkins levantara a ficha de Paterno, mas Kinderman dispensou-a.

— Não tem o menor interesse — alegou ele. — Foi o homem com a sacola de compras ou o de blusão. Por favor, não me confunda com os fatos. Onde está Ryan?

— Está fora.

— Era de se imaginar.

Kinderman suspirou e recostou-se na cadeira. Ficou olhando fixamente para a caixa de lenços de papel, em cima da mesa. Parecia imerso em seus pensamentos.

— A talidomida cura a lepra — murmurou distraidamente. Inclinou-se abruptamente, na direção de Atkins. — Tem alguma ideia do motivo pelo qual a velocidade da luz deve ser a velocidade máxima no universo?

— Não. Por quê?

— Não sei. — Kinderman deu de ombros. — Estava apenas perguntando. E, já que estamos nisso, sabe o que diz a sua Igreja sobre a natureza dos anjos?

— Puro amor — respondeu Atkins

— Exatamente. Mesmo sendo um anjo caído. Por que nunca me disse isso antes?

— Nunca me perguntou.

— Tenho de pensar em cada pergunta?

Kinderman pegou na floresta de livros verdes um exemplar, e abriu-o onde estava o marcador, um papel encerado, dobrado, que outrora contivera picles.

— Deparei com esta passagem por acaso. Está aqui, neste livro chamado

Satã, de seus *lantzmen*, todos padres e teólogos católicos. Preste atenção. — O tenente começou a ler: — “O conhecimento de um anjo é perfeito. Por causa disso, o fogo do amor de um anjo não vai aumentando lentamente; não tem estágios de fogo lento; em vez disso, o anjo é imediatamente um holocausto, uma conflagração intensa, incendiado por um amor que jamais haverá de diminuir”. — Kinderman largou o livro entre os outros. — Diz também que essa situação nunca muda… anjo caído, anjo *shmallen*, o que quer que seja. E por que então toda essa história sobre demônios sempre *shmutzing* de um lado para outro, criando problemas para todo mundo? É uma piada. Não poderia ser. Não de acordo com a sua Igreja.

Estava procurando outro livro quando Atkins perguntou:

— Qual o significado das impressões digitais?

— Aqui está! — exclamou Kinderman, encontrando o livro que procurava e abrindo-o numa página virada ao contrário. — Podemos aprender alguma coisa com as aves.

— Podemos aprender alguma coisa com as aves? — indagou Atkins.

Kinderman lançou-lhe um olhar furioso.

— O que acabei de dizer, Atkins? Preste mais atenção. Escute o que diz este livro a respeito da petinha.

— Petinha?

Kinderman fitou-o com uma expressão inescrutável.

— Por favor, Atkins, não faça isso de novo.

— Não farei.

— Sei que não fará mesmo. Pois vou lhe falar agora sobre a petinha... — Kinderman esperou por um instante. — como a petinha faz seu ninho. É incrível.

Olhou para o livro e começou a ler:

— “A petinha usa quatro materiais de construção diferentes: musgo, fibra, liquens e penas. Primeiro, encontra um galho que se bifurca da maneira certa. O musgo é recolhido e colocado na forquilha. A maior parte do musgo cai, mas o passarinho persiste, até que alguns pedaços ficam grudados. Começa então o trabalho com as fibras, que a petinha esfrega no musgo até grudar, esticando depois e usando para firmar tudo. Essas atividades continuam até que uma plataforma tenha adquirido estrutura. A petinha volta ao musgo e começa a erguer uma taça em torno da plataforma, primeiro de lado, depois verticalmente, o que faz sentada, girando o corpo. Depois que a taça se forma, começam novos padrões de ação: compressão com o peito e bater das patas. E quando a taça está quase pronta, a petinha passa a colher liquens, para cobrir apenas o exterior do ninho, realizando uma série de manobras acrobáticas. Quando a taça está dois terços acabada, a rotina de construção é alterada, a fim de ficar um buraco de

entrada, do lado de acesso mais conveniente. A parede em torno da entrada é reforçada, o domo do ninho concluído. Começa agora o trabalho de revestimento interno com penas.”

Kinderman largou o livro.

— Você pensava que era muito simples fazer ninhos, Atkins? Alguma espécie de parede pré-fabricada que se produz em Phoenix? Pois pense no que realmente acontece! O passarinho deve ter alguma noção de como o ninho deve parecer. E deve saber também que um pouco de musgo aqui, um pouco de líquen ali constituem passos na direção de algum padrão ideal. Isso é inteligência? A petinha tem uma inteligência como a de um pé de feijão. Mas então o que orienta a sua atividade? Acha que Ryan poderia construir um ninho assim? Mas não importa. E como um ponto secundário, uma pequena espetadela, onde está o tal ‘estímulo’ que os behavioristas dizem que é necessário para que esse passarinho realize todas as operações, treze tipos diferentes de trabalho de construção? B. F. Skinner fez uma coisa muito interessante: na Segunda Guerra Mundial, treinou pombos para serem pilotos camicases. Isso é um fato. Pode procurar a confirmação em algum livro. Os pombos tinham pequenas bombas amarradas na barriga. Mas acontece que estavam sempre se perdendo e faziam seu vôos explosivos sobre a Filadélfia. E aí está o livre-arbítrio do homem. As impressões digitais nada significam, apenas confirmam o que eu já sabia. O assassino tem de fechar o painel, a fim de que o penitente seguinte não veja o padre morto. E também tem de fazer com que suspeitemos de outra pessoa. Esse é também o significado do som muito alto que Paterno ouviu quando o painel do outro lado foi fechado. O assassino queria convencer quem estivesse por perto de que concluira sua confissão e o padre ainda estava vivo, por ouvirem-no fechar o painel. Esse é também o significado do fato de o som ter sido interrompido por um instante, conforme disse Paterno. O deslizar, uma pausa, depois o fechamento do painel. O assassino não poderia empurrar o painel até o fim pelo lado de dentro. E terminou de fazê-lo pelo lado de fora. As impressões digitais são do assassino. Isso elimina o homem de cabeça raspada. Ele ficou no lado esquerdo. As impressões e os sons estranhos são do lado direito. O assassino é o velho com a sacola de compras ou o homem de blusão preto de lã.

Kinderman levantou-se e foi pegar seu casaco.

— Vou visitar Dyer no hospital. Procure a velha, Atkins. Verifique se ela já está falando. A pasta de Gêmeos chegou?

— Ainda não.

— Dê um telefonema a cobrar. E convoque as testemunhas da igreja, providencie retratos falados dos suspeitos. *Avanti*. Eu o verei nas águas de Babilônia. Sinto que devo estar preparado para lamentações profundas. — Parou

na porta. — O chapéu está na minha cabeça?

— Está, sim.

— É apenas uma conveniência.

Kinderman passou pela porta, mas voltou um instante depois.

— Um tema para discussão, em alguma outra ocasião: quem usaria calça branca no inverno? Um pensamento. *Adieu*. Não se esqueça de mim.

Passou de novo pela porta e não voltou. Atkins estava sem saber por onde começar.

Kinderman deu duas paradas a caminho do Hospital Geral de Georgetown. Chegou ao balcão de informações com um saco cheio de hambúrgueres do White Tower. Tinha no braço um urso grande de pelúcia, vestido com um short azul-claro e uma camiseta.

— Oi, moça! — chamou Kinderman.

A moça da recepção olhou para a camiseta do urso. Tinha uma inscrição: SE O PORTADOR TIVER DEPRESSÃO, DÊ-LHE CHOCOLATE IMEDIATAMENTE.

— Muito engraçado — comentou a moça, sorrindo. — Para um menino ou uma garota?

— Para um menino.

— O nome dele, por favor?

— Padre Joseph Dyer.

— Ouvi direito, senhor? Falou mesmo padre?

— Falei. Padre Dyer.

A moça lançou um olhar para o urso e depois para Kinderman, antes de verificar a relação de pacientes.

— Neurologia, quarto andar, 404. Vire à direita ao sair do elevador.

— Muito obrigado. É uma moça gentil.

O padre estava na cama quando Kinderman entrou no quarto. Usava os óculos de leitura e estava sentado na cama, confortavelmente absorto na leitura de um jornal levantado diante do rosto. Será que ele sabia?, pensou Kinderman. Talvez não. Dyer se internara mais ou menos na ocasião em que o crime estava ocorrendo. O detetive esperava que o tivessem mantido ocupado e alheio ao mundo exterior desde então. Era o que se podia presumir pela atitude descontraída e a expressão serena do jesuíta. Kinderman aproximou-se da cama, cautelosamente. Dyer não o percebeu parado alí e Kinderman pôde estudar o rosto dele à vontade. Os sinais eram bons. Mas o padre estava absorto na leitura, do jornal. Estaria lendo a notícia do assassinato? O detetive olhou o jornal, à procura do título da matéria. E ficou subitamente paralisado.

— E então? — disse Dyer. — Vai sentar ou continuar parado aí, jogando

seus germes em cima de mim?

— O que está lendo? — indagou Kinderman, pálido de repente.

— *Women‘s Wear Daily.* E daí? — O olhar do jesuíta desviou-se para o urso. — Isso é para mim?

— Acabei de encontrar na rua. E achei que combinava com você.

— Ah...

— Não gosta?

— Tenho dúvidas sobre a cor — murmurou Dyer, soturnamente, em seguida e teve um violento acesso de tosse.

— Estou entendendo. A representação hoje é de Anastácia. Pensei que tivesse me dito que não há nada de errado com você.

— Nunca se pode saber.

Kinderman relaxou. Era evidente que Dyer gozava de perfeita saúde e ainda não tomara conhecimento do assassinato. Pôs o urso e o saco nas mãos do padre.

— Tome aqui. — Pegou uma cadeira, puxou-a para perto da cama e sentou. — Não posso acreditar que você estivesse lendo *Women’s Wear Daily*.

— Preciso saber o que está acontecendo. Não posso dar conselhos espirituais no vácuo.

— Não acha que deveria em vez disso ler a respeito de seu departamento ou coisas assim? Quem sabe os Exercícios espirituais?

— Não dão informações sobre todas as modas — comentou o padre, suavemente.

— Coma os hambúrgueres.

— Não estou com fome.

— Pois então coma a metade. É do White Tower.

— E de onde vem a outra metade?

— Do espaço, o mesmo lugar de onde você veio.

Dyer começou a abrir o saco.

— Talvez eu coma um.

Uma enfermeira baixa e corpulenta entrou no quarto.

Seus olhos exibiam a firmeza de uma veterana. Trazia um torniquete de borracha e uma seringa hipodérmica. Aproximou-se de Dyer.

— Tenho de tirar um pouco do seu sangue, padre.

— De novo?

A enfermeira estacou abruptamente.

— De novo? Como assim?

— Alguém me tirou sangue há dez minutos.

— Está brincando comigo, padre.

Dyer apontou pata o pedaço pequeno e redondo de esparadrapo na parte

interna do antebraço esquerdo.

— Aqui está o buraco.

A enfermeira olhou e murmurou, severamente:

— Tem razão. — Virou-se e saiu do quarto, beligerante. Olhou para um lado e outro do corredor e depois berrou: — *Quem espetou o paciente do 404*?

Dyer ficou olhando pela porta aberta e comentou, outra vez sombrio:

— Adoro toda essa atenção.

— É mesmo um lugar agradável — disse Kinderman. — O que se pode chamar de pacífico. Quando vão fazer o exercício de ataque antiaéreo?

— Eu já ia esquecendo. — disse Dyer.

Abriu a gaveta da mesinha de cabeceira e pegou um cartum extraído das páginas de uma revista. Entregou-o a Kinderman.

— Estava guardando para você.

O cartum mostrava um pescador de imenso bigode, ao lado de uma carpa gigantesca. A legenda dizia: ERNEST HEMINGWAY, QUANDO PESCAVA NAS MONTANHAS ROCHOSAS, PEGOU UMA CARPA DE MAIS DE METRO E MEIO E DECIDIU NÃO ESCREVER A RESPEITO DELA. Kinderman levantou os olhos para Dyer, com uma expressão solene.

— Onde encontrou isso?

— Em *Nosso Mensageiro Dominical*. Quer saber de uma coisa? Já estou começando a me sentir melhor. — Tirou um hambúrguer do saco e começou a comer. —

Hum... Obrigado, Bill. Está sensacional. Por falar nisso, a carpa ainda está na sua banheira?

— Foi executada à noite. — O detetive observou Dyer pegar um segundo hambúrguer. — A mãe de Mary chorou, desconsolada, à mesa. E tomei um banho.

— Dá para sentir.

— Está gostando dos hambúrgueres, padre? Estamos na Quaresma.

— Estou isento do jejum. Por motivo de doença.

— As crianças estão morrendo de fome nas ruas de Calcutá.

— É porque não comem as vacas.

— Desisto. A maioria dos judeus que escolhe um padre para fazer amizade sempre arruma alguém como Teilhard de Chardín. Mas o que eu consigo? Um padre que conhece os últimos lançamentos de Giorgio’s e trata as pessoas como o Cubo Mágico de Rubik, sempre torcendo-as entre seus dedos à procura das cores certas. Quem precisa disso? A verdade é que você é um pé no *tokis*.

— Quer um hambúrguer?

Dyer estendeu o saco.

— Quero, sim. Não posso negar que estou com a maior vontade.

Observar Dyer deixara Kinderman com fome. Ele meteu a mão no saco e tirou um hambúrguer.

— É o picles que me deixa doido. É o segredo desse hambúrguer.

Deu uma mordida grande e depois levantou os olhos para ver um médico entrando no quarto.

— Bom dia, Vincent — disse Dyer.

Amfortas acenou com a cabeça e parou no pé da cama. Pegou a ficha de Dyer e estudou-a.

— Este é o meu amigo tenente Kinderman — acrescentou Dyer. — Apresento-lhe o dr. Amfortas, Bill.

— Prazer em conhecê-lo — disse Kinderman.

Amfortas parecia não estar ouvindo-os. Escrevia alguma coisa na ficha.

— Alguém me disse que terei alta amanhã — comentou Dyer.

Amfortas tornou a acenar com a cabeça e pôs a ficha no lugar.

— Eu já estava começando a gostar daqui — acrescentou Dyer.

— As enfermeiras pareciam muito agradáveis — arrematou Kinderman.

Amfortas olhou diretamente para o detetive, pela primeira vez desde que entrara no quarto. Seu rosto permaneceu grave e melancólico, mas alguma coisa se agitou no fundo dos olhos tristes e escuros. “O que ele está pensando?”, perguntou-se o detetive. “É um sorriso o que estou percebendo por trás desses olhos?”

O contato foi momentâneo, pois Amfortas logo se virou e saiu do quarto. Dobrou à esquerda no corredor e desapareceu.

— Muito engraçado, esse seu médico — comentou Kinderman. — Desde quando Milton Berle está praticando medicina?

— Pobre coitado...

— Pobre coitado? Qual é o problema dele? Já fez amizade com ele?

— Vincent perdeu a mulher.

— Ah...

— E nunca mais se recuperou do choque.

— Divórcio?

— Não. Ela morreu.

— Lamento muito. Foi recente?

— Há três anos.

— É bastante tempo.

— Tem razão, Bill. Mas ela morreu de meningite.

— Ah...

— Há muita raiva fervendo dentro dele. Vincent cuidou dela pessoalmente,

mas não conseguiu salvá-la. Não pôde sequer fazer muita coisa para lhe aliviar a dor. E ficou profundamente abalado. Vai deixar a enfermaria esta noite. Quer dedicar-se inteiramente ao trabalho de pesquisa. Começou logo depois que a mulher morreu.

— Que tipo de pesquisa?

— Sobre a dor. Ele estuda a dor.

Kinderman pensou naquilo com o maior interesse.

— Você parece saber muito a respeito dele.

— E sei mesmo. Vincent abriu-se comigo ontem.

— Ele fala?

— Você sabe o que acontece com o colarinho clerical. Parece um ímã para as almas transtornadas.

— Devo tirar alguma conclusão pessoal desse comentário?

— Se a carapuça serve, pode usá-la.

— Ele é católico?

— Quem?

— Toulouse-Lautrec. De quem mais eu poderia estar falando a não ser do nosso doutor?

— Você ê muitas vezes indireto.

— É o procedimento comum quando se está perto de um louco. Amfortas é católico ou não?

— É. Há anos que assiste à missa diariamente.

— Que missa?

— A das seis e mera da manhã, na Igreja da Santíssima Trindade. Por falar nisso, tenho pensado muito a respeito do seu problema.

— Que problema?

— O problema do mal.

— Esse é um problema apenas meu? — indagou Kinderman, atônito. — O que estão ensinando nas suas escolas? Passam o tempo todo discutindo amenidades teológicas no Seminário Ostrich para Cegos? Esse é um problema de todos.

— Compreendo.

— Eis aí uma novidade.

— É melhor você começar a me tratar bem.

— Ou seja, o urso não passou de uma porcaria sem importância.

— O urso deixou-me profundamente comovido, Bill. Posso falar?

— É muito perigoso. — Mas Kinderman suspirou, pegou o jornal e abriu-o. — Pode começar. Tem toda a minha atenção.

— Estive pensando... — murmurou Dyer. — Sobre a minha presença aqui

no hospital e tudo o mais.

— A sua presença aqui no hospital sem que haja nada de errado com você — corrigiu-o Kinderman.

Dyer ignorou o comentário.

— Comecei a pensar sobre as coisas que tenho ouvido a respeito da cirurgia.

— Estas pessoas aqui estão quase sem roupa — disse Kinderman, absorto na *Women's Wear Daily*.

— Dizem que a pessoa sob o efeito de anestesia fica com o inconsciente a par de tudo. Ouve os médicos e enfermeiras falando a seu respeito. Sente a dor do bisturi. — Kinderman levantou os olhos para fitá-lo, enquanto Dyer acrescentava: — Mas quando se desperta da anestesia, é como se não tivesse acontecido nada. Quando todos voltarmos a Deus, talvez seja assim que acontecerá com a dor do mundo.

— É verdade — disse Kinderman.

— Concorda comigo? — perguntou Dyer, espantado.

— Estou me referindo ao inconsciente. Alguns psicólogos, grandes nomes do passado, fizeram todas essas experiências e descobriram que dentro de nós há uma segunda consciência, essa coisa que agora conhecemos como inconsciente. Alfred Binet foi um deles. Escute o que Binet fez um dia. Pega uma garota e a hipnotiza, certo? Diz a ela que a partir daquele momento não poderá vê-lo, ouvi-lo ou saber o que ele está fazendo. Põe um lápis na mão dela e papel à sua frente. Outra pessoa na sala começa a falar com a garota, fazendo uma porção de perguntas. Enquanto isso, Binet vai fazendo suas perguntas, ao mesmo tempo. E enquanto fala com o primeiro psicólogo, a garota vai escrevendo as respostas para as perguntas de Binet! Não é espantoso? E tem mais. Em determinado momento, Binet espeta a mão da garota com um alfinete. Ela nada sente, continua a conversar com o primeiro psicólogo. Mas o lápis continua em movimento e escreve as palavras: "Por favor, não me machuque". Não é extraordinário? Seja como for, é verdade o que você falou a respeito da cirurgia. Alguém está sentindo todo o corte e a costura. Mas quem é?

Kinderman lembrou-se subitamente de seu sonho e da declaração enigmática de Max: "Temos duas almas".

— O inconsciente... — murmurou Kinderman. — O que é exatamente? Quem é? O que tem a ver com o inconsciente coletivo? É tudo parte da minha teoria.

Dyer desviou os olhos, com um gesto de impaciência.

— Ora, isso de novo...

— Você está dominado pela inveja porque Kinderman, a inteligência

superior, o judeu sagaz, está prestes a deslindar o problema do mal. — As sobrancelhas de Kinderman se uniram. — Meu cérebro gigantesco é como um esturjão cercado por barrigudinhos.

Dyer virou a cabeça.

— Não acha que isso é um pouco improvável?

— Claro que não.

— Por que não me conta a sua teoria? Vamos ouvi-la e acabar logo com isso. Tenho mais dois penitentes esperando no corredor.

— É grande demais para você assimilar — disse Kinderman, aborrecido.

— Mas o que há de errado com o pecado original?

— Os bebês são responsáveis por alguma coisa feita por Adão?

— É um mistério.

— É uma piada. Mas admito que pensei muito nessa noção. — Kinderman inclinou-se para a frente, com os olhos agora faiscando. — Se o pecado foi o fato de os dentistas explodirem a Terra há muitos milhões de anos com alguma coisa como bombas de cobalto, então teríamos mutações atômicas desse *tsimmis*. Talvez isso tenha criado os vírus que causam as doenças, talvez mesmo tenha alterado todo o ambiente físico, fazendo com que tenhamos agora terremotos e catástrofes naturais. Quanto aos homens, eles ficam inteiramente doidos e *farmischt*, transformam-se em monstros pelas terríveis mutações. Começam a comer carne, como os animais, vão ao banheiro e gostam de *rock*. Não podem evitar. É genético, Nem mesmo Deus pode evitar. O pecado é uma condição que foi transmitida pelos genes.

— E se cada homem que nasceu fosse uma parte de Adão? — indagou Dyer. — E estou falando fisicamente... se cada homem fosse uma das células de seu corpo?

O olhar de Kinderman tornou-se abruptamente desconfiado.

— Estou vendo que não é apenas o catecismo dominical que aprendeu, padre. Todos esses jogos de bingo estão tornando-o um pouco aventureiro. De onde foi que tirou essa ideia?

— O que acha dela?

— Mostra que você está pensando. Mas essa noção não funciona.

— Por que não?

— Porque é muito judia. Faz com que Deus pareça um pouco rabugento. Acontece a mesma coisa com o que eu disse a respeito dos genes. Vamos encarar a verdade, Deus poderia acabar com toda essa tolice absurda no momento em que lhe aprouvesse. Ele pode começar tudo de novo, desde o início. Ele não poderia dizer “Adão, lave o rosto que está quase na hora do jantar’’ e esquecer todo o resto? Ele não poderia dar um jeito nos genes? O Evangelho diz para

perdoar e esquecer, mas será que Deus não pode fazê-lo também? A vida futura é a Sicília? Puzo deveria saber disso. Teremos *O poderoso chefão quatro* em dois segundos.

— Mas qual é a sua teoria? — insistiu Dyer.

O detetive assumiu uma expressão maliciosa.

— Ainda estou trabalhando nela, padre. Meu inconsciente está *schmeckling* tudo.

Dyer virou-se e recostou a cabeça nos travesseiros, visivelmente exasperado.

— Isso é como uma luta de boxe — murmurou ele, olhando para a televisão apagada.

— Vou lhe dar outra pista — propôs Kinderman

— Eu gostaria que eles consertassem logo esse estúpido aparelho.

— Pare de me insultar e preste atenção à pista.

Dyer bocejou.

— É do seu Evangelho — continuou Kinderman. — O que fizeres ao menor deles, estarás fazendo a mim.

— Eles poderiam ao menos ter aqui um jogo de Invasores Espaciais — murmurou Dyer.

— Invasores Espaciais?

Dyer virou a cabeça para fitá-lo e perguntou:

— Poderia me trazer um jornal?

— Qual deles? O *National Enquirer*, o *Globe* ou o *Star*?

— Acho que o *Star* sai na quarta-feira. Não é isso mesmo?

— Fico ansioso em encontrar qualquer ponto de contato entre nossos planetas.

Dyer parecia ofendido.

— O que há de errado com jornais desse gênero? Mickey Rooney viu um fantasma que parecia Abe Lincoln. Onde mais se pode ler notícias assim?

O detetive meteu as mãos nos bolsos.

— Tenho aqui alguns livros de que você pode gostar.

Ele estendeu os livros e Dyer verificou os títulos.

— Não ficção — murmurou ele, contrariado. — Muito chato. Não pode me trazer um romance?

Kinderman levantou-se, com cara de cansado.

— Está certo, vou lhe trazer um romance. — Foi até o pé da cama e pegou a ficha médica de Dyer. — De que tipo? Histórico?

— *Escrúpulos* — pediu Dyer. — Eu já estava no capítulo 3, mas esqueci de trazê-lo.

Kinderman fitou-o sem qualquer expressão, repondo a ficha no lugar. Virou-se e seguiu lentamente para a porta.

— Depois do almoço, padre. Não deve se excitar antes do almoço. E eu também vou almoçar,

— Depois de devorar três hambúrgueres?

— Dois. Mas quem está contando?

— Se não encontrar *Escrúpulos*, pode trazer *Princesa Margarida*.

Kinderman saiu do quarto, sacudindo a cabeça.

Avançou um pouco pelo corredor e parou. Viu Amfortas ao lado da mesa de controle, escrevendo numa prancheta. Kinderman aproximou-se, assumindo uma expressão trágica de preocupação.

— Dr. Amfortas?

O neurologista levantou o rosto. “Esses olhos", pensou Kinderman. “Quanto mistério existe neles!”

— Eu gostaria de lhe falar sobre o padre Dyer.

— Ele está bem — disse Amfortas, voltando a se concentrar na prancheta.

— Sei disso. Mas o problema é outro. Uma coisa terrivelmente importante. Somos ambos amigos do padre Dyer. Mas, apesar disso, eu não posso ajudá-lo. Somente você pode.

O tom de urgência atraiu a atenção do médico. Seus olhos escuros e cansados procuraram os do detetive.

— Qual é o problema?

Kinderman olhou ao redor, parecendo cauteloso.

— Não posso lhe falar aqui. Não seria possível irmos a algum lugar melhor para conversar? — Olhou para o relógio. — Talvez pudéssemos almoçar juntos.

— É uma refeição que nunca faço.

— Pois então apenas fique me observando. Por favor. É muito importante.

Amfortas sondou os olhos do detetive por um momento e finalmente disse:

— Está certo, vamos conversar. Mas não poderia ser na minha sala?

— Estou com fome.

— Está bem. Espere um instante, que vou pegar meu agasalho.

Amfortas afastou-se. Voltou pouco depois, usando um suéter azul-marinho.

— Muito bem, podemos ir — disse a Kinderman,

Kinderman olhou para o suéter.

— Vai ficar com frio. É melhor vestir um capote.

— Isto é suficiente.

— Não é, não. Precisa se agasalhar melhor. Já posso ver a manchete: “Neurologista derrubado por frio excessivo. Gordo desconhecido procurado para interrogatório’’. Pegue um casaco, por favor. Um blusão já serve. Algo mais

quente. Eu me sentiria muito culpado. Como está, não se pode dizer que é exatamente a imagem da saúde.

— Este suéter está ótimo — insistiu Amfortas, suavemente. — Mas obrigado por sua preocupação.

Kinderman parecia desanimado.

— Está certo. Mas depois não diga que não o avisei.

— Para onde vamos? Tem de ser um lugar próximo.

— Vamos ao The Tombs. — Kinderman passou o braço pelo do neurologista e foi conduzindo-o na direção dos elevadores. — Vai lhe fazer muito bem. Precisa de um pouco de ar fresco nas faces. E um pouco de *nosh* não o deixaria mais magro. Sua mãe sabe dessa bobagem de omitir as refeições? Mas não importa. Já vi que você é teimoso. Desejo que ela tenha boa sorte.

O detetive lançou um olhar avaliador para o médico. Ele estava sorrindo? Quem podia saber? "Ele é um caso muito duro", pensou Kinderman. A caminho do The Tombs, o detetive fez algumas perguntas sobre o estado de Dyer. Amfortas parecia preocupado e respondeu em frases curtas ou sacudindo a cabeça. O que se podia concluir era que os sintomas descritos por Dyer, embora às vezes fossem um aviso de tumor no cérebro, naquele caso decorriam mais provavelmente de tensão e excesso de trabalho.

— Excesso de trabalho? — repetiu o detetive, incrédulo, enquanto desciam os degraus do The Tombs. — Tensão? Quem poderia imaginar? O homem parece mais relaxado do que macarrão.

O The Tombs tinha toalhas quadriculadas em vermelho e branco nas mesas, um balcão esférico de carvalho escuro, onde a cerveja era servida em grossas canecas de vidro. As paredes estavam cobertas por gravuras e litografias do passado de Georgetown. O bar ainda não estava apinhado, pois faltavam alguns minutos para o meio-dia. Kinderman encontrou um reservado vazio num canto mais ou menos isolado.

— Vamos para lá.

Depois que se sentaram, Kinderman comentou:

— Estou com muita fome.

Amfortas não disse nada. Estava com a cabeça abaixada. Olhava para as mãos, cruzadas sobre a mesa.

— Vai comer alguma coisa, doutor?

Amfortas sacudiu a cabeça.

— Qual é o problema de Dyer? — perguntou ele. — O que estava querendo me dizer?

Kinderman inclinou-se para a frente, com uma expressão e uma atitude vagamente agourentas.

— Não mande consertar o aparelho de TV do quarto dele.

Amfortas fitou-o, impassível.

— Como?

— Não mande consertar o aparelho de TV do quarto ou ele descobrirá.

— Descobrirá o quê?

— Não ouviu falar do assassinato do padre?

— Claro que ouvi.

— Pois aquele padre era amigo de Dyer. Se consertar a TV, ele vai saber. E também não deixe que ele receba jornais, doutor. Avise às enfermeiras.

— Foi para isso que me trouxe até aqui?

— Não seja rão insensível, doutor. O padre Dyer tem uma alma delicada. Além do mais, um homem num hospital, qualquer que seja o seu estado, não deve receber noticias assim.

— Acontece que ele já sabe.

O detetive pareceu ficar aturdido.

— Ele sabe?

— E já conversamos sobre isso.

Kinderman desviou os olhos, com um ar de reconhecimento e resignação.

— Foi típico dele... Não queria me preocupar com sua angústia e por isso fez uma encenação, como se ignorasse tudo.

— Por que me trouxe até aqui, tenente?

O detetive virou a cabeça. Amfortas fitava-o atentamente. Seu olhar era desconcertante.

— Por que eu o trouxe até aqui? — repetiu Kinderman. Seus olhos estavam opacos e esbugalhados, como se ele fizesse um grande esforço para sustentar o olhar do médico; as faces começavam a se avermelhar rapidamente.

— Isso mesmo — disse Amfortas. — Por quê? Tenho certeza de que não foi para falar sobre a televisão.

— Eu menti — balbuciou o detetive. Seu rosto estava agora inteiramente vermelho. Virou o rosto e começou a sacudir a cabeça, sorrindo. — Sou muito transparente. Não sei como manter uma cara impassível. — Tornou a virar-se para Amfortas, erguendo as mãos acima da cabeça. — É verdade, sou culpado. Sou indigno. Menti. Não pude me conter, doutor. Forças estranhas me dominam. Ofereci-lhes bolinhos e elas disseram: “Não amole’’. Mas sabiam que eu era fraco e insistiram: “Minta ou terá quiche e uma fatia de melão quente no almoço!"

— Uma *tortilla* seria mais eficaz — disse Amfortas.

Kinderman baixou os braços, num gesto de espanto. O rosto do neurologista se mantinha inescrutável e seu olhar ainda era impassível. Mas ele

dissera um gracejo?

— E também a *tortilla* — murmurou Kinderman.

— O que você quer, afinal?

— Vai me perdoar? Eu queria sondar sua mente.

— Sobre o quê?

— Dor. Leva-me à loucura. O padre Dyer disse que trabalha nisso, é um especialista. Você se importa? Eu precisava de alguma artimanha para podermos conversar um pouco a esse respeito. Neste momento, porém, sinto-me embaraçado e lhe devo desculpas, doutor. Estou perdoado? Ou talvez com a sentença suspensa?

— Tem alguma dor recorrente?

— Tenho, sim... um homem chamado Ryan. Mas essa não é a questão no momento. Não é o assunto.

Amfortas permaneceu como uma presença sombria,

— O que é então?

Um garçom apareceu com cardápios antes que o detetive pudesse responder. Era jovem, estudava na universidade. Usava gravata e colete verdes.

— Os dois vão almoçar? — indagou, polidamente.

Estendia os cardápios para ambos, mas Amfortas recusou, com um gesto da mão.

— Não vou comer nada — disse ele, suavemente. — Uma xícara de café, por favor. E mais nada.

— Também não vou almoçar — disse Kinderman. — Poderia me trazer um chá, com uma fatia de limão? E alguns bolinhos. Tem aqueles redondos, com gengibre e nozes?

— Temos, sim, senhor.

— Pois traga alguns. E me diga uma coisa: por que a gravata e o colete verdes?

— É o dia de São Patrício. No The Tombs, prolonga-se por toda a semana. Vão querer mais alguma coisa?

— Tem canja de hoje?

— Com macarrão.

— Com qualquer coisa. Pode trazer para mim, por favor.

O garçom acenou com a cabeça e afastou-se para providenciar os pedidos. Kinderman olhou para a outra mesa, onde estava uma caneca cheia de cerveja.

— É tudo uma loucura — murmurou ele. — Um homem circula a perseguir cobras como um lunático. Em vez de dar-lhe uma linda cela acolchoada num sanatório, os católicos o convertem num santo. — Kinderman virou-se de novo para Amfortas e acrescentou: — Pequenas cobras de jardim, totalmente

inofensivas, nem sequer comem as baratas. Esse é um comportamento racional, doutor?

— Pensei que estivesse com muita fome.

— Não pode deixar um homem manter um resquício de dignidade, doutor? Está bem, foi outra mentira. Sempre me comporto assim Sou um mentiroso totalmente incorrigível, a vergonha da minha delegacia. Está feliz agora, doutor? Use o meu cérebro para experiências e descobrirá por que isso acontece. E eu terei pelo menos um pouco de paz quando morrer... Saberei a resposta. Esse problema tem me levado à loucura durante toda a vida!

Havia um esboço de sorriso nos olhos do médico.

— Estava falando em dor.

— Uma verdade. Já sabe que sou detetive de homicídios, não é mesmo?

— Já, sim.

— Sou testemunha de muita dor que é infligida a pessoas inocentes.

— Por que isso o preocupa?

— Qual é a sua religião, doutor?

— Sou católico.

— Pois então saberá, vai compreender. Minhas indagações estão relacionadas com a bondade de Deus, com as maneiras pelas quais criancinhas inocentes podem morrer. No final, Deus as salva de uma dor horrível? É como naquele filme, *O céu pode esperar*, em que o anjo tira o herói do avião avariado, pouco antes de bater no chão? Ouço rumores a respeito de tais coisas. Poderia ser verdade? Há um acidente de automóvel, por exemplo. Com crianças no automóvel. Não estão gravemente feridas, mas o carro está em chamas, as crianças presos lá dentro, não podem sair. São queimadas vivas, conforme lemos nos jornais depois. É horrível. Mas o que essas crianças estão sentindo, doutor? Ouvi em algum lugar que a pele se torna insensível. Isso é verdade, doutor?

— Você é um detetive de homicídios muito estranho — comentou Amfortas, fitando Kinderman nos olhos.

O detetive deu de ombros.

— Estou ficando velho, tenho de pensar um pouco nessas coisas. Não pode fazer mal. Mas qual é a resposta pata a minha pergunta?

Amfortas baixou os olhos para a mesa e disse suavemente.

— Ninguém sabe. Os mortos não nos contam. Diversas coisas poderiam acontecer. A inalação de fumaça pode matar as crianças antes do fogo. Ou um ataque cardíaco. Ou o choque. Além disso, o sangue tende a afluir para os órgãos vitais, num esforço para protegê-los. Isso explica as informações de que a pele se torna entorpecida. — Ele deu de ombros. — Mas não sei com certeza. Só podemos supor.

— Mas o que acontece se todas essas coisas não ocorrerem? — insistiu o detetive.

— É tudo especulação

— Pois então especule, por favor, doutor. O problema está me corroendo.

O garçom chegou com os pedidos. Estava pondo a sopa diante de Kinderman quando este o deteve com um gesto.

— Não é para mim. Dê-a ao doutor. — Como Amfortas começasse a recusar, Kinderman interrompeu-o: — Não me obrigue a chamar sua mãe. Tem vitaminas e coisas que só são mencionadas no Torá. Não seja teimoso. Deve tomar toda a sopa. Está cheia de benesses estranhas.

Amfortas desistiu e deixou o garçom pôr a sopa na sua frente.

— O sr. McCooey está por aqui? — perguntou Kinderman.

— Acho que está lá em cima — respondeu o garçom.

— Poderia perguntar se ele pode falar comigo por um momento? Se ele estiver muito ocupado, não precisa se incomodar. Não á tão importante assim.

— Falarei com ele. Qual é o seu nome, senhor?

— William F. Kinderman. Ele me conhece. E se estiver ocupado, não há problema.

— Darei o recado.

O garçom afastou-se. Amfortas olhava para a sopa.

— Desde a primeira sensação, até a morte, transcorrem vinte segundos. Quando os terminais nervosos queimam, cessam de funcionar e a dor acaba. Também não se sabe com certeza quanto tempo se passa até que isso aconteça. Mas não pode ser mais de dez segundos. Até lá, a dor é a mais terrível que se possa imaginar. A pessoa está plenamente consciente, sentindo a dor em toda a sua intensidade. Sua adrenalina está sendo bombeada ao máximo.

Kinderman estava sacudindo a cabeça, olhando para baixo.

— Como Deus pode deixar que tal horror continue? É um grande mistério. — Ele levantou os olhos. — Não costuma pensar a respeito dessas coisas? E não fica furioso?

Amfortas hesitou por um instante, depois sustentou o olhar do detetive. "Esse homem está morrendo de vontade de me dizer alguma coisa”, pensou Kinderman. “Qual é o seu segredo?” Tinha a impressão de discernir aflição e um anseio em partilhá-la.

— Talvez eu o tenha levado a interpretar o problema de maneira errada — disse Amfortas. — Estava tentando responder de acordo com as suas pressuposições. Mas não mencionei uma coisa: quando a dor se torna insuportável, o sistema nervoso fica sobrecarregado. Para de funcionar e a dor termina.

— Ah...

— A dor é uma coisa estranha — continuou Amfortas. — Cerca de dois por cento das pessoas aliviadas de uma dor prolongada desenvolvem graves distúrbios mentais. Há também experiências com cachorros, com as implicações mais peculiares.

Amfortas descreveu para o detetive uma série de experiências de 1957, em que *terriers* escoceses foram criados em jaulas isoladas, desde a infância até a maturidade, sendo privados dos estímulos ambientais, inclusive dos menores ruídos, como batidas e o som de raspar, que pudessem lhes causar desconforto. Quando estavam plenamente crescidos, sofreram a aplicação de estímulos dolorosos. Mas os cachorros não reagiram de uma maneira normal. Muitos colocaram o focinho num fósforo aceso, recuaram num reflexo e no instante seguinte voltaram a farejar a chama. Quando a chama se apagava, o cachorro reagia da mesma maneira a um segundo ou terceiro fósforo aceso. Outros não farejavam o fósforo aceso, mas também não faziam qualquer esforço para evitar a chama, quando os responsáveis pela experiência a encostavam em seus focinhos, por diversas vezes. E os cachorros não reagiam a espetadelas insistentes. Em contraste, outros cachorros das mesmas ninhadas, criados num ambiente normal, reconheciam o possível dano e num instante os pesquisadores não eram mais capazes de tocá-los com uma chama ou espetá-los.

— A dor é muito misteriosa — concluiu Amfortas.

— Diga-me francamente, doutor: Deus não poderia ter pensado em algum outro meio de nos proteger? Em alguma outra espécie de sistema de alerta para informar que nossos corpos estão com problemas?

— Como um reflexo automático?

— Algo como uma campainha que começasse a soar em nossa cabeça.

— O que aconteceria então quando você cortasse uma artéria? Poria um torniquete imediatamente ou aguentaria a campainha até terminar a mão de *bridge*? E se fosse uma criança? Não daria certo.

— Então por que nossos corpos não poderiam ser imunes aos ferimentos?

— Pergunte a Deus.

— Estou perguntando a você, doutor.

— Não conheço a resposta.

— Então o que faz no seu laboratório?

— Tento descobrir como acabar com a dor quando não precisamos dela.

Kinderman esperou, mas o neurologista não disse mais nada.

— Tome a sua sopa, doutor — disse ele, gentilmente. — Está ficando fria. Como o amor de Deus.

Amfortas tomou uma colherada e depois largou a colher, que tilintou ao

bater no prato.

— Não estou com fome. — Olhou para o relógio.

— Acabei de me lembrar de uma coisa. Preciso ir.

Amfortas levantou o rosto e fitou o detetive nos olhos

— É de admirar que acredite em Deus, com todo o seu conhecimento do funcionamento do cérebro — comentou Kinderman.

— Sr. Kinderman? — O garçom estava de volta. — O Sr. McCooey parecia muito ocupado lá em cima. Achei que não deveria incomodá-lo. Lamento muito.

O detetive pareceu ficar irritado.

— Pode interrompê-lo.

— Mas disse que não era importante!

— E não é. Mas interrompa-o assim mesmo. Ando muito rabugento. E às vezes não sou sensato. Estou ficando velho.

— Está certo, senhor.

O garçom ainda parecia em dúvida, mas encaminhou-se para a escada que levava ao segundo andar. Kinderman tornou a concentrar sua atenção em Amfortas.

— Não acha que é tudo um conjunto de neurônios, toda essa coisa a que chamamos de alma?

Amfortas tornou a consultar o relógio e repetiu:

— Acabei de me lembrar de uma coisa. Preciso ir.

Kinderman parecia perplexo. “Será que estou louco?

Ele já fez isso!”

— Onde você estava?

— Como? — murmurou Amfortas.

— Não importa. Fique mais um pouco, Ainda tenho algumas coisas que preciso dizer. Coisas que me atormentam. Não pode ficar mais um minuto? Além do mais, seria indelicadeza sair agora. Ainda não terminei o meu chá. Isso é civilizado? Nem mesmo um curandeiro faria uma coisa assim. Ele ficaria, aumentando algumas cabeças encolhidas para passar o tempo, enquanto o velho branco senil fica falando e babando. É o que se chama de boas maneiras. Mas estou indo muito longe nesse assunto? Diga-me francamente. As pessoas me dizem o tempo todo que sou muito indireto e estou tentando corrigir isso, embora possivelmente em demasia. É verdade? Seja honesto.

Uma expressão agradável estampou-se no rosto de Amfortas. Ele relaxou e perguntou.

— Em que posso ajudá-lo, tenente?

— É essa *chazerei* do cérebro contra a mente. Há anos que tenciono visitar algum neurologista para falar sobre isso, mas sou terrivelmente tímido quando se

trata de conhecer novas pessoas. Mas aqui está você. Minha tigela de sopa *matzoh* entornou. Enquanto isso, gostaria que me dissesse algo: as coisas a que chamamos de sentimentos e pensamentos não passam de neurônios que estão disparando no cérebro?

— Está querendo saber se são a mesma coisa que os neurônios?

— Isso mesmo.

— Qual é a sua opinião?

Kinderman acenou com a cabeça, dizendo quase firmemente:

— Acho que são a mesma coisa.

— Por que pensa assim?

— E por que não, doutor? Quem precisa recorrer a essa coisa chamada alma quando o cérebro está obviamente fazendo essas coisas? Não estou certo?

Amfortas inclinou-se um pouco para frente. Algum nervo fora atingido. Falou efusivamente:

— Vamos supor que você esteja olhando para o céu. Avista uma grande extensão homogênea. É a mesma coisa que um padrão de descargas elétricas que correm entre fios no cérebro? Você olha para uma laranja. Produz uma imagem circular em seu campo sensorial. Mas a projeção cortical desse círculo em seu lóbulo occipital não é circular. Ocupa um espaço elipsoidal. Assim, como essas coisas podem ser o mesmo fato? Quando você pensa no universo, como o contém dentro de seu cérebro? Ou, diga-se de passagem, os objetos desta sala? Têm formas diferentes de tudo o que existe em seu cérebro. Como podem então tornar-se o que são em seu cérebro? Há vários outros mistérios que você deve considerar. Um é o “executivo” ligado aos pensamentos. A cada segundo, você é bombardeado por centenas, talvez milhares, de impressões sensoriais. Mas filtra todas imediatamente, deixando apenas as que são necessárias para alcançar seus objetivos no momento. Essas decisões incontáveis são tomadas a cada segundo em menos de uma fração de segundo. O que está tomando essa decisão? O que está tomando a decisão de tomar essa decisão? E aqui vai outra coisa em que pensar, tenente, os cérebros dos esquizofrênicos são muitas vezes mais bem estruturados que os cérebros de pessoas sem problemas mentais. E algumas pessoas com a maior parte do cérebro removida continuam a funcionar individualmente.

— Mas o que me diz desse cientista que usa elétrodos? — indagou Kinderman. — Ele toca numa célula do cérebro e a pessoa ouve uma voz do passado. Ou experimenta uma determinada emoção.

— É Wilder Penfield — respondeu o neurologista. — Mas seus pacientes sempre disseram que todas as coisas produzidas neles pelos elétrodos não eram parte deles, mas sim algo que lhes estava sendo feito.

— Fico espantado ao ouvir tais noções de um homem da ciência — comentou Kinderman.

— Wilder Penfield não acha que a mente seja o cérebro. E Sir John Eccles pensa da mesma forma. É um fisiologista britânico que ganhou o prêmio Nobel por seus estudos do cérebro.

As sobrancelhas de Kinderman se altearam.

— É mesmo?

— É, sim. E se a mente é o cérebro, então o cérebro possui algumas capacidades totalmente desnecessárias para a sobrevivência física do corpo. Estou me referindo a coisas como o espanto e a autopercepção. E alguns de nós chegam ao ponto de achar que a própria consciência não está concentrada no cérebro. Há motivos para suspeitar que todo o corpo humano, inclusive o cérebro, assim como o próprio mundo exterior, esteja tudo espacialmente situado dentro da consciência. E um pensamento final para você, tenente. É um dístico.

— Adoro dísticos.

— Adoro este em particular — continuou Amfortas. — “Se a massa do cérebro fosse a massa da mente, o urso estaria atirando no meu traseiro”.

E com isso o neurologista inclinou-se sobre a sopa e pôs-se a tomá-la famintamente. Pelo canto do olho, o detetive viu McCooey se aproximando da mesa.

— Exatamente os meus sentimentos — disse ele a Amfortas.

— Como?

Amfortas olhou para o detetive por cima da colher de sopa.

— Estou bancando um pouco o advogado do diabo. Concordo com você... a mente não é o cérebro. Tenho certeza.

— Você é um homem muito estranho, tenente.

— Já tinha me dito isso.

— Queria falar comigo, tenente?

Kinderman levantou os olhos para McCooey. Ele estava com os óculos sem aros e parecia atencioso. Ainda usava as cores de sua escola, um blazer azul-marinho e uma calça cinza de flanela.

— Richad McCooey, dr. Amfortas — disse Kinderman, apontando para o médico.

McCooey inclinou-se e apertou a mão do neurologista.

— Prazer em conhecê-lo.

— O prazer é meu.

McCooey virou-se para o detetive, olhou para o relógio.

— Qual é o problema?

— É o chá — respondeu Kinderman.

— O chá?

— Que tipo está usando atualmente?

— Lipton’s. O mesmo de sempre.

— O gosto parece um pouco diferente.

— Era sobre isso que queria me falar?

— Eu poderia falar de uma centena de banalidades e não sei mais o quê. Mas como é um homem bastante ocupado, vou dispensá-lo.

McCooey olhou friamente para a mesa.

— O que pediram?

— Só isto.

McCooey fitou-o sem qualquer expressão.

— Esta é uma mesa para seis.

— Estamos de partida.

McCooey virou-se sem dizer mais nada e afastou-se. Kinderman olhou para Amfortas, que acabara de tomar a sopa,

— Muito bom — comentou Kinderman. — Sua mãe vai receber um bom relatório.

— Tem mais alguma pergunta?

Amfortas encostou a mão na xícara de café. Estava fria.

— Sucinilcolina — disse Kinderman. — Costuma usá-la no hospital?

— Claro. Isto é, eu mesmo não a uso. Mas é bastante usada na terapia de eletrochoque. Por que pergunta?

— Se alguém no hospital quisesse roubar um pouco, poderia fazê-lo?

— Poderia.

— Como?

— Pode tirar de um carrinho de remédio, quando ninguém estiver olhando. Mas por que pergunta?

Kinderman tornou a esquivar-se à pergunta.

— Quer dizer que alguém que não fosse do hospital poderia roubar a droga?

— Se soubesse o que procurar. Teria de conhecer a programação de requisição e entrega da droga.

— Trabalha às vezes na Psiquiatria?

— Às vezes. Foi para isso que me trouxe até aqui, tenente?

Os olhos de Amfortas esquadrinhavam Kinderman atentamente.

— Não, não foi. Juro por Deus. Mas já que estamos aqui… — O detetive não concluiu a frase. — Se eu perguntasse no hospital, é claro que eles haveriam de querer parecer eficientes e diriam que é impossível. Está me entendendo? Como estávamos conversando, presumi que me diria a verdade.

— É muita gentileza sua, tenente. Obrigado. É um homem muito cortês.

Kinderman sentiu que alguma coisa saía dele espontaneamente.

— Agradeço e retribuo. — Sorriu com a recordação. — Eis aí uma expressão que eu adoro. Faz-me lembrar de *O céu pode esperar*. Joe Pendleton estava sempre dizendo isso.

— Eu me lembro.

— Gosta desse filme?

— Gosto.

— Eu também. Admito que sou um grande apreciador de *schmaltz*. Mas essa ternura e inocência... já desapareceu. Ah, que vida...

Kinderman suspirou.

— É uma preparação para a morte.

Amfortas novamente surpreendia o detetive. Kinderman avaliou-o agora com um novo interesse.

— Tem toda a razão, doutor. Deveríamos conversar sobre essas coisas em outra ocasião.

O detetive procurou os olhos trágicos. Estavam transbordando com alguma coisa. Mas o quê? O quê?

— Já acabou o café, doutor?

— Já.

— Vou ficar, e pagarei a conta. Foi muito gentil em me dispensar um pouco do seu tempo. Sei que é um homem muito ocupado.

Kinderman estendeu a mão. Amfortas apertou-a firmemente, depois se levantou para ir embora. Mas ainda ficou por um momento, fitando Kinderman nos olhos. E finalmente disse:

— A sucinilcolina... Perguntou sobre isso por causa do assassinato, não é mesmo?

— É, sim.

Amfortas acenou com a cabeça e afastou-se. Kinderman observou-o a caminhar entre as mesas, depois subir a escada e desaparecer. O detetive suspirou. Chamou o garçom, pagou a conta e depois subiu os degraus até o escritório de McCooey. Encontrou-o conversando com um contador, McCooey fitou-o, inescrutável por trás dos óculos.

— Tem alguma reclamação contra o ketchup?

Kinderman fez um sinal para ele. McCooey levantou-se e aproximou-se.

— O homem que estava à minha mesa — disse Kinderman. — Deu uma boa olhada no rosto dele?

— Dei.

— Nunca o tinha visco antes?

— Não sei. Vejo milhares de pessoas em minhas casas todos os anos.

— Não o viu na fila para a confissão ontem?

— Hã. . .

— Viu ou não?

— Acho que não.

— Tem certeza?

McCooey pensou por um instante. Depois, mordeu o lábio inferior e sacudiu a cabeça.

— Quando se está esperando o momento da confissão, a tendência é não olhar para as outras pessoas. Fica-se na maior parte do tempo olhando para baixo, revisando os pecados. Se eu o vi, pelo menos não me lembro.

— Mas viu o homem de blusão.

— Vi, sim. Mas não posso dizer se era o mesmo.

— Pode jurar que não era ele?

— Não. Mas acho que não era.

— Não acha mesmo?

— Não, não acho, E duvido muito que fosse.

Kinderman deixou o escritório de McCooey e seguiu a

pé para o hospital. Entrou na loja do térreo e foi para a seção de livros. Encontrou *Escrúpulos* e tirou-o da estante, sacudindo a cabeça. Abriu uma página ao acaso e leu. “Ele vai devorar este livro imediatamente”, concluiu Kinderman. Procurou mais alguma coisa para ajudar o jesuíta a manter o equilíbrio, até sua alta. Viu o *Relatório Hite sobre a sexualidade masculina*, mas acabou escolhendo um romance gótico. Kinderman foi até o balcão, levando os livros. A vendedora olhou os títulos e comentou:

— Tenho certeza que ela vai adorar.

— Também acho.

Kinderman procurou alguma bugiganga engraçada para acrescentar ao tesouro. O balcão estava repleto. E foi nesse instante que uma coisa atraiu sua atenção. Ficou olhando fixamente para ela.

— Mais alguma coisa?

O detetive não ouviu a moça. Tirou uma embalagem plástica de uma caixa. Continha um conjunto de prendedores de cabelo cor-de-rosa, cada um com a inscrição “Great Falls, Virgínia”.

CAPÍTULO 8

O Departamento de Psiquiatria do Hospital Geral de Georgetown estava localizado numa ala grande, ao lado da Neurologia. Era dividido em duas seções principais. Uma era a enfermaria dos mais agitados. Ali ficavam os pacientes propensos a acessos de violência, como os paranoicos e os catatônicos ativos. Entre o labirinto de corredores e quartos dos pacientes, havia também celas acolchoadas. A segurança era rigorosa. A outra seção era a chamada parte aberta. Os pacientes ali eram inofensivos, para si mesmos e para os outros. A maioria era de idosos e ali estavam por causa de senilidade em estágios diversos. Havia também depressivos e esquizofrênicos, além de alcoólatras, pacientes de pós-derrame e vítimas da doença de Alzheimer, que produzia um estado de senilidade prematura. Havia ainda um punhado de pacientes que eram catatônicos passivos há muito tempo. Totalmente distanciados de seu ambiente, passavam os dias na imobilidade, muitas vezes com expressões fixas e bizarras no rosto. Às vezes se mostravam suscetíveis à palavra, acatando ordens que eram cumpridas ao pé da letra. Não havia qualquer medida de segurança na seção aberta. Os pacientes tinham até permissão para deixar o hospital durante o dia ou mesmo se ausentar por alguns dias. Para isso, era necessário apenas a assinatura, num formulário de autorização, de um dos médicos, da enfermeira de plantão ou até da assistente social,

— Quem assinou a autorização para ela sair? — perguntou Kinderman.

— A enfermeira Allerton. E por acaso ela está de serviço neste momento. E já está vindo pata cá — informou Temple.

Estavam sentados na sala dele, um cubículo estreito, perto do posto da enfermeira da seção aberta. Kinderman correu os olhos pelas paredes. Estavam cobertas por diplomas e fotografias de Temple. Duas fotos o mostravam na pose meio agachada de um pugilista. Parecia jovem, com dezenove ou vinte anos, estava de luvas, camiseta e a proteção de cabeça do boxe universitário Seu olhar era ameaçador.

Todas as outras fotos mostravam Temple enlaçando mulheres bonitas, sempre diferentes. E em todas ele sorria para a câmera. Kinderman baixou os olhos para a mesa e viu uma cultura verde da Excalibur, a espada da lenda do rei Artur. Na base do bloco estavam impressas as seguintes palavras: PARA SER TIRADA EM CASO DE EMERGÊNCIA. Ao lado da mesa havia um quadro: “Um alcoólatra é aquele que bebe mais do que seu médico”. Havia cinza de

cigarro espalhada pelos papéis. O olhar de Kinderman deslocou-se para Temple, evitando o alto da calça do psiquiatra, com o zíper aberto.

— Não posso acreditar que essa mulher tenha recebido permissão para sair daqui desacompanhada — comentou o detetive.

Haviam feito investigações sobre a velha encontrada perto da casa de barcos. Kinderman mostrara uma fotografia dela em cada setor do hospital, começando pelo primeiro andar. No quarto andar, na Psiquiatria, ela fora reconhecida como paciente da seção aberta. Seu nome era Martina Otsi Lazlo. Fora transferida do Hospital Distrital, onde passara quarenta e um anos. Sua doença fora classificada a princípio como uma forma ligeiramente catatônica de demência precoce, um tipo de senilidade que começa na adolescência. Esse diagnóstico persistira, embora a terminologia mudasse, até a transferência de Lazlo para o Hospital Geral de Georgetown, na época de sua inauguração, em 1970.

— Examinei o caso dela e percebi imediatamente que havia algo estranho — disse Temple. — Havia algo mais acontecendo.

Acendeu uma cigarrilha e jogou o fósforo negligentemente na direção de um cinzeiro em cima da mesa. Mas errou o alvo e o fósforo foi cair em cima da pasta aberta de um esquizofrênico. Temple ficou contrariado com a falta de mira.

— Ninguém mais sabe o que está fazendo. Ela passou tanto tempo no Hospital Distrital que ninguém mais se interessava por seu caso. Perderam até os primeiros registros dela. E um dia a vi fazendo aqueles gestos estranhos. Com as mãos. Ela as mexe assim.

Temple começou a imitar os gestos, mas Kinderman interrompeu-o:

— Já os vi.

— Ê mesmo?

— Ela está agora em nossa enfermaria.

— Isso é ótimo para ela.

Kinderman não podia deixar de antipatizar com o psiquiatra.

— Qual é o significado dos movimentos?

Uma batida de leve na porta impediu a resposta.

— Entre — disse Temple. Uma enfermeira jovem e atraente, na casa dos vinte anos, entrou na sala. Temple acrescentou para o detetive, com uma expressão maliciosa: — Escolhida a dedo, hem?

— O que deseja, doutor?

Temple olhou para a enfermeira.

— Srta. Allerton, assinou a autorização de saída para a sta. Lazlo no sábado?

— Como?

— Lazlo. Assinou a autorização de saída no sábado, não é mesmo?

A enfermeira parecia aturdida.

— Lazlo? Não, não assinei.

— Então o que é isto? — Temple pegou uma autorização de cima da mesa e começou a ler para a enfermeira: — Paciente: Lazlo, Martina Otsi. Ação: Permissão para visitar o irmão em Fairfax, Virgínia, até 22 de março. — Temple estendeu a autorização para a enfermeira, acrescentando: — Está datada de sábado e assinada por você.

O rosto da enfermeira ficou ainda mais franzido, enquanto examinava a autorização.

— Era o seu turno — comentou Temple. — Das duas horas da tarde até as dez da noite.

A enfermeira levantou os olhos para ele.

— Não escrevi isto, senhor.

O rosto do psiquiatra começou a ficar vermelho.

— Está querendo brincar comigo, menina?

— Não fui eu, senhor. Juro que não fui. Ela nem mesmo saiu no meu turno. Fiz uma conferência dos pacientes às nove horas e ela estava na cama.

A enfermeira se mostrava nervosa e afogueada sob o olhar dele.

— Essa letra não é sua? — indagou Temple.

— Não! Isto é, a letra é a minha... Oh, não sei mais nada! — A enfermeira examinou novamente a autorização. — Parece a minha letra, mas não é. Tem alguma coisa diferente.

— O que é diferente? — indagou Temple.

— Não sei direito. Mas tenho certeza que não fui eu que escrevi.

— Deixe-me dar uma olhada. — Temple arrancou a autorização da mão dela e começou a examiná-la. — Já sei o que é. Está se referindo a esses pequenos círculos, não é mesmo? Os pequenos círculos sobre os is, em lugar de pontos?

— Posso dar uma olhada? — perguntou Kinderman, estendendo a mão.

Temple entregou-lhe a autorização.

— Claro.

— Obrigado.

Kinderman examinou a autorização, enquanto a enfermeira insistia:

— Eu não escrevi isso.

— Acho que tem razão — murmurou Temple.

Kinderman olhou para o psiquiatra.

— O que foi mesmo que disse?

— Nada, nada... — Temple olhou para a enfermeira. — Está tudo certo,

meu bem. Apareça quando tiver uma folga e lhe pagarei um café.

A enfermeira Allerton acenou com a cabeça, depois virou-se rapidamente e saiu da sala. Kinderman devolveu a autorização a Temple.

— Não acha que é muito estranho alguém falsificar uma autorização para deixar a srta. Lazlo sair do hospital?

— Isto é um hospício! — exclamou Temple, levantando os braços.

— Mas por que alguém haveria de querer fazer uma coisa dessas?

— Já lhe falei. Isto é um hospício... e nem todos os malucos são pacientes.

— Está se referindo à equipe?

— É uma coisa contagiosa.

— Mas a quem em particular está se referindo?

— Ora... não importa.

— Não importa?

— Eu estava brincando.

— Não está preocupado com o incidente?

— Claro que não. — Temple pegou a autorização de cima da mesa e largou-a no cinzeiro. — Isto não passa de lixo. — Uma pausa. Tornou a pegar a autorização e acrescentou: — Provavelmente foi uma brincadeira de algum interno meio retardado. Ou talvez de alguém que esteja querendo me prejudicar.

— Mas se fosse esse o caso, a letra seria parecida com a sua.

— É verdade.

— Isso não é conhecido como paranoia?

— Muito esperto. — Os olhos de Temple se reduziram ao mínimo. Um pouco de cinza caiu em seu ombro. Ele espanou-a, deixando uma mancha escura. — Ela própria pode ter escrito.

— A srta. Lazlo?

Temple deu de ombros.

— Pode acontecer.

— É mesmo?

— Não resta a menor dúvida.

— Alguém viu a srta. Lazlo saindo? Ela estava acompanhada?

— Não sei. Mas posso descobrir.

— Costuma haver alguma conferência dos pacientes depois das nove horas da noite?

— A enfermeira do plantão da madrugada faz uma conferência das camas às duas horas

— Poderia perguntar a ela se viu a srta. Lazlo na cama?

— Claro. Deixarei um bilhete. Mas o que há de tão importante nisso? Tem alguma relação com os assassinatos?

— Que assassinatos?

— Ora, sabe muito bem. O garoto e o padre.

— Tem, sim.

— Foi o que pensei.

— E por que pensou assim?

— Não sou exatamente um estúpido.

— Sei que não é. Ao contrário, é um homem extremamente inteligente.

— Mas o que a srta. Lazlo tem a ver com os assassinatos?

— Não sei. Ela está envolvida, mas não diretamente.

— Não estou entendendo mais nada.

— A condição humana.

— Isso é mesmo verdade? Quer dizer que é seguro trazê-la de volta para cá?

— Eu diria que sim. Mas está mesmo convencido de que a autorização foi falsificada?

— Não tenho a menor dúvida.

— E quem a falsificou?

— Não sei. Você não para de fazer essas perguntas.

— Há alguém na sua equipe que costuma fazer círculos em cima dos is?

Temple fitou Kinderman nos olhos. Desviou os olhos depois de um momento e disse:

— Não.

A palavra foi pronunciada enfaticamente. Enfaticamente demais, pensou Kinderman. O detetive observou-o em silêncio por um momento e depois perguntou:

— Qual é o significado dos estranhos movimentos da srta. Lazlo?

Temple voltou a fitá-lo nos olhos, com um sorriso de satisfação.

— Meu trabalho é bastante parecido com o seu, sob muitos aspectos. Também sou uma espécie de detetive. — Inclinou-se para a frente. — Vou lhe explicar o que fiz. Sei que vai apreciar. Os movimentos de Lazlo possuem um padrão, não é mesmo? É a mesma coisa, em todas as ocasiões.

Temple imitou os gestos da mulher.

— Um dia eu estava na oficina de um sapateiro, esperando que ele consertasse a sola de um sapato. Fiquei observando-o trabalhar. Agora, como sabe, tudo é feito com máquinas. Mas aproximei-me dele e perguntei: “Como fazia esse trabalho antes de ter as máquinas?” Ele era velho e falava com um sotaque forte, creio que servo-croata. Eu fizera a pergunta por causa de um súbito pressentimento que me ocorrera, enquanto esperava. O sapateiro respondeu, rindo: “Fazíamos tudo à mão”. Era evidente que ele pensava que eu

era um idiota. Pedi a ele: “Mostre-me como fazia”. Ele alegou que estava ocupado demais para isso, mas ofereci-lhe algum dinheiro. Acho que foram cinco dólares. Ele sentou-se, ajeitou meu sapato entre os joelhos e começou a trabalhar, com as tiras de couro compridas imaginárias com que se costumava ligar as solas nos sapatos. E sabe que aquilo se parecia exatamente com os movimentos que a srta. Lazlo sempre faz? Era a mesma coisa! Entrei em contato com o irmão dela na Virgínia e fiz-lhe algumas perguntas. Adivinhe o que descobri! Pouco antes de ficar doida, a srta. Lazlo foi abandonada pelo namorado, com quem pensava que ia casar. Pode adivinhar qual era a ocupação dele?

— Era sapateiro?

— Isso mesmo. Ela não pôde suportar a perda e por isso tornou-se ele. Quando ele a deixou, ela tinha apenas dezessete anos. Mas, pelo resto de sua vida, identificou-se inteiramente com o homem. E já tem mais de cinquenta anos.

Kinderman sentia uma tristeza profunda.

— O que acha do meu trabalho de detetive? — indagou o psiquiatra, exultante. — A pessoa tem a capacidade para isso ou não tem. É um instinto, E ocorre ainda cedo. Quando eu era residente, trabalhei num estudo sobre um paciente, um depressivo. Um dos seus sintomas era um estalido no ouvido, que escutava continuamente. Um pensamento súbito me ocorreu quando acabei de entrevistá-lo. E perguntei: “Em que ouvido escuta o estalido?” Ele respondeu: É sempre no esquerdo. Nunca no outro”. Perguntei: "Importa-se se eu escutar?” Ele disse que não. Encostei meu ouvido no dele e escutei. E sabe que pude ouvir nitidamente o estalido? E bastante alto! O martelo, em seu tímpano, estava constantemente resvalando e fazendo o ruído. Nós o curamos com uma cirurgia e lhe demos alta. Sabia que ele estava internado há quase seis anos? Por causa do estalido, pensava que estava doido, e então ficava deprimido. Assim que soube que o estalido era real, superou prontamente a depressão.

— É muito interessante — comentou Kinderman. — Muito mesmo.

— Sou bastante favorável ao uso da hipnose — continuou Temple. — Muitos médicos não gostam. Acham que é perigoso demais. Mas essas pessoas podem ficar pior do que já estão? A verdade é que a gente tem de ser detetive e inventor para ser bom de fato. Acima de tudo, é preciso ser criativo. Sempre. — Soltou uma risadinha. — Eu estava pensando… Quando era estudante de medicina, e fazia estágio em ginecologia, havia uma paciente, uma mulher na casa dos quarenta anos, que sentia dores misteriosas na cona. Examinando-a, fiquei convencido de que o caso dela era de psiquiatria. Não tinha a menor dúvida de que a mulher estava de miolo mole. Conversei com o residente

psiquiátrico a respeito dela. Ele conversou com a mulher e depois me disse que não concordava com o meu diagnóstico. Os dias foram passando e cada vez mais eu me convencia de que ela era pirada. Mas o residente psiquiátrico não se convencia. Um dia fui ao quarto da mulher, levando uma pequena escada de mão e um lençol de borracha. Pus o lençol sobre ela, até o pescoço, depois de trancar a porta. Subi na escada, tirei o pau para fora e mijei em cima da cama. Ela não podia acreditar no que estava vendo. Desci da escada, peguei e dobrei o lençol. E saí do quarto, levando o lençol e a escada. E fiquei esperando. Um dia depois esbarrei com o residente psiquiátrico no almoço. Ele me fitou nos olhos e disse: "Freeman, você estava certo em relação àquela mulher. Não vai acreditar no que ela contou a todas as enfermeiras". — Temple recostou-se na cadeira, antes de arrematar, com toda a satisfação: — É isso aí, sempre se tem de fazer uma porção de coisas. Não há outro jeito.

— Nossa conversa foi muito instrutiva, doutor, Não pode imaginar quanto. Abriu-me os olhos para muitas coisas. Alguns médicos, de outros ramos, vivem desdenhando a psiquiatria.

— Não passam de uns imbecis.

— Por falar nisso, almocei hoje com um colega seu. Conhece o dr. Amfortas, o neurologista?

Os olhos do psiquiatra se estreitaram um pouco.

— Já era de se esperar que falasse mal da psiquiatria.

— Está enganado — protestou Kinderman. — Ele não fez nada disso. Apenas o mencionei porque almoçamos juntos. E ele se mostrou bastante cordial.

— Ele se mostrou o quê?

— Foi muito simpático. Outra coisa: será que alguém poderia me mostrar o local? — Kinderman levantou-se. — O local em que a srta. Lazlo costuma ficar. Eu gostaria de conhecê-lo.

Temple também se levantou e esmagou a cigarrilha no cinzeiro.

— Eu lhe mostrarei tudo pessoalmente,

— Não há necessidade. Sei que é um homem ocupado e não poderia tomar o seu tempo. De jeito nenhum.

Kinderman levantou as mãos, num gesto de protesto.

— Não há qualquer problema — insistiu Temple.

— Tem certeza de que não será incômodo?

— Este lugar é como um filho para mim. Tenho o maior orgulho dele. Faço questão de mostrar-lhe tudo pessoalmente.

Temple abriu a porta.

— Não vou mesmo incomodá-lo?

— Claro que não.

Kinderman passou pela porta e Temple seguiu-o.

— Por aqui — disse Temple, apontando para a direita.

Kinderman foi atrás dele. fazendo um esforço para acompanhar seus passos elásticos.

— Eu me sinto um pouco culpado...

— Não se preocupe, tenente. Está com o homem certo.

Kinderman visitou toda a seção aberta. Era um labirinto de corredores, a maioria com quartos para os pacientes, embora houvesse também uma sala de reuniões e gabinetes para a equipe. Havia ainda uma pequena lanchonete e instalações para fisioterapia. Mas o centro das atividades era uma vasta sala de recreação, com um posto de enfermaria, uma mesa de pingue-pongue e um aparelho de TV. Quando Temple e Kinderman chegaram lá, o psiquiatra apontou para um grupo de pacientes, que via televisão. Quase todos eram idosos e olhavam fixamente, apaticamente, para o vídeo. Vestiam pijamas, roupões e chinelas.

— É aqui que se concentra a ação — comentou Temple. — Eles discutem o dia inteiro sobre o programa a assistir. A enfermeira de serviço passa a maior parte do tempo funcionando como juíza.

— Eles parecem estar felizes agora — disse Kinderman.

— Espere um instante. Ali está um paciente típico. — Temple apontou para um homem de quepe de beisebol, no grupo que via televisão. — Ele é castrofrênico. Pensa que inimigos estão sugando todos os pensamentos de sua mente. Não sei o que dizer. Ele pode estar certo. E ali está Lang. É o cara mais atrás. Era um excelente químico e de repente passou a escutar vozes num gravador. De pessoas mortas. Respondendo a suas perguntas. Lera algum livro sobre o assunto. E foi assim que começou.

“Por que isso me soa familiar?”, perguntou-se Kinderman. Sentia uma estranheza na alma.

— Não demorou muito para que ele estivesse escutando as vozes no chuveiro — continuou Temple. — E depois em qualquer água em movimento. Na torneira. No mar. Depois em galhos sacudidos pelo vento, em folhas farfalhando. E logo estava ouvindo as vozes no sono. Agora, não pode se livrar delas. Diz que a televisão as abafa.

— Essas vozes o deixam mentalmente doente? — perguntou Kinderman.

— Não. A doença mental é que o levou a escutar as vozes.

— Como o estalido no ouvido?

— Não. Esse cara é realmente pirado. Aceite a minha

palavra. Ele é mesmo. Está vendo aquela mulher de chapéu esquisito?

Outra beleza. Mais um dos meus sucessos. Já viu qual é?

Temple apontava para uma mulher obesa, de meia-idade, sentada com a turma da televisão.

— Já vi — disse Kinderman.

— Ei, ela me viu! — exclamou o psiquiatra. — Está vindo para cá!

A mulher se arrastava rapidamente na direção deles. As chinelas deslizavam ruidosamente pelo assoalho. Um instante depois, estava parada na frente dos dois. Seu chapéu era redondo, de feltro azul, e estava coberto por barras de chocolate, presas por alfinetes.

— Nada de toalhas — disse a mulher para Temple.

— Nada de toalhas — repetiu o psiquiatra.

A mulher virou-se e começou a voltar para o grupo.

— Ela costumava guardar toalhas — explicou Temple. — Roubava-as dos outros pacientes. Mas curei-a disso. Durante uma semana, nós lhe demos sete toalhas extras a cada dia. Na semana seguinte passamos para vinte toalhas e na outra para quarenta. Não demorou muito para que ela tivesse tantas toalhas no quarto que mal podia se mexer. E quando um dia levamos a nova cota de toalhas, ela começou a berrar e jogá-las fora. Não podia mais suportá-las. — O psiquiatra ficou em silêncio por um momento, observando a mulher se acomodar em seu lugar. E depois comentou, sem qualquer inflexão na voz: — Acho que o chocolate será a próxima etapa.

— Eles são muito quietos.

Kinderman olhou ao redor, observando alguns pacientes nas cadeiras. Estavam derreados e apáticos, com o olhar perdido no espaço.

— A maioria é de vegetais. — Temple bateu com um dedo em sua cabeça. — Não têm nada aqui. É claro que as drogas não ajudam.

— As drogas?

— Os medicamentos que eles tomam. Principalmente Thorazine. Tomam todos os dias. Tende a deixá-los ainda mais apáticos.

— O carrinho de medicamentos vem até aqui?

— Claro.

— E traz outras drogas além de Thorazine?

Temple virou a cabeça para fitar Kinderman.

— Por quê?

— Apenas uma pergunta.

O psiquiatra deu de ombros.

— É possível. Especialmente se o carrinho estiver indo para a ala dos agitados.

— É lá que se faz a terapia de eletrochoque?

— Quase não se usa mais essa terapia.

— Quase?

— Ainda é um recurso ocasional… quando não há outro jeito.

— Há pacientes aqui que tenham conhecimentos médicos?

— Uma estranha pergunta

— É o meu albatroz. Não posso evitar. Quando penso numa coisa, tenho de dizê-la imediatamente.

Temple parecia desorientado por um instante, sem saber como responder. Mas, depois, virou-se e fez um gesto na direção de um paciente, um homem magro, de meia-idade, instalado numa cadeira. Estava sentado junto a uma janela, olhando pata fora. O sol de fim de tarde incidia obliquamente sobre ele, dividindo seu corpo em luz e escuridão. Seu rosto era inexpressivo.

— Ele foi médico na Coréia, nos anos 50. Perdeu os órgãos genitais. Há quase trinta anos que não diz uma só palavra.

Kinderman acenou com a cabeça, Virou-se e olhou para o posto da enfermeira. Ela estava ocupada, escrevendo um relatório. Um atendente preto, corpulento, estava de pé perto dela com um braço apoiado no balcão, observando os pacientes na sala.

— Só há uma enfermeira aqui.

— E só isso é necessário. — Temple pôs as mãos nos quadris e olhou fixamente para frente. — Quando a televisão está desligada, tudo o que se ouve nesta sala é o arrastar de chinelas. Um som que causa arrepios.

Continuou a olhar para frente por mais algum tempo, depois virou a cabeça e fitou o detetive, Kinderman observava o homem junto à janela.

— Você parece deprimido, tenente.

Kinderman virou-se para ele.

— Eu?

— Tende a ficar remoendo as coisas, não é mesmo? Está pensativo desde que chegou ao meu gabinete. Fica sempre assim?

Kinderman reconheceu com surpresa que era verdade o que Temple dizia. Desde que entrara no gabinete dele, sentia-se meio estranho. O psiquiatra dominara seu espírito. Como ele conseguira isso? Kinderman fitou os olhos dele. Havia um vórtice lá dentro.

— É o meu trabalho — murmurou Kinderman.

— Pois então mude. Alguém me perguntou um dia: “O que posso fazer com as dores de cabeça que sinto sempre que como carne de porco?” Sabe o que respondi? “Pare de comer carne de porco.”

— Posso ver agora o quarto da stra. Lazlo, por favor?

— Poderia fazer o favor de se animar um pouco?

— Estou tentando.

— Ótimo. Vamos agora. O quarto dela é aqui perto.

Temple levou Kinderman por um corredor e depois outro. Entraram no quarto.

— Há bem pouca coisa aqui — comentou Temple.

— Posso ver.

O quarto estava praticamente vazio. Kinderman deu uma olhada no armário. Outro roupão azul estava pendurado lá dentro. Verificou as gavetas. Estavam vazias. Havia toalhas e sabonete no banheiro. E isso era tudo. Kinderman correu os olhos pelo pequeno quarto. Sentiu subitamente uma aragem fria passar por seu rosto. Pareceu fluir através dele e depois se desvanecer. Olhou para a janela. Estava fechada. Teve um estranho pressentimento, Olhou para o relógio. Eram três horas e cinquenta e cinco minutos.

— Preciso ir agora — murmurou Kinderman. — Muito obrigado por tudo.

— Estou sempre ao seu dispor.

O psiquiatra acompanhou Kinderman para fora do Departamento de Psiquiatria, até o começo da Neurologia. Despediram se nas portas da seção aberta.

— Tenho de voltar daqui — disse Temple. — Conhece o caminho pata a saída?

— Conheço.

— Valeu o seu dia, tenente?

— E talvez a noite também.

— Ótimo. Se voltar a ficar deprimido, telefone para mim ou venha me procurar aqui. Tenho certeza de que poderei ajudá-lo.

— Qual é a escola psiquiátrica que você segue?

— Sou um behaviorista intransigente. Dê-me todos os fatos e eu lhe direi com antecedência o que uma pessoa vai fazer.

Kinderman baixou os olhos e sacudiu a cabeça.

— Por que está sacudindo a cabeça? — perguntou Temple.

— Por nada.

— Tenho certeza de que é por algum motivo. Qual é o problema?

Kinderman levantou o rosto para fitar os olhos do outro, beligerantes.

— Sempre senti pena dos behavioristas, doutor. Eles nunca podem dizer: “Obrigado por me passar a mostarda''.

A boca do psiquiatra se contraiu.

— Quando teremos a srta. Lazlo de volta? — perguntou ele.

— Ainda esta noite. Tomarei todas as providências necessárias.

— Isso é ótimo. — Temple empurrou uma porta e acrescentou, um instante antes de desaparecer: — Eu o verei por aí, tenente.

Kinderman continuou parado onde estava por um momento, escutando. Podia ouvir as solas de borracha afastando-se rapidamente. Depois que o som morreu, experimentou uma sensação de alívio imediata. Soltou um suspiro. E teve a impressão de que esquecera alguma coisa. Sentia o volume no bolso do casaco. Os livros de Dyer. Virou à direita e afastou-se rapidamente. Quando entrou no quarto, Dyer levantou os olhos do seu missal. Ainda estava na cama.

— Demorou bastante — queixou-se ele. — Já recebi sete transfusões desde que você partiu.

Kinderman parou ao lado da cama e largou os livros na barriga de Dyer.

— Conforme você pediu. *A vida de Monet* e *Conversas com Wolfgang Pauli*. Sabe por que Cristo foi crucificado, padre? Preferiu isso a ser visto em público com esses livros.

— Não seja esnobe.

— Há missões jesuíticas na Índia, padre. Não poderia encontrar uma para trabalhar? As moscas não são tão horríveis quanto dizem. Ao contrário, são muito bonitas, todas de cores diferentes. E *Escrúpulos* já está traduzido para o hindi. Além disso, terá todos os seus confortos e os *chotch-kelehs* habituais ao seu lado. Sem falar em vários milhões de exemplares do Kamasutra.

— Já o li.

— Eu tinha certeza — Kinderman deslocara-se para o pé da cama, onde pegou a ficha médica de Dyer, deu uma olhada e depois a repôs no lugar. — Vai me perdoar se eu largar agora essa discussão mística? Estética demais sempre me dá dor de cabeça. E também tenho dois pacientes em outra ala, ambos padres: Joe DíMaggio e Jimmy, o Grego. Preciso ir.

— Pois então vá.

— Por que a pressa?

— Quero voltar à leitura de *Escrúpulos*.

Kinderman virou-se e encaminhou-se pata a porta.

— Foi alguma coisa que eu disse? — perguntou Dyer.

— A mãe Índia está chamando-o, padre.

Kinderman saiu para o corredor e desapareceu. Dyer ficou olhando para a porta aberta.

— Até a próxima, Bill — murmurou ele, com um sorriso afetuoso. E, depois, voltou a concentrar-se na leitura do missal.

De volta à delegacia, Kinderman atravessou a ruidosa sala dos detetives, entrou em seu gabinete e fechou a porta. Atkins estava à sua espera, encostado na parede. Usava jeans azuis, com um suéter preto de gola rulê, por baixo de um

blusão de couro preto brilhante,

— Vamos mergulhar fundo demais, capitão Nemo — disse Kinderman, fitando-o da porta, com uma expressão desolada. — O casco pode não aguentar a pressão

Ele foi até sua mesa.

— E eu também não. O que está pensando, Atkins? Pare com isso. *A décima segunda noite* está passando no Folger e não aqui. O que é isto?

O detetive inclinou-se sobre a mesa e pegou os dois retratos falados. Contemplou-os impassivelmente por um instante e depois lançou um olhar rabugento para Atkins.

— Estes são os suspeitos?

— Ninguém reparou direito neles.

— Dá para perceber. O velho parece um abacate senil querendo passar por Harpo Marx. E o outro ofusca a minha imaginação. O homem de blusão tinha bigode? Ninguém falou em bigode na igreja.

— Essa foi a contribuição da srta. Volpe.

— Srta. Volpe... — Kinderman largou os retratos falados e esfregou o rosto com a mão. — *Meshugge*. Srta. Volpe, apresento-lhe Julie Febré.

— Tenho uma coisa para lhe dizer, tenente.

— Agora não. Será que não pode perceber quando um homem está tentando morrer? Exige uma concentração total, absoluta. — Kinderman sentou, com uma cara de extremo cansaço, e ficou olhando fixamente para os desenhos. — Sherlock Holmes teve mais facilidade. Não precisou enfrentar um retrato falado do cão dos Baskervilles. Além disso, a srta. Volpe certamente vale dez do Moriarty dele.

— A pasta de Gêmeos chegou, senhor.

— Sei disso. Estou vendo-a em cima da mesa. Estamos subindo à superfície, Nemo? Minha visão não está mais toldada.

— Tenho algumas noticias para lhe dar, tenente.

— Pois continue a guardá-las. Tive um dia fascinante no Hospital Geral de Georgetown. Não vai me perguntar nada sobre isso?

— O que aconteceu?

— Ainda não estou pronto para discutir o assunto. Contudo, quero sua opinião a respeito de uma coisa. Tudo acadêmico. Entendido? Basta presumir os fatos hipotéticos. Um médico psiquiatra, alguém como o chefe de Psiquiatria do hospital, faz um esforço obviamente desajeitado para me fazer pensar que está dando cobertura a um colega… digamos um neurologista que está trabalhando no problema da dor. Isso acontece, neste caso hipotético, quando pergunto ao psiquiatra imaginário se alguém de sua equipe possui uma certa excentricidade

no jeito de escrever. O referido psiquiatra me fita nos olhos por duas ou três horas, depois vira o rosto para o lado e diz um não muito alto. E depois, como uma raposa, descubro que há atrito entre os dois. Talvez não. Mas acho que sim. O que deduz de tudo isso, Atkins?

— O psiquiatra quer denunciar o neurologista, mas não quer fazê-lo abertamente.

— E por que não, Atkins? Lembre-se de que o homem estaria dificultando a ação da justiça.

— Ele é culpado de alguma coisa. Está envolvido. Mas se aparentemente estiver dando cobertura a outra pessoa, então nunca desconfiariam dele.

— Nunca em toda a sua vida. Mas concordo com sua opinião. E, agora, tenho uma coisa mais importante para lhe contar. Em Beltsville, Maryland, há muitos anos, existia um hospital para pacientes que estavam morrendo de câncer. E por isso lhes aplicavam doses maciças de LSD. Não podia fazer mal. Estou certo? E ajudava a aliviar a dor. E acontece uma coisa estranha. Todos passam pela mesma experiência, não importa qual seja a sua vida anterior ou religião. Imaginam que estão descendo pela terra, passando por tudo o que é esgoto, sujeira, lixo. Enquanto estão fazendo isso, *são* essas coisas. Depois começam a subir e subir, e de repente tudo é lindo, estão na presença de Deus, que lhes diz: "Subam para Mim. Aqui não é Newark". Cada um teve essa experiência, Atkins. Está certo, talvez apenas noventa por cento. Mas é o suficiente. O importante, porém, é outra coisa que eles disseram. Contaram que sentiram que todo o universo era eles. Todos eram uma só coisa, uma só pessoa. Não é espantoso que todos tenham dito isso? Pense também no teorema de Bell, Atkins: em qualquer sistema de duas partículas, dizem os físicos, alterar o movimento de uma delas *muda simultaneamente o movimento da outra*, não importa a distância entre elas, não importa que sejam *galáxias* ou *anos-luz*!

— Tenente...

— Fique calado, por favor, quando está falando comigo! Tenho mais uma coisa para lhe dizer. — Kinderman inclinou-se para a frente, com os olhos brilhando. — Pense no sistema nervoso autônomo. Faz todas aquelas coisas aparentemente inteligentes para manter seu corpo vivo e funcionando. Mas não possui inteligência própria. Sua mente consciente não o está dirigindo, "Então, o que o controla?", você me pergunta. Seu inconsciente. Pense agora no universo como seu corpo, na evolução, nas vespas-caçadoras, como um sistema autônomo. O que o está dirigindo, Atkins? Pense nisso. E lembre-se do inconsciente coletivo. Enquanto isso, não posso ficar sentado aqui conversando para sempre. Falou ou não com a velha? O que não tem importância. Ela pertence ao Hospital Geral de Georgetown. Providencie que a levem para lá. Ela

é uma paciente psiquiátrica. Perpétua.

— A velha está morta — informou Atkins.

— Como?

— Morreu esta tarde.

— O que a matou?

— Uma parada cardíaca.

Kinderman ficou olhando fixamente para Atkins por um momento e depois abaixou a cabeça, sacudindo-a.

— Era mesmo a única saída para ela. — Ele sentia uma tristeza pungente e profunda. E murmurou, afetuosamente:

— Martina Otsi Lazlo... — Levantando os olhos para Atkins, o tenente acrescentou, suavemente: — Aquela velha era um verdadeiro gigante, Atkins. Num mundo em que o amor nunca perdura, ela foi um gigante. — Abriu uma gaveta e tirou o prendedor de cabelos que haviam encontrado no atracadouro. Contemplou-o por um instante. — Espero que agora ela esteja com ele.

Kinderman tornou a guardar o prendedor na gaveta e fechou-a.

— Ela tem um irmão na Virgínia, Atkins. O sobrenome dela é Lazlo. Ligue para o hospital e tome as providências necessárias. O contato é Temple. Dr. Temple. É o chefe de Psiquiatria do hospital, um *goniff*. Não deixe que ele o hipnotize. Ele é capaz de fazê-lo pelo telefone. Não duvido nada.

O tenente levantou-se, foi até a porta, parou e voltou para a mesa.

— Andar faz bem ao coração. — Pegou a pasta de Gêmeos. — Não admito o escárnio. Não fale nada. — Foi novamente até a porta, abriu-a, virou-se. — Verifique no computador todas as receitas de sucinilcolina apresentadas este mês e no mês passado. Os nomes que deve procurar são Vincent Amfortas e Freeman Temple. Vai à missa todos os domingos, Atkins?

— Não.

— Por que não? Como dizem os de preto, Nemo, você é um homem de três pingos... batismo, casamento e morte?

Atkins deu de ombros.

— Não costumo pensar nessas coisas.

— Uma resposta das mais esclarecedoras. Só mais uma pergunta, Atkins, e depois o entregarei às mãos dos torturadores. Se Cristo não tivesse se deixado crucificar, tomaríamos conhecimento da ressurreição? Não responda. É óbvio, Atkins. Agradeço seu esforço e tempo. Desfrute a sua viagem ao fundo do mar, enquanto isso. Posso lhe garantir que só vai encontrar lá peixes de aparência estúpida, com exceção do líder, uma carpa gigantesca, que pesa treze toneladas e tem o cérebro de um boto. É um peixe excepcional, Atkins. Evite-o. Se ele pensar que estamos ligados, pode cometer alguma loucura.

Kinderman virou-se e afastou-se. Atkins viu-o parar no meio da outra sala e olhar para cima, enquanto encostava as pontas dos dedos na aba do chapéu todo amarrotado. Um policial com um suspeito a reboque esbarrou nele. Kinderman lhes disse alguma coisa. Atkins não pôde ouvir. E, finalmente, o tenente desapareceu.

Atkins foi até a mesa e sentou-se. Abriu a gaveta, olhou para o prendedor, tentou imaginar o que Kinderman quisera dizer ao se referir ao amor. Ouviu passos e levantou os olhos. Kinderman estava parado na porta.

— Se eu descobrir que falta um drops, Atkins, não vamos mais brincar de Batman e Robin. Enquanto isso, a que horas a velha morreu?

— Por volta das três e cinquenta e cinco.

— Obrigado, Atkins.

Kinderman permaneceu com o olhar perdido no espaço por algum tempo, depois virou-se abruptamente e partiu, sem dizer mais nada. Atkins ficou pensando no significado da pergunta dele.

Kinderman foi para casa. Tirou o chapéu e o casaco no vestíbulo e foi para a cozinha. Julie estava sentada à mesa, lendo uma revista de moda, enquanto Mary e a mãe trabalhavam no fogão. Mary levantou os olhos de um molho que estava mexendo e sorriu.

— Oi, amor. É maravilhoso que você tenha chegado a tempo para o jantar.

— Oi, papai — disse Julie, ainda absorta em sua leitura.

A mãe de Mary virou as costas ao detetive e limpou o balcão da cozinha.

— Olá, benzinho — disse Kinderman, dando um beijo no rosto de Mary. — Sem você, a vida é como contas de vidro e pizza velha. O que está fazendo? Sinto o cheiro de carne de peito.

— Não tem cheiro nenhum — resmungou Shirley. — Precisa dar um jeito no nariz.

— Estou deixando isso para Julie — disse Kinderman, sombriamente.

Acomodou-se à mesa, diante da filha. A pasta de Gêmeos estava em seu colo. Os braços de Julie estavam cruzados e apoiados na mesa, os cabelos pretos compridos encostavam nas páginas de Glamour. Ela empurrou uma mecha para trás, distraidamente, e virou uma página.

— Que história é essa de Febré? — perguntou Kinderman

— Não fique nervoso, por favor, papai — disse Julie, laconicamente, enquanto virava outra página.

— Quem está nervoso?

— Estou apenas pensando nisso.

— Eu também.

— Não implique com ela, Bill — disse Mary.

— Quem está implicando? Quero que saiba, Julie, que uma coisa assim nos criaria um grande problema. Pense um pouco, Uma pessoa numa família muda de nome. É muito fácil. Mas não sei o que pode acontecer quando todas as três pessoas resolvem ao mesmo tempo trocar de nome, cada um diferente do outro. Poderia até levar a uma histeria coletiva, para não falar de uma pequena confusão. Seríamos capazes de coordenar tudo isso?

Julie levantou os lindos olhos azuis para enfrentar os do pai.

— Não estou entendendo, papai.

— Sua mãe e eu vamos mudar nosso nome para Darlington.

Uma concha de madeira bateu ruidosamente na pia e Kinderman viu Shirley deixando rapidamente a cozinha. Mary virou-se para a geladeira, rindo silenciosamente.

— Darlington? — repetiu Julie, aturdida.

— Isso mesmo. Também estamos nos convertendo.

Julie cobriu com a mão uma exclamação de espanto.

— Vocês estão se tornando católicos?

— Não diga bobagem — falou Kinderman, afavelmente. — Seria tão ruim quanto ser judeu. Estamos pensando que talvez possamos nos tornar luteranos. Afinal, já acabamos com todas aquelas suásticas no templo. — Kinderman ouviu Mary sair correndo da cozinha e acrescentou: — Sua mãe está um pouco transtornada. Mudar é sempre difícil no começo. Mas era vai superar. Não precisamos fazer a mudança de uma vez só. Faremos tudo gradativamente. Primeiro, mudamos o nome, depois nos convertemos e finalmente passamos a assinantes de *The National Review*.

— Não acredito em nada disso — declarou Julie.

— Pode acreditar. Estamos entrando no liquidificador dos tempos. Vamos virar purê, o que não chega a ser Febré. Mas não importa. Era inevitável. A única questão agora é saber como poderemos coordenar tudo. Estamos abertos a sugestões, Julie. O que você acha?

— Acho que não deveriam mudar de nome — respondeu Julie, enfaticamente.

— Por que não?

— Porque não é o nome de vocês! — Viu a mãe voltando. — Essa história é séria, mamãe?

— Não precisa ser Darlington, Julie — disse Kinderman. — Podemos escolher outro nome, com o qual todos concordem. O que acha de Bunting?

Mary acenou com a cabeça, pensativa.

— Gosto desse nome.

— Oh, Deus, isso é absurdo demais! — exclamou Julie.

Levantou-se e saiu da cozinha, furiosa, no instante em que a mãe de Mary voltava.

— Já acabaram com as bobagens? — indagou Shirley. — Não sei dizer quem é uma pessoa e quem não é nesta casa. Talvez sejam todos bonecos, dizendo *shtuss* para me atormentar e me fazer ouvir vozes, a fim de me internar depois num sanatório.

— Tem toda a razão — disse Kinderman, com absoluta sinceridade. — Peço desculpas.

— Não é o que falei? — disse Shirley, com a voz esganiçada. — Mary, diga a ele para parar com isso!

— Pare com isso, Bill.

— Já parei.

O jantar ficou pronto às sete e quinze. Depois, Kinderman instalou-se na banheira, tentando deixar a mente vazia. Como sempre, descobriu-se incapaz de fazê-lo. “Ryan consegue com a maior facilidade”, refletiu. “Devo perguntar qual é o segredo dele. Esperarei até que ele tenha feito alguma coisa certa e se sinta expansivo.” Seus pensamentos deslocaram-se do conceito de um segredo para Amfortas. “O homem é extremamente misterioso, sombrio.” Kinderman sabia que havia alguma coisa que ele estava escondendo. O que seria? Kinderman pegou um recipiente de plástico e despejou um pouco mais de sabonete líquido na banheira. Mal conseguia evitar um cochilo.

Terminado o banho, Kinderman pôs um roupão e levou a pasta de Gêmeos para o seu gabinete. As paredes estavam cobertas por cartazes de cinema, clássicos em preto e branco, dos anos 30 e 40. A mesa de madeira escura estava cheia de livros. Kinderman estremeceu. Estava descalço e pisara num exemplar de capa afiada de *O fenômeno humano*, de Teilhard de Chadin. Abaixou-se, pegou o livro e o pôs na mesa, cuja luz acendeu. Houve reflexos nos papéis laminados de chocolate, à espreita, na confusão, como criminosos faiscantes. Kinderman abriu um espaço para a pasta, coçou o nariz, sentou-se, tentou focalizar. Procurou entre os livros, até encontrar os óculos de leitura. Limpou-os com a manga do roupão, ajeitou-os. Ainda não podia ver. Fechou um olho e depois o outro, acabou tirando os óculos e repetindo a manobra. Concluiu que via melhor sem a lente da esquerda. Enrolou a manga na lente e bateu com força na quina da mesa. A lente caiu, partida ao meio. Kinderman tornou a pôr os óculos.

Não adiantava. O problema era a fadiga. Tirou os óculos, saiu do gabinete e foi direto para a cama.

Kinderman sonhou. Estava sentado num cinema, assistindo a um filme, com as pessoas internadas na enfermaria aberta. Pensava estar assistindo a

Horizonte perdido, embora na tela visse *Casablanca*. Mas não sentia qualquer discrepância. O pianista, no Rick's, era Amfortas. Estava tocando *Ar time goes by* quando a personagem de Ingrid Bergman entrou. No sonho de Kinderman, ela era Martina Lazlo, enquanto seu marido era representado pelo dr. Temple. Lazlo e Temple aproximaram-se do piano. Amfortas disse:

— Deixe-o em paz, sta. Ilse.

Ao que Temple declarou:

— Atire nele.

Lazlo tirou um bisturi da bolsa e atingiu Amfortas no coração. Subitamente, Kinderman estava no filme, sentado a uma mesa, junto com Humphrey Bogart.

— Os documentos de trânsito são falsificados — disse Bogart.

— Sei disso — murmurou Kinderman.

Perguntou a Bogart se seu irmão Max estava envolvido, Bogart deu de ombros e disse:

— Isto é o Rick's.

— Já sei. Todo mundo vem para cá. Assisti vinte vezes a este filme.

— Não pode fazer mal — comentou Bogart.

Nesse instante, Kinderman experimentou uma sensação de pânico, pois esquecera o resto de suas falas. Iniciou uma discussão sobre o problema do mal e fez um sumário de sua teoria para Bogart. No sonho, levou apenas uma fração de segundo.

— Tem razão, Ugarte — disse Bogart. — Tenho mais respeito por você agora.

Bogart iniciou a discussão sobre Cristo.

— Deixou-o fora de sua teoria, e os mensageiros alemães certamente descobrirão isso.

— Está enganado — disse Kinderman prontamente. — Eu o incluí.

Abruptamente, Bogart tornou-se o padre Dyer, e Amfortas e a srta. Lazlo estavam sentados à mesa. Só que agora ela era jovem e extremamente bonita. Dyer estava ouvindo a confissão do neurologista. Quando ele deu a absolvição, Lazlo entregou a Amfortas uma rosa branca.

— E eu disse que nunca o deixaria — murmurou ela.

— Vá e não viva mais — declarou Dyer.

Instantaneamente, Kinderman estava de volta à platéia e sabia que sonhava. A tela aumentara, ocupando todo o seu campo de visão. Em vez de Casablanca, ele via duas luzes, contra o verde-claro do vazio interminável. A luz da esquerda era imensa e fulgurante, faiscando com uma radiancia azulada. Muito à direita havia uma pequena esfera branca, que luzia com o brilho e a força de muitos sóis, mas não cegava nem ofuscava; era serena. Kinderman experimentou uma

sensação de transcendência. Ouviu na mente a luz da esquerda começar a falar:

— Não posso deixar de amar você.

A outra luz não respondeu. Houve uma pausa e, depois, a primeira luz acrescentou.

— É isso o que eu sou. Puro amor. Quero dar meu amor livremente.

Outra vez não houve resposta da esfera brilhante. A primeira luz voltou a falar:

— Quero criar a mim mesma.

A esfera finalmente falou:

— Haverá dor.

— Sei disso.

— Não compreende o que é.

— Eu escolhi.

A luz azulada ficou esperando, faiscando. Muitos momentos se passaram antes que a luz branca voltasse a falar.

— Mandarei alguém para você.

— Não deve fazer isso. Não deve interferir.

— Será uma parte de você.

A luz azulada se encolheu, o fulgor tornou-se abafado e mínimo. Voltou finalmente a se expandir.

— Que assim seja.

O silêncio foi agora mais prolongado, mais intenso do que antes. E opressivo. A luz branca finalmente falou:

— Que o tempo comece.

A luz azulada pareceu explodir em muitas cores, depois foi lentamente se firmando até alcançar o estado anterior. Houve silêncio por algum tempo, até que a luz azulada disse, suavemente, tristemente:

— Adeus. Voltarei para você.

— Apresse o dia.

A luz azulada começou então a faiscar intensamente. Foi se tornando maior, mais radiante, mais linda do que nunca. Depois, lentamente, começou a se contrair, até ficar quase do tamanho da esfera branca. E nesse estágio pareceu perdurar por algum tempo.

— Eu amo você — disse de repente.

E no instante seguinte explodiu, com um brilho inexcedível, projetando-se para fora com uma força inconcebível, num trilhão de fragmentos de energias de luz incalculáveis, com um som ensurdecedor.

Kinderman despertou com um sobressalto. Ficou sentado na cama e levou a mão à testa. Estava encharcada de suor. Ainda podia sentir a luz da explosão em

suas retinas. Ficou sentado, pensando, por algum tempo. Teria sido real? O sonho lhe dera toda a impressão de realidade. Nem mesmo o sonho com Max tivera a mesma intensidade. Não pensou na parte do cinema. O outro segmento a ofuscara por completo.

Saiu da cama e desceu para a cozinha, onde acendeu a luz, contraindo os olhos para ver o relógio de pêndulo na parede. “Quatro e dez? É um absurdo", pensou ele, "Frank Sinatra deve estar começando a dormir neste momento.” Contudo, ele se sentia desperto, completamente revigorado. Acendeu o fogo da chaleira e ficou esperando junto ao fogão. Tinha de prestar atenção e tirar a chaleira antes que assoviasse, caso contrário Shirley poderia descer. Enquanto esperava, pensou no sonho das luzes. Afetara-o profundamente. Qual seria a emoção que estava sentindo? Era algo como pungência e perda irreparável. Sentira a mesma coisa ao final de *Desencontro*. Refletiu sobre o livro que lera a respeito de Satã, escrito por teólogos católicos. A beleza e perfeição de Satã eram descritas como extraordinárias. Ele era o “Portador da Luz”, “Estrela da Manhã”. Deus devia amá-lo imensamente. Então como pudera condená-lo por toda a eternidade?

Kinderman encostou a mão na chaleira. Ainda não estava muito quente. Teria de esperar mais alguns minutos. Pensou outra vez em Lúcifer, um ser de radiância inconcebível. Os católicos diziam que a natureza dele era imutável. “E daí?” Poderia ele realmente ter trazido a doença e a morte ao mundo? Seria o autor do mal e da crueldade? Não tinha sentido. Até mesmo o velho Rockefeller distribuira alguns centavos de esmola de vez em quando. Pensou nos Evangelhos, em todas as pessoas possuídas. Possuídas por quem? Não pelos anjos caídos, pensou Kinderman. “'Somente os *goyim* misturam demônios com *dybbuks* (No folclore judaico, demônios ou almas de pessoas mortas que exercem possessão sobre os vivos N.E.). É uma piada. Eram pessoas mortas que estavam tentando voltar. Cassius Clay pode fazer isso incessantemente, por que não um pobre alfaiate morto?” Satã não corria de um lado para o outro a invadir corpos vivos, nem mesmo os Evangelhos diziam isso, refletiu Kinderman. “É verdade que Jesus fez um gracejo a esse respeito”, admitiu ele. Os apóstolos foram procurá-lo, ofegantes, exultantes com o seu sucesso em exorcizar demônios. Jesus assentiu e manteve a expressão impassível ao lhes dizer:

— É isso mesmo. Vi Satã cair como raio do céu.

Era uma ironia, uma censura gentil. Mas por que raio?, pensou Kinderman. Por que Cristo chamou Satã de “príncipe deste mundo”?

Poucos minutos depois, preparou uma xícara de chá e levou-a para o seu gabinete. Fechou a porta sem fazer barulho, tateou até a mesa, acendeu a luz e sentou-se. Começou a ler a pasta.

Os crimes de Gêmeos se confinaram a San Francisco e haviam se estendido por sete anos, de 1964 a 1971. Gêmeos fora morto então por uma saraivada de balas, quando subia uma viga da Ponte Golden Gate, onde a polícia o encurralara, depois de diversas tentativas malogradas. Durante a sua vida, ele assumira a responsabilidade por vinte e seis assassinatos, todos brutais e envolvendo mutilações. As vítimas eram dos dois sexos, das idades mais diversas, incluindo até crianças. A cidade vivia em terror, embora a identidade de Gêmeos fosse conhecida. Gêmeos a revelara pessoalmente, numa carta ao *San Francisco Chronicle*, imediatamente depois de ter cometido o primeiro assassinato. Era James Michael Vennamun, o filho de trinta anos de um famoso evangelista cujos sermões eram transmitidos pela televisão para todo o país, aos domingos, às dez horas da noite. Apesar disso, não foi possível encontrar Gêmeos, mesmo com a ajuda do evangelista, que se retirou do cenário público em 1967. Quando finalmente o mataram, o corpo de Gêmeos caiu no rio. O rio foi dragado por muitos dias, mas não se encontrou o corpo, Mesmo assim, não restava qualquer dúvida sobre sua morte. Uma saraivada de centenas de balas atingira seu corpo. E os assassinatos cessaram.

Kinderman virou a página. Aquela parte tratava das mutilações. Abruptamente, parou de ler e ficou olhando fixamente para um parágrafo. Sentiu os cabelos da nuca se arrepiarem. “Será possível?'', pensou ele. “Santo Deus, não pode ser!” Mas ali estava. Levantou os olhos, ficou respirando fundo e pensando por algum tempo. E, depois, continuou.

Chegou ao perfil psiquiátrico, baseado em grande parte nas cartas desconexas de Gêmeos e em um diário que ele mantivera na juventude. Ele tinha um irmão gêmeo, Thomas, mentalmente retardado e que vivia com um terror trêmulo do escuro, mesmo quando havia outras pessoas por perto. Sempre dormia com a lua acesa. O pai, divorciado, não dispensava muita atenção aos filhos. James fora praticamente o pai de Thomas, cuidara dele.

Kinderman logo estava inteiramente absorto na história:

“Com olhos vazios e submissos, Thomas estava sentado à mesa, enquanto James lhe preparava mais panquecas. Karl Vennamun entrou cambaleando na cozinha, vestindo apenas a calça do pijama. Estava bêbado. Tinha nas mãos um copo e uma garrafa de uísque quase vazia. Olhou para James, com os olhos injetados.

— O que está fazendo? — perguntou asperamente.

— Preparando mais panquecas para Tommy — respondeu James.

Passava pelo pai com um prato cheio de panquecas, quando Vennamun brutalmente acertou-o no rosto, com o dorso da mão, derrubando-o no chão.

— Posso ver isso, seu sacana nojento — resmungou Vennamun. — Mas

disse-lhe que não desse comida para ele hoje. O desgraçado sujou a calça.

— Ele não pode evitar! — protestou James.

Vennamun chutou-o na barriga, e depois avançou para Thomas, que tremia de medo.

— Eu disse a você para não comer! Não me ouviu?

Havia pratos de comida na mesa, e Vennamun jogou tudo no chão com um gesto violento.

— Você vai aprender a ter obediência e higiene, seu macaquinho asqueroso!

O evangelista levantou o menino com as duas mãos e começou a arrastá-lo para a porta que dava para fora. E foi dando-lhe cascudos pelo caminho.

— Você é como sua mãe! Nojento! Um sacana católico!

Vennamun arrastou o menino até a porta do porão. Era um dia de sol nas colinas da península Reyes, coberta por bosques. Vennamun abriu a porta do porão.

— Vai ficar dentro do porão com os ratos, seu desgraçado!

Thomas começou a tremer; seus olhos grandes e mansos brilhavam de pavor. Ele gritou:

— Não! Não! Não me ponha no escuro! Por favor, pa- pai! Por favor...

Vennamum esbofeteou-o e empurrou-o escada abaixo. Thomas gritou:

— Jim! Jim!

A porta do porão foi fechada e trancada.

— Os ratos vão mantê-lo ocupado — balbuciou Vennamun, com a voz engrolada pela embriaguez.

Os gritos de terror começaram.

Mais tarde, Vennamun amarrou o filho James a uma cadeira, depois sentou-se e ficou vendo televisão e bebendo. Finalmente adormeceu. Mas James ouviu os gritos durante a noite inteira. Havia silêncio ao romper do dia. Vennamun acordou, desamarrou James, depois saiu e abriu a porta do porão.

— Pode sair agora — gritou ele para a escuridão.

Não bouve resposta. Vennamun ficou observando, enquanto James, descia correndo a escada. E depois ouviu alguém chorando. Não era Thomas, mas James. Ele sabia que o irmão enlouquecera irremediavelmente.”

Thomas foi permanentemente internado no Hospital Estadual de Doenças Mentais de San Francisco. James o visitava sempre que podia. Fugiu de casa aos dezesseis anos e foi trabalhar como entregador em San Francisco. Ia visitar Thomas todas as noites. Ainda lhe segurava a mão, lia-lhe histórias infantis. Ficava com ele até que dormisse. Isso aconteceu até uma noite de 1964. Era um sábado. James passara o dia inteiro com Thomas.

"Eram nove horas da noite. Thomas estava na cama,

James numa cadeira ao lado, perto dele. Um médico examinava o coração de Thomas. Tirou o estetoscópio dos ouvidos e sorriu para James.

— Seu irmão está indo muito bem.

Uma enfermeira enfiou a cabeça pela porta e disse a James:

— Lamento muito, senhor, mas o horário de visitas já acabou.

O médico fez um gesto para que James permanecesse na cadeira e depois foi até a porta.

— Quero falar com você por um momento, srta. Keach. Não aqui, mas no corredor. — Os dois saíram. — É o seu primeiro dia aqui?

— É, sim.

— Espero que goste daqui.

— Tenho certeza de que gostarei

— O rapaz que está com Tom Vennamun é o irmão dele. Estou certo de que já reparou.

— É impossível não reparar.

— Há anos que ele vem aqui todas as noites, fielmente. Permitimos que fique até que o irmão adormeça. Às vezes ele passa aqui a noite inteira. Não há problema. Trata-se de um caso especial.

— Ah...

— E deixe a luz acesa no quarto. O rapaz tem pavor da escuridão. Patologicamente. Jamais desligue a luz. Tenho receio pelo coração dele, que é extremamente fraco.

— Não me esquecerei — prometeu a enfermeira, sorrindo.

O médico retribuiu o sorriso.

— Tornarei a vê-la amanhã. Boa noite.

— Boa noite, doutor.

A enfermeira Keach observou-o afastar-se pelo corredor, e seu sorriso se transformou numa carranca. Sacudiu a cabeça e murmurou:

— Mas que idiotice!

No quarto, James segurava a mão de Thomas. Tinha o livro de histórias infantis à sua frente, mas já conhecia todas as palavras, pois as repetira pelo menos mil vezes.

— Boa noite, casinha, boa noite, camundongo. Boa noite, pente, boa noite, escova. Boa noite, ninguém. Boa noite, mingau. E boa parte para a velha que fica dizendo ‘silêncio’. Boa noite, estrelas. Boa noite, ar. Boa noite, barulhos por toda parte.

James fechou os olhos por um momento, cansado. Depois, olhou para verificar se Thomas já estava dormindo. Não estava. Olhava para o teto. James viu uma lágrima rolar pelo rosto dele. E Thomas balbuciou:

— Eu o-o-o-o amo, James-s-s-s.

— Eu o amo, Tom.

Thomas fechou os olhos e um instante depois estava adormecido. Depois que James deixou o hospital, a enfermeira Keach passou pelo quarto. Parou e voltou. Deu uma olhada. Avistou Thomas sozinho, dormindo. Entrou no quarto, apagou a luz e depois saiu, fechando a porta.

— Um caso especial... — murmurou ela.

A enfermeira voltou para o seu posto e suas fichas. Um grito de terror ressoou pelo hospital no meio da noite. Thomas acordara. Os gritos persistiram por vários minutos. E, depois, veio o silencio abrupto. Thomas Vennamun morrera.

O assassino Gêmeos estava nascendo.”

Kinderman olhou para a janela. Estava amanhecendo, Sentia-se estranhamente comovido com o que acabara de ler. Poderia ter compaixão por tal monstro? Pensou de novo nas mutilações. O lema de Vennamun sempre fora o dedo de Deus tocando o de Adão; assim, havia sempre o corte do dedo indicador. E havia sempre o K no começo de um dos nomes da vítima. Vennamun, Karl.

Terminou o relatório: “Assassinatos subsequentes de vítimas com inicial K mostraram ser mortes indiretas do pai, cujo afastamento posterior da vida publica indica o motivo secundário de Gêmeos, especificamente a destruição da carreira e da reputação do pai, através da conexão com os crimes de Gêmeos”.

Kinderman ficou olhando fixamente para a última página do relatório. Tirou os óculos e tornou a olhar. Piscou. Não sabia que conclusão tirar. Levantou-se de um salto quando o telefone começou a tocar.

— Kinderman falando — disse ele, baixinho.

Verificou a hora e sentiu medo. Ouviu a voz de Atkins. E depois não ouviu mais nada. Apenas zumbidos, Sentia um frio intenso, o corpo entorpecido, vontade de vomitar.

O padre Dyer fora assassinado.

PARTE DOIS

"O maior acontecimento da história da Terra, que está ocorrendo agora, pode ser na verdade a descoberta gradativa, pelos que têm olhos para ver, não apenas de Alguma Coisa, mas da Coisa, no ápice criado pela convergência do Universo evoluindo sobre si mesmo...

Há apenas um Mal: a Desunião "

Pierre Tielhard de Chardin

CAPÍTULO 9

QUARTA-FEIRA, 16 DE MARÇO

“Prezado padre Dyer:

Muito em breve poderá estar se perguntando: 'Por que eu? Por que um estranho coloca esse fardo em minhas mãos, e não nas de um de seus colegas, que são cientistas e certamente mais capacitados para a tarefa? Acontece que eles não estão mais capacitados. A ciência encara essas questões como uma criança a seu remédio. Tenho a impressão de que você mesmo se mostraria cético. ‘Outro maluco com uma imagem de Jesus que chora lágrimas de verdade’, diria provavelmente. ‘Só porque sou um padre, ele deve pensar que aceitarei qualquer vaca milagrosa… e púrpura ainda por cima, neste caso.' Mas não é absolutamente o que penso. Estou lhe transferindo esse fardo porque posso confiar em você. Não no seu sacerdócio, padre... em você. Se estivesse planejando trair-me, já o teria feito. Mas não o fez. Manteve sua palavra. O que é muito importante. Quando conversamos, não foi sob o sigilo do confessionário. Qualquer outro padre — qualquer outra pessoa — provavelmente teria me denunciado Mas eu o atraí antes de transferir o fardo. E lamento agora que sua recompensa seja outro fardo. Mas sei que continuará até o fim. Isso é o importante, Você fará o que é necessário. Não está contente por ter-me conhecido, padre?

Não sei direito como fazer isso. É terrivelmente constrangedor. Quero muito que confie em meu julgamento, que acredite em mim. Mas, infelizmente, isso não será fácil. Vai recuar diante do que vou dizer. Portanto, vamos proceder da maneira que exponho a seguir, por favor; pode ser a melhor coisa. Suspenda a sua curiosidade por um momento e não leia mais, enquanto não atender às instruções que estou lhe transmitindo agora. Primeiro, providencie um gravador de rolo, com controles que permitam o rápido replay. Melhor ainda, use o meu. Anexarei a esta carta uma chave da minha casa. Procure agora no caixa de papelão que lhe enviei.

Contém algumas gravações que eu fiz. Encontre a que está marcada '8 de janeiro de 1982’. Coloque-a no gravador. O marcador deve estar em zero quando a ponta da fita atingir o rolo da esquerda. Quando isso estiver feito, avance o mais depressa possível até 383, ponha os fones nos ouvidos, aumente os controles de volume ao máximo (não dos alto-falantes, apenas do microfone e

dos fones de ouvido), reduza a velocidade ao mínimo. Aperte então o ‘play' e escute. Vai ouvir zumbido e estática a níveis desconfortáveis. Aguente, por favor. E logo vai ouvir o som de alguém falando. Termina em 388, no contador. Ouça esse trecho tantas vezes quanto necessário, até estar certo de que sabe o que está sendo dito. É bastante alto, mas a estática tende a prejudicar o entendimento. Quando souber o que está sendo dito, aumente a velocidade até o máximo, que é o dobro, e repita o processo. Isso mesmo. Quero que você repita o processo. Esqueça o que ouviu na primeira vez. Escute de novo. Por favor, siga estas instruções e não leia mais nada enquanto nlo o tiver feito.

Embora eu confie em você, continuo a carta numa página separada. Todos precisamos de vez em quando da ajuda da graça.

Agora já escutou. O que ouviu na velocidade reduzida, tenho certeza, foi uma voz de homem dizendo nitidamente ‘Lacey’. E na velocidade maior, a mesma informação na fita transforma-se nas palavras igualmente nítidas 'Espere que sim’. Você deve pressupor sensatamente que eu nada tenho a ganhar com um embuste. Dito isso, passo a contar como fiz a gravação. Pus uma fita virgem no gravador, ligado a um diodo (elimina todos os ruídos da sala ou do ambiente, mas atua ao mesmo tempo como uma espécie de microfone), reduzi a velocidade ao mínimo e disse em voz alta: ‘Deus existe?’ Aumentei ao limite máximo a capacidade do microfone e pus para gravar. Pelos três minutos seguintes, não fiz absolutamente, nada além de respirar e esperar. Parei a gravação. Voltei a fita e toquei. A voz estava lá.

Enviei a gravação para um amigo na Universidade de Columbia. Ele passou-a por um espectrógrafo para mim. Mandou-me depois uma carta e cópias dos registros espectrográficos. Você vai encontrá-las na caixa. A carta diz que a análise espectrográfica conclui que a voz não pode ser humana; que para se obter o efeito registrado seria necessário construir uma laringe artificial e depois programá-la para dizer as palavras. Meu amigo garante que o espectrógrafo não pode estar errado. Além disso, ele não pôde entender como uma palavra igual a 'Lacey’ pôde se transformar em ‘Espere que sim’ a uma velocidade duas vezes maior. Observe também — e este é um comentário meu e não dele — que a resposta à minha pergunta é indiferente, se não mesmo sem sentido, a menos que seja tocada duas vezes mais depressa que a gravação original. Isso exclui qualquer espécie de recepção de rádio anômala — algo impossível para os gravadores, diga-se de passagem, padre — que pudesse ser invocada como uma explicação, juntamente com a coincidência. Tenho certeza que vai querer conferir tudo pessoalmente, e ate o exorto a fazê-lo. Meu amigo da Universidade de Columbia é o professor Cyril Harris. Telefone pata ele. Melhor ainda, peça uma segunda opinião, outra análise espectrográfica, de preferência a outro

especialista. Estou convencido de que vai obter o mesmo resultado.

Comecei a fazer essas gravações poucos meses depois da morte de Ann. Há um paciente na ala psiquiátrica do hospital, um esquizofrênico chamado Anton Lang. Por favor, não converse com ele a respeito disto. Anton Lang tem muitos problemas, que tenderão apenas a reduzir a credibilidade do fenômeno e a minha. Lang queixava-se de uma dor de cabeça crônica, o que me levou a entrar em contato com ele. Como não podia deixar de ser, estudei a sua ficha e descobri que há anos vinha fazendo gravações do que classificava simplesmente de ‘as vozes’. Interroguei-o a esse respeito e ele me disse coisas intrigantes, sugerindo também que eu lesse um livro sobre o assunto. O título era *Breakthrough*. Foi escrito por um letão, Konstantin Raudieve, e publicado em inglês por um editor britânico. Encomendei um exemplar e li. Está me acompanhando até aqui?

A maior parte do livro consistia era transcrições de gravações de vozes que Raudieve realizara. Infelizmente, o conteúdo não era dos mais estimulantes. As palavras eram vazias e insignificantes. Se aquelas vozes eram dos mortos, como o professor letão acreditava, será que era tudo o que tinham a nos dizer? ‘Kosti está cansado hoje.’ Kosti trabalha’. ‘Eis aqui os costumes da fronteira’, ‘Nós dormimos.’ Fez-me lembrar do antigo Livro tibetano dos mortos. Conhece, padre? É uma obra curiosa, um manual de instruções que preparava os moribundos para o que iam encontrar do outro lado. Segundo eles, a primeira experiência era uma confrontação imediata e decisiva com a transcendência, a que chamavam de ‘a Luz Clara’. O espirito recentemente morto podia optar por se juntar a ela, mas bem poucos o faziam, pois a maioria ainda não estava pronta. Não haviam sido devidamente preparados em suas vidas terrenas. Assim, depois dessa confrontação inicial, os mortos passavam por estágios de deterioração, definhando para um eventual renascimento no mundo. Ocorreu-me que tal estado poderia produzir as banalidades e futilidades registradas não apenas no livro de Raudieve, mas também na maior parte da literatura espírita. É um material chocante e desanimador. Assim, para dizer o mínimo, não fiquei muito entusiasmado com *Breakthrough*. Mas havia um prefácio de outro autor, Colin Smythe, que achei bastante objetivo e aceitável. O mesmo se podia dizer de vários depoimentos, escritos por físicos, engenheiros e até mesmo um arcebispo católico da Alemanha, que haviam efetuado as suas próprias gravações e não pareciam ansiosos em fazer prosélitos. Estavam mais interessados em especular sobre as causas das vozes, considerando até, entre outras coisas, a possibilidade de que tivessem sido gravadas na fita pelo inconsciente dos experimentadores.

Resolvi tentar a experiência. Devo ser franco. Eu estava desesperado de saudade de Ann. Tenho um pequeno gravador portátil Sony. É pequeno o bastante para ser colocado no bolso de um casaco, mas permite voltar a fita

rapidamente. O que é muito importante, conforme eu logo descobriria. Ao final de uma tarde — era verão e ainda havia bastante claridade —, sentei na minha pequena sala com o Sony e convidei quaisquer vozes que pudessem me ouvir a se comunicarem e se manifestarem na fita. Apertei o botão de gravação e deixei a fita virgem correr do principio ao fim. Voltei a fita e toquei. Não ouvi nada, exceto barulhos de rua, alguma estática alta e sons do amplificador. Acabei esquecendo o assunto.

Um ou dois dias depois, resolvi escutar novamente a fita. E mais ou menos no meio ouvi alguma coisa anômala, um pequeno estalido e depois um som fraco, estranho, quase inaudível. Parecia encaixado entre os silvos e a estática, se não mesmo num nível abaixo desses ruídos. Mas achei aquilo um tanto... um pouco curioso, digamos assim. Voltei a esse trecho da gravação e repeti-o várias vezes. E a cada repetição o som se tomava mais alto e nítido, até que finalmente ouvi — ou tive a impressão de ouvir — uma voz de homem a gritar meu nome: ‘Amfortas’. Só isso. Era bastante alto e nítido. E não era uma voz que eu pudesse reconhecer. Acho que meu coração disparou um pouco. Verifiquei o resto da fita e nada ouvi. Voltei ao ponto em que estava a voz. Porém, não pude ouvir nada. Minhas esperanças se perderam como a carteira de um pobre caindo de um penhasco. Comecei a repassar o trecho várias vezes e ouvi de novo o som estranho e fraco. Cerca de três repetições depois disso, pude outra vez ouvir a voz claramente.

Será que minha mente estava me enganando? Estaria eu impondo inteligibilidade a fragmentos de ruídos desconexos? Continuei a tocar a fita. Então, onde nada ouvira antes, outra voz me falava. Era de uma mulher. Não de Ann. Mas uma mulher qualquer. Ela dizia uma frase um tanto longa, e não consegui entender a primeira parte, mesmo depois de muitas repetições. A coisa toda tinha um ritmo muito estranho, a entonação das palavras não era normal, descendo e depois subindo continuamente. Era esta a parte que eu não podia compreender: ‘…continue a nos ouvir', a mulher estava dizendo, mas parecia uma indagação, por causa da entonação. Fiquei atônito. Eu não tinha a menor dúvida de que a estava ouvindo. Mas por que não a ouvira antes? Concluí que meu cérebro provavelmente se acomodara à fraqueza da voz e às suas estranhezas, e aprendera a penetrar no véu de estática e zunidos.

Mas novas dúvidas surgiram. Teria meu gravador simplesmente captado vozes da rua ou da casa ao lado? Havia ocasiões em que eu podia ouvir meus vizinhos falando. Um deles poderia ter mencionado meu nome. Fui para a cozinha, que é um pouco mais distante da rua, e fiz uma nova gravação, com outro cassete. Pedi em voz alta que qualquer pessoa que quisesse se comunicar comigo repetisse a palavra ‘Kirios’, o sobrenome de solteira de minha mãe.

Nada ouvi quando toquei a fita, apenas os mesmos sons estranhos, aqui e ali. Um deles parecia o frear súbito de pneus de automóvel. Certamente um barulho da rua, pensei. Estava cansado. Escutar exigira de mim uma intensa concentração. E não fiz mais nenhuma gravação naquela noite.

Na manhã seguinte, enquanto esperava que a água fervesse para o café, escutei de novo as duas fitas. Pude ouvir claramente ‘Continue a nos ouvir’ e ‘Amfortas’. Concentrei-me no som de freio da segunda fita, repetindo-o muitas vezes. E de repente meu cérebro sofreu uma estranha acomodação: em vez do ruído, ouvi as palavras ‘Anna Kirios’, na voz estridente de uma mulher, pronunciadas com a maior rapidez. Deixei que a água ficasse fervendo. Estava completamente aturdido.

Levei as fitas e o gravador para o hospital. No intervalo do almoço, toquei os trechos selecionados para uma das enfermeiras, Emily Allerton. Ela me disse que não ouviu nada. Mais tarde, experimentei com Amy Keating, uma das enfermeiras da Neurologia. Toquei um trecho da primeira fita e ela encostou o ouvido no alto-falante. Depois de uma única vez, devolveu-me o gravador, assentindo e dizendo: ‘Ouvi seu nome'. Em seguida voltou a se concentrar no que estava fazendo. Decidi parar por aí, pelo menos com as enfermeiras.

Fui ficando obcecado ao longo das semanas subsequentes. Comprei um gravador de rolo, um pré-amplificador e fones de ouvido. Passava horas fazendo gravações, todas as noites. E agora parecia que nunca deixava de obter algum resultado. As fitas estavam virtualmente repletas de vozes, quase contínuas, às vezes se sobrepondo. Algumas eram débeis demais para merecer o esforço de tentar decifrá-las, enquanto outras apresentavam graus variáveis de clareza. Algumas estavam na velocidade normal, enquanto outras só se tornavam inteligíveis na metade da velocidade,. Muitas só se tornavam evidentes depois que eu fazia isso. Continuei a perguntar por Ann, mas nunca a ouvi. De vez em quando ouvia uma voz de mulher dizendo ‘Estou aqui’ ou ‘Eu sou Ann’. Mas não era. Não era a voz dela.

Uma noite, em outubro, eu estava escutando uma gravação que fizera na semana anterior. Tinha um fragmento interessante, uma voz dizendo ‘Controle da Terra’. Depois de várias repetições, segui um pouco adiante. E, de repente, prendi a respiração. Ouvi uma voz dizendo: 'Vincent, aqui é Ann’. Senti um calafrio da base da espinha ao pescoço. Não era apenas a minha mente que dizia que aquela era a voz dela, mas também meu corpo e meu sangue, minha memória, meu ser, meu inconsciente. Toquei o trecho várias vezes, a cada uma sentindo o mesmo calafrio, uma intensa emoção. Tentei reprimi-la, mas não consegui. Era Ann.

Minha esperanças e dúvidas estavam inseparáveis na manhã seguinte.

Aquela voz não seria uma projeção do meu desejo? Uma inteligibilidade imposta a ruídos desconexos, alheios à fita? Resolví esclarecer a questão definitivamente.

Consultei Eddie Flanders, que era professor do Instituto de Línguas de Georgetown, um amigo e antigo paciente. Só Deus sabe o que eu disse a ele, mas convenci-o a escutar a voz de Ann. Quando ele tirou os fones, perguntei-lhe o que ouvira. E ele disse: ‘Alguém está falando, mas é fraco demais’. Insisti: 'Mas o que estão dizendo? Não consegue definir?' E Eddie respondeu: ‘Parece o meu nome’.

Peguei os fones e verifiquei se Eddie estava mesmo escutando o trecho certo. Pedi-lhe que ouvisse de novo. O resultado foi o mesmo. Fiquei aturdido. E perguntei: 'Mas é mesmo uma voz, não apenas ruído?’ Ele respondeu; 'Tenho certeza que é uma voz. Não é a sua?’ Indague: ‘Ouve a voz de um homem?’ E ele declarou: ‘Isso mesmo. Parece a sua'. Com isso, encerrei a minha pesquisa naquele dia. Mas voltei na semana seguinte. O instituto tinha um estúdio de gravação para a produção de fitas educacionais. Tinham amplificadores potentes e gravadores profissionais Ampex. Tinham também um microfone, instalado numa cabine à prova de som. Convenci Eddie a me ajudar a fazer uma gravação. Entrei na cabine, fiquei fora do campo de visão de Eddie enquanto fazia meu pequeno discurso, convidando as vozes a se manifestarem na fita. Formulei também duas perguntas objetivas, pedindo como resposta as palavras ‘afirmativo’ ou ‘negativo’, já que seriam mais fáceis de detectar na gravação do que um simples 'sim ou não’. Saí da cabine e fechei a porta, fazendo sinal a Eddie para começar a gravar. Ele perguntou: ‘O que estamos gravando?’ Respondi: ‘Moléculas de ar. Está relacionado com alguns estudos do cérebro que venho realizando.' Eddie pareceu ficar satisfeito. Gravamos na potência máxima e a uma velocidade de dezenove centímetros por segundo. Paramos depois de cerca de três minutos e escutamos a fita, no máximo. Havia alguma coisa bastante estranha na gravação. Não chegava a ser uma voz. Era mais um som de gorgolejo e aproximadamente dez vezes mais alto que qualquer das vozes que eu julgara ter ouvido em minhas gravações em casa. A duração era de sete segundos. Nada ouvimos no resto da fita. ‘Esse ruído aparece normalmente numa gravação?’, perguntei. Eu estava pensando na propagação do som por alguma coisa dentro do próprio equipamento. Eddie disse que não, que não podia ser. Ele parecia genuinamente perplexo e me disse que o som não deveria estar ali. Supus que pudesse ser um defeito da fita. Ele concordou em que provavelmente era isso. Depois que o som se repetiu por alguns minutos, pareceu adquirir a qualidade de uma voz. Mas não conseguimos ter qualquer ideia de seu significado. Resolvemos encerrar a experiência.

Prossegui, no entanto, com as experiências em casa, e continuei a ouvir as

vozes suaves e fugazes que respondiam às minhas perguntas ou aceitavam a minha deixa para tópicos de discussão. Nunca mais ouvi uma voz como a de Ann. Acabei chegando às deduções seguintes. Parecia estar em contato com personalidades em algum lugar ou estágio de transição. Não eram clarividentes. Não sabiam o futuro, por exemplo, mas seu conhecimento se estendia além do alcance do meu. Podiam me dizer, por exemplo, o nome da enfermeira de serviço, em qualquer enfermaria, a qualquer momento, mesmo o daquelas com quem eu não tivesse contato ou familiaridade. Muitas vezes tinham opiniões contraditórias. Ocasionalmente, quando eu fazia alguma pergunta objetiva, como a data de nascimento de minha mãe, davam diversas respostas, nenhuma das quais correta. Com isso, davam-me a impressão de que não queriam que eu deixasse de me interessar por elas. Umas poucas declarações eram mentiras óbvias, de natureza perturbadora, ou tinham a intenção de me cansar. Cheguei a um ponto em que reconhecia essas vozes e passei a ignorá-las, assim como fazia com aquelas que ocasionalmente diziam obscenidades. Algumas vozes pediam ajuda, mas quando eu perguntava — e o fiz muitas vezes — o que podia fazer para ajudar, a resposta era geralmente algo como ‘Felizes. Estamos bem’. Havia vozes que me pediam para rezar por elas, outras declaravam que rezavam por mim. Eu não podia deixar de pensar na Comunhão dos Santos.

Havia um senso de humor evidente. Logo no início das experiências, vesti uma noite um roupão velho e comecei a gravar. O roupão tinha listras de cores berrantes e um rasgão no ombro direito. Ouvi uma voz dizendo: ‘Manta de cavalo’. Em numerosas ocasiões, quando perguntei ‘Quem criou o universo material?’, uma voz respondeu claramente: ‘Eu’. Uma noite convidei um interno para participar de uma experiência. Ele manifestara interesse pelos fenômenos psíquicos e eu me sentia à vontade para discuti-los. Ao longo de toda a noite, ele me disse que não ouvia absolutamente nada. Mas eu escutava uma porção de coisas, como sempre. Ouvi ‘De que adianta?’, 'Para que perder tempo?' e ‘Vá ver televisão que é melhor’, entre outras coisas. Descobri semanas depois que o interno tinha problemas de audição, mas não queria que os outros soubessem.

As vozes me ajudaram em diversas ocasiões, sugerindo outros métodos de gravação. Um deles foi o uso de um diodo e outro foi a utilização de uma faixa de “ruído branco”, o espaço entre estações, num receptor de rádio, ligado ao gravador. Nunca tentei o segundo método, pois sempre se espera captar e gravar vozes reais do rádio de fontes comuns. O microfone proporcionava melhores resultados numa sala à prova de som ou extremamente silenciosa. Mas, finalmente, optei pelo uso do diodo, pois isso excluía qualquer possibilidade de equívocos com sons normais do ambiente.

Houve ocasiões em que as vozes criticaram a minha capacidade técnica. Eu

apertava um botão errado de vez em quando e podia contar com uma voz a dizer: 'Você não sabe o que faz'. (Essa frase em particular pareceu bastante exasperada. Eu estava cansado e cometera diversos erros durante a sessão.) Tais reações contribuíram para me dar a impressão de que estava lidando com personalidades altamente individuais e bastante comuns. Como as pessoas. Muitas vezes me diziam 'Boa noite' no final de uma fita; eu descobria então que estava cansado e ia me deitar. E também houve ocasiões em que ouvi vozes diferentes dizendo 'Obrigado'. Uma coisa curiosa. Perguntei certa vez se era importante que eu tentasse divulgar o fenômeno. A resposta foi incisiva: 'Negativo'. Isso me surpreendeu.

Em meados de 1982, resolvi escrever para Colin Smythe, o homem que escrevera o prefácio para *Breakthrough*. Era o tipo de pessoa que parecia fidedigna. Formulei diversas perguntas e ele me respondeu imediatamente, indicando-me um livro que escrevera sobre o assunto, (O título é *Carry on talking*.) Na carta, ele parecia reticente em relação ao assunto, o que era inevitável, pois a captação de vozes adquirira cores exageradas e sensacionalistas, especialmente na imprensa londrina. Havia pessoas alegando que tinham conversado com John F. Kennedy e Freud, esse tipo de coisa. Mas ele me contou algo fascinante. Um grupo de neurologistas de Edimburgo, participando de uma conferência médica em Londres, procurara-o para mostrar suas gravações. Haviam sido feitas na presença de pessoas em coma ou com lesões que as impediam de falar. As vozes desses pacientes apareciam nas fitas.

Não muito tempo depois, levei meu gravador Sony portátil para o hospital. Eram duas ou três horas da madrugada e fui para a ala dos pacientes psiquiátricos mais perturbados. Fiz uma gravação de um paciente catatônico, um amnésico que ali estava há anos. A polícia o encontrara a vaguear como sonâmbulo pela M Street por volta de 1970. Ele não dissera uma só palavra desde então. Liguei o gravador em seu quarto, depois de perguntar-lhe quem era e se podia me ouvir. Deixei a fita correr até o fim. Voltei para casa e toquei-a. O resultado foi muito estranho. Em primeiro lugar, havia apenas dois fragmentos de fala que eu podia ouvir, na mera hora de gravação. Normalmente, a fita estaria literalmente apinhada de vozes, mesmo que a maioria fosse quase inaudível. Dessa vez, com exceção dos dois fragmentos que mencionei, o silêncio foi excepcional e muito estranho. Outra coisa esquisita — talvez "misteriosa" seja uma palavra mais apropriada — foram as vozes na fita. Pertenciam à mesma pessoa, um homem. Tive certeza quase absoluta de que estava ouvindo a voz do paciente catatônico. Pensei tê-la ouvido dizer: 'Estou começando a lembrar'. Foi a primeira coisa. E depois ouvi o que presumi ser o nome do paciente, em resposta à pergunta que eu formulara a esse respeito. Algo

parecido com ‘James Venamin’, pelo que posso lembrar. Não gostei do resultado e, por alguma razão indefinida, nunca mais repeti essa experiência.

Ocorreu um evento decisivo ao final do ano passado. Até esse momento, eu ainda tinha dúvidas sobre o que estava ouvindo. Mas isso mudou abruptamente. Troquei meu gravador por um Revox, que tinha um controle de tonalidade automático. Também comprei um filtro de faixa, que excluía todas as frequências de som que ultrapassam a da voz humana. Foi num sábado que o técnico da loja veio entregar e instalar o equipamento. Ele era bastante jovem, e tive uma ideia quando terminou o serviço. Os jovens quase sempre possuem uma audição muito melhor que a nossa, e, além disso, o ofício daquele rapaz era o som. Peguei a fita com o som de ribombo muito alto e pedi-lhe que escutasse pelos fones de ouvido. Depois, perguntei-lhe o que ouvira. Ele disse imediatamente: 'Alguém está falando’. Isso me pegou de surpresa, e indaguei: ‘É voz de homem ou de mulher?’ Ele respondeu: ‘De homem’. E continuei: ‘Pode me dizer o que ele está falando?’ Tive outra surpresa quando o jovem respondeu: ‘Não. Está lento demais’. Afinal, eu estava acostumado às vozes rápidas demais. ‘Você está querendo dizer muito depressa, não é mesmo?’, insisti. ‘Não. Devagar. Ou pelo menos acho que está muito lento.’ Ele tornou a pôr os fones de ouvido, e rebobinou a fita e passou a escutar, acelerando com as mãos. Acabou tirando os fones dos ouvidos e acenando com a cabeça em minha direção. ‘Isso mesmo, está muito devagar.’ Entregou-me os fones e acrescentou: ‘Fique escutando que lhe mostrarei'. Ajeitei os fones e fiquei ouvindo, enquanto ele acelerava a fita. E ouvi a voz alta e nítida de um homem dizendo as palavras: ‘Afirmativo. Pode me ouvir?’

Essa experiência pareceu abrir uma porta, pois logo comecei a registrar vozes altas e nítidas nas fitas, talvez uma em cada três ou quatro sessões de gravação. ‘Lacey / Espere que sim’ foi a primeira. Até mesmo aquele interno com problemas de audição poderia ouvir.

Enviei três gravações para o meu amigo da Universidade de Columbia, com os resultados que já relatei. Escute essas gravações. E depois faça as suas próprias gravações. Pode falhar a princípio, obtendo apenas as vozes mais tênues e efêmeras. Se tal acontecer, se não aprender a escutar, penetrando pelo véu de zunidos e estática, pegue minhas gravações mais altas e se baseie nelas. Será necessário limpá-las antes. Existe equipamento disponível para remover toda a estática e os zunidos. Depois disso, providencie outra análise espectrográfica. Há também um método para determinar a velocidade original da gravação. Como já ressaltei, isso excluirá inteiramente a possibilidade de explicar tudo como recepção anômala de rádio.

As vozes são reais. Creio que são as vozes dos mortos. Isso nunca poderá

ser provado. Mas é possível demonstrar, eficazmente, cientificamente, que emanam de intelectos sem corpos... ou pelo menos sem corpos como os conhecemos. A Igreja Católica possui os meios — e, Deus sabe, deve ter interesse nisso — de acumular uma massa de provas científicas da existência dessas vozes, que não têm origem terrena. Isso serve de contestação a qualquer explicação materialista e pode ser reproduzido em laboratório, com homens e máquinas, quantas vezes se quiser.

Houve aquela voz que disse não ser importante fazer isso. Mas não é importante para quem? Não posso deixar de especular. Os homens da Terra clamam contra a morte e o terror de uma extinção final; choram noites a cada perda de uma pessoa amada. A fé deve ser suficiente para nos livrar dessa angústia? Pode ser suficiente?

Estas fitas são a minha prece para aqueles que choram. Talvez não sejam suficientes para superar a dúvida final. Ora, o retorno de Lázaro não foi suficiente para convencer alguns que lá estavam e testemunharam com os próprios olhos. Mas o que Jesus nos pede para fazer? Se nossa taça para os sedentos não está cheia até a borda, deveremos negá-la? Se Deus não pode intervir, os homens certamente podem. E não pode haver a menor dúvida de que a intenção d'Ele é que o façamos. Este é o nosso mundo.

Obrigado por não me dizer que a minha decisão é o pecado do desespero. Sei que não é. Nada faço. Apenas espero. Talvez você tenha pensado, no fundo de seu coração, que isso estava errado. Mas não o disse. Posso ter uma boa despedida.

Nos próximos dias, talvez ouça algumas coisas bem estranhas a meu respeito. Receio essa possibilidade. Mas quero que saiba, caso isso venha a acontecer, que jamais tive a intenção de fazer mal a qualquer pessoa. Pense o melhor de mim, padre, está bem?

Há quanto tempo o conheço? Dois dias? Pois vou sentir saudade. Mas sei que tornarei a encontrá-lo algum dia. Quando ler esta carta, eu já estarei com a minha Ann. Por favor, alegre-se por isso.

Com respeito e afeição,
Víncent Amfortas."

Amfortas releu a carta. Fez algumas pequenas correções, conferiu a hora e concluiu que era melhor tomar uma injeção de esteroide. Aprendera a não esperar que as dores de cabeça chegassem. Agora, a cada seis horas, tomava automaticamente seis miligramas. Estaria em breve alterando sua mente. Fora por isso que tivera de escrever a carta antes.

Subiu ao quarto e pegou a seringa. Voltou à máquina de escrever, que estava em cima da mesa em que fazia as refeições. Consultou algumas anotações e decidiu que deveria acrescentar mais alguma coisa. Começou a bater:

“P.S.: Nos muitos meses em que venho fazendo estas gravações, formulei repetidamente uma pergunta: 'Descreva sua condição, estado ou localização, tão concisamente quanto for possível’. Foram poucas as ocasiões em que obtive resposta, pelo menos uma resposta que pudesse ouvir. Como as perguntas objetivas desse gênero são frequentemente ignoradas pelas vozes, achei que poderia gostar de saber quais as respostas que obtive. Foram as seguintes:

Chegamos aqui primeiro.
Aqui se espera.
Limbo.
Morto.
É como um navio.
É como um hospital.
Anjos médicos.

Também perguntei: ‘O que nós, os vivos, deveríamos fazer?’ Uma resposta que ouvi claramente foi ‘Boas ações'. Parecia uma voz de mulher.”

Amfortas tirou o papel da máquina de escrever e pôs um envelope em seu lugar. E datilografou na frente:

"Reverendo Joseph Dyer, S. J.
Universidade de Georgetown
Para ser entregue no caso de minha morte”.

CAPÍTULO 10

Kinderman aproximou-se da entrada do hospital, andando mais devagar a cada passo. Chegando às portas, virou-se e contemplou por um instante o céu chuvoso, procurando um amanhecer que de alguma forma perdera. Mas havia apenas as luzes vermelhas faiscantes dos carros da polícia, girando implacavelmente, no silêncio, projetando-se pelas ruas escuras e molhadas. Kinderman tinha a sensação de que estava andando num sonho. O mundo estava ansioso. E não podia sentir o próprio corpo. Quando notou a chegada do pessoal da televisão, virou-se rapidamente e entrou no hospital. Subiu no elevador para o Departamento de Neurologia e saiu para um caos contido. Jornalistas. Câmeras. Guardas. Havia internos e residentes curiosos, quase todos de outros setores do hospital. Havia pacientes nos corredores, de roupão, assustados. Algumas enfermeiras procuravam tranquilizá-los, tentando fazê-los voltar para seus quartos.

Kinderman olhou ao redor. Diante da mesa da enfermeira de serviço estava um guarda de uniforme, junto à porta do quarto de Dyer. Atkins estava ali. Escutava os jornalistas, que o crivavam de perguntas, e suas vozes estridentes se fundiam num único ruído. Atkins se limitava a sacudir a cabeça, sem dizer nada. Kinderman aproximou-se. Atkins o viu e fitou-o nos olhos. O sargento parecia profundamente abalado. Kinderman sussurrou-lhe no ouvido:

— Atkins, leve esses repórteres para o saguão lá embaixo.

Apertou o braço do sargento e por uma fração de segundo tornou a fitá-lo nos olhos, partilhando a sua dor momentaneamente. Mas não se permitiu mais do que isso. Entrou no quarto de Dyer e fechou a porta. O sargento chamou alguns guardas, ordenando bruscamente:

— Levem toda essa gente lá para baixo! — Houve um clamor de protesto dos repórteres, e Atkins acrescentou: — Vocês estão incomodando os pacientes.

Ainda houve alguns protestos. Os guardas começaram a afastar os repórteres. Atkins foi até o posto da enfermeira e encostou-se ali. Cruzou os braços. Seus olhos angustiados se fixavam na porta do quarto de Dyer. Além daquela porta havia um horror inconcebível. Sua mente não podia assimilá-lo inteiramente.

Stedman e Ryan saíram do quarto. Estavam pálidos e acabrunhados. O olhar de Ryan estava no chão. Ele não levantou os olhos em momento algum, enquanto se afastava apressadamente. Virou num corredor e desapareceu.

Stedman fica observando-o. Então, desviou seu olhar pata Atkins e avisou:

— Kinderman quer ficar sozinho.

A voz dele tinha um som abafado. Atkins assentiu.

— Você fuma? — perguntou Stedman.

— Não.

— Eu também não. Mas gostaria muito de ter um cigarro agora. — Stedman inclinou a cabeça por um momento, pensando. Depois levantou a mão à altura dos olhos e examinou-a. Estava tremendo. E murmurou baixinho: — Santo Deus!

A tremedeira foi se tornando mais intensa. Abruptamente, ele meteu a mão no bolso e se afastou, apressado, seguindo a mesma direção de Ryan. Atkins ainda pôde ouvi-lo murmurar, repetidamente:

— Santo Deus! Santo Deus!

Uma campainha soou em algum lugar. Um paciente estava chamando uma enfermeira.

— Sargento?

Atkins virou a cabeça. O guarda, na porta, fitava-o com uma estranha expressão.

— O que é?

— Que diabo está acontecendo por aqui, sargento?

— Não sei.

Atkins ouviu uma discussão à sua direita. Virou-se e avistou uma equipe de televisão confrontando dois guardas, perto dos elevadores. Atkins reconheceu o locutor do noticiário local das seis horas. Ele tinha brilhantina nos cabelos e sua atitude era beligerante e turbulenta. Os guardas estavam gradativamente empurrando o pessoal da televisão de volta aos elevadores. O locutor tropeçou e cambaleou para trás, quase perdendo o equilíbrio. Acabou praguejando e desistindo, e retirou-se com os outros, batendo com um jornal enrolado na mão.

— Pode me dizer quem está no comando aqui? Tinha a impressão de que era eu.

Atkins olhou para a esquerda e deparou com um homem baixo e magro, num terno de flanela azul. Os olhos, atrás dos óculos, eram pequenos e alertas.

— É você quem está no comando? — indagou o homem.

— Sou o sargento Atkins, senhor. Em que posso servi-lo?

— Sou o dr. Tench, chefe dos médicos deste hospital. Temos diversos pacientes aqui que se encontram em estado crítico. E todo esse tumulto é altamente prejudicial.

— Compreendo, senhor.

— Não quero parecer insensível, mas seria melhor que o falecido fosse

removido o mais depressa possível. Só assim o tumulto vai cessar. Acha que vão demorar muito?

— Creio que não, senhor.

— Espero que compreenda a minha posição.

— Claro que compreendo.

— Obrigado.

Tench afastou-se, em passos rápidos. Atkins notou que o ambiente parecia mais quieto agora. Tornou a virar a cabeça e verificou que o pessoal da televisão já estava quase se retirando. O locutor ainda batia com o jornal enrolado na palma da mão, enquanto entrava no elevador, de onde Stedman e Ryan saíam. Eles se aproximaram de Atkins de cabeça baixa. Sem dizer uma só palavra. O locutor da televisão observava-os e gritou

— O que aconteceu por aqui?

A porta do elevador se fechou e ele sumiu. Atkins ouviu a porta do quarto de Dyer se abrindo. Olhou e viu Kinderman saindo. Os olhos do tenente estavam vermelhos. Ele parou e olhou para Stedman e Ryan por um momento.

— Muito bem, podem acabar — disse ele, com a voz trêmula, muito baixa.

— Lamento muito, tenente — disse Ryan, gentil, com o rosto e a voz impregnados de compaixão.

Kinderman abaixou a cabeça, olhando para o chão. E murmurou:

— Obrigado, Ryan. Isso mesmo, obrigado.

Depois, sem levantar os olhos, afastou-se rapidamente. Encaminhava-se para os elevadores. Atkins alcançou-o.

— Vou apenas dar uma volta, Atkins.

— Pois não, senhor.

Atkins continuou a andar ao lado dele. Um dos elevadores parou, as portas se abriram. Estava descendo. Atkins e Kinderman entraram e se viraram.

— Acho que pegamos o elevador certo, Chick — disse uma voz.

Atkins ouviu o barulho de uma máquina funcionando. Virou a cabeça. O locutor da televisão estava sorrindo, enquanto uma câmera funcionava nas mãos de outro homem. E o locutor indagou:

— O padre foi decapitado ou...

O punho de Atkins acertou em cheio no queixo dele. A cabeça do locutor foi lançada contra a parede e ricocheteou com a violência do golpe. Esguichou sangue de seus lábios e ele arriou no chão, inconsciente. Atkins lançou um olhar furioso para o cinegrafista, que prontamente abaixou a câmera. E depois, o sargento olhou para Kinderman. O tenente parecia alheio a tudo. Estava com o olhar perdido no espaço e as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. Atkins apertou um botão e o elevador parou no segundo andar. Pegou o tenente pelo braço e

tirou-o do elevador.

— O que está fazendo, Atkins? — indagou Kinderman, atordoado. Parecia um velho desamparado e confuso. — Quero dar uma volta.

— É o que vamos fazer, tenente. Por aqui.

Atkins levou-o para outra ala do hospital; pegaram ali um elevador e desceram. Ele queria evitar os repórteres que estavam no saguão. Percorreram mais corredores e logo estavam fora do hospital, do lado que dava para o campus da universidade. Um pórtico estreito, acima deles, abrigava-os da chuva. Estava caindo mais forte agora, e ficaram observando o aguaceiro em silêncio. À distância, estudantes de capas coloridas encaminhavam-se para o café da manhã. Duas moças saíram correndo e rindo de um dormitório, segurando jornais por cima da cabeça.

— O homem era um poema — murmurou Kinderman.

Atkins não disse nada, ficou olhando para a chuva.

— Quero ficar sozinho, por favor, Atkins. Obrigado.

Atkins virou a cabeça para observar o tenente, Kinderman olhava fixamente para frente.

— Está bem, senhor.

Atkins virou-se e entrou no hospital. Voltou à ala da Neurologia e começou a interrogar as possíveis testemunhas. Toda a equipe do turno da noite para a manhã recebera instruções de permanecer no hospital, inclusive as enfermeiras, médicos e atendente do Departamento de Psiquiatria. Alguns apertavam-se em torno da mesa de serviço. Enquanto Atkins conversava com a enfermeira que estava de plantão na Neurologia por ocasião da morte de Dyer, um médico aproximou-se e interrompeu-o:

— Pode me dar licença, por favor? Lamento muito.

Atkins fitou-o. O homem parecia abalado.

— Sou o dr. Amfortas. E estava tratando do padre Dyer. É mesmo verdade?

Atkins assentiu, solenemente. Amfortas ficou olhando fixamente para ele por algum tempo, e sua pele foi se tornando cada vez mais pálida, e os olhos cada vez mais retraídos. E, finalmente, ele murmurou:

— Obrigado.

Afastou-se em seguida. Atkins observou-o por um instante e depois se virou para a enfermeira.

— A que horas ele entra de serviço?

— Não entra. Ele não trabalha mais aqui.

A enfermeira estava fazendo o maior esforço para reprimir as lágrimas. Atkins anotou algumas palavras em seu caderninho. Estava se virando outra vez para a enfermeira quando viu Kinderman se aproximando. Estava com o chapéu

e o casaco encharcados. Devia ter andado na chuva, pensou Atkins. Um instante depois, Kinderman estava parado diante do sargento. Sua atitude mudara inteiramente. Seu olhar era agora firme, penetrante, determinado.

— Muito bem, Atkins, pare de se divertir com enfermeiras bonitas. Estamos aqui a negócios e não para filmar *Detetives apaixonados*.

— A enfermeira Keating foi a última a vê-lo com vida — informou Atkins.

— Quando foi isso? — perguntou Kinderman diretamente à enfermeira.

— Por volta das quatro e meia.

— Posso lhe falar a sós, enfermeira Keating? — indagou Kinderman. — Lamento, mas não há outro jeito.

Ela assentiu e assoou o nariz com um lenço. Kinderman apontou para um cubículo envidraçado atrás da mesa de serviço.

— Pode ser ali dentro.

Ela tornou a assentir. Kinderman seguiu-a até o cubículo. Havia uma prateleira onde se podia escrever e várias outras com pastas de arquivo. Kinderman fez um gesto para que a enfermeira sentasse e depois fechou a porta. Verificou que Atkins observava em silêncio, através do vidro.

— Viu o padre Dyer por volta das quatro e meia — disse ele.

— Isso mesmo,

— E onde o viu?

— No quarto dele.

— O que estava fazendo ali, por favor?

— Fui até lá para informar que não conseguira encontrar o vinho.

— Disse “vinho"?

— Isso mesmo. Ele tocara a campainha um pouco antes, dizendo que precisava de pão e vinho, e queria saber se podíamos arrumar.

— Ele queria dizer a missa?

— Exatamente — A enfermeira ficou um pouco ruborizada e depois deu de ombros. — Uma ou duas pessoas da equipe... de vez em quando trazem uma garrafa de bebida.

— Compreendo.

— Procurei nos lugares habituais. Depois voltei e informei que, infelizmente, não encontrara nada. Mas dei-lhe um pouco de pão.

— E o que ele disse?

— Não me lembro.

— Pode me dizer qual o seu horário aqui, srta. Keating?

— Das dez horas da noite às seis da manhã.

— Todas as noites?

— Só nas noites em que estou de serviço.

— E quais são as noites em que fica de serviço?

— De terça a sábado.

— O padre Dyer já tinha dito a missa aqui antes?

— Não sei.

— Mas ele nunca antes pediu pão e vinho.

— Tem razão.

— Ele lhe contou por que queria dizer a missa hoje?

— Não.

— Disse alguma coisa quando lhe comunicou que não conseguira arrumar o vinho?

— Disse

— E o que foi?

Ela precisou usar o lenço outra vez. Fez uma pausa, parecia estar recuperando o controle,

— Perguntou: “Você tomou tudo?'' — A voz dela tremia agora, e seu rosto contraiu-se numa expressão de angustia. — Ele estava sempre gracejando.

A enfermeira virou a cabeça e começou a chorar. Kinderman viu uma caixa de lenços de papel numa prateleira. Pegou um punhado deles e entregou-os à enfermeira. O lenço dela era agora uma bola toda molhada. Ela pegou os lenços de papel, murmurando:

— Obrigada. — Kinderman manteve-se em silêncio e a enfermeira acrescentou: — Desculpe.

— Não foi nada. O padre Dyer disse-lhe mais alguma coisa na ocasião?

A enfermeira sacudiu a cabeça.

— E quando tornou a vê-lo?

— Quando o encontrei.

— Quando foi isso?

— Cerca de dez minutos antes das seis horas.

— Entre quatro e meia e esse momento, viu alguém entrando no quarto do padre Dyer?

— Não.

— Viu alguém saindo?

— Também não

— E durante esse tempo ficou na mesa, em frente ao quarto.

— Exatamente. Estava escrevendo os relatórios.

— Mas esteve aqui durante todo o tempo.

— A não ser nas vezes em que tive de me afastar para dar medicamentos.

— Quanto tempo precisava para dar os medicamentos?

— Calculo que dois minutos de cada vez.

— Em que quartos?

— Números 417, 419 e 411.

— Deixou a mesa três vezes?

— Apenas duas. Dois medicamentos foram dados na mesma ocasião.

— A que horas, por favor?

— O sr. Bolger e a sta. Ryan tomaram codeína quando faltavam quinze minutos para as cinco. E a srta. Freitz, do 411, tomou heparina e Dextran cerca de uma hora depois.

— Esses quartos ficam no mesmo corredor do quarto do padre Dyer?

— Não. Ficam depois da curva do corredor.

— Assim, se alguém tivesse entrado no quarto do padre Dyer por volta das quinze para as cinco você não teria visto. E o mesmo aconteceria se alguém deixasse o quarto uma hora depois, não é mesmo?

— É, sim.

— Esses medicamentos são dados todos os dias nesses horários?

— Não. A heparina e o Dextran da srta. Freitz são novos. Não constavam da ficha até hoje.

— E pode se lembrar de quem os receitou?

— Claro. Foi o dr. Amfortas.

— Tem certeza? Não quer verificar os registros?

— Não há necessidade. Tenho certeza absoluta.

— Por que está tão certa assim?

— Porque é um fato excepcional. Geralmente é o residente quem determina os medicamentos. Mas acho que o dr. Amfortas tem um interesse especial pelo caso dela.

O tenente estava surpreso.

— Pensei que tivesse dito que o dr. Amfortas não trabalhava mais aqui.

— E não trabalha. Mas ele esteve aqui ontem à noite.

— No quarto da moça?

— Isso nada tem de extraordinário. Ele a visita com frequência.

— Mesmo à noite?

A enfermeira Keating assentiu.

— A moça tem insônia. E acho que ele também.

— Por que isso? Isto é... por que você acha isso?

— Há meses que ele costuma aparecer por aqui durante o meu turno, conversa um pouco comigo ou simplesmente circula pelos corredores. Nós o chamamos de “Fantasma”.

— Quando foi a última vez que ele visitou a srta. Freitz a uma hora assim?

— Foi ontem.

— A que horas exatamente?

— Entre quatro e cinco horas da madrugada.

— Ele esteve no quarto do padre Dyer?

— Esteve.

— E pôde ouvir alguma coisa da conversa deles?

— Não. A porta estava fechada.

— Ah...

Kinderman pensou por um momento. Estava olhando para Atkins, através do vidro. O sargento estava encostado na mesa, retribuindo-lhe o olhar. Kinderman tornou a concentrar sua atenção na enfermeira.

— Quem mais viu por aqui a essa hora?

— Da equipe?

— Qualquer pessoa. Todos os que passaram pelo corredor.

— Só vi a sra. Clelia.

— E quem é ela?

— Uma paciente da Psiquiatria.

— Ela estava andando pelo corredor?

— Não. Encontrei-a caída no corredor.

— Encontrou-a caída?

— Isso mesmo. Ela parecia num estado de estupor.

— Em que ponto exatamente do corredor?

— Logo depois que o corredor dá a volta, perto da entrada da Psiquiatria.

— E a que horas foi?

— Pouco antes de eu encontrar o padre Dyer. Chamei o pessoal da Psiquiatria, e vieram buscá-la.

— A sra. Clelia é senil?

— Não sei dizer. Acho que sim, mas não tenho certeza. Eu diria que ela parecia um pouco catatônica.

— Catatônica?

— É apenas um palpite.

— Hum... — Kinderman pensou por um momento e depois se levantou. — Obrigado, srta. Keating.

— Não há de quê.

Kinderman deu-lhe outro lenço de papel, depois saiu do cubículo e chamou Atkins:

— Providencie o telefone do dr. Amfortas e chame-o para ser interrogado, Atkins. Até lá, vou dar um pulo à Psiquiatria.

Pouco depois, Kinderman estava parado na enfermaria aberta. Não fora afetada pelos acontecimentos da manhã. A multidão habitual de espectadores

silenciosos já se agrupara em torno do aparelho de televisão e todos os sonhadores estavam acomodados em suas cadeiras. Um velho na casa dos setenta anos aproximou-se de Kinderman e disse:

— Quero cereal e figos esta manhã. Não se esqueça dos malditos figos. Quero figos.

Um atendente aproximava-se lentamente deles Kinderman olhou para a mesa de serviço. A enfermeira estava no cubículo, falando ao telefone. O rosto dela estava contraído e tenso. Kinderman começou a se encaminhar para a mesa. O velho ficou para trás, continuando a falar para o ar vazio, no lugar em que o tenente estivera:

— Não quero os malditos figos.

Temple apareceu de repente. Atravessou uma porta com seus passos vigorosos e olhou ao redor. Parecia desgrenhado, ainda meio adormecido, com os olhos pesados de sono. Avistou Kinderman e foi encontrá-lo junto à mesa.

— Santo Deus! — exclamou ele. — Não posso acreditar! É mesmo verdade que de morreu?

— É, sim.

— Telefonaram e me acordaram. E ainda não posso acreditar.

Temple lançou um olhar para a enfermeira, com uma expressão irritada. Ela viu-o e desligou prontamente o telefone. O atendente estava conduzindo o velho para uma cadeira.

— Eu gostaria de ver uma de suas pacientes — disse Kinderman. — A sra. Clelia. Onde ela está?

Temple olhou para ele.

— Estou vendo que já se informou de uma porção de coisas. O que quer com a sra. Clelia?

— Gostaria de lhe fazer duas ou três perguntas. Não faria mal a ela.

— À sra. Clelia?

— Isso mesmo.

— Estaria falando com uma parede

— Estou acostumado a isso.

— Como assim?

— Falei por falar. — Kinderman deu de ombros e levantou as palmas das mãos. — Minha boca se abre e as palavras saem antes que eu saiba o que estou dizendo. É apenas *shtuss.* E para chegar ao sentido, teríamos de recorrer ao *I ching*.

Temple avaliou-o por um instante com uma expressão calculista e depois virou-se para a enfermeira. Ela estava parada do outro lado da mesa, arrumando papéis, com um ar ocupado.

— Onde está a sra. Clelia? — perguntou Temple.

A enfermeira não levantou os olhos.

— Em seu quarto.

— Pode me deixar vê-la? — indagou Kinderman.

— Por que não? — respondeu Temple. — Vamos até lá.

Kinderman seguiu-o e logo estavam num quarto estreito.

— Aí está ela — disse Temple.

Apontou para uma mulher idosa, de cabeça branca, sentada numa poltrona, junto à janela. Ela olhava para as chinelas e segurava as pontas de um xale vermelho de lã, apertando-o em torno dos ombros. Não levantou os olhos. O tenente tirou o chapéu, segurando-o pela aba.

— Sra. Clelia?

A mulher levantou o rosto, com os olhos vazios, perguntando a Kinderman:

— Você é meu filho?

— Eu teria o maior orgulho em ser — disse Kinderman, gentilmente.

A sra. Clelia sustentou o olhar dele por um momento, mas depois virou o rosto, murmurando:

— Você não é meu filho. É de cera.

— Pode se lembrar do que fez esta manhã, sra. Clelia?

A velha começou a cantarolar, baixinho. A melodia era dissonante, um tanto desagradável.

— Sra. Clelia?

Ela parecia não estar ouvindo.

— Eu lhe disse — interveio Temple. — Mas eu poderia tentar fazer com que ela conversasse com você.

— De que maneira?

— Hipnose. Quer que eu tente?

— Claro.

Temple fechou a porta, puxou a cadeira e sentou-se diante da velha.

— Não deixa o quarto no escuro primeiro? — perguntou Kinderman.

— Não há necessidade. Tudo isso é bobagem. — Temple tirou um pequeno medalhão do bolso superior do jaleco branco. Era triangular e pendia de uma corrente pequena. — Sra. Clelia...

Ela fitou o psiquiatra no mesmo instante. Ele levantou o medalhão e deixou-o balançar lentamente diante dos olhos dela. E depois murmurou as palavras “hora de sonhar”. A velha prontamente fechou os olhos e pareceu arriar na poltrona. Suas mãos descaíram suavemente para o colo. Temple virou-se para o detetive, com uma expressão satisfeita.

— O que devo perguntar a ela? — indagou o psiquiatra. — A mesma coisa?

Kinderman assentiu. Temple tornou a virar-se para a mulher.

— Sra. Clelia, pode se lembrar do que fez esta manhã?

Eles esperaram, mas a mulher não respondeu. Permaneceu completamente imóvel. Temple ficou aturdido. Repetiu a pergunta:

— O que fez esta manhã?

Kinderman mudou a posição do corpo. Não houve resposta. Ele perguntou baixinho:

— Ela está dormindo?

Temple sacudiu a cabeça e perguntou à mulher:

— Viu um padre hoje, sra. Clelia?

A mulher rompeu o silêncio subitamente.

— Nãoooo.

Seu tom era baixo, prolongado, como um gemido. Parecia sobrenatural.

— Deu uma volta esta manhã?

— Nãoooo.

— Alguém a levou a algum lugar?

— Nãoooo.

— Mas que merda! — murmurou Temple.

Virou a cabeça e olhou para Kinderman. O tenente disse:

— Já é suficiente.

Temple virou-se para a sra. Clelia. Encostou a mão em sua testa e disse:

— Acorde.

Lentamente, a velha começou a se empertigar. Abriu os olhos e fitou Temple. E depois olhou para o tenente, Seus olhos estavam vazios e inocentes.

— Já consertou meu rádio?

— Consertarei amanhã, madame — respondeu Kinderman.

— É o que todos dizem.

A sra. Clelia baixou os olhos para seus sapatos e recomeçou a cantarolar. Kinderman e Temple saíram para o corredor.

— O que achou da minha pergunta sobre o padre? — indagou Temple. — Afinal, para que fazer rodeios? E o que me diz da pergunta se alguém a levou para a Neurologia? Achei que foi muito boa.

— Por que ela não pôde responder?

— Não sei. E, para ser sincero, isso me surpreendeu.

— Já a tinha hipnotizado antes?

— Umas poucas vezes.

— Ela entrou em transe no mesmo instante.

— Sou muito bom em hipnose. Já lhe disse isso. Mas,

por Deus, não consigo aceitar o que fizeram com o padre. Como é possível

uma coisa assim, tenente?

— É o que vamos descobrir.

— Ele foi mutilado?

Kinderman fitou o atentamente.

— O dedo indicador direito foi cortado. E o assassino riscou um signo zodiacal na palma esquerda. De Gêmeos. — Kinderman fez uma pausa, sondando o olhar firme de Temple, antes de acrescentar: — O que acha disso?

— Não acho nada.

A expressão de Temple permaneceu impassível.

— Não poderia mesmo achar — murmurou Kinderman. — Por que deveria? Por falar nisso, existe aqui uma seção de patologia?

— Claro.

— Onde fazem autópsias e coisas assim?

Temple assentiu.

— Fica li embaixo, no porão. Desça pelo elevador da Neurologia e vire à esquerda. Vai até lá?

— Vou.

— Não pode errar.

Kinderman virou-se e afastou-se. Temple perguntou, atrás dele:

— O que está querendo na Patologia?

Kinderman deu de ombros e continuou a andar. Temple praguejou baixinho.

Atkins estava encostado na mesa de serviço quando avistou Kinderman se aproximando pelo corredor. Foi ao encontro dele.

— Falou com Amfortas? — indagou o tenente.

— Não consegui.

— Continue tentando.

— Stedman e Ryan já acabaram.

— Mas eu não.

— Havia impressões nos vidros — informou Atkins. — E bem nítidas.

— O assassino é audacioso, Atkins. E está zombando de nós.

— O padre Riley está lá embaixo. Diz que quer ver o corpo.

— Não deixe. Desça e converse com ele lá embaixo, Atkins. Seja vago. E diga a Ryan para se apressar com as impressões. Quero comparações imediatas com as impressões que ele encontrou no confessionário. Enquanto isso, vou dar um pulo à Patologia.

Atkins acenou com a cabeça e os dois se encaminharam para os elevadores, pegando um que estava descendo. O tenente vislumbrou o padre Riley quando Atkins saiu no saguão. Ele estava sentado num canto, com a cabeça entre as mãos. O detetive desviou os olhos, e ficou contente quando a porta do elevador

se fechou.

Kinderman descobriu o caminho para a Patologia e finalmente entrou numa sala silenciosa onde alguns estudantes de medicina estavam dissecando cadáveres. Um médico num cubículo envidraçado ergueu os olhos da mesa em que trabalhava e avistou o tenente. Levantou-se e saiu do cubículo, aproximando-se de Kinderman.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa?

— É possível. — Kinderman mostrou sua identificação. — Tem algum instrumento de dissecação que pareça uma tesoura? Estou curioso.

— Claro que temos.

Levou o tenente a uma parede onde estavam diversos instrumentos. Tirou um da bainha e entregou-o a Kinderman.

— Tome cuidado com isso.

— Tomarei.

Kinderman segurava um instrumento brilhante e afiado, de aço inoxidável. As lâminas se curvavam num crescente. Kinderman virou-as e elas refletiram a luz do teto.

— Impõe respeito — murmurou Kinderman. O instrumento proporcionava-lhe um sentimento de temor. — Como costumam chamá-lo?

— Tesoura.

— Não podia deixar de ser. Não existe jargão na terra dos mortos.

— O que foi que disse?

— Nada. — Kinderman puxou as alças cuidadosamente, num esforço para separar as lâminas. Não foi fácil. — Estou muito fraco.

— Não está, não. A tesoura está dura assim porque é nova.

Kinderman levantou os olhos, com as sobrancelhas contraídas.

— Disse “nova”?

— Acabamos de recebê-la. — O médico se inclinou e tirou uma etiqueta adesiva de uma alça. — Ainda está com o preço.

Amassou a etiqueta e colocou-a no bolso.

— Os instrumentos são substituídos com frequência?

— perguntou Kinderman.

— Só pode estar brincando. Esses instrumentos são muito caros. Além disso, não há qualquer possibilidade de danificá-los. Não sei por que recebemos um novo. — O médico correu os olhos pelos ganchos e bainhas na parede. — A antiga não está aqui. Talvez tenha sido levada por um dos estudantes.

Kinderman devolveu-lhe a tesoura, cautelosamente.

— Muito obrigado, doutor... Como é mesmo o seu nome?

— Arnie Derwin. Isso era tudo o que queria?

— Já é o suficiente.

Quando voltou à Neurologia, Kinderman encontrou várias enfermeiras agrupadas em torno de Atkins e do chefe dos médicos do hospital, dr. Tench, que estavam tendo uma discussão. Kinderman alcançou-os a tempo de ouvir Tench dizendo:

— Isto é um hospital e não um jardim zoológico! Os pacientes estão em primeiro lugar! Está me entendendo?

— Que *tsimmis* é esta? — perguntou Kinderman.

— Este é o dr. Tench — disse Atkins.

Tench virou-se e esticou o queixo, beligerante, na direção de Kinderman.

— Sou o chefe dos médicos. Quem é você?

— Um pobre tenente da polícia a caçar fantasmas. Pode fazer a gentileza de ficar de lado? Temos um trabalho a fazer.

— Santo Deus, mas que desfaçatez!

O tenente já se virara para Atkins e estava dizendo:

— O assassino é alguém deste hospital. Ligue para a delegacia. Vamos precisar de muitos homens.

— Ei, espere um pouco! — explodiu Tench.

Kinderman ignorou-o.

— Coloque dois homens em cada andar. Tranque todas as saídas para a rua e ponha urn homem em cada uma. Ninguém entra nem sai sem as credenciais apropriadas.

— Você não pode fazer isso! — berrou Tench.

— Quem sair deve ser revistado. Estamos procurando uma tesoura cirúrgica. E precisamos vasculhar todo o hospital à sua procura.

Tench estava roxo de raiva.

— Quer fazer o favor de me escutar?

Kinderman virou-se abruptamente para ele, com uma expressão sombria.

— Vocé é quem vai me escutar. — Sua voz estava baixa, suave e dominadora. — Quero que saiba o que estamos enfrentando. Já ouviu falar do assassino Gêmeos?

— Como?

O comportamento de Tench continuava beligerante

— O assassino Gêmeos,

— Claro que já ouvi falar. Mas qual é o problema? Ele está morto.

— Lembra-se das notícias sobre a maneira como ele costumava operar?

— Aonde está querendo chegar?

— Está lembrado?

— Havia mutilações?

— Isso mesmo. — Kinderman inclinou a cabeça na direção do médico. — O dedo médio da mão esquerda da vítima era sempre cortado. E nas costas da vítima ele riscava a faca um signo zodiacal... de Gêmeos. E o nome de cada vitima começava com K. Está se lembrando de tudo agora, dr. Tench? Pois esqueça. Apague tudo isso de sua mente. A verdade é que o dedo desaparecido era este! — Kinderman estendeu seu dedo indicador direito — Não era o dedo do meio, mas o indicador! E não era da mão esquerda e sim da direita! E o signo de Gêmeos não estava nas costas e sim na palma esquerda! Somente o pessoal da Seção de Homicídios da polícia de Los Angeles sabia disso. Mais ninguém. Forneceram as informações falsas à imprensa de propósito, a fim de não terem muito trabalho todos os dias com os lunáticos que apareciam para confessar que eram Gêmeos. Com isso, não precisavam desperdiçar tempo com investigações e poderiam reconhecer o verdadeiro assassino, quando o encontrassem. — Kinderman fez uma pausa, aproximando o rosto ainda mais de Tench. — Mas neste caso, doutor, todos os fatos indicam o verdadeiro *modus operandi*!

Tench estava atordoado.

— Não é possível!

— Acho melhor acreditar. E tem mais, doutor: nas cartas que Gêmeos escrevia para a imprensa, sempre dobrava o *l* final de cada palavra, mesmo quando estava errado. Isso lhe diz alguma coisa, doutor?

— Santo Deus!

— Está entendendo agora? Ficou bem claro?

— Mas o que me diz do nome do padre Dyer? — indagou Tench, perplexo.

— Não começa com K.

— Seu nome do meio era Kevin. E agora quer fazer a gentileza de nos deixar trabalhar e tentar protegê-lo?

Muito pálido, Tench assentiu, murmurando:

— Desculpe.

E se afastou. Kinderman suspirou e olhou para Atkins, com uma expressão de cansaço. Depois, olhou para o posto da enfermeira. Uma das enfermeiras que ali estava, de outro departamento, fitava-o atentamente, parada, de braços cruzados. Quando seus olhos se encontraram, Kinderman teve a impressão de que ela estava extremamente ansiosa. Tornou a concentrar sua atenção em Atkins. Pegou-o pelo braço e afastou-o da mesa alguns passos.

— Muito bem, Atkins, faça o que lhe mandei. Já conseguiu falar com Amfortas?

— Não.

— Continue tentando. Agora.

Kinderman virou-o, gentilmente observando-o encaminhar-se para o telefone, no cubículo envidraçado. E nesse instante um peso imenso pareceu sufocá-lo. Encaminhou-se para a porta do quarto de Dyer. Evitou o olhar do guarda, pegou a maçaneta, abriu a porta e entrou.

Teve a sensação de que ingressara em outra dimensão. Encostou-se na porta e olhou para Stedman O patologista estava numa cadeira, com uma expressão atordoada. Atrás dele, a chuva escorria por uma janela. Metade do quarto estava na sombra, e o cinzento lá fora impregnava o resto com uma luz débil e espectral.

— Não há nenhuma mancha ou gota de sangue em lugar algum do quarto — disse Stedman, baixinho, sem qualquer inflexão na voz. — Nem mesmo nas bocas dos vidros.

Kinderman acenou com a cabeça. Respirou fundo e olhou para o corpo, em cima da cama, debaixo de um lençol branco. Ao lado, num carrinho de remédios, havia vinte e dois vidros de recolhimento de espécimes, arrumados impecavelmente, em filas simétricas. Continham todo o suprimento de sangue do padre Dyer. O tenente desviou os olhos para a parede que ficava atrás da cama, onde o assassino escrevera, com o sangue do padre Dyer:

É UMA VIDA MARAVILHOSA

Quase na hora do crepúsculo, o mistério se aprofundou para além do alcance da razão. Na delegacia, Ryan relatou a Kinderman o resultado da comparação das impressões digitais. O tenente ficou aturdido.

— Está querendo me dizer que duas pessoas diferentes cometeram os assassinatos?

As impressões digitais que havia nos painéis do confessionário não combinavam com as impressões dos vidros.

CAPÍTULO 11

QUINTA-FEIRA, 17 DE MARÇO

Os olhos transmitiam ao cérebro uma centésima parte dos dados recebidos. Às possibilidades de que aquilo que era transmitido fosse uma decorrência do acaso eram de um bilionésimo de um bilionésimo de um bilionésimo de um por cento. Um dado sensorial parecia igual a qualquer outro. O que decidiria qual devia ser transmitido ao cérebro?

Um homem decidiu mover a mão. Suas reações motoras foram desencadeadas por neurônios, que foram desencadeados por outros, que conduziam ao cérebro. Mas que neurônio decidiu tomar essa decisão? Presumindo-se que o encadeamento, no disparo de neurônios, se estenda pelos bilhões de neurônios do cérebro, quando se chega ao final o que será que resta para desencadear um ato de livre arbítrio do homem? Um neurônio poderia decidir? O Primeiro Neurônio? O Primeiro Determinante? Ou talvez o cérebro inteiro decidisse. Será que isso proporcionaria ao todo o que nenhuma das partes isoladas possuía? Seria possível que zero vezes bilhões resultasse em mais que um zero? E o que será que decidia que o cérebro como um todo tomasse uma decisão?

Os pensamentos de Kinderman voltaram ao serviço. E ele ouviu o padre Riley ler suavemente:

— "Que os anjos possam conduzi-lo ao paraíso. Que os coros dos anjos possam lá recebê-lo. E com Lázaro, outrora um mendigo, que possa ter o repouso eterno.”

Kinderman ficou observando, com um aperto no coração, Riley lançar água benta sobre o caixão. A missa na Capela Dahlgren terminara, e agora estavam de pé numa depressão coberta de relva do campus, no início do dia. Uma nova sepultura fora aberta no cemitério jesuítico. Os padres da paróquia da Santíssima Trindade estavam presentes, assim como os jesuítas do campus, que eram poucos, pois atualmente quase todos os professores eram leigos. Ninguém da família estava presente. Não houvera tempo. Os sepultamentos dos jesuítas eram rápidos. Kinderman estudou os homens trêmulos em torno da sepultura, em suas batinas pretas e capotes. Seus rostos eram estóicos e inescrutáveis. Estariam pensando em sua própria mortalidade?

— ‘‘Uma luz do alto há de nos visitar para brilhar sobre os que estão nas

trevas e entrar na terra de sombras da morte.”

Kinderman pensou em seu sonho com Max, enquanto Riley orava:

— “Eu sou a ressurreição e a vida.’

Kinderman olhou para os prédios antigos em torno deles, fazendo-os parecer pequenos naquele vale sereno. Como o mundo, eles continuavam em sua implacável existência. Como era possível que Dyer tivesse partido? Cada homem que já vivera sempre ansiara pela felicidade perfeita, refletiu o detetive, angustiado. “Mas como podemos tê-la, quando sabemos que vamos morrer?” Cada alegria era toldada pelo conhecimento de que acabaria. Será que isso significava que a natureza implantara em nós um desejo por algo inatingível? “Não, não pode ser. Não tem sentido.” Todos os outros impulsos implantados pela natureza tinham um objetivo correspondente que não era um fantasma. Por que aquela exceção? Era a natureza produzindo a fome, quando não havia alimento. “Nós seguimos em frente. Nós continuamos.” Assim, a morte se tornava vida.

Os padres começaram a se afastar, em silêncio. Somente o padre Riley ficou. Permaneceu imóvel, olhando para a sepultura. Depois, baixinho, começou a recitar os versos de John Donne:

— “Morte, não sejas orgulhosa, embora alguns te chamem de poderosa e temível, pois tal não és.” — Sua voz estava impregnada de ternura, e seus olhos começaram a brilhar com lágrimas. — “Pois não morrerão, pobre Morte, aqueles a quem deves derrubar; nem a mim ainda podes matar. Do Sono e Repouso, que em tuas imagens existem, muito prazer se tira, muito mais de ti há de fluir; e nossos melhores homens em breve partirão, na tua companhia, descansando os ossos, libertando as almas! São escravos do destino, do acaso, reis e homens desesperados; convivem com o veneno, a guerra e a doença; as drogas e encantamentos podem nos fazer dormir tão bem, melhor que o teu próprio golpe. Por que então temer? Um curto sono passa e despertamos na eternidade, a Morte não mais existe: Morte, tu hás de morrer!”

O padre esperou um instante, depois limpou as lágrimas com a manga. Kinderman aproximou se e murmurou:

— Lamento profundamente, padre Riley.

O padre assentiu, olhando para a sepultura. Finalmente levantou os olhos, cheios de angústia, sofrimento e perda, e fitou Kinderman.

— Descubra-o — disse ele, sombriamente. — Encontre o desgraçado que fez isso e corte os colhões dele.

O padre Riley virou-se e afastou-se. Kinderman ficou observando-o.

Os homens também ansiavam por justiça.

Quando o jesuíta finalmente desapareceu de vista, o tenente vagueou até

uma sepultura e leu a inscrição na lápide:

DAM1EN KARRAS, S. J.
1928-1971

Kinderman ficou olhando fixamente. A inscrição estava lhe dizendo alguma coisa. Mas o quê? Seria a data? Ele não conseguia determinar. Nada mais tinha sentido, remoeu Kinderman. A lógica se perdera com a comparação das impressões digitais. O caos dominava aquela parte do mundo. O que fazer? Ele não sabia. Levantou os olhos para o prédio da administração do campus.

Kinderman dirigiu-se ao gabinete de Riley. Tirou o chapéu. A secretária de Riley inclinou a cabeça e perguntou:

— Em que posso servi-lo?

— O padre Riley está? Posso falar com ele?

— Duvido muito que ele esteja recebendo alguém neste momento — Ela suspirou. — Sei que ele não está atendendo nenhum telefonema. Mas pode me dizer seu nome, por favor?

Kinderman disse:

— Ah, sim...

Ela pegou o telefone e ligou para a outra sala. Falou com Riley, depois desligou e disse a Kinderman:

— Ele vai recebê-lo. Pode entrar, por favor.

A secretária apontou paia a porta.

— Obrigado, moça.

Kinderman entrou numa sala ampla. Os móveis eram quase todos de madeira escura, envernizados, e nas paredes havia litografias e retratos de jesuítas proeminentes do passado de Georgetown. Santo Inácio de Loyola, o fundador da ordem, olhava afavelmente de um quadro a óleo, com uma moldura imensa.

— O que está pensando, tenente? Quer um drinque?

— Não, obrigado, padre.

— Sente-se, por favor.

Riley apontou para uma cadeira diante da mesa.

— Obrigado, padre.

Kinderman acomodou-se. Experimentava uma sensação de segurança naquela sala. Tradição. Ordem. Precisava de tais coisas. Riley tomou o scotch num copo pequeno, que produziu um som abafado ao ser colocado no couro polido que cobria a mesa.

— Deus é grande e misterioso, tenente. O que está acontecendo?

— Dois padres, e um menino crucificado. Obviamente, há alguma conexão religiosa. Mas o que é? Não sei o que estou procurando, padre. Estou tateando no escuro. Mas, além de serem padres, o que Bermingham e Dyer podiam ter em comum? Que ligação podia haver entre eles? Tem alguma ideia?

— Claro que tenho. Sei o que é. Você não sabe?

— Não, não sei. O que é?

— Você. E isso se aplica também ao garoto Kintry. Você conhecia a todos. Não tinha pensado nisso?

— Tinha, sim — admitiu Kinderman. — Mas certamente não passa de uma coincidência. A crucificação de Thomas Kintry... é uma coisa que não tem nenhuma relação comigo. — Abriu as mãos, num gesto retórico.

— Tem razão. — Riley se virara de lado e estava olhando por uma janela. Era o intervalo entre as aulas, e os estudantes circulavam de um lado pata outro. — Podia ser aquele exorcismo.

— Que exorcismo, padre? Não estou entendendo.

Riley virou a cabeça na direção de Kinderman.

— Ora, tenente, tenho certeza de que sabe o que aconteceu.

— Sei um pouco.

— Aposto que sabe muito.

— O padre Karras estava de alguma forma envolvido.

— Se quer chamar morrer de envolvimento. — Riley estava outra vez olhando pela janela. — Damien foi um dos exorcistas. Joe Dyer conhecia a família da vítima. E Ken Bermingham deu permissão a Damien para investigar, e depois ajudou a escolher o outro exorcista. Não sei o que isso pode significar, mas não acha que certamente existe alguma relação?

— Claro que existe. É algo muito estranho. Mas isso nos deixa com Kintry.

Riley virou-se para ele.

— Será mesmo? A mãe dele ensina línguas no Instituto de Linguística. Damien levara para eles uma fita gravada, pedindo que a analisassem. Queria saber se os sons gravados na fita eram de alguma língua ou apenas uma algaravia sem sentido. Queria a prova de que a vítima estava falando em alguma espécie de língua que nunca aprendera.

— E estava?

— Não. Era inglês ao contrário. E a pessoa que descobriu foi a mãe de Kintry.

Kinderman perdeu o seu senso de segurança. Aquela ligação levava às trevas.

— Esse caso de possessão, padre... está convencido de que foi autêntico?

— Não posso perder tempo com demônios. Os pobres estão sempre

conosco. O que já é suficiente para me dar o que pensar, na maioria dos dias. — Pegou o copo e girou-o entre os dedos, distraidamente. — Como eles fizeram, tenente?

Kinderman hesitou um instante, mas acabou respondendo:

— Com uma sonda.

Riley continuava a girar o copo entre os dedos.

— Talvez devesse estar procurando um demônio.

— Um médico servirá.

O detetive deixou o gabinete e logo estava com a respiração ofegante, seguindo apressadamente para o portão principal do campus. Desceu pela 36th Street. A chuva cessara e as calçadas brilhavam, completamente molhadas. Virou à direita na esquina e seguiu para a casa estreita de Amfortas. Notou que todas as cortinas das janelas estavam fechadas. Subiu os degraus e tocou a campainha. Um minuto transcorreu. Tocou outra vez, mas ninguém atendeu. Kinderman desistiu. Encaminhou-se apressadamente para o hospital, perdido num labirinto, mas movendo-se depressa, como se esperasse que a ação pudesse gerar pensamento.

Chegando ao hospital, Kinderman não conseguiu encontrar Atkins. Nenhum dos guardas sabia onde ele estava. O tenente foi para a Neurologia e falou com a enfermeira de serviço, Jane Hargaden. Interrogou-a a respeito de Amfortas.

— Sabe onde eu posso encontrá-lo, por favor?

— Não. Ele não faz mais a ronda.

— Sei disso. Mas também sei que ele ainda aparece de vez em quando por aqui. Por acaso não o viu?

— Não, não o vi. Mas vou verificar no laboratório. — Pegou o telefone e discou um ramal. Ninguém atendeu. Desligou e acrescentou: — Sinto muito.

— Ele não poderia ter viajado?

— Não sei dizer. Mas temos diversos recados para ele. Vou verificar.

A enfermeira foi até uma prateleira com vários compartimentos pequenos e pegou um maço de recados. Examinou-os rapidamente e depois os estendeu para Kinderman.

— Pode examiná-los o senhor mesmo, se quiser.

— Obrigado.

Kinderman deu uma olhada nos recados. Um deles era de uma empresa que fabricava equipamentos médicos e referia-se ao pedido de uma sonda de *laser*. Todos os outros eram telefonemas da mesma pessoa, certo dr. Edward Coffey. Kinderman mostrou um dos recados para a enfermeira.

— É igual aos outros. Posso ficar com este?

— Pode, sim.

Kinderman guardou o recado no bolso e devolveu os outros à enfermeira.

— Muito obrigado. Se por acaso encontrar o dr. Amfortas ou receber um telefonema dele, poderia pedir que me procurasse? — Entregou um cartão de visitas à enfermeira. — Poderá me encontrar neste número.

— Pois não, senhor.

— Obrigado de novo,

Kinderman virou-se e encaminhou-se para os elevadores. Apertou o botão onde se lia “Desce”. Um elevador parou. Kinderman deixou que uma enfermeira passasse na sua frente e entrou em seguida. Dentro do elevador, a enfermeira deu um passo para trás. Kinderman lembrava-se dela. Era a mesma que o fitara de maneira tão estranha na manhã anterior.

— Tenente?

Ela estava de rosto franzido e sua atitude era de hesitação. Cruzou os braços sobre o peito, segurando uma bolsa de couro branca. Kinderman tirou o chapéu.

— Posso ajudá-la em alguma coisa?

A enfermeira desviou os olhos. Parecia indecisa.

— Não sei. É uma coisa meio absurda. Não sei.

Chegaram ao saguão.

— Vamos para algum lugar onde possamos conversar — propôs Kinderman.

— Eu me sinto completamente tola. É apenas uma coisa... — A enfermeira deu de ombros. — Ora, não sei.

A porta do elevador se abriu. Saíram, e o tenente conduziu a enfermeira para um canto do saguão, onde se sentaram em poltronas azuis.

— É realmente uma coisa estúpida — murmurou a enfermeira.

— Nada é estúpido. Se alguém me dissesse agora "O mundo é uma laranja”, eu perguntaria de que tipo e depois disso quem sabe o quê? É verdade. Quem pode dizer atualmente que sabe o que é o quê? — Kinderman olhou para a plaqueta de identificação dela: CHRISTINE CHARLES. — O que aconteceu, srta. Charles?

Ela deixou escapar um suspiro por entre os lábios.

— Está tudo bem — assegurou o tenente. — E agora me diga: o que houve?

Ela levantou a cabeça, enfrentando o olhar dele.

— Trabalho na Psiquiatria. Na seção dos agitados. E há um paciente estranho. — Ela deu de ombros. — Eu não estava no hospital quando ele foi internado. Foi há muitos anos, uns dez ou doze. Verifiquei na ficha dele.

A enfermeira tateou na bolsa e tirou um maço de cigarros. Pegou um cigarro e acendeu-o com um fósforo. Teve de fazer várias tentativas para

conseguir riscar o fósforo. Virou a cabeça e soprou a fumaça numa coluna cinzenta.

— Desculpe.

— Continue, por favor.

— Esse homem... A polícia encontrou-o vagando pela M Street. Completamente atordoado. Acho que não podia falar e não tinha nenhum documento de identidade. Seja como for, acabou sendo encaminhado para cá.

Tirou uma baforada do cigarro, rápida e nervosa.

— Foi diagnosticado como catatônico, embora ninguém soubesse com certeza. Estou sendo franca. E a verdade é que o homem nunca falou, ao longo de todos esses anos. Nós o mantínhamos na enfermaria aberta. Até recentemente. Já vou chegar a isso num instante. O homem não tinha nome e por isso lhe inventamos um. Todos o chamamos de Tommy Sunlight (Tommy Luz do Sol). Na sala de recreação, ele passa o dia inteiro se deslocando de uma cadeira para outra, acompanhando a luz do sol. Nunca senta na sombra, se puder evitar. — Tornou a dar de ombros. — Havia alguma coisa de gentil nele. Mas, de repente, tudo mudou, como eu disse. Por volta do primeiro dia do ano, ele começou... hã... a emergir de seu retraimento. E, pouco a pouco, começou a emitir ruídos, como se quisesse falar. Creio que estava tudo bem claro em sua cabeça, mas ele não usava o aparelho fonador há tanto tempo que por alguns instantes só saíram grunhidos e gemidos.

Inclinou-se para um cinzeiro e apagou o cigarro, esmagando-o em movimentos rápidos e nervosos.

— Estou fazendo uma história terrivelmente comprida a partir de nada. — Tornou a olhar para o tenente. — Ele acabou tendo um acesso, ficou violento, e nós o colocamos no isolamento. Em camisa de força. Numa cela acolchoada. Todo o rigor. Ele está lá desde fevereiro, tenente, não haveria a menor possibilidade de estar envolvido. Mas diz que é o assassino Gêmeos.

— Como?

— Insiste em afirmar que é o assassino Gêmeos, tenente.

— Mas disse que ele está trancafiado?

— Isso mesmo. Por isso é que hesitei em lhe contar a história. Ele poderia facilmente ter declarado que era Jack, o Estripador. E daí? Mas é que... — Fez uma pausa, e seus olhos se tornaram perturbados, vagamente distantes. — Ouvi-o dizer uma coisa estranha na semana passada, quando lhe dei Thorazine.

— E que ele disse, por favor?

— “O padre.”

O ingresso na seção dos agitados era controlado por uma enfermeira postada numa cabine circular, de vidro. Ficava no centro de uma área quadrada,

na confluência de três corredores. A enfermeira apertou um botão e uma porta de metal se abriu. Temple e Kinderman entraram na seção; a porta se fechou atrás deles.

— Não há a menor possibilidade de se sair daqui — comentou Temple, visivelmente irritado e brusco. — A enfermeira vê a pessoa através da janela de sua porta e aperta o botão para abri-la, ou você tem de apertar uma combinação de quatro dígitos, que é mudada todas as semanas. Ainda quer falar com ele?

— Não pode fazer mal.

Temple assumiu uma expressão de incredulidade

— O homem está numa cela trancada. E numa camisa de força. Com as pernas presas.

O tenente deu de ombros.

— Vou apenas dar uma olhada.

— O problema é seu, tenente — disse o psiquiatra, asperamente.

Começou a andar rapidamente, e Kinderman seguiu-o por um corredor mal iluminado. Temple resmungou:

— Estão sempre mudando estas malditas lâmpadas e mesmo assim continuam a queimar.

— Isso acontece no mundo inteiro.

Temple meteu a mão no bolso e tirou uma argola cheia de chaves.

— Ele está aqui. Cela 12.

Kinderman espiou por uma janelinha que só permitia a visão por um lado. A cela acolchoada tinha uma cadeira de encosto reto, uma pia, um vaso sanitário e um bebedouro. Num catre ao fundo da cela, um homem estava sentado numa camisa de força. Kinderman não podia ver o rosto dele. A cabeça do homem estava abaixada, encostada no peito; os longos cabelos pretos caíam em mechas emaranhadas e oleosas. Temple destrancou a porta e abriu-a. Apontou para o interior.

— Fique à vontade. Quando tiver acabado, aperte a campainha junto à porta. Chamará a enfermeira. Estarei em minha sala. Deixarei a porta destrancada.

Lançou um olhar contrariado ao tenente e depois se afastou pelo corredor. Kinderman entrou na cela e fechou a porta, sem fazer barulho. Uma lâmpada pendia de um fio no centro do teto. Os filamentos eram fracos e projetavam uma claridade esverdeada pela cela. Kinderman olhou para a pia branca. Uma torneira estava pingando, lentamente, uma gota de cada vez. No silêncio, o som era alto e nítido. Kinderman aproximou-se do catre e parou.

— Levou muito tempo para chegar aqui.

A voz era baixa, sussurrada, com um tom sardônico. Kinderman ficou

aturdido A voz parecia-lhe familiar. Onde já a ouvira antes?

— Sr. Sunlight?

O homem levantou a cabeça. E quando viu as feições rudes, Kinderman cambaleou para trás, em choque.

— Santo Deus! — balbuciou ele, com o coração disparando.

A boca do paciente estava entreaberta num sorriso.

— Não acha que é uma vida maravilhosa?

Kinderman recuou às cegas para o corredor, cambaleou, virou-se, apertou a campainha para chamar a enfermeira, depois saiu apressadamente da cela, com o rosto muito pálido. Quase correu para o gabinete de Freeman Temple.

— O que aconteceu? — perguntou Temple, com o rosto franzido, ao ver Kinderman entrar intempestivamente em sua sala. Sentado à sua mesa, largou a revista de psiquiatria que estava lendo e avaliou o detetive suado e ofegante. — É melhor sentar. Qual é o problema?

Kinderman arriou numa cadeira. Não podia falar nem ordenar os pensamentos. O psiquiatra levantou-se e inclinou-se para ele, examinando-lhe o rosto e os olhos.

— Você está bem?

Kinderman fechou os olhos e assentiu, balbuciando:

— Podia me arrumar um pouco de água, por favor?

Levou a mão ao peito, sentiu o coração. Ainda estava

batendo muito depressa. Temple despejou água gelada de uma garrafa num copo de plástico que estava em cima de sua mesa. Pegou o copo e estendeu-o para Kinderman.

— Tome aqui.

— Obrigado.

Kinderman pegou o copo. Tomou imediatamente um gole de água e depois outro, esperando que o coração se acalmasse.

— Agora está melhor — disse ele, finalmente, suspirando. — Muito melhor.

Não demorou muito para que a respiração de Kinderman voltasse ao normal. Olhou para Temple, que estava ansioso, e disse:

— Quero ver a ficha de Sunlight.

— Para quê?

— *Quero ver a ficha dele!* — berrou Kinderman.

Surpreso, o psiquiatra recuou abruptamente.

— Está certo, companheiro. Não precisa ficar nervoso. Vou buscá-la.

Temple saiu da sala apressadamente, esbarrando em Atkins, que entrava.

— Tenente? — disse Atkins.

Kinderman fitou-o com uma expressão impassível.

— Onde você estava?

— Procurando uma aliança de casamento, tenente.

— Isso é ótimo. Isso é normal. Muito bem, Atkins, fique por perto.

Kinderman virou os olhos para a parede. Atkins não sabia que conclusão tirar, não entendera o que o tenente dissera. Franziu o rosto e encaminhou-se para o posto da enfermeira. Encostou-se na mesa e ficou esperando. Nunca vira Kinderman daquele jeito.

Temple voltou e pôs a pasta nas mãos de Kinderman. O tenente começou a lê-la, enquanto Temple sentava e observava-o. O psiquiatra acendeu uma cigarrilha e estudou atentamente o rosto de Kinderman. Baixou os olhos para as mãos, que viravam as páginas da pasta rapidamente. As mãos estavam tremendo. Kinderman levantou os olhos, indagando bruscamente:

— Você já estava aqui quando este homem foi trazido?

— Estava.

— Vasculhe a memória, por favor, dr. Temple. O que ele estava usando?

— Foi há muito tempo.

— Pode se lembrar?

— Não.

— Havia sinais de ferimentos? Equimoses? Lacerações?

— Isso deve estar na ficha — disse Temple.

— Mas não está! Não está!

O tenente batia com a pasta na mesa a cada “não".

— Ei, vamos com calma!

Kinderman levantou-se,

— Você ou alguma enfermeira contou ao homem da cela 12 que o padre Dyer foi assassinado?

— *Eu* não falei nada. E por que haveríamos de lhe contar?

— Pergunte às enfermeiras — disse Kinderman, sombriamente. — Pergunte a todas elas. Quero saber a resposta pela manhã.

Kinderman virou-se e saiu da sala. Encaminhou-se para Atkins

— Quero que entre em contato com a Universidade de Georgetown. Havia lá um padre, chamado Damien Karras. Veja se eles ainda têm as suas fichas médicas. E também as fichas dentárias. Fale também com o padre Riley. Quero que ele venha até aqui imediatamente.

Atkins fitou inquisitivamente os olhos atormentados de Kinderman. E o tenente respondeu à pergunta não formulada:

— O padre Karras era meu amigo. Morreu há doze anos. Rolou pela Escadaria Hitchcock até embaixo. Compareci a seu funeral. E acabei de vê-lo.

Ele está aqui, neste hospital, metido numa camisa de força.

CAPÍTULO 12

Na Missão Meia Noite, no centro de Washington, Karl Vennamun servia sopa aos mendigos, sentados à comprida mesa comunitária. Quando lhe agradeciam, ele respondia, em voz baixa e efusiva:

— Abençoado seja.

A fundadora da missão, sra. Tremley, seguia atrás dele, distribuindo pão, em fatias grossas. Enquanto os mendigos comiam, com mãos trêmulas, o velho Vennamun foi postar-se atrás de um pequeno pódio de madeira e começou a ler em voz alta alguns trechos das Escrituras. Depois, enquanto café e bolo eram consumidos, fez um sermão, com os olhos brilhando de fervor. Sua voz era sonora, e as pausas e a cadência, hipnóticas. A vasta sala estava sob o seu domínio. A sra. Tremley olhou ao redor, observando o rosto dos mendigos. Uns poucos estavam cochichando, sob o efeito da comida e do calor da sala. Mas os outros estavam extasiados; seus rostos pareciam iluminados. Um homem chorava.

Depois do jantar, a sra. Tremley sentou-se sozinha com Vennamun, na extremidade da mesa vazia. Soprou o café quente em sua caneca. O vapor subia, em círculos. Tomou um gole. As mãos de Vennamun estavam cruzadas, em cima da mesa, e ele as fitava, pensativo, em silêncio.

— Karl, você é um pregador maravilhoso — comentou a sra. Tremley. — Possui um grande dom.

Vennamun não disse nada. A sra. Tremley pôs sua caneca na mesa.

— Deve pensar em voltar a partilhar esse dom com o mundo. Eles já esqueceram tudo agora, toda aquela terrível tragédia. Está acabado. Você deve recomeçar seu ministério público.

O velho Vennamun continuou imóvel por algum tempo. Finalmente levantou o rosto e fitou a sra. Tremley nos olhos, dizendo suavemente:

— Tenho pensado multo nisso.

CAPÍTULO 13

SEXTA-FEIRA, 18 DE MARÇO

Dizia-se que cada homem possuía um sósia, pensou Kinderman, um equivalente físico idêntico, que existia em algum lugar do mundo. Poderia ser essa a resposta ao mistério? Baixou os olhos para os coveiros, que estavam com expressões sombrias, desenterrando o caixão de Damien Karras. O psiquiatra jesuíta não tivera irmãos, nenhuma pessoa da família que pudesse explicar a espantosa semelhança física entre o padre e o homem que estava na enfermaria dos agitados do hospital. Não havia fichas médicas ou dentárias disponíveis; haviam sido descartadas depois da morte de Karras. Nada se podia fazer agora além daquilo, pensou Kinderman, parado à beira da sepultura, em companhia de Stedman e Atkins, rezando para que o corpo que estava no caixão fosse mesmo o de Karras. A alternativa era um horror quase inconcebível, um deslocamento da mente do seu eixo. "Não pode ser’’, pensou Kinderman. “É impossível.” Contudo, até mesmo o padre Riley achava que Sunlight era Karras.

— Você fala em luz — comentou o tenente.

Atkins não falara em luz, mas assim mesmo escutou, abotoando a gola do blusão de couro. Era meio-dia, mas o vento soprava forte, cortante e desagradável. Stedman permaneceu concentrado na exumação.

— O que vemos é apenas uma parte do espectro — continuou Kinderman —, uma pequena faixa entre os raios gama e as ondas de rádio, uma pequena fração da luz que existe.

Virou os olhos semicerrados para o disco prateado do sol; a horda, muito brilhante, transparecia por trás de uma nuvem.

— Portanto, quando Deus disse "Faça-se a luz”, podia na verdade estar dizendo “Faça-se a realidade”.

Atkins não sabia o que dizer.

— Eles acabaram — anunciou Stedman, virando-se para Kinderman. — Vamos abrir?

— Vamos.

Stedman deu instruções aos coveiros, e cuidadosamente eles levantaram a tampa do caixão. Kinderman, Stedman e Atkins olharam fixamente. O vento uivava e penetrava por baixo de seus casacos.

— Descubram quem é — disse Kinderman, final- mente.

Não era o corpo do padre Karras.

Kinderman e Atkins foram para a Seção dos agitados.

— Quero ver o homem da cela 12 — disse Kinderman.

Sentia-se como num sonho; não tinha certeza de quem era ou de onde estava. Duvidava de um fato tão simples como a própria respiração.

A enfermeira Spencer, a encarregada, verificou seu documento de identidade. E quando o fitou, tinha nos olhos uma ansiedade evidente e uma sombra de alguma coisa como medo. Kinderman encontrara a mesma coisa em toda a equipe. Um silêncio geral se abatera sobre o hospital. Vultos vestidos de branco moviam-se como fantasmas, num navio fantasma.

— Está certo — disse ela, relutantemente.

Pegou as chaves na mesa e começou a andar. Kinderman seguiu-a. Um momento depois, a enfermeira estava destrancando a porta da cela 12. Kinderman olhou para o teto do corredor. Enquanto observava, outra lâmpada queimou.

— Pode entrar.

Kinderman olhou para a enfermeira.

— Devo trancar a porta depois que estiver lá dentro?

— Não.

Ela sustentou seu olhar por um instante e depois se afastou. Estava usando sapatos novos, e as solas de borracha rangiam alto sobre os ladrilhos do corredor silencioso. O tenente observou-a por um instante, depois entrou na cela e fechou a porta. Olhou para o catre. Sunlight observava-o, com o rosto desprovido de qualquer expressão. A torneira da pia continuava a gotejar, a intervalos regulares, cada pingo como batidas do coração, nítidas e separadas. Kinderman encaminhou-se para a cadeira encostada na parede, intensamente consciente do som de seus passos. Sunlight acompanhou-o com os olhos. Sua expressão era ingênua, vazia. Kinderman sentou-se e fitou-o. Por um instante, observou a cicatriz acima do olho direito do paciente e depois se fixou no olhar impassível, inquietante. Kinderman ainda não podia acreditar no que estava vendo. E perguntou:

— Quem é você?

Na sala pequena, acolchoada, o som de suas palavras parecia estranhamente nítido. Quase tinha dúvidas sobre quem as pronunciara Tommy Sunlight continuou a olhar fixamente, sem responder.

Plim. Silêncio. Depois outro *plim*.

Uma sensação de pânico invadiu o tenente, e ele repetiu:

— Quem é você?

— Sou alguém.

Os olhos de Kinderman se arregalaram. Ele estava aturdido A boca de Sunlight se contraiu num sorriso e um brilho zombeteiro e maligno se insinuou nos olhos.

— Claro que você é alguém — disse Kinderman, fazendo um esforço para manter o controle. — Mas quem? Você é Damien Karras?

— Não.

— Então quem é você? Qual é o seu nome?

— Pode me chamar de Legião, pois somos muitos.

Um calafrio irracional percorreu o corpo de Kinderman. Queria sair dali. Mas não podia se mexer. Abruptamente, Sunlight inclinou a cabeça para trás e cantou como um galo, depois, relinchou como um cavalo. Os sons eram autênticos, nada tinham de imitação. Interiormente, Kinderman ficou admirado com o desempenho. E a risada de Sunlight foi como um xarope denso e amargo, cascateando.

— Não acha que faço imitações muito boas? Mas também fui ensinado por um mestre. Além disso, tive muito tempo para aperfeiçoá-las. Prática, prática! Essa é a chave. É o segredo da minha eficiência como carniceiro, tenente.

— Por que me chama de “tenente”?

— Não tente trapacear. — As palavras saíram como um rosnado.

— Sabe meu nome?

— Sei.

— Qual é?

— Não me pressione tenente. Eu lhe mostrarei meus
poderes pouco a pouco.

— Seus poderes?

— Você me cansa.

— Quem é você?

— Sabe quem eu sou.

— Não, não sei.

— Sabe, sim.

— Então me diga.

— Gêmeos.

Kinderman ficou em silêncio por um momento. Podia escutar a torneira pingando. E, finalmente, disse:

— Prove.

Sunlight inclinou a cabeça para trás e zurrou como um burro. O tenente sentiu os cabelos de suas mãos se arrepiarem. Sunlight baixou os olhos e disse, distraidamente:

— Não acha que é bom mudar de assunto de vez em quando? — Suspirou e

desviou o olhar para o chão. — É verdade, tive bons tempos em minha vida. Muito divertidos.

Fechou os olhos, e uma expressão de felicidade se estampou em seu rosto, como se estivesse aspirando uma flagrância deliciosa.

— Ah, Karen, a pequena e linda Karen... Fitas amarelas nos cabelos. Cheiravam a perfume. Ainda posso sentir seu cheiro.

As sobrancelhas de Kinderman se altearam involuntariamente e o sangue começou a se esvair de seu rosto. Sunlight fitou-o. Percebeu a expressão de Kinderman.

— Isso mesmo, eu a matei. Afinal, era inevitável, não é mesmo? Claro. Uma divindade molda os nossos fins e tudo o mais. Peguei-a em Sausalito e depois larguei-a no depósito de lixo da cidade. Ou pelo menos uma parte dela. E fiquei com a outra parte. Sou um sentimental incorrigível. É um defeito meu. Mas também quem é perfeito, tenente? Em minha defesa guardei o seio dela na geladeira por algum tempo. Gosto de guardar as coisas. Ela estava usando um lindo vestido. Uma blusa com rufos brancos e rosa. Ainda posso ouvi-la ocasionalmente. Gritando. Acho que os mortos deveriam se calar, a menos que tivessem alguma coisa para dizer.

Ele parecia irritado. Tornou a inclinar a cabeça para trás e mugiu como um bezerro. O som era terrivelmente real. Sunlight interrompeu-o abruptamente e olhou novamente pata Kinderman, franzindo o rosto.

— Precisa ser trabalhado. — Ficou em silêncio por algum tempo, observando Kinderman, com um olhar fixo, sem piscar. E acrescentou, em tom impassível: — Fique calmo. Ouço o som de seu terror, batendo como um relógio.

Kinderman engoliu em seco e ficou escutando o gotejar da torneira, incapaz de desviar os olhos.

— Também matei o garoto negro, no rio — continuou Sunlight. — Foi divertido. Todos foram divertidos. Com exceção dos padres. Os padres foram diferentes. Não é o meu estilo. Mato ao acaso. É onde está a emoção. Sem motivo. É onde está a diversão. Mas os padres foram diferentes. Claro que eles tinham um K no inicio de seus nomes. Isso mesmo, era uma coisa que eu tinha que exigir. Devemos continuar a matar papai, não é mesmo? Apesar de tudo, os padres foram diferentes. Não era o meu estilo. Não era ao acaso. Fui obrigado... isso mesmo, obrigado a acertar contas, em nome... em nome de um amigo.

Ficou em silêncio e continuou a olhar fixamente. Esperando. Kinderman finalmente perguntou:

— Que amigo?

— Um amigo daqui. Do outro lado.

— Você está do outro lado?

Uma estranha mudança processou-se em Sunlight. O ar de escárnio distante desapareceu, substituído por uma atitude de inquietação e medo.

— Não seja invejoso, tenente. Há sofrimento por aqui. Não é fácil. Não, não é nada fácil. Às vezes eles podem ser cruéis. Muito cruéis.

— Quem são “eles”?

— Não importa. E não posso lhe dizer. É proibido.

Kinderman pensou um momento. Inclinou-se para a
frente.

— Sabe meu nome?

— Seu nome é Max.

— Não é, não.

— Se diz que não...

— Por que pensou que fosse Max?

— Não sei. Acho que você me lembra meu irmão.

— Tem um irmão chamado Max?

— Alguém tem.

Kinderman sondou aqueles olhos inexpressivos. haveria algo sardônico neles? Algo provocante? Abruptamente, Sunlight tornou a mugir como um bezerro. Parecia satisfeito quando terminou.

— Está melhor?

Ele soltou um arroto

— Qual é o nome do seu irmão? — perguntou Kinderman.

— Mantenha meu irmão fora disso — resmungou Sunlight. Sua atitude tornou-se expansiva no instante seguinte. — Sabe que está falando com um artista? Às vezes faço coisas especiais com minhas vítimas. Coisas criativas. Mas é claro que elas tomam conhecimento e se orgulham do meu trabalho. Sabia, por exemplo, que uma cabeça decapitada pode continuar a ver por cerca de... talvez por uns vinte segundos? Assim, quando tenho uma cabeça de olhos arregalados sempre a levanto para que possa ver seu corpo. É um extra que ofereço, sem cobrar qualquer adicional. Devo admitir que isso sempre me faz rir. Mas por que eu deveria ficar com toda a diversão? Gosto de partilhar. Porém, é claro que não recebi nenhum crédito por isso nos meios de comunicação. Eles só queriam divulgar todas as coisas ruins a meu respeito. Isso é justo?

Kinderman disse de repente, bruscamente:

— *Damien*!

— Não grite, por favor. Há pessoas doentes aqui. Respeite os regulamentos ou mandarei expulsá-lo. Por falar nisso, quem é esse Damien que você insiste que eu sou?

— Não sabe?

— Às vezes fico imaginando.

— Imaginando o quê?

— Os preços do queijo e como papai está indo. Estão dizendo nos jornais que esses assassinatos são de Gêmeos? Isso é muito importante, tenente. Deve dar um jeito para que eles façam isso. O querido papai precisa saber. É o sentido de tudo. O meu motivo. Estou muito contente por termos esta conversa, para que eu pudesse convencê-lo.

— Gêmeos está morto — disse Kinderman.

Sunlight paralisou-o com uma expressão de ameaça.

— Estou vivo — disse ele, com a voz sibilando. — E continuo. Providencie para que isso seja conhecido ou vou puni-lo, seu gordo.

— E como vai me punir?

A atitude de Sunlight tomou-se subitamente amistosa.

— Dançar é divertido — disse ele — Você dança?

— Se você é Gêmeos, então prove.

— De novo? Por Deus, já lhe dei todas as provas de que podia precisar!

Os olhos de Sunlight brilhavam de raiva e veneno.

— Não poderia ter matado os padres e o menino.

— Mas matei.

— Qual era o nome do menino?

— Era Kintry, o pequeno filho da puta negro.

— Como conseguiu sair daqui para cometer o crime?

— Eles me deixaram sair.

— Como?

— Eles me deixaram sair. Tiraram a camisa de força, abriram a porta e me mandaram vaguear pelo mundo. Todos os médicos e enfermeiras. Estão todos comigo. Às vezes eu lhes trago uma pizza ou um exemplar de domingo do *Washington Post*. Há ocasiões em que eles me pedem para cantar. Canto muito bem.

Inclinou a cabeça para trás e começou a cantar, num tom impecável, em voz de falsete. A canção era *Drink to me only with thine eyes*. Cantou até o fim. Kinderman tornou a sentir medo na alma. Ao terminar, Sunlight olhou para o detetive e sorriu.

— Gostou? Acho que sou muito bom. Não acha também? Tenho muitos talentos. A vida é divertida. Na verdade, é uma vida maravilhosa. Para alguns. É uma pena o que aconteceu com o pobre padre Dyer.

Kinderman permaneceu em silêncio, com o olhar fixo. Sunlight continuou, suavemente.

— Você sabe que eu o matei. Um problema interessante. Mas deu trabalho. Primeiro, um pouco da velha sucinilcolina, para que eu pudesse trabalhar sem distrações irritantes; depois, uma sonda de um metro, enfiada diretamente na veia cava inferior, ou melhor, na veia cava superior. Não acha que é uma questão de gosto? O tubo se desloca através da veia, desde a dobra do braço, entra na veia que leva ao coração. Levantam-se as pernas e espreme-se o sangue mecanicamente, dos braços e das pernas. Não é perfeito? Infelizmente, resta um pouco de sangue no corpo. Apesar disso, no entanto, o efeito total é espantoso. E, no final das contas, não é isso o que vale?

Kinderman estava completamente aturdido. Sunlight soltou uma risada.

— Claro que é. Um bom espetáculo, tenente. O efeito. Tudo feito sem derramar uma única gota de sangue. Chamo a isso de eficiência artística. Mas é claro que ninguém notou. Antes disso. . .

Sunlight não terminou. Kinderman se levantara, correra até o catre e acertara-lhe o rosto com uma bofetada selvagem, desferida com o dorso da mão. Parou em cima de Sunlight, com o corpo tremendo. Começou a escorrer sangue da boca e do nariz de Sunlight. Ele olhou desdenhosamente para Kinderman.

— Estou vendo que há vaias da galeria. Não há problema. Posso compreender. Tenho sido um tanto insípido. Mas vou animar um pouco o espetáculo.

Kinderman ficou outra vez aturdido. As palavras de Sunlight estavam se tornando engroladas, suas pálpebras descaíam com uma súbita sonolência. A cabeça começava a pender. Ele passou a sussurrar alguma coisa. Kinderman inclinou-se para escutar.

— Boa noite, lua. Boa noite, vaca... pulando por cima... da lua. Boa noite... Amy. Minha querida...

Uma coisa extraordinária aconteceu. Embora os lábios de Sunlight mal se mexessem, outra voz emergiu de sua boca. Era uma voz de homem, mais jovem e mais firme, que parecia estar gritando de alguma distância, gaguejando:

— Fa-fa-faça ele pa-parar! Não de-deixe...

— Amy — sussurrou a voz de Sunlight.

— Não! — gritou a voz distante. — Ja-James! Não! Não! Fa-fa…

A voz parou. A cabeça de Sunlight pendeu inteiramente; ele parecia estar inconsciente. Kinderman fitou-o em silêncio por um momento, assustado, sem entender o que estava acontecendo.

— Sunlight — disse.

Não houve resposta. Kinderman virou-se e foi até a porta. Tocou a campainha para chamar a enfermeira e depois saiu para o corredor. Esperou que a enfermeira se aproximasse, correndo.

— Ele desmaiou.

— De novo?

Kinderman observou-a entrar na cela. Suas sobrancelhas se uniram, numa indagação. Quando a enfermeira chegou junto a Sunlight, ele virou-se rapidamente e começou a se afastar pelo corredor. Sentiu vergonha e pesar quando ouviu a enfermeira gritar:

— Mas o nariz dele está quebrado!

Kinderman encaminhou-se apressadamente para o posto da enfermeira, onde Atkins estava esperando, com alguns papéis. Entregou-os ao tenente, explicando:

— Stedman disse que você ia querer ver isto imediatamente.

— O que é isso?

— O relatório da patologia sobre o homem que estava no caixão.

Kinderman meteu os papéis no bolso e disse a Atkins:

— Quero um guarda postado no corredor, diante da cela 12. Avise a ele para não sair daqui esta noite até eu lhe falar. Outra coisa: descubra onde está o pai de Gêmeos. O nome dele é Karl Vennamun. Tente obter acesso ao computador nacional. Preciso dele aqui o mais depressa possível. Providencie logo, por favor, Atkins. É muito importante.

— Está certo, senhor.

Atkins afastou-se apressadamente. Kinderman encostou-se na mesa e tirou os papéis do bolso. Examinou-os rapidamente, mas depois voltou e releu um trecho. Teve um sobressalto. Ouviu o rangido de sapatos que se aproximavam e levantou os olhos. A enfermeira Spencer estava à sua frente, com uma expressão acusadora.

— Você bateu nele?

— Posso lhe falar em particular?

— O que aconteceu com a sua mão? — Ela olhava para a mão de Kinderman. — Está inchada.

— Não tem importância. A mão está bem. Podemos conversar na sala, por favor?

— Pode entrar e esperar um momento? Tenho de buscar uma coisa.

Afastou-se e dobrou a quina do corredor. Kinderman entrou no cubículo e ficou esperando. Sentou-se à mesa e estudou novamente o relatório. Já abalado, sentiu dúvida e confusão ainda mais profundas.

— Muito bem, deixe-me ver sua mão.

A enfermeira estava de volta, com equipamento médico. Kinderman estendeu a mão e ela começou a envolvê-la com gaze, acrescentando uma atadura

— É muita gentileza sua — murmurou ele.

— Não conte a ninguém.

— Quando falei que o sr. Sunlight havia desmaiado, você disse “de novo”.

— É mesmo?

— É, sim.

— Já aconteceu antes.

O tenente estremeceu, ao sentir dor em sua mão.

— É isso o que acontece quando se agridem as pessoas — comentou a enfermeira.

— Quantas vezes ele ficou inconsciente antes?

— Na verdade, aconteceu apenas esta semana. Acho que a primeira vez foi no domingo.

— No domingo?

— Isso mesmo. E tornou a desmaiar no dia seguinte. Se quer saber exatamente quantas vezes, posso consultar a ficha.

— Não há necessidade. Pelo menos por enquanto. Lembra-se de alguma outra ocasião?

— Bom... — A enfermeira parecia contrafeita. — Por volta das quatro horas da madrugada de quarta-feira. Pouco antes de encontrarmos... — Fez uma pausa, consternada.

— Procure se controlar. É muito sensível. E devo dar graças por isso. Mas gostaria de saber outra coisa: quando ele perde os sentidos, seu sono é normal?

— Claro que não. — A enfermeira cortou a atadura com uma tesoura e prendeu a ponta solta com esparadrapo. — O sistema nervoso vegetativo se reduz a quase nada: batimento cardíaco, temperatura, respiração. É como uma hibernação. Mas acontece justamente o oposto com a atividade cerebral. Acelera-se a um ponto absurdo. — Kinderman continuou a fitá-la em silêncio, e a enfermeira Spencer acrescentou: — Isso significa alguma coisa?

— Alguém contou a Sunlight o que aconteceu com o padre Dyer?

— Não sei. Só tenho certeza de que eu não contei.

— O dr. Temple não teria contado?

— Não sei.

— Ele passa muito tempo tratando de Sunlight?

— Está se referindo a Temple?

— Isso mesmo.

— Acho que sim. Tenho a impressão de que ele encara Sunlight como um desafio.

— Temple usa hipnose com ele?

— Usa.

— Com muita frequência?

— Não sei. Não tenho certeza. Não posso ter certeza.

— Pode me informar, por favor, quando foi a última vez que viu Temple fazendo isso?

— Na madrugada de quarta-feira.

— A que horas?

— Por volta das três horas. Eu estava trabalhando no turno, no lugar de uma colega que tirou férias. Mexa os dedos.

Kinderman mexeu a mão inchada.

— Está bem? — indagou a enfermeira. — Não está muito apertado?

— Não. Está ótimo. Obrigado. E obrigado também por conversar comigo. — Kinderman levantou-se. — Só mais uma coisa: pode manter a nossa conversa em segredo?

— Claro. E o nariz quebrado também.

— Sunlight está bem agora?

Ela assentiu.

— Estão fazendo um eletroencefalograma neste momento.

— Poderia me informar se os resultados forem os de sempre?

— Claro. Tenente...

— O que é?

— Tudo isso é muito estranho.

Kinderman fitou-a nos olhos, em silêncio, por um momento, antes de murmurar:

— Obrigado por tudo.

Saiu do cubículo. Percorreu apressadamente os corredores, até o gabinete de Temple. A porta estava fechada. Levantou a mão enfaixada para bater, lembrou-se da lesão e bateu com a outra mão. Ouviu Temple dizer:

— Entre.

Kinderman entrou.

— Ah, é você... — murmurou Temple. Estava sentado à mesa, com o jaleco branco de médico todo sujo de cinza. Umedeceu com a língua a ponta de uma nova cigarrilha. Apontou para uma cadeira. — Sente-se. Qual é o problema? Ei, o que aconteceu com a sua mão?

— Um pequeno arranhão.

Kinderman acomodou-se na cadeira.

— Pelo tamanho do curativo, foi um arranhão grande. Em que posso ajudá-lo, tenente?

— Você tem o direito de permanecer calado — disse- lhe Kinderman, numa voz impassível. — Se renunciar ao direito de permanecer calado, qualquer coisa

que disser pode e será usada como prova contra você no tribunal. Tem o direito de falar com um advogado e exigir a presença dele durante o interrogatório. Se assim desejar, e se não tiver condições de pagar, um advogado será designado para assisti-lo, antes do interrogatório. Pode compreender cada um dos direitos que lhe expliquei?

Temple estava espantado.

— De que diabo está falando?

— Eu lhe fiz uma pergunta — disse Kinderman, bruscamente. — Responda.

— Claro que posso.

— Compreende os seus direitos?

O psiquiatra parecia assustado e disse baixinbo:

— Compreendo.

— O sr. Sunlight, da seção dos agitados... Tem tratado dele, doutor?

— Tenho.

— Cuida dele pessoalmente?

— Cuido.

— Tem usado hipnose?

— Tenho.

— Com que frequência?

— Talvez uma ou duas vezes por semana.

— Há quanto tempo?

— Alguns anos.

— E com que finalidade?

— Apenas para falar com ele, a princípio; depois, para descobrir quem é.

— E descobriu?

— Não.

— Não descobriu?

— Não.

Kinderman ficou em silêncio, fitando o médico fixamente. O psiquiatra remexeu-se na cadeira, inquieto, e acabou murmurando:

— Ele disse que é o assassino Gêmeos. Mas isso é um absurdo.

— Por quê?

— Gêmeos morreu.

— Não é verdade, doutor, que pelo uso de hipnose implantou no sr. Sunlight a convicção de que ele é Gêmeos?

O rosto do psiquiatra começou a ficar vermelho. Ele sacudiu a cabeça vigorosamente, apenas uma vez.

— Não.

— Não fez isso?

— Claro que não.

— Contou ao sr. Sunlight como o padre Dyer foi assassinado?

— Não.

— Disse-lhe meu nome e cargo?

— Não.

— Falsificou uma autorização para permitir a saída de Martina Lazlo do hospital?

Temple ficou em silêncio por um instante, corando ainda mais, antes de responder:

— Não.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Dr. Temple, não é verdade que trabalhou com o grupo encarregado do caso Gêmeos, em San Francisco, como principal consultor psiquiátrico?

Temple estava visivelmente abalado.

— É verdade ou não? — insistiu Kinderman, asperamente.

— É verdade — respondeu finalmente o psiquiatra, em voz débil e trêmula.

— O sr. Sunlight dispõe de informações específicas, conhecidas apenas da polícia, sobre o assassinato de uma mulher chamada Karen Jacobs, morta por Gêmeos em 1968. Forneceu essas informações ao sr. Sunlight?

— Não.

— Não forneceu?

— Juro que não contei nada a ele.

— Não é verdade que, através da hipnose, implantou no homem da cela 12 a convicção de que ele é o assassino Gêmeos?

— Já disse que não!

— Não gostaria agora de mudar alguma parte do seu depoimento?

— Gostaria.

— Que parte?

— A parte referente à autorização de saída — murmurou Temple, com a voz quase inaudível.

O tenente levou a mão em concha ao ouvido.

— A autorização de saída — repetiu Temple, alteando a voz.

— Falsificou-a?

— Sim.

— Para criar problemas para o dr. Amfortas?

— Isso mesmo.

— Para fazer com que ele se tomasse suspeito?

— Não, não foi por isso.

— Então para que foi?

— Não gosto dele.

— Por que não?

Temple hesitou por um momento, mas acabou murmurando:

— A atitude dele.

— A atitude dele?

— De superioridade.

— E por isso falsificou uma autorização de saída, doutor?

Temple não respondeu.

— Quando conversamos sobre o padre Dyer, na quarta-feira, eu lhe descrevi o método de operação autêntico de Gêmeos. Mas o senhor não fez qualquer comentário. Por quê? Por que ocultou a sua participação no caso, doutor?

— Não a ocultei.

— E por que não me falou sobre isso?

— Estava, com medo.

— Estava com quê?

— Com medo. Tinha certeza de que desconfiaria de mim.

— Alcançou alguma notoriedade durante o caso de Gêmeos e desde então tem procurado manter-se à sombra. Não é verdade que tem interesse em ressuscitar os assassinatos de Gêmeos?

— Não.

Kinderman sondou-o fundo, com um olhar implacável, sombrio, sem piscar. Não se mexeu nem falou. O rosto de Temple finalmente empalideceu e ele tremeu.

— Não vai me prender, não é mesmo?

— Uma aversão profunda não é um motivo aceitável para se efetuar uma prisão — disse o tenente, firmemente. — É um homem terrível e imoral, dr. Temple. Mas, no momento, a única restrição que lhe posso impor é que deve afastar-se do sr. Sunlight. Não deverá tratar dele ou sequer entrar em sua cela até segunda ordem. E fique longe da minha vista.

Kinderman terminou de falar asperamente. Levantou- se e saiu da sala de Temple, batendo a porta com toda a força.

Durante a maior parte do resto da tarde, Kinderman vagueou pela seção dos agitados, esperando que o homem da cela 12 recuperasse a consciência. Mas esperou em vão. Eram aproximadamente cinco e meia quando deixou o hospital. As ruas estavam escorregadias com a chuva quando ele contornou a O Street e entrou na 36th, seguindo para o sul, na direção da pequena casa de Amfortas. Ali

chegando, tocou a campainha e bateu na porta, insistentemente. Ninguém respondeu, e ele finalmente foi embora. Subiu pela O Street e passou pelos portões da universidade. Foi para o gabinete do padre Riley. A pequena sala de recepção estava vazia; a secretária não se encontrava em sua mesa. Kinderman estava levantando o braço para verificar a hora quando ouviu o padre Riley chamá-lo, gentilmente, da outra sala:

— Estou aqui, amigo. Pode entrar.

O jesuíta estava sentado à sua mesa, com as mãos cruzadas atrás da cabeça. Parecia cansado e deprimido.

— Sente-se e relaxe — disse ao tenente.

Kinderman assentiu e sentou-se numa cadeira diante da mesa.

— Está passando bem, padre?

— Estou, sim, graças a Deus. E você?

Kinderman baixou os olhos, assentindo. Só então se lembrou de tirar o chapéu.

— Desculpe.

— Em que posso ajudá-lo, tenente?

— O padre Karras. O que aconteceu depois que ele foi levado na ambulância, padre? Sabe de tudo? Com exatidão, padre... cada fato desde que ele morreu até o instante em que foi enterrado.

Riley contou o que sabia. Depois que terminou, os dois ficaram em silêncio por algum tempo. Lá fora, no campus, o vento sacudia as janelas, na escuridão da noite de inverno. E depois ouviu-se o som metálico da tampa de uma garrafa de scotch, desatarraxada pelo jesuíta. Ele despejou dois dedos num copo, bebeu e fez uma careta.

— Não sei — murmurou, olhando pela janela para as luzes da cidade. — Simplesmente não sei de mais nada.

Kinderman acenou com a cabeça, numa concordância muda. Encolheu-se na cadeira, com as mãos cruzadas, procurando algum fio que pudesse levá-lo à razão.

— Karras foi enterrado na manha seguinte — disse ele, recapitulando o que Riley acabara de lhe contar. — Caixão fechado. O que é um hábito nos enterros de vocês. Mas quem foi a última pessoa a vê-lo, padre Riley? Sabe, por acaso? Pode lembrar-se? Quem foi a última pessoa a vê-lo no caixão?

Riley girou o uísque no copo com um movimento de pulso, olhando para o líquido cor de âmbar, com uma expressão pensativa. E finalmente murmurou:

— Foi Fain... irmão Fain. — Fez uma pausa, como se estivesse conferindo a memória, e depois levantou os olhos, com um aceno da cabeça. — Isso mesmo. Ele foi encarregado de vestir o cadáver e fechar o caixão. E depois

ninguém mais tornou a vê-lo.

— Como assim?

— Exatamente o que eu disse: ninguém mais tornou a vê-lo. — Riley deu de ombros, sacudiu a cabeça, deixando escapar um suspiro. — Um caso triste. Ele sempre se queixou de que a ordem não o tratava bem. Tinha família no Kentucky e sempre pedia para ser transferido para algum lugar por perto. Pouco antes do fim, ele...

— Pouco antes do fim? — repetiu Kinderman.

— Ele era muito velho, já estava com oitenta anos... ou melhor, oitenta e um. Sempre disse que queria morrer em casa. Imaginamos que foi embora porque pressentiu que a morte estava chegando. Já sofrera dois enfartes graves.

— Dois?

— Isso mesmo.

Kinderman sentiu que sua pele começava a ficar arrepiada. E disse, atordoado:

— O homem que estava no caixão de Damien... Lembra se ele se vestia como padre?

Riley assentiu.

— A autópsia... — Kinderman fez uma pausa. — O homem que estava no caixão era idoso e tinha os sinais de três fortes ataques cardíacos... dois antes daquele que o matou.

Os dois homens ficaram se olhando em silêncio. O padre Riley podia imaginar o que estava para vir. E Kinderman informou, sem desviar os olhos dos dele:

— Temos todos os motivos para acreditar que ele morreu de pavor.

O homem da cela 12 não recuperou os sentidos até mais ou menos as seis horas da manhã seguinte, poucos minutos antes de a enfermeira Keating ser encontrada, num quarto vazio, na Neurologia. O tronco da moça fora aberto e seus órgãos, removidos. Seu corpo fora recheado com interruptores de luz, antes de ser costurado.

CAPÍTULO 14

Ele estava sentado num espaço entre o medo e o anseio, com um gravador portátil numa das mãos, escutando os cassetes da música que haviam partilhado. Seria dia ou noite lá fora? Não sabia. O mundo estava velado além de sua sala de estar, e a luz dos abajures parecia difusa. Não podia se lembrar de quanto tempo fazia que estava sentado ali. Seriam horas ou apenas minutos? A realidade entrava e saía de foco, numa dança silenciosa, desconcertante. Lembrava-se de ter dobrado a dosagem de esteroide; a dor se atenuara até tornar-se um latejar pressago, preço que o cérebro cobrara por sua ruína, pois a droga corroia as conexões vitais. Olhou fixamente para o sofá, observando-o encolher-se à metade do seu tamanho. Quando o viu sorrir, fechou os olhos e entregou-se totalmente à música, uma canção obsedante de um espetáculo a que haviam assistido:

"Toque-me. É muito fácil me deixar
Aqui sozinho com a memória
Dos dias que passei ao sol”.

A canção espalhou-se por sua alma e preencheu-a. Queria que saísse mais alta e tateou à procura do controle de volume do gravador. Foi nesse instante que ouviu uma fita cassete cair no chão, quase sem fazer barulho. Ao tatear pelo chão, à sua procura, descobriu mais duas que haviam caído de seu colo. Abriu os olhos e deparou com o homem. Estava olhando para o seu sósia.

O vulto estava meio agachado em pleno ar, como se estivesse sentado, imitando exatamente a postura de Amfortas. Vestia também jeans e um suéter azul, e retribuía o olhar com um espanto igual.

Amfortas recostou-se, o vulto fez a mesma coisa. Amfortas disse "Alô”; o vulto repetiu “Alô". Amfortas sentiu que seu coração começava a disparar. O ‘'sósia’’ era uma alucinação frequentemente citada em distúrbios graves do lóbulo temporal. Mas contemplar aqueles olhos e aquele rosto era inquietante, quase assustador. Amfortas fechou os olhos e começou a respirar fundo. Seu coração foi pouco a pouco batendo mais devagar. Será que o sósia ainda estaria ali quando tornasse a abrir os olhos? Abriu-os. O sósia estava ali. Agora, Amfortas estava ficando fascinado. Nenhum neurologista jamais vira o “sósia”. As informações sobre o seu comportamento eram vagas e contraditórias. Um

interesse clínico dominou-o. Levantou os pés e esticou-os. O sósia fez a mesma coisa. Baixou os pés. O sósia acompanhou-o. Amfortas passou a cruzar e descruzar os pés, num ritmo que tentava tornar imprevisto, sem qualquer planejamento. Mas o sósia acompanhava os movimentos simultaneamente, sem nenhuma falha ou variação.

Amfortas parou e pensou por um momento. Levantou o gravador na mão. O sósia imitou essa ação, só que sua mão estava vazia, segurando o ar. Amfortas não podia imaginar por que a ilusão não incluía o gravador. Afinal, o sósia estava vestido como ele. Não podia conceber qualquer explicação.

Amfortas olhou para os tênis do sósia. Eram Nike, como os seus, com listras azuis e brancas. Olhou para os seus próprios pés e virou-os para dentro, dando um jeito para não poder verificar se o sósia estava imitando-o. Será que continuaria a imitá-lo se não estivesse observando? Deslocou o olhar subitamente para os pés do sósia. Já estavam virados para dentro. Amfortas estava tentando imaginar o que experimentaria em seguida quando notou que a ponta do cordão do tênis esquerdo do sósia tinha alguma coisa, que parecia uma mancha de tinta. Verificou seu próprio tênis e constatou que tinha a mesma coisa. Achou aquilo estranho. Tinha a impressão de que não percebera a mancha até aquele momento. Como então a vira no sósia? Concluiu que talvez o seu inconsciente já soubesse.

Amfortas levantou os olhos para os do sósia. Estavam abatidos, pareciam arder. Amfortas inclinou-se para frente. Teve a impressão de ver a luz do abajur refletida nos olhos. Como era possível? O neurologista tornou a experimentar uma sensação inquietante. O sósia observava-o atentamente. Amfortas ouviu vozes na rua, estudantes gritando. As vozes logo se desvaneceram e veio o silêncio. Ele tinha a impressão de que podia ouvir o próprio coração. E foi nesse instante que, subitamente, o sósia levou a mão à têmpora e soltou uma exclamação de dor. Amfortas foi incapaz de distinguir a ação do sósia da sua, enquanto a dor lancinante lhe comprimia o cérebro. Levantou-se, meio trôpego, e o gravador e as fitas cassete caíram no chão. Cambaleou às cegas na direção da escada, derrubando uma mesinha e um abajur. Gemendo, subiu para o quarto, abriu a valise médica em cima da cama, pegou a seringa e a droga. A dor era insuportável. Arriou na beira da cama e encheu a seringa com as mãos trêmulas. Mal conseguia ver. Aplicou a injeção através da calça, comprimindo doze miligramas de esteroide em sua coxa. Fê-lo tão depressa que a droga atingiu o músculo como um martelo. Mas logo sentiu que a dor de cabeça se atenuava, e recuperou a calma e a lucidez. Soltou o ar dos pulmões, num suspiro longo, palpitante, deixando que a seringa descartável escapulisse de seus dedos e caísse no chão. A seringa rolou pelas tábuas do soalho e foi parar junto à parede.

Quando levantou os olhos, Amfortas descobriu que estava olhando para o sósia. Ele estava sentado em pleno ar, sustentando calmamente o seu olhar. Amfortas divisou um sorriso nos lábios do sósia, seu próprio sorriso.

— Eu tinha me perdido de você — disseram eles, em perfeito uníssono.

Amfortas começou a se sentir atordoado.

— Sabe cantar? — disseram os dois.

Juntos, cantarolaram um trecho do adágio da *Sinfonia em dó* de Rakhamanínov. Quando pararam, ambos riram, divertidos. E disseram:

— Você é uma companhia maravilhosa.

Amfortas deslocou os olhos para a mesinha de cabeceira, contemplando o pato de cerâmica, verde e branco. Pegou-o e suspendeu-o com ternura, recordando.

— Comprei isto para Ann quando ainda estávamos namorando — disseram ambos. — No Mamma Leone's, em Nova York. A comida era horrível, mas o pato foi um sucesso. Ann adorou essa coisinha feia.

Amfortas olhou para o sósia. Sorriram afetuosamente e acrescentaram:

— Ela disse que era romântico. Como aquelas flores, em Bora Bora. Disse que tinha um quadro da cena gravado para sempre em seu coração.

Amfortas franziu o rosto e o sósia imitou-o. A repetição de sua voz começara abruptamente a irritar o neurologista. Experimentava uma estranha sensação de flutuação, de estar desligado do ambiente. Alguma coisa exalava um cheiro horrível.

— Vá embora — disse ao sósia.

Mas o sósia persistiu, imitando simultaneamente suas palavras. Amfortas levantou-se e encaminhou-se, meio trôpego, para a escada. Podia ver o sósia a seu lado, uma imagem espelhada de seus movimentos.

No instante seguinte, Amfortas descobriu se sentado na poltrona, na sala de estar. Não sabia como chegara ali. E segurava o pato em seu colo. Sua mente parecia lúcida e serena outra vez, embora sentisse que sofria de alguma forma de uma vaga redução das percepções. Podia ouvir um latejar surdo na cabeça, mas não podia senti-lo. Olhou para o sósia com aversão. Ele estava à sua frente, sentado no ar, de rosto contraído. Amfortas fechou os olhos para escapar da visão.

— Importa-se que eu fume?

Por um momento, a voz não se registrou; depois, Amfortas abriu os olhos, aturdido. O sósia estava sentado no sofá, com uma das pernas estendidas confortavelmente sobre as almofadas. Acendeu um cigarro e soprou a fumaça.

— Deus sabe que tentei deixar o vício — disse o sósia. — Não foi fácil.

Amfortas estava cada vez mais perplexo.

— Por acaso o transtornei? — indagou o sósia, franzindo o rosto, como num gesto de simpatia. — Desculpe. — Deu de ombros, antes de acrescentar: — Na verdade, eu não deveria estar relaxado assim. Mas estou muito cansado. Isso é tudo. Preciso de uma folga. E, neste caso, que mal pode haver? Entende o que estou querendo dizer, não é mesmo? — O sósia olhava fixamente para Amfortas, com um ar de expectativa. Mas o neurologista ainda era incapaz de dizer qualquer coisa, e por isso o sósia acrescentou: — Não se preocupe, posso compreender a sua reação. Acho que demora um pouco para a pessoa se acostumar. E nunca aprendi a fazer uma entrada sutil. Mas bem que poderia ter tentado. — Tornou a dar de ombros, num gesto de rendição. — Percepção tardia. De qualquer forma, estou aqui. E peço desculpas. Durante rodos esses anos, é claro que tive consciência de você. Mas você nunca tomou conhecimento de mim. O que foi uma pena. Houve ocasiões em que senti vontade de sacudi-lo, por assim dizer, de empurrá-lo para o caminho certo. Mas creio que não posso fazer isso, nem mesmo agora. Regulamentos estúpidos. Mas, pelo menos, podemos ter uma conversa. — O sósia parecia de repente muito solícito. — Está se sentindo melhor? Não. Posso ver que o gato ainda está comendo sua língua. Mas não importa. Continuarei a falar, até que fique acostumado à minha presença.

Uma cinza do cigarro caiu no suéter. Ele olhou e abanou-a, murmurando:

— Cada vez mais descuidado.

Amfortas começou a rir.

— Está vivo! — disse o sósia. — Isso é ótimo! — E ficou olhando, enquanto Amfortas continuava a rir. O sósia acabou acrescentando, firmemente: — Há uma questão que precisa ser esclarecida. Quer que eu volte a imitá-lo?

Amfortas sacudiu a cabeça, ainda rindo. Percebeu então que a mesinha e o abajur que derrubara estavam de novo no lugar. Ficou olhando, espantado.

— Fui eu que endireitei — explicou o sósia. — Sou real.

Amfortas tornou a olhar para o sósia.

— Você está na minha mente.

— Cinco palavras. Isso é ótimo. Estamos progredindo. Só que estou me referindo à forma, não ao conteúdo.

— Você é uma alucinação.

— O abajur e a mesinha também são?

— Tive um lapso de memória, ao descer a escada. Endireitei a mesinha e o abajur, e esqueci em seguida.

O sósia soprou a fumaça.

— Ah, as almas da terra... — disse ele, suspirando e sacudindo a cabeça. — Ficaria convencido se eu tocasse em você? Se pudesse me sentir?

— Talvez — respondeu Amfortas.

— Mas não posso fazer isso. É impossível.

— Impossível porque estou tendo uma alucinação.

— Vou vomitar se você disser isso outra vez. Com quem você pensa que está falando?

— Comigo mesmo.

— Está parcialmente correto. Meus parabéns. Isso mesmo, sou sua outra alma. Poderia dizer “Prazer em conhecê-lo” ou alguma coisa parecida? Lembre-se de suas boas maneiras. E isso me faz lembrar uma história. Sobre apresentações e coisas assim. É sensacional.

O sósia ficou em silêncio por um momento, sorrindo.

— Foi-me contada pelo sósia de Noel Coward. O próprio Coward diz que é verdade, que aconteceu mesmo. Ele estava parado na fila de uma recepção real. Estava à direita da rainha e tinha Nicol Williamson ao seu lado. Pois aproximou-se um homem chamado Chuck Connors. Um ator americano. Conhece? Claro que conhece. Ele estendeu a mão para apertar a de Noel e disse: “Sr. Coward, sou Chuck Connors!" Ao que Noel disse imediatamente, em voz suave, tranquilizadora: ‘Ora, meu caro rapaz, claro que é você mesmo!’’ Não é sensacional?

O sósia recostou-se no sofá.

— Como Coward era espirituoso! É uma pena que tenha ultrapassado o limite. Bom para ele, é claro, mas péssimo para nós. — O sósia olhou insinuantemente para Amfortas. — As pessoas que sabem conversar são raras. Está ou não percebendo aonde quero chegar? — Jogou a ponta de cigarro no chão. — Não se preocupe. Não vai queimar.

Amfortas sentiu uma mistura de dúvida e excitamento. Havia algo de realidade no sósia, uma indicação de vida que não era sua.

— Por que não prova que não estou sofrendo uma alucinação?

O sósia ficou aturdido.

— Provar?

— Isso mesmo.

— Como?

— Diga-me alguma coisa que eu não saiba.

— Não posso ficar aqui para sempre.

— Algum fato que eu não saiba, mas que possa conferir.

— Conhecia aquela história sobre Noel Coward?

— Eu a inventei. Não é um fato.

— Você é mesmo insaciável — comentou o sósia. — Acho que seria espirituoso o bastante para inventar essa história?

— Meu inconsciente seria.

— Está outra vez próximo da verdade. Seu inconsciente é sua outra alma. Mas não exatamente da maneira como você imagina.

— Explique, por favor.

— Preveniente.

— Como?

— É um fato que você não conhece. Acaba de me ocorrer. “Preveniente.” É uma palavra. Ouvi-a de Noel. Pronto. Está satisfeito?

— Conheço as raízes latinas da palavra.

— Isso é absolutamente irritante, se não mesmo insuportável — disse o sósia. — Desisto. Você está tendo uma alucinação. E imagino que agora vai me dizer que não cometeu aqueles assassinatos. Por falar em fatos que você não conhece, meu caro.

Amfortas estava completamente imóvel. O sósia observava-o insidiosamente.

— Estou vendo que não nega.

O neurologista sentiu a língua grossa.

— Que assassinatos?

— Você sabe. Os padres. Aquele menino.

— Não.

Amfortas sacudiu a cabeça.

— Não seja teimoso. Claro que sei que não estava conscientemente a par do que fazia. Mesmo assim... — O sósia deu de ombros. — Você sabia.

— Não tive nada a ver com esses assassinatos.

O sósia parecia agora furioso e desconfiado. Sentou-se no sofá.

— Imagino que agora você vá querer atribuir a culpa a mim. Mas acontece que não tenho corpo. Portanto, deixe-me fora disso. Além do mais, não interferimos. Está me entendendo? Foram você e sua raiva que cometeram os assassinatos. Isso mesmo, sua raiva pelo fato de Deus ter-lhe tirado Ann. Enfrente a verdade. Esse é o motivo pelo qual está se deixando morrer. É a sua culpa. Diga-se de passagem que é uma ideia muito estúpida. É a saída dos covardes. Uma coisa prematura.

Amfortas baixou os olhos para o pato. Apertou-o com toda a força, enquanto sacudia a cabeça.

— Quero estar junto de Ann.

— Ela não está lá.

Amfortas levantou os olhos.

— Vejo que agora tenho toda a sua atenção. — O sósia recostou-se no sofá. — Isso mesmo, você pensa que está morrendo, porque quer se juntar a Ann. Não

vou discutir sobre isso agora. Você é teimoso demais. Mas é inútil. Ann mudou-se para o outro lado. E com todo esse sangue em sua alma, duvido muito que algum dia você possa alcançá-la. Lamento profundamente dizer-lhe isso, mas não estou aqui para alimentar suas ilusões com mentiras. Não posso fazer isso. Já tenho problemas suficientes, do jeito que está a situação.

— Onde está Ann?

O coração do neurologista batia mais depressa, e a dor se aproximava do seu campo de percepção.

— Ann está sendo tratada — disse o sósia. — Como todos nós. — Fez uma pausa, antes de indagar: — Sabe agora de onde eu venho?

Amfortas virou a cabeça e olhou atordoado para o gravador, no canto. Tornou a fitar o sósia.

— Espantoso. Um marco na história do conhecimento. Isso mesmo, ouviu minha voz antes, nas suas gravações. Sou de lá. Gostaria de conhecer tudo a meu respeito?

Amfortas estava hipnotizado. Acenou com a cabeça.

— Infelizmente, não posso lhe contar. Lamento. Há regras e regulamentos. Digamos apenas que é um lugar de transição. E Ann já partiu, como eu lhe disse antes. O que é ótimo. Você vai descobrir tudo sobre ela e Temple.

O neurologista prendeu a respiração. Sua cabeça estava latejando cada vez mais, com uma dor mais forte e insistente. Perguntou, com a voz trêmula:

— O que está querendo insinuar?

O sósia deu de ombros, desviando os olhos.

— Gostaria de ouvir uma boa definição de ciúme? É o sentimento que se tem quando alguém que se detesta totalmente está se divertindo maravilhosamente sem a gente. Pode haver um fundo de verdade aí. Pense nisso.

— Você não é real — balbuciou Amfortas, com a voz rouca.

A visão do neurologista estava se tornando toldada. O corpo do sósia ondulava no sofá.

— Puxa, estou sem cigarro.

— Você não é real.

A luz era cada vez mais difusa. O sósia era uma voz em meio a movimentos indefinidos.

— Não sou? Ora, vou violar outra regra. Não dá mais para aguentar. Minha paciência chegou ao limite. Há uma enfermeira que entrou hoje para sua equipe no hospital. O nome dela é Cecily Woods. Você não poderia saber disso. Ela está de serviço neste momento. Pegue o telefone e verifique se estou certo ou não. Queria um fato que não podia saber? Pois aí está. Vamos, ligue para o hospital. Chame a Neurologia e peça para falar com a enfermeira Woods.

— Você não é real.

— Ligue para ela agora.

— Você não é *real*!

Amfortas estava gritando. Levantou-se com o pato na mão e o corpo tremendo, e a dor foi ficando mais e mais intensa, dilacerando-o, sufocando-o, fazendo-o gritar.

— Oh, Deus! Deus!

Avançou às cegas para o sofá, cambaleando, chorando, enquanto a sala começava a rodar. Tropeçou e caiu para frente, batendo com a cabeça na quina da mesinha, um impacto tão forte que abriu um ferimento vermelho. Caiu no chão, e o pato verde e branco escapuliu de sua mão e se quebrou em incontáveis cacos, num som de perda irreparável. Em poucos momentos, o sangue que escorria de sua têmpora estava se espalhando sobre os cacos e manchando os seus dedos, que ainda apertavam com toda a força um pedaço da inscrição, onde se lia ADORÁVEL. O sangue logo o cobriu, enquanto Amfortas sussurrava:

— Ann...

CAPÍTULO 15

SÁBADO, 19 DE MARÇO

O velho chamava-se Perkins e era um paciente da seção aberta. Fora encontrado inconsciente no quarto 400, onde a enfermeira que entrara de serviço às seis horas descobrira o corpo de Keating. O quarto ficava logo depois da quina do corredor, fora da vista dos guardas postados junto à escada e aos elevadores. O velho tinha sangue nas mãos.

— Vai ou não me responder? — perguntou-lhe Kinderman.

O olhar do velho era vazio. Ele estava sentado numa cadeira. E murmurou:

— Gosto do jantar.

— Isso é tudo o que ele sempre diz — informou a enfermeira Lorenzo a Kinderman.

Ela era uma enfermeira da seção aberta da Psiquiatria. A enfermeira encarregada da Neurologia, que descobrira o corpo, estava parada ao lado da janela, tentando controlar o seu horror. Era apenas o seu segundo dia de serviço ali.

— Gosto do jantar — repetiu o velho, apaticamente, estalando os lábios entre as gengivas sem dentes.

Kinderman virou-se para a enfermeira da Neurologia, avaliando a tensão de seu pescoço e de seu rosto. Desceu o olhar para a identificação dela.

— Obrigado, srta. Woods. Pode ir agora.

Ela se retirou apressadamente, fechando a porta. Kinderman tornou a virar-se para a srta. Lorenzo.

— Pode ajudar o velho a ir até o banheiro, por favor?

A enfermeira Lorenzo hesitou um instante, depois ajudou o velho a se levantar e conduziu-o para a porta do banheiro. O tenente estava parado lá dentro. A enfermeira e o velho ficaram na porta. Kinderman apontou para o espelho da porta do armarinho de remédios, em cima da pia, onde fora rabiscada uma mensagem, com sangue.

— Foi você quem escreveu isso? — Com uma das mãos, virou a cabeça do velho, obrigando-o a olhar para o espelho. — Alguém fez você escrever isso?

— Gosto do jantar — balbuciou o velho.

Kinderman fitou-o sem qualquer expressão por um instante, depois abaixou a cabeça e disse à enfermeira:

— Pode levá-lo.

A enfermeira Lorenzo assentiu e ajudou o velho senil a sair do quarto. Kinderman ficou escutando os passos hesitantes. Depois que a porta se fechou, levantou lentamente os olhos, para o espelho. Passou a língua pelos lábios ressequidos, enquanto lia a mensagem:

CHAME-ME LEGIÃO, POIS SOMOS MUITOS

Kinderman saiu apressadamente do quarto e pegou Atkins no posto da enfermeira, dizendo-lhe ao passar, sem diminuir a velocidade:

— Venha comigo, Nemo.

Atkins seguiu em sua esteira, até que finalmente estavam no setor de isolamento, diante da porta da cela 12. Kinderman espiou pela janelinha de observação. Lá dentro, o homem estava acordado, sentado na beira do catre, metido na camisa de força, sorrindo para Kinderman, com uma expressão zombeteira nos olhos. Seus lábios começaram a se mexer, ele parecia estar dizendo alguma coisa. Mas Kinderman não podia ouvi-lo. O tenente virou-se e perguntou ao guarda, parado ao lado da porta:

— Há quanto tempo você está aqui?

— Desde a meia-noite.

— Alguém entrou no quarto durante esse período?

— Apenas a enfermeira, algumas vezes.

— Nenhum médico?

— Não. Apenas a enfermeira.

Kinderman pensou por um momento, e depois virou-se para Atkins.

— Diga a Ryan que quero as impressões digitais de todos os funcionários do hospital. Ele deve começar por Temple e por todos os que trabalham na Neurologia e na Psiquiatria. Quanto ao resto, decidiremos depois. Providencie ajuda para tirar as impressões, e depois quero comparações com as que foram encontradas nos locais dos crimes. Recrute tantos homens quantos puder. Quero que isso seja feito o mais depressa possível. Entre em ação, Atkins. E depressa. No caminho, peça à enfermeira que venha até aqui com as chaves.

Kinderman observou-o afastar-se. Depois que Atkins virou a esquina do corredor, ele continuou a prestar atenção aos passos, como se fossem o som minguante da realidade. Desvaneceram-se no silêncio, e outra vez houve trevas na alma de Kinderman. Ele olhou para as lâmpadas do teto. Três ainda estavam apagadas. O corredor estava escuro. Passos. A enfermeira se aproximava. Ele esperou. A enfermeira alcançou-o e ele apontou para a porta da cela 12. A enfermeira sondou seus olhos com um olhar rápido e depois destrancou a porta.

Kinderman entrou. O nariz de Sunlight estava coberto com um curativo. Os olhos dele fixaram-se em Kinderman, sem piscar, acompanhando-o enquanto ele atravessava a cela e se sentava na cadeira. O silêncio era denso e claustrofóbico. Sunlight estava perfeitamente imóvel, como uma imagem congelada, de olhos arregalados. Era como uma figura num museu de cera. Kinderman olhou para a lâmpada que pendia do teto. Estava piscando. E de repente ficou firme. Ouviu uma risada.

— Isso mesmo, faça-se a luz — disse a voz de Sunlight.

Kinderman fitou os olhos de Sunlight. Estavam arregalados e vazios.

— Recebeu meu recado, tenente? Deixei-o com Keating. Uma boa moça. Excelente coração. Por falar nisso, estou muito satisfeito porque resolveu chamar meu pai. Mas queria outra coisa. Um favor. Pode chamar a *United Press* e providenciar uma fotografia de meu pai junto com Keating? Sabe que é por isso que eu mato... para deixá-lo em desgraça. Ajude-me. Darei um jeito de recompensá-lo. A morte vai tirar férias. Apenas uma vez. Por um dia. Posso lhe garantir que ficará agradecido. E eu poderia falar com meus amigos aqui a seu respeito. Dizer uma palavra favorável. Sabe que eles não gostam de você. Não me pergunte o motivo. Eles estão sempre comentando que seu nome começa com K, mas eu os ignoro. Não é muita bondade da minha parte? E também muito corajoso. Eles são caprichosos com seus acessos de raiva. — Fez uma pausa, parecendo estar pensando em alguma coisa. Estremeceu. — Não importa. Não vamos falar deles agora. Vamos continuar. Represento um problema dos mais interessantes para você, não é mesmo, tenente? Isto é, presumindo-se que agora esteja convencido de que realmente sou Gêmeos. — Seu rosto transformou-se numa máscara ameaçadora. — *Está convencido*?

— Não — respondeu Kinderman.

— Está bancando o idiota — disse Sunlight, com a voz impregnada de ameaça. — E fazendo um convite óbvio para a dança.

— Não entendo o que está querendo dizer com isso.

— Nem eu — murmurou Sunlight, apaticamente, com o rosto vazio. — Sou um louco.

Kinderman observou-o atentamente, ouvindo o gotejar da torneira. E finalmente perguntou:

— Se você é Gêmeos, como consegue sair daqui?

— Gosta de ópera? - Sunlight começou a cantar uma ária da *La bohème*, em voz profunda e sonora. Parou abruptamente e fitou Kinderman. — Gosto muito mais de teatro. E *Tito Andrônico* é minha peça predileta. É sensacional. — Soltou uma risadinha. — Como está seu amigo Amfortas? Soube que ele recebeu uma visita. — Sunlight começou a grasnar como um pato, depois ficou

em silêncio. Desviou os olhos. — Precisa ser trabalhado.

Tornou a olhar para Kinderman, fixamente.

— Quer saber como saio daqui?

— Isso mesmo.

— Amigos. Velhos amigos.

— Que amigos?

— É muito tedioso. Vamos conversar sobre outras coisas.

Kinderman esperou, sustentando o olhar dele.

— Foi um erro de sua parte me bater — disse Sunlight, calmamente. — Não posso me defender. Sou louco.

Kinderman escutava a torneira gotejar.

— A srta. Keating havia comido atum — disse Sunlight. — Pude sentir o cheiro. Maldita comida de hospital. É repugnante.

— Como consegue sair daqui? — insistiu Kinderman.

Sunlight inclinou a cabeça para trás e riu. Voltou a fitar Kinderman atentamente.

— Há muitas possibilidades. Penso nelas a todo instante. Tento prever tudo. Acha que poderia ser verdade? Talvez eu seja mesmo o seu amigo padre Karras. Podem ter-me declarado morto, mas eu não estava. Ressuscitei posteriormente em... Ora, foi um momento constrangedor. Vagueei pelas ruas, sem saber quem era. E ainda não sei, diga-se de passagem. É desnecessário dizer, é claro, que sou total e irremediavelmente louco. Sonho frequentemente que caio de um longo lanço de degraus. Isso é alguma coisa que realmente aconteceu? Se aconteceu, então certamente danificou meu cérebro. Isso aconteceu, tenente?

Kinderman manteve-se em silêncio.

— Em outras ocasiões — continuou Sunlight —, sonho que sou alguém chamado Vennamun. Esses sonhos são maravilhosos. Mato as pessoas. Mas não posso distinguir os sonhos da realidade. Sou louco. E diria que você tem toda a razão de se manter cético. De qualquer forma, você é um detetive de homicídios. Portanto, é evidente que há pessoas sendo mortas. Tem sua lógica. Sabe o que penso? É o dr. Temple. Ele não poderia ter hipnotizado seus pacientes para cometerem determinados atos que... hã… são inaceitáveis socialmente hoje em dia? Ah, os tempos... estão sempre mudando para pior, não concorda? Mas talvez eu seja um telepata ou tenha faculdades psíquicas que me proporcionem todo o conhecimento dos crimes de Gêmeos. É uma ideia, não é mesmo? Isso mesmo, posso perceber que está pensando nela. Ótimo para você. Continue pensando assim. Ainda não havia cogitado dessa possibilidade.

Os olhos de Sunlight brilhavam zombeteiramente; ele inclinou o corpo um pouco para a frente.

— E se Gêmeos tivesse um cúmplice?

— Quem matou o padre Bermingham?

— Quem é ele? — indagou Sunlight, inocentemente, unindo as sobrancelhas numa expressão de perplexidade.

— Você não sabe?

— Não posso estar em toda parte ao mesmo tempo.

— Quem matou a enfermeira Keating?

— Apague a luz e depois apague a luz.

— Quem matou a enfermeira Keating?

— A lua invejosa. — Sunlight inclinou a cabeça para trás e mugiu como um bezerro. — Acho que estou quase conseguindo. Está bem perto. Comunique à imprensa que sou Gêmeos, tenente. Último aviso.

Ficou olhando ameaçadoramente para Kinderman. Os segundos foram passando, em silêncio.

— O padre Dyer era um tolo — disse Sunlight, finalmente. — Muito tolo. Como está sua mão, por falar nisso? Ainda inchada?

— Quem matou a enfermeira Keating?

— Criadores de encrencas. Pessoas desconhecidas e certamente selvagens.

— Se foi você, o que aconteceu com os órgãos vitais

dela? — perguntou Kinderman. — Deveria saber disso. Diga-me o que aconteceu com os órgãos.

— Gosto do jantar — disse Sunlight, numa voz sem qualquer inflexão.

Kinderman observou atentamente os olhos inexpressivos. “Velhos amigos.” O coração do tenente parou por uma fração de segundo.

— Papai precisa saber. — Sunlight desviou o rosto de Kinderman, e seu olhar se perdeu no espaço. — Estou cansado. Parece que meu trabalho jamais acaba. Estou cansado.

Pareceu estranhamente desamparado por um instante. E depois ficou sonolento. Sua cabeça pendeu.

— Tommy não compreende — murmurou ele. — Mando-o continuar sem mim, mas Tommy não aceita. Ele tem medo. Tommy... está zangado... comigo.

Kinderman levantou-se e chegou mais perto. Aproximou o ouvido da boca de Sunlight para ouvir as palavras sussurradas.

— Pequeno... Jack Horner. Brincadeira... de criança.

Kinderman esperou, mas não ouviu mais nada. Sunlight ficou inconsciente. Kinderman saiu da cela apressadamente. Sentia um terrível presságio. No caminho, tocou a campainha para chamar a enfermeira. Quando ela chegou, ele voltou à Neurologia e procurou Atkins. O sargento estava de pé no cubículo envidraçado, falando ao telefone. Terminou rapidamente a conversa quando viu

o tenente.

Uma criança estava sendo internada na Neurologia, um menino de seis anos. Um atendente do hospital acabara de empurrá-lo até a mesa, numa cadeira de rodas.

— Aqui está um lindo rapaz para você — disse ele à enfermeira.

Ela sorriu para o menino e disse:

— Oi.

A atenção de Kinderman fixou-se em Atkins.

— Sobrenome? — perguntou a enfermeira.

Foi o atendente quem respondeu:

— Korner. Vincent P.

— Vincent *Paul* — disse o menino.

— É com C ou K? — perguntou a enfermeira ao atendente.

Ele estendeu alguns papéis.

— Com K.

— Depressa, Atkins — exortou Kinderman.

Atkins concluiu o telefonema em poucos segundos, enquanto o menino era levado para um quarto da Neurologia. Atkins desligou.

— Coloque um homem na entrada da seção aberta da Psiquiatria — disse-lhe Kinderman. — Quero alguém ali vinte e quatro horas por dia. Nenhum paciente sai, não importa o que possa acontecer. Não importa coisa alguma!

Atkins estendeu a mão para o telefone. Kinderman agarrou-lhe o pulso.

— Telefone depois. Quero alguém imediatamente.

Atkins fez sinal para o guarda que estava postado nos elevadores. Ele se aproximou.

— Venha comigo — disse Kinderman. — Fique aí, Atkins. Adeus.

Kinderman e o guarda se encaminharam apressadamente para a seção aberta da Psiquiatria. O detetive parou quando chegaram à entrada e instruiu o guarda:

— Nenhum paciente deve sair daqui. Somente os funcionários. Entendido?

— Está certo, senhor.

— Não deixe este posto por motivo nenhum, a menos que haja alguém para substituí-lo. Não saia sequer para ir ao banheiro.

— Não se preocupe, senhor.

Kinderman deixou-o e entrou na enfermaria. Um momento depois estava parado na sala de recreação, poucos passos à direita da mesa da enfermeira. Olhou ao redor lentamente, observando cada rosto com cautela e uma sensação cada vez maior de medo. E, no entanto, tudo parecia estar em ordem. O que havia de errado? E só então notou o silêncio. Olhou para a multidão em torno do

aparelho de TV. Piscou e se aproximou, mas parou abruptamente a poucos passos do grupo. Extasiados, os olhos deles estavam fixados na tela da televisão. E o aparelho não estava ligado.

Kinderman correu os olhos pela sala e percebeu pela primeira vez que não havia enfermeiras ou atendentes por ali. Olhou para o cubículo envidraçado, atrás da mesa. Não havia ninguém lá dentro. Tornou a observar o grupo silencioso em torno da televisão apagada. Seu coração começou a bater forte. Encaminhou-se rapidamente para a mesa, contornou-a e abriu a porta do cubículo. Teve um sobressalto e um choque: uma enfermeira e um atendente estavam caídos no chão, sem sentidos, perdendo sangue por ferimentos na cabeça. A enfermeira estava nua. Nenhuma peça de seu uniforme estava à vista.

"Brincadeira de criança! Vincent Korner!"

As palavras atingiram a mente de Kinderman como um golpe. Ele virou-se rapidamente e saiu correndo do cubículo, mas estacou abruptamente com o que viu. Todos os pacientes da sala avançavam em sua direção, aproximando-se num cordão que se fechava. O arrastar das chinelas constituía o único som, num silêncio aterrador. Os olhos de todos brilhavam, fixados nele. Vozes soaram em diferentes pontos da sala, cadenciadas, trêmulas, estranhamente amáveis:

— Alô.

— Alô.

— Prazer em vê-lo, querido.

Começaram a sussurrar ininteligivelmente. Kinderman gritou por socorro.

O menino fora medicado e estava dormindo. As venezianas da janela estavam fechadas e a escuridão do quarto era rompida pelos desenhos animados que passavam na televisão, sem som. A porta se abriu silenciosamente e uma mulher com uniforme de enfermeira entrou. Carregava uma sacola de compras. Fechou a porta sem fazer barulho, pôs a sacola no chão e tirou uma coisa de dentro dela. Olhou atentamente para o menino e depois aproximou-se, lentamente, silenciosamente. O menino começou a se remexer. Estava deitado de costas e entreabriu os olhos, sonolento. Inclinando o corpo por cima do menino, a mulher ergueu as mãos bem devagar, sussurrando:

— Olhe o que eu trouxe para você, queridinho.

Subitamente, Kinderman irrompeu no quarto, gritando em voz rouca:

— Não!

Agarrou a mulher pelas costas, num estrangulamento desesperado. Ela deixou escapar sons roucos, estrangulados, sacudindo os braços debilmente, enquanto o menino se sentava na cama, gritando de terror. Atkins e um guarda uniformizado entraram correndo ao quarto.

— Eu a peguei! — gritou Kinderman. — A luz! Acendam a luz! Acendam

a luz!

— Mamãe! Mamãe!

As luzes se acenderam.

— Você está me sufocando! — balbuciou a enfermeira.

Um urso de pelúcia caiu das mãos dela no chão. Kinderman olhou para o urso, aturdido, e afrouxou lentamente a pressão frenética. A enfermeira voltou-se, massageando o pescoço.

— Santo Deus! — exclamou ela. — Que diabo aconteceu com você? Ficou louco?

— Quero mamãe! — gemeu o menino.

A enfermeira abraçou-o, guinchando para Kinderman:

— Você quase me quebrou o pescoço!

O tenente fazia esforço para recuperar o fôlego.

— Sinto muito... — Tirou um lenço do bolso e comprimiu-o contra o rosto, onde um arranhão longo e profundo continuava a sangrar. — Peço desculpas.

Atkins pegou a sacola de compras e deu uma olhada, murmurando:

— Brinquedos.

— Que brinquedos? — indagou o menino, subitamente calmo desvencilhando-se da enfermeira.

— Mande revistar o hospital! — determinou Kinderman a Atkins.— Ela está atrás de alguém! Descubra-a!

— Que brinquedos? — repetiu o menino.

Outros guardas apareceram na porta, mas Atkins mandou que recuassem e transmitiu-lhes as novas instruções. O guarda que estava no quarto saiu e juntou-se aos outros. A enfermeira levou a sacola de compras ao menino.

— Não acredito em você — disse a enfermeira a Kinderman, enquanto despejava na cama o conteúdo da sacola. — É assim que trata a sua própria família?

— Minha família?

A mente de Kinderman, começou a disparar, Abruptamente, viu a plaqueta da enfermeira: JULIE FANTOZZI.

— ... “um convite a dança.”

— Julie! Meu Deus!

E saiu correndo do quarto.

Mary Kinderman e a mãe estavam na cozinha, preparando o almoço, Julie, sentada à mesa da cozinha, lia um romance. O telefone tocou. Julie era a que estava mais longe, mas foi quem atendeu.

— Alô?... Oi, papai... Claro. Mamãe está aqui.

Estendeu o telefone para a mãe. Mary atendeu, enquanto Julie voltava à

leitura.

— Oi, querido. Vem almoçar em casa? — Mary escutou por um momento. — É mesmo? Mas por quê?

Mary escutou mais um pouco e finalmente disse:

— Está certo, meu bem, como quiser. Mas vem ou não almoçar? — Ficou ouvindo. — Está certo, querido. Guardarei um prato quente. Mas é melhor se apressar, Estou com saudade.

Desligou e voltou a se concentrar no pão que estava preparando.

— *Nu*? — disse sua mãe.

— Não é nada — respondeu Mary. — Uma enfermeira está vindo para cá com um embrulho.

O telefone tornou a tocar.

— Devem estar cancelando — murmurou a mãe de Mary.

Julie se levantou de um pulo para atender o telefone outra vez, mas a mãe acenou-lhe para que deixasse.

— Não atenda. Seu pai quer que o telefone fique desocupado. Se ele ligar, dará um sinal: dois toques da campainha.

Kinderman estava parado à mesa da enfermeira, na Neurologia. Sua ansiedade ia aumentando a cada toque da campainha do telefone sem que ninguém atendesse; comprimia o fone contra o ouvido. "Alguém atenda! Atenda!", pensou ele num frenesi. Deixou o telefone tocar por mais um minuto, depois bateu o fone e desceu correndo pela escada. Nem sequer pensou em esperar um elevador.

Ofegante, chegou ao saguão e saiu correndo para a rua. Encaminhou-se para um carro da polícia, entrou e bateu a porta. Um guarda de capacete estava sentado ao volante.

— Foxhall Road, 20 718, depressa! — balbuciou Kinderman. — Ligue a sirene! E avance todos os sinais! Depressa! Depressa!

Partiram com um ranger de pneus e a sirene gemendo estridentemente. Não demorou muito para que estivessem avançando a toda a velocidade pela Reservoir Road e entrando na Foxhall, a caminho da casa de Kinderman. O tenente permaneceu rezando, de olhos fechados, durante todo o percurso. Quando o carro da polícia parou, com um solavanco, ele abriu os olhos. Estava na frente de sua casa.

— Dê a volta! A porta dos fundos!

O guarda saltou do carro e começou a correr, sacando do coldre um revólver de cano curto. Kinderman também saiu do carro, sacou o revólver e tirou do bolso as chaves da casa, enquanto corria para a porta. Estava tentando inserir a chave na fechadura, com a mão trêmula, quando a porta se abriu

abruptamente. Julie olhou para a arma e depois gritou para o interior da casa:

— Mamãe! Papai chegou!

Mary apareceu na porta no instante seguinte. Olhou para o revólver e depois para o rosto do marido, com uma expressão severa.

— A carpa já morreu. Que diabo pensa que está fazendo?

Kinderman baixou o revólver e adiantou-se rapidamente, abraçando Julie.

— Graças a Deus! — murmurou ele.

A mãe de Mary apareceu.

— Há um brutamontes nazista lá nos fundos. Acho que está começando. O que devo dizer a ele?

— Quero uma explicação, Bill — disse Mary.

O tenente beijou o rosto de Julie e guardou o revólver.

— Estou doido. Isso é tudo. É a única explicação.

— Vou simplesmente dizer a ele que o nome de nossa família é Febré — resmungou a mãe de Mary.

Encaminhou-se para os fundos da casa. O telefone tocou e Julie correu para atender. Kinderman entrou na casa e seguiu para os fundos.

— Vou dizer ao guarda... — murmurou ele.

— Vai dizer o quê? — indagou Mary, seguindo-o para a cozinha. — O que está acontecendo, Bill? Quer falar comigo, por favor?

Kinderman estacou abruptamente. Encostada na parede, junto à porta da cozinha, estava uma sacola de compras. Ele se adiantou para pegá-la. E foi nesse instante que ouviu a voz idosa e cadenciada de uma mulher na cozinha, dizendo:

— Olá.

Kinderman sacou imediatamente o revólver, entrou na cozinha e apontou para a mesa, onde estava sentada uma mulher idosa, num uniforme de enfermeira, fitando-o impassivelmente.

— Bill! — gritou Mary.

— Estou muito cansada… — murmurou a velha.

Mary pôs as mãos no braço de Kinderman e empurrou-o para baixo.

— Não quero armas nesta casa, está me entendendo?

O guarda entrou abruptamente na cozinha, empunhando a arma.

— Guarde essa arma! — berrou Mary.

— Podem fazer o favor de falar baixo? — gritou Julie da sala de estar. — Estou falando ao telefone!

A mãe de Mary resmungava, enquanto continuava a mexer uma panela de molho no fogão.

O guarda olhou para Kinderman.

— Tenente?

Os olhos de Kinderman estavam fixos na mulher. Havia no rosto dela uma expressão de confusão e cansaço.

— Guarde o revólver, Frank — disse Kinderman. — Está tudo bem agora. Pode ir embora. Volte ao hospital.

— Está certo, senhor.

O guarda pôs o revólver no coldre e retirou-se.

— Quantas pessoas para o almoço? — perguntou a mãe de Mary. — Preciso saber agora.

— Que confusão está acontecendo aqui, Bill? — indagou Mary, gesticulando para a mulher. — Que espécie de enfermeira é essa que você me mandou? Abro a porta para a mulher e ela desmaia. Inclina a cabeça para trás, uiva alguma coisa estranha e depois desmaia. Afinal, ela é velha demais para ser enfermeira. Mais parece...

Kinderman fez um gesto para que ela se calasse. A mulher fitava-o nos olhos, com uma expressão inocente.

— Está na hora de deitar? — perguntou ela.

O tenente sentou-se à mesa, lentamente. Tirou o chapéu e colocou-o em cima de uma cadeira.

— Está, sim. Está quase na hora de deitar — respondeu ele, gentilmente.

— Estou muito cansada.

Kinderman sondou os olhos dela. Eram francos e mansos. Levantou os olhos para Mary, que estava parada ao lado, exibindo no olhar confusão e irritação.

— Você falou que ela disse alguma coisa, Mary.

— Como?

— Você falou que ela disse alguma coisa. O que foi?

— Não me lembro. Mas o que está acontecendo?

— Tente lembrar, por favor. O que ela disse?

— "Acabado” — grunhiu a mãe de Mary, do fogão.

— Foi isso mesmo — lembrou Mary. — Ela gritou "Ele está acabado”, e depois desmaiou.

— "Ele está acabado” ou apenas "acabado”? — insistiu Kinderman. — Qual dos dois?

— "Ele está acabado” — confirmou Mary. — E, por Deus, ela falava como se fosse um lobisomem ou algo assim. O que há de errado com essa mulher? Quem é ela?

Kinderman tinha virado a cabeça e murmurou, pensativo:

— Ele está acabado.

Julie entrou na cozinha.

— O que está acontecendo por aqui?

O telefone tocou outra vez, Mary atendeu imediatamente.

— Alô?

— É para mim? — perguntou Julie.

Mary estendeu o fone para Kinderman.

— É para você. Acho que vou dar um prato de sopa à pobre coitada.

O tenente disse ao telefone:

— Kinderman falando.

Era Atkins.

— Ele o está chamando, tenente.

— Quem?

— Sunlight. Está berrando sem parar. Apenas o seu nome.

— Irei imediatamente.

Kinderman desligou e ouviu Mary perguntar, atrás dele:

— O que é isto, Bill? Estava na sacola de compras dela. Era o que você tinha mandado?

Kinderman virou-se e prendeu a respiração, Nas mãos de Mary estava uma tesoura de dissecação cirúrgica, grande e brilhante.

— Precisamos disso? — indagou Mary.

— Não.

Kinderman chamou outro carro da polícia e levou a velha de volta ao hospital, onde ela foi reconhecida como paciente da seção aberta da Psiquiatria. Foi transferida imediatamente para a ala dos agitados, onde ficaria sob observação. Kinderman foi informado de que a enfermeira e o atendente feridos não haviam sofrido lesões mais graves e deveriam voltar ao serviço na semana seguinte. Satisfeito, seguiu para a área de isolamento, onde Atkins o aguardava, no corredor. Ele estava diante da porta aberta da cela 12. Encostado na parede, de braços cruzados, ficou, em silêncio, observando o tenente se aproximar. Seus olhos pareciam perturbados e distantes. Kinderman parou e fitou-o.

— O que aconteceu com você, Atkins? Algum problema?

O sargento sacudiu a cabeça. Kinderman observou-o por mais um momento. E Atkins murmurou:

— Ele acaba de dizer que você estava aqui.

— Quando?

— Há menos de um minuto.

A enfermeira Spencer saiu da cela e perguntou ao tenente:

— Vai entrar?

Kinderman assentiu, depois se virou e entrou lentamente na cela. Fechou a porta sem fazer barulho, encaminhou-se para a cadeira de encosto reto e se

sentou. Sunlight observava-o, com os olhos brilhando. O que havia de diferente nele?, perguntou-se Kinderman.

— Eu tinha de vê-lo — disse Sunlight. — Trouxe-me sorte. E lhe devo alguma coisa, tenente. Além do mais, quero que minha história fique registrada exatamente como aconteceu.

— E como aconteceu?

— Não diria que foi por um triz para Julie?

Kinderman esperou. Podia ouvir a torneira pingando na pia. Abruptamente, Sunlight inclinou a cabeça para trás e riu. Depois, fitou o tenente, com os olhos ainda mais brilhantes.

— Ainda não adivinhou, tenente? Ora, é claro que já sabe. Finalmente percebeu tudo... como meus substitutos fazem o trabalho, meus queridos, meigos, idosos e vazios vassalos. São anfitriões perfeitos, é claro. Não estão aqui. Suas próprias personalidades foram destruídas. E eu aproveito para entrar. Por algum tempo. Apenas por algum tempo.

Kinderman continuou a fitá-lo, sem dizer nada.

— Claro, claro... Este corpo. Um amigo seu, tenente?

Sunlight inclinou a cabeça para trás, às gargalhadas,

que fluíam como os zurros de um asno. Kinderman sentiu a nuca gelada. Sunlight parou de rir bruscamente e fitou-o com uma expressão vazia.

— Lá estava eu lamentavelmente morto. Não me agradava. Você gostaria? É desconcertante. Isso mesmo, eu me sentia muito mal. Pode imaginar como... à deriva. Restava tanto trabalho a fazer e eu não tinha corpo. Não era justo. E de repente apareceu... um amigo. Você sabe. Um deles. Ele achava que meu trabalho deveria continuar. Mas neste corpo. Este corpo em particular, para ser mais exato.

O tenente estava eletrizado e perguntou:

— Por quê?

Sunlight deu de ombros.

— Digamos que foi por raiva. Vingança. Uma pequena piada. A questão de um determinado exorcismo, pelo que sei, em que seu amigo, o padre Karras, teve uma participação ativa e... hã... expulsou determinadas partes do corpo de uma criança. Determinadas partes que não ficaram satisfeitas, para dizer o mínimo. Isso mesmo, ficaram longe de felizes.

Por um momento, o olhar de Sunlight estava distante e estranho. Ele estremeceu, voltando a olhar para Kinderman.

— Assim, pensou nessa brincadeira como um meio de voltar, usando este corpo devoto e heroico como um instrumento de... — Sunlight deu de ombros. — Ora, você sabe. Minha coisa. Meu trabalho. Meu amigo foi muito simpático.

Levou-me para o nosso amigo comum, o padre Karras. Que não estava muito bem na ocasião, infelizmente. Desfalecendo. Com tendências para morrer. E no instante em que ele estava saindo, meu prestativo amigo ajudou-me a entrar no corpo. Navios que passam na noite e todo o resto. É verdade que houve alguma confusão na escadaria, quando a equipe da ambulância declarou que Karras estava morto. E ele estava mesmo morto, tecnicamente falando. No sentido espiritual. Ele saíra do corpo. Mas eu entrara. Um pouco traumatizado, é claro. E por que não? O cérebro dele parecia geleia. Falta de oxigenação. Desastre. Estar morto não é fácil. Mas não importava. Dei um jeito. Isso mesmo, um máximo de esforço, que pelo menos me tirou daquele caixão. E depois, finalmente, uma cena de comédia pastelão, um momento de alívio, quando o velho irmão Fain me viu sair do caixão. Isso ajudou. É o sorriso o que nos mantém às vezes, os fragmentos de uma animação inesperada. Mas, depois disso, passei algum tempo por baixo. Algum tempo? Doze anos. O dano das células cerebrais fora muito grande. Muitas se perderam. Mas o cérebro possui poderes extraordinários, tenente. Pergunte a seu amigo, o bom dr. Amfortas. Ora, havia-me esquecido. Eu é que devo perguntar a ele, por você.

Sunlight ficou em silêncio por algum tempo, antes de finalmente dizer:

— Não há qualquer reação da galeria. Não acredita em mim, tenente?

— Não.

A zombaria se desvaneceu, e Sunlight parecia abalado. Suas feições se contraíram no mesmo instante, e ele mostrou uma expressão de desamparo.

— Tommy diz que não vai me perdoar a menos que você conheça a verdade.

— Que verdade?

Sunlight virou o rosto e murmurou apaticamente:

— Eles vão me punir por isso.

Dava a impressão de estar contemplando um terror distante.

— Que verdade? — insistiu Kinderman.

Sunlight estremeceu e tornou a olhar para o tenente. Sua expressão era suplicante.

— Não sou Karras — sussurrou ele, com a voz rouca. — Tommy quer que você saiba disso. *Eu não sou Karras*! Acredite em mim, por favor. Se não acreditar, Tommy diz que não irá embora. Continuará aqui. Não posso deixar meu irmão sozinho. Ajude-me, por favor. Eu não posso partir sem meu irmão!

As sobrancelhas de Kinderman estavam unidas em perplexidade. Ele inclinou a cabeça para o lado

— Ir para onde?

— Estou muito cansado. Quero ir. Não há mais necessidade de eu ficar.

Quero ir embora. Seu amigo Karras nada teve a ver com os assassinatos. — Quando Sunlight se inclinou para frente, Kinderman ficou aturdido com o desespero que havia nos olhos dele. — Diga a Tommy que acredita nisso! Diga a ele!

Kinderman prendeu a respiração. Sentia a importância do momento, mas não podia explicar. O que seria? Por que experimentava aquela sensação? Acreditava no que Sunlight estava dizendo? Não importava, concluiu. Sabia que devia dizê-lo. E foi o que fez, firmemente:

— Acredito em você.

Sunlight descaiu pata trás, contra a parede, revirando os olhos para cima, enquanto aquela outra voz saía de sua boca, gaguejando como na vez anterior:

— Eu a-a-amo vo-você, Jimmy.

Os olhos de Sunlight ficaram pesados e sonolentos, e sua cabeça tombou sobre o peito. E depois seus olhos se fecharam.

Kinderman levantou-se no mesmo instante. Alarmado, aproximou-se rapidamente da cama, baixou o ouvido até a boca de Sunlight. Mas Sunlight não disse mais nada. Kinderman correu para a campainha, apertou-a e saiu para o corredor. Olhou para Atkins e disse:

— Está começando.

Kinderman correu para o telefone, no posto da enfermeira. Ligou para casa. Mary atendeu.

— Não saia de casa, querida — disse Kinderman, em tom de urgência. — E não deixe ninguém sair de casa. Tranque todas as portas e janelas, não deixe ninguém entrar até que eu chegue aí.

Quando Mary começou a protestar, ele repetiu as instruções e depois desligou. Voltou para o corredor diante da cela 12.

— Quero homens guardando a minha casa imediatamente — disse ele a Atkins.

A enfermeira Spencer saiu da cela. Olhou para o tenente e informou:

— Ele está morto.

Kinderman ficou aturdido.

— Como?

— Ele está morto. Seu coração parou.

Kinderman olhou para além dela. A porta estava aberta. Podia ver Sunlight estendido de costas.

— Espere um instante, Atkins — murmurou ele. — Não telefone ainda. Espere um pouco.

Kinderman entrou na cela, lentamente. Podia ouvir a enfermeira entrando atrás dele. Os passos dela pararam, mas ele seguiu adiante, até a cama. Olhou

para Sunlight. A camisa de força fora removida. Os olhos dele estavam fechados e suas feições pareciam ter-se desanuviado na morte. Havia no seu rosto uma expressão que parecia de paz, ao final de uma jornada, por muito tempo aguardada. Kinderman já vira aquela expressão antes. Tentou ordenar os pensamentos por algum tempo. E depois disse, sem se virar:

— Ele estava me chamando antes?

Spencer respondeu, atrás dele:

— Estava.

— Só isso?

— Não sei o que está querendo saber.

A enfermeira veio postar-se ao lado de Kinderman. Ele virou a cabeça para fitá-la.

— Ouviu-o dizer mais alguma coisa?

Ela cruzou os braços.

— Não realmente.

— Não realmente? O que isso significa?

Os olhos dela pareciam sombrios na semi escuridão do quarto.

— Houve aquela coisa da gagueira. Uma voz esquisita que ele usava de vez em quando. Gaguejando.

— E disse alguma palavra?

— Não tenho certeza. — A enfermeira deu de ombros. — Não sei. Foi pouco antes de ele começar a chamar por você. Achei que ainda estava inconsciente. Eu tinha vindo tomar seu pulso. E ouvi a voz gaguejando. Era alguma coisa… não tenho certeza... mas parecia “papai”.

— "Papai”?

A enfermeira deu de ombros.

— Ou alguma coisa parecida.

— E ele ainda estava inconsciente na ocasião?

— Estava. E depois pareceu recuperar os sentidos e... Ah, sim, estou me lembrando de algo mais. Gritou outra coisa: "Ele está acabado”.

Kinderman piscou para ela, surpreso.

— "Ele está acabado”?

— Foi pouco antes de começar a gritar seu nome.

Kinderman ficou em silêncio por um longo tempo. Depois, virou-se e olhou para o corpo, murmurando:

— "Ele está acabado.”

— Uma coisa estranha — murmurou a enfermeira Spencer. — Ele parecia feliz ao final. Por um instante, abriu os olhos e parecia feliz. Quase como uma criança.

Ela fez uma pausa. Sua voz parecia estranhamente desconsolada.

— Senti muita pena dele. Era uma pessoa terrível, psicótica, talvez. Mas havia alguma coisa nele que me fez sentir pena.

— Ele é parte do anjo — disse Kinderman suavemente, com os olhos ainda fixos no rosto de Sunlight.

— Não ouvi o que disse.

Kinderman escutou uma gota da torneira se desfazer contra a porcelana da pia.

— Pode ir agora, srta. Spencer. Obrigado.

Ficou ouvindo-a se retirar. Depois que ela saiu, inclinou-se e tocou o rosto de Sunlight. Manteve a mão ali gentilmente, por um momento. Depois virou-se e saiu lentamente para o corredor. Alguma coisa parecia diferente, pensou ele. O que era?

— O que o está incomodando, Atkins? Diga-me, por favor.

Os olhos do sargento tinham uma expressão angustiada.

— Não sei. — E deu de ombros. — Mas tenho uma informação para lhe dar, tenente. Encontramos o pai de Gêmeos.

— Encontraram?

Atkins assentiu.

— Onde ele está?

Os olhos de Atkins pareciam mais verdes do que nunca, sem piscar, turbilhonando num ponto mínimo da íris.

— Está morto. Teve um enfarte.

— Quando?

— Esta manhã.

Kinderman ficou imóvel.

— Que diabo está acontecendo, tenente?

Kinderman compreendeu o que estava diferente. Levantou os olhos para o teto do corredor. Todas as lâmpadas brilhavam intensamente.

— Acho que está acabado — murmurou ele suavemente, balançando a cabeça. — É isso mesmo. — Kinderman baixou o olhar para Atkins e acrescentou: — Está acabado. — Fez uma pausa. — Acreditei nele.

O terror e a perda invadiram-no nesse instante, o alívio e a dor, e seu rosto se contraiu. Encostou-se na parede e começou a chorar incontrolavelmente. Atkins foi tomado de surpresa e por um momento não soube o que fazer. Depois, deu um passo para frente e tomou o tenente em seus braços.

— Está tudo bem, senhor — repetiu interminavelmente, enquanto o choro se prolongava, por vários minutos.

E quando Atkins já começava a recear que nunca mais acabaria, o choro

começou a desvanecer. Mas o sargento continuou a enlaçar Kinderman gentilmente.

— Estou apenas cansado — sussurrou o tenente, por fim. — Desculpe. Não há motivo. Não há qualquer motivo. Estou apenas cansado.

Atkins levou-o para casa.

CAPÍTULO 16

DOMINGO, 20 DE MARÇO

Qual seria o mundo real, pensava Kinderman, o mundo que havia além ou aquele em que ele vivia? Houvera uma interpenetração. Sóis silenciosos colidiam em ambos.

— Deve ter sido um choque e tanto para você — murmurou Riley.

O padre e o detetive estavam sozinhos à beira da sepultura, olhando para o caixão do homem que poderia ser Karras. As orações haviam terminado, os dois homens ficaram ali, com o amanhecer, seus pensamentos e a terra serena. Kinderman levantou os olhos para Riley.

— Por que isso?

— Você o perdeu duas vezes.

Kinderman fitou-o em silêncio por um momento; depois, lentamente, voltou a olhar para o caixão.

— Não era ele. — O tenente sacudiu a cabeça. — Nunca foi ele.

Riley virou-se para ele.

— Posso lhe oferecer um trago?

— Não pode fazer mal.

EPÍLOGO

Kinderman estava parado junto ao meio-fio, em frente ao Biograph Cinema. Esperava o sargento Atkins. Com as mãos nos bolsos do casaco, ele estava suando, olhando ansiosamente para um lado e outro da M Street. Era quase meio-dia do domingo, 12 de junho.

A 23 de março ficara constatado que as impressões digitais encontradas nos locais dos três crimes pertenciam a três pacientes da enfermaria aberta da Psiquiatria. Os três estavam no momento na ala dos agitados, à espera dos resultados de uma observação rigorosa.

No início da manhã de 25 de março, Kinderman fora à casa de Amfortas em companhia do dr. Edward Coffey, amigo de Amfortas e neurologista do Hospital Distrital. Ele providenciara a tomografia cerebral de Amfortas que revelara a lesão fatal. Por insistência de Coffey, a porta da frente da casa fora arrombada, e encontraram Amfortas morto na sala de estar. Mais tarde sua morte foi classificada como acidental, pois Amfortas morrera de um hematoma subdural, resultante do golpe que sofrerá na cabeça quando caira. Coffey informara a Kinderman que Amfortas teria morrido de qualquer maneira dentro de duas semanas, por causa da lesão deliberadamente não tratada. Quando Kinderman perguntou por que Amfortas se deixara morrer, o dr. Coffey só teve uma resposta:

— Acho que tinha alguma coisa a ver com amor.

Um blusão preto de lã, com capuz, fora encontrado num armário do quarto de Amfortas. No dia 3 de abril, o único outro suspeito de Kinderman, Freeman Temple, sofrera um derrame cerebral violento e agora estava internado na seção aberta da Psiquiatria.

Pelas três semanas subsequentes ao assassinato de Keating, as precauções de segurança da polícia haviam sido mantidas no Hospital Geral de Georgetown. Depois, foram sendo gradativamente relaxadas. Não ocorrera nenhum outro assassinato no Distrito de Colúmbia que envolvesse o *modus operandi* de Gêmeos. A 11 de junho, os assassinatos aparentemente relacionados com Gêmeos foram relegados ao arquivo de casos não resolvidos da Homicídios.

— Acho que estou sonhando. O que está fazendo? — Kinderman olhava atordoado para Atkins, parado à sua frente, de gravata e terno listrado. — Isso é alguma piada?

Atkins parecia inescrutável.

— Estou casado agora.

Ele voltara de sua lua de mel no dia anterior. Kinderman continuou com uma expressão chocada.

— Não posso suportar isso, Atkins. É estranho. É antinatural. Tenha dó. Tire essa gravata.

— Posso ser visto — disse Atkins, sem qualquer expressão, fitando Kinderman sem piscar.

Kinderman fez uma careta de incredulidade.

— Pode ser visto? Por quem?

— Pelas pessoas.

Kinderman continuou a fitá-lo em silêncio por um momento, antes de dizer:

— Desisto. Sou seu prisioneiro, Atkins. Avise à minha família que estou bem, que o tratamento é o melhor possível. Escreverei para eles assim que minhas mãos pararem de tremer. Meu palpite é que ainda vai demorar dois meses. — Baixou o olhar, antes de indagar, em voz consternada: — Quem escolheu a gravata?

Tinha um estampado floral havaiano.

— Eu mesmo a escolhi.

— Foi o que pensei.

— Eu poderia falar do seu chapéu, tenente.

— Pois não o faça. — Kinderman inclinou-se para frente, sondando com os olhos. — Tive um amigo da escola que se tornou monge trapista por onze anos. Tudo o que ele fazia era produzir queijo e de vez em quando colher uvas. Passava a maior parte do tempo rezando pelas pessoas que usam terno. Acabou deixando o mosteiro. E sabe o que ele comprou? A primeira coisa? Um par de sapatos de duzentos dólares. Mocassins, com borlas e pequenas moedas brilhantes em cima. Estou deixando-o nauseado? Pois espere um pouco. Ainda não acabei. Os sapatos eram roxos, Atkins. Isso mesmo. Estou conseguindo me fazer entender ou, como sempre, estou falando para uma parede?

— Está se fazendo entender — disse Atkins, embora seu tom nada admitisse.

— É melhor ficar na marinha.

— Vamos perder o começo do filme.

— Tem razão, podemos ser vistos — murmurou Kinderman, sombriamente.

Entraram no cinema. O filme era *Gunga Din*, em sessão dupla com *O terceiro homem.* Ao final de *Gunga Din*, quando o aguadeiro subiu no alto do templo de ouro, soprando a corneta em advertência, depois de atingido pelas balas dos tugues, uma mulher sentada nos fundos começou a rir. Kinderman virou-se e lançou-lbe um olhar furioso. O olhar venenoso não teve qualquer

efeito. Quando se virou para Atkins, a fim de lhe dizer que deveriam mudar de lugar, Kinderman descobriu que o sargento estava chorando. O tenente contemplou-o afetuosamente. Permaneceu no lugar, contente com o mundo, e também chorou, quando soaram os acordes de *Auld lang syne*, durante o sepultamento de Gunga Din.

— Que filme! — sussurrou ele. — Um verdadeiro *schmaltz*. Eu o adoro.

Depois que o outro filme acabou, eles saíram e pararam diante do cinema, na rua movimentada.

— Vamos comer alguma coisa — sugeriu Kinderman ansiosamente, já que nenhum dos dois estava de serviço naquele dia. — Quero saber da lua de mel e de seu guarda-roupa, Atkins. Estou sentindo necessidade de alguma preparação para o futuro. Para onde vamos? Ao Tombs? Não, espere um pouco. Tenho uma ideia.

Kinderman estava pensando em Dyer. Passou o braço pelo do sargento e foi levando-o na direção oposta.

— Vamos logo. Conheço um lugar absolutamente perfeito.

E logo estavam no White Tower, sentados, sentindo cheiro de hambúrguer e discutindo os filmes que haviam acabado de assistir. Eram os únicos fregueses ali. O homem do balcão estava parado diante da chapa, de costas para eles. Era alto e corpulento, de rosto ossudo, com uma aparência rude. O uniforme e a touca brancos estavam salpicados de gordura.

— Falamos muito sobre o mal que há neste mundo e de onde vem — disse Kinderman. — Mas como explicar todo o bem? Se nada fôssemos além de moléculas estaríamos sempre pensando em nós mesmos. Então por que sempre deparamos com Gunga Din, pessoas que renunciam à própria vida pelos outros? E há também Harry Lime, que é justamente o oposto, um homem do mal. Mas até ele faz alguma coisa naquela cena da roda-gigante.

Agora ele estava falando de *O terceiro homem*.

— Lembra-se daquela cena em que ele fala sobre os suíços, dizendo que, depois de tantos séculos de paz, o maior produto que eles nos deram foi o relógio de cuco? Isso é verdade, Atkins. Ele marca um ponto aí. É possível que o mundo não possa progredir sem *angst*, sem angústia. Por falar nisso, estou trabalhando num latrocínio na P Street. Aconteceu na semana passada. Devemos esclarecer tudo amanhã.

O homem do balcão virou-se e lançou-lhe um olhar hostil e silencioso. Depois, voltou a se concentrar em seus hambúrgueres. Kinderman observou-o colocar um pouco de picles em cada pedaço de carne, com uma expressão ansiosa nos olhos.

— Podia pôr mais picles, por favor?

— Picles demais pode estragar o gosto — resmungou o homem, e sua voz soou como a de um sargento-instrutor dando uma ordem-unida. — Se quer uma cozinha europeia, vá ao Beau Rivage. Eles têm os molhos mais incríveis por lá.

Kinderman cerrou os olhos.

— Pagarei um extra.

O homem virou-se e pôs seis hambúrgueres pequenos num prato de papel, diante de cada um. Seu rosto e seus olhos permaneceram impassíveis.

— O que vão beber?

— Um pouco de cicuta, por favor — disse Kinderman.

— Está em falta. Não tente me sacanear, meu chapa. Estou com uma tremenda dor nas costas. O que vão querer beber?

— Um café expresso — disse Atkins.

O homem virou-se para o sargento.

— O que foi que disse, professor?

— Duas Pepsis — respondeu Kinderman prontamente, pondo a mão no antebraço de Atkins.

O homem do balcão bufou, furioso. Virou-se para pegar as bebidas, murmurando:

— Todo espertinho da M Street aparece por aqui.

Um grupo de estudantes de Georgetown entrou nesse momento e logo o lugar transbordava de conversa e riso. Kinderman pagou os hambúrgueres e os refrigerantes, e depois comentou:

— Estou cansado de ficar sentado.

Levantou-se e Atkins seguiu-o. Foram comer de pé num balcão, na parede do outro lado. Kinderman mordeu um hambúrguer e começou a mastigar.

— Harry Lime estava certo. Do turbilhão nasce um poema... estes hambúrgueres.

Atkins acenou com a cabeça em concordância, mastigando, satisfeito.

— É tudo parte da minha teoria — acrescentou Kinderman,

— Tenente...

Atkins levantou o indicador, parando de mastigar e tomando um gole do refrigerante. Pegou um guardanapo de papel branco, enxugou os lábios e inclinou-se para Kinderman. As conversas na sala eram cada vez mais excitadas.

— Poderia me fazer um favor, tenente?

— Estou aqui para servir, Mister Chips. Estou comendo e por isso me sinto expansivo. Pode apresentar sua petição. Está devidamente selada e sacramentada?

— Poderia fazer o favor de explicar sua teoria?

— Impossível, Atkins. Você me colocaria imediatamente sob prisão

domiciliar.

— Não pode me contar?

— De jeito nenhum. — Kinderman deu outra mordida no hambúrguer, mastigou por um momento, engoliu com a ajuda de um gole de Pepsi e depois se virou para o sargento. — Mas já que você insiste... Está insistindo?

— Estou.

— Foi o que pensei. Antes, porem, tire a gravata.

Atkins sorriu. Desfez o nó da gravata e tirou-a.

— Ótimo — disse Kinderman. — Eu não poderia contar nada a alguém totalmente estranho. É muito grande. É incrível demais. Você conhece bem *Os Irmãos Karamázov*?

— Não — mentiu Atkins, pois queria manter o ânimo generoso do tenente.

— Três irmãos — continuou Kinderman. — Dmítri, Ivan e Aliócha. Dmítri é o corpo do homem, Ivan representa sua mente e Aliócha é o coração. Ao final, Aliócha leva alguns jovens para um cemitério, até a sepultura de um colega deles, Ilucha. Haviam outrora tratado esse Ilucha da pior maneira possível, só porque... ora, ele era muito estranho, não restava a menor dúvida quanto a isso. Mais tarde, porém quando morreu, os outros compreenderam por que ele agira daquela maneira, que fora bravo e transbordante de amor. Assim, agora, Aliócha... ele é monge, diga-se de passagem… faz um discurso aos jovens à beira da sepultura, dizendo-lhes principalmente que, quando crescerem e estiverem enfrentando o mal do mundo, devem se lembrar daquele dia, lembrar a bondade da infância. Essa bondade é básica em todos eles, Atkins, essa bondade que ainda não foi conspurcada. Apenas uma boa recordação, em seus corações, diz Aliócha, pode salvar sua fé na bondade do mundo. Como é mesmo a frase?

Kinderman revirou os olhos para cima, encostando as pontas dos dedos nos lábios, que estavam sorrindo na expectativa. Baixou os olhos para Atkins.

— Já sei! “Talvez essa única memória possa nos salvar do mal, poderemos refletir e dizer: É verdade, eu fui bravo, bom e honesto naquele momento.” E depois Aliócha diz uma coisa que é de importância vital: “Em primeiro lugar e acima de tudo, sejam bons’’. E os garotos... todos o amam... gritam: “Viva Karamázov!” — Kinderman sentiu que estava sufocando. — Sempre choro quando penso nisso. É lindo, Atkins. Absolutamente comovente.

Os estudantes estavam pegando seus sacos com hambúrgueres. Kinderman observou-os se retirando.

— É isso o que Cristo deve ter querido dizer ao falar na necessidade de tornarmo-nos como as criancinhas, antes de poder entrar no reino dos céus. Não sei. Mas é possível.

Observou o homem do balcão colocar mais alguns hambúrgueres na chapa,

na expectativa de outro fluxo de fregueses. Depois, o homem sentou-se numa cadeira e começou a ler um jornal. Kinderman voltou a concentrar sua atenção em Atkins.

— Não sei como dizer isso, Atkins. Estou falando da parte absurda, inacreditável. Mas nada mais tem sentido, nada mais pode explicar as coisas, Atkins, Absolutamente nada. Estou convencido de que é a verdade. Mas voltemos a Karamázov, por um momento. O mais importante é quando Aliócha diz: "Sejam bons". A menos que façamos isso, a evolução não funcionará. Nunca chegaremos lá.

— Chegar aonde? — perguntou Atkins.

O White Tower estava quieto agora. Ouvia-se apenas o chiado dos hambúrgueres na chapa quente e o barulho do jornal sendo manuseado. O olhar de Kinderman era firme e sereno.

— Os físicos agora estão convencidos de que todos os processos conhecidos na natureza foram outrora parte de uma força única, unificada. — Kinderman fez uma pausa e depois acrescentou, mais suavemente: — Creio que essa força era uma pessoa que há muito tempo se rompeu em fragmentos, por causa do anseio de moldar seu próprio ser. Isso foi a Queda, a Grande Explosão... o começo dos tempos e do universo material, quando o um se tornou muitos... legião. E é por isso que Deus não pode interferir: a evolução é essa pessoa crescendo de volta para si mesma.

O rosto do sargento era uma máscara de perplexidade.

— Quem é essa pessoa?

— Não adivinha? — Os olhos de Kinderman estavam brilhantes e risonhos. — Já lhe dei a maioria das pistas há muito tempo.

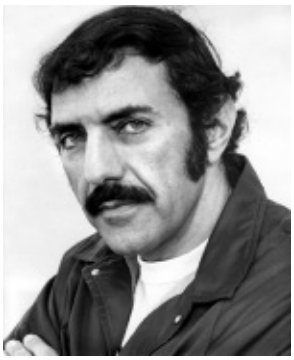
Atkins sacudiu a cabeça e ficou esperando a resposta.

— Somos o Anjo Caído — acrescentou Kinderman. — Somos o Portador da Luz. Somos Lúcifer.

Kinderman e Atkins ficaram se olhando. Quando a sineta da porta soou, ambos se viraram na direção do barulho. Um mendigo desgrenhado entrou. Suas roupas eram esfarrapadas, impregnadas de lama. Avançou em silêncio até o balcão, parou e permaneceu olhando para o homem que estava ali atrás, com uma expressão humilde e suplicante. O homem lançou-lhe um olhar furioso por cima do jornal, levantou-se, preparou alguns hambúrgueres, meteu-os num saco e entregou-o ao vagabundo, que prontamente se retirou, ainda sem dizer qualquer palavra.

— Viva Karamázov! — murmurou Kinderman.

O AUTOR E SUA OBRA



William Peter Blatty é mais conhecido como o autor de "O exorcista”, ficção de horror e mistério que, ao relatar os conflitos em torno de uma adolescente possuída pelo demônio, tornou-se um dos maiores best selleres dos anos 70. O livro vendeu quase dez milhões de exemplares somente nos Estados Unidos, o que constitui verdadeiro recorde, e, publicado em cerca de cinquenta países, deu origem a um filme de idêntico sucesso, com roteiro do próprio autor.

Antes disso, Blatty escrevera uma dezena de histórias de relativo sucesso e trabalhara durante muitos anos como roteirista de cinema, figurando entre seus roteiros mais conhecidos; "O homem do Diner’s Clube", uma deliciosa comédia estrelada por Danny Kaye; “O grande roubo do banco", glamourosa aventura de ação e mistério; e "Um tiro no escuro", veículo para o extraordinário sucesso do comediante Peter Sellers.

Seus romances anteriores, repletos de aventura e ação, mostram o roubo e o crime de forma bem-humorada. Neles, não há lugar para muita violência, e seus heróis, geralmente personagens confusas e inocentes, acabam envolvendo-se circunstancialmente em situações complicadas, mas conseguem escapar ilesos. Na maioria das vezes os finais são românticos e felizes. Dessa fase, os livros de maior sucesso e que receberam referências elogiosas da crítica são: "Which way to Mecca, Jack” (1959), "John Goldfarb, please come home” (1963) e "Twinkle, twinkle Killer Kane” (1966), cuja adaptação para o cinema conquistou um prêmio Globo de Ouro.

"O Exorcista", publicado em 1970, representa uma profunda mudança na carreira literária de Blatty e a descoberta de um novo filão. O escritor percebe que, apesar dos tempos e dos avanços da tecnologia, as pessoas continuam a

preocupar-se com os fenômenos sobrenaturais. A busca de Deus e a luta do bem contra o mal estão sempre presentes, e nesse combate surgem acontecimentos misteriosos nunca explicados. Ele abandona definitivamente o humor e a irreverência, em troca de um estilo mais denso, onde as descrições do ambiente, os conflitos internos e a presença do sobrenatural criam uma clima de permanente suspense. Nos futuros livros não haverá mais lugar para o otimismo. Mesmo a religião não consegue afastar esse permanente estado de medo e terror, e as histórias tornam-se cada vez mais lúgubres e inquietantes, prevalecendo quase sempre um tom de incerteza e mistério.

Acrescente-se a isso um completo domínio da técnica narrativa, adquirida em longos anos de experiência. Todos esses elementos deram a Blatty um toque mágico, e ele transformou-se rapidamente num dos mais bem-sucedidos autores de histórias de suspense. Assim, na trilha de "O Exorcista", seguem-se, com a mesma temática, “I’ l tell I remember you" (1971) e "O espírito do mal“ ("Legion”, 1985), que serviram para reafirmar seu prestigio.

Blatty nasceu em Nova York, a 7 de janeiro de 1928. Depois de se formar pela Universidade George Washington, em 1950, alistou-se no ano seguinte na força aérea dos Estados Unidos, durante o período crítico da Guerra da Coréia, onde serviu durante quatro anos. Somente pôde dar baixa do serviço militar em 1954, como primeiro-tenente. Nessa época, já sonhava ser um escritor profissional, mas o caminho para isso foi árduo e tortuoso. Antes, trabalhou como publicitário de uma importante empresa na Califórnia e como relações públicas e redator do serviço de imprensa do governo. Finalmente, em 1959, com a publicação de seu primeiro romance, tomou coragem para assumir inteiramente a carreira literária. Nos anos seguintes, seus trabalhos como roteirista ajudaram-no a adquirir fama como escritor criativo e competente. Contudo foi com "O Exorcista" que conseguiu sucesso e fortuna.

Table of Contents

PARTE UM
- CAPÍTULO 1
- CAPÍTULO 2
- CAPÍTULO 3
- CAPÍTULO 4
- CAPÍTULO 5
- CAPÍTULO 6
- CAPÍTULO 7
- CAPÍTULO 8

PARTE DOIS
- CAPÍTULO 9
- CAPÍTULO 10
- CAPÍTULO 11
- CAPÍTULO 12
- CAPÍTULO13
- CAPÍTULO 14
- CAPÍTULO 15
- CAPÍTULO 16
- EPÍLOGO
- O AUTOR E SUA OBRA